This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

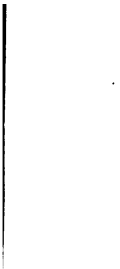
- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

UC-NRLF
$B 134 919



O JORNALISMO

ALBERTO BESSA

O JORNALISMO

ESBOÇO HISTORICO DA SUA ORIGEM E DESENVOLVIMENTO ATÉ AOS NOSSOS DIAS

AMPLIADO COM A

RESENHA CHRONOLOGICA E ALPHABETICA

DO

JORNALISMO NO BRASIL

(COM UM ARTIGO-PREFACIO DE EDMUNDO D'AMICIS)

LISBOA
LIVRARIA EDITORA
VIUVA TAVARES CARDOSO
5—LARGO DE CAMÕES—6

1904

LOAN STACK

Typ. a vapor da Empreza Litteraria e Typographica

178, Rua de D. Pedro 184 — Porto

PN4801
B48

Ao Ill.mo e Ex.mo Snr.

Dr. Alfredo da Cunha

Presidente da Direcção
da Associação dos Jornalistas de Lisboa

e

Director do "Diario de Noticias"

Como homenagem de admiração pelos seus dotes de caracter e de intelligencia.

O. D. C.

O Auctor.

951

O JORNAL E O PUBLICO

(ARTIGO-PREFACIO)

Succede-me ás vezes, quando tenho nas mãos um grande diario, librar-me por momentos do circulo das ideias e impressões habituaes, e considerar esse diario como uma coisa nova que me cahisse ante os olhos n'essa occasião pela primeira vez. E sempre sinto uma grande admiração.

Que estranha, que sublime coisa é esse livro impresso sobre uma folha só, que é todos os dias dividido em cem capitulos, differentes uns dos outros e cada um chamando a nossa attenção com uma especie de taboleta em grandes caracteres; esse livro volante, que discute o grande acontecimento publico e annuncia o furto de qualquer ninharia; que recolhe os eccos do parlamento, dos tribunaes e dos salões, da egreja e do mercado; que dá conselhos aos homens de negocios, offerece contos ás senhoras, apresenta quebra-ca-

beças aos desocupados e desenhos ás creanças, recommenda medicamentos aos enfermos e favorece as relações dos amantes anonymos; que recebe, cada dia, e espalha pelo mundo as vozes de uma multidão variadissima, que procura trabalho, casa, dinheiro, mulher, ou que se queixa de injustiças soffridas, ou annuncia um invento, ou árma á simplicidade do proximo; que estranha coisa é essa mescla de pensamentos e de noticias que do mesmo facto, acontecido a mil leguas de distancia, poucas horas antes da publicação, traz na mesma folha o annuncio, o desmentido e a confirmação; que na mesma pagina faz philosophia, ri, organisa calculos, pranteia um morto, insere a biographia de um assassino, felicita um matrimonio, revela um escandalo; que transporta o pensamento, no espaço de poucos minutos, a todos os paizes da terra, desde a politica á sciencia, desde a litteratura á cosinha, desde o campo de batalha ao café-concerto; que tudo sabe, que se mistura em tudo, que falla a todos, que vae a todas as partes e que tem a vida de um mosquito como diz o poéta:

nato il matino e al vespéro gia vecchio (*)

E na manhã seguinte está sepultado e esquecido!

Phantasio uma das cincoenta mil folhas brancas que esperam a sua vez de entrar na machina.

Onde irás tu, depois que te imprimam nas tuas

(*) Nascido pela manhã e á tarde já velho.

faces os mil pensamentos arrojados ao metal, que te hão de fazer negra dentro de pouco tempo?

Talvez para além dos montes e dos mares, talvez a poucos passos da officina d'onde sahes; talvez ás mãos de um homem de Estado, que te arrojará com despeito, depois de haver lido alguma palavra tua menos prudente; talvez ás mãos de um criminoso, que te comprará para saber por ti se a policia está já no bom caminho ou vae por estrada falsa seguindo a sua pista!

Subirás talvez por um desfiladeiro escarpado dos Alpes, levada por um distribuidor com os sapatos ferrados, a alguma casinhola perdida entre rochas e neves, ou irás pousar sobre a secretária de qualquer personagem indolente, que nem sequer se dignará abrir-te; ou chegarás a um café onde muitos curiosos impacientes disputarão a tua posse e por tua causa haverá controversias e rancores?

Que sentimentos diversos despertareis nas pessoas a quem sois destinadas, tu e as tuas quarenta e nove mil irmãs nascidas do mesmo parto!

A quantos levareis uma surpreza agradavel, a quantos o desengano de uma esperança, a quantos uma noticia dolorosa, a quantos talvez a alegria ineffavel de ver impressos pela primeira vez o proprio nome e o proprio pensamento!

Em alguns logares sereis insultadas e repellidas como propagadoras de ideias funestas; em outras recebidas e festejadas como paladinos de toda a causa justa; serão olhados com receio alguns cidadãos pelo

simples facto de vos estarem lendo e talvez nasçam e cresçam sympathias entre pessoas que não se conheciam, pela simples rasão de ser a vossa leitura commum a umas e a outras.

A que infinita variedade de discussões, a que torrentes de palavras dareis desafogo em logares publicos, em casas particulares, em wagons de caminho de ferro, nas esquinas das ruas, nas praças e nos estabelecimentos!

E de que curiosas scenas sereis motivo em centenares de familias, onde o chefe depois de haver-vos lido vos occultará das meninas, que descobrirão o vosso esconderijo; onde o mancebo, inexperiente, beberá em vós os primeiros conhecimentos da vida mundana, que causarão assombro a seus paes; onde a esposa vos arrancará da mão do esposo, como sendo vós a causa conhecida do seu aborrecimento de marido!

A cem diversos usos servireis na vossa vida de um dia: — para evitar a saudação de um importuno, para occultar o rubor de uma mentira galante, para servir de léque aos rostos incendidos.

E depois sereis rasgadas e cortadas, convertidas em moldes ou padrões, por alfaiates e modistas, em barquinhos e barretinas pelos meninos, em cartuchos pelos tendeiros, em capas de livros pelos estudantes; e acabareis aos pedaços pelas ruas, onde as mãos da miseria vos irão recolher ainda; ou em fragmentos collados aos vidros partidos da gente pobre; e em montões de outros restos de papel, que serão levados ás fabricas para serem transformados n'uma segunda vi-

da inferior; e muitas de vós terão, em forma de farrapos, ainda larga e aventureira existencia, porque ireis parar aos campos solitarios, entre as arvores dos bosques, e aos cumes das montanhas, levadas para ali por caçadores, por viajantes ou por vagabundos, que n'esses farrapos encontrarão periodos truncados de novellas, pequenos fragmentos de chronicas e meias phrases de protesto contra os erros dos governantes!

Coisa estranha! Dos milhões de homens que lêem diarios, até nos mais civilisados paizes, uma grande parte não faz ideia alguma da vasta complexidade do trabalho de que o jornal é a resultante, da grande variedade de cooperadores, da rigorosa economia do tempo, da admiravel complicação de auxilios mechanicos que elle requer.

Innumeros leitores não teem de tudo isto uma noção mais clara do que a que formam do organismo de uma repartição do Estado. A folha sahe, segundo elles pensam, de uma officina mysteriosa na qual typographos, escriptores, administradores, moços e aprendizes se confundem, na sua imaginação, em um personagem unico que tem por nome o titulo do jornal e que é como a encarnação de um espirito que tudo pode ver e tudo fazer!...

Mas outras muitas variedades curiosas apresenta a multidão dos leitores de um jornal.

Ha os ingenuos, que vivem longe dos grandes centros, e que formam um conceito quasi fabuloso da força do periodico; — para esses um homem publico a quem o jornal censure, é um homem perdido; o elogio

impresso n'essa folha é uma gloria invejavel; cada affirmação uma verdade incontroversa; cada phrase a expressão de um pensamento profundo, tanto menos discutivel quanto menos comprehendido.

Ha leitores, que para o diario sem o qual não podem no emtanto passar, affectam uma indiferença e muitas vezes mesmo um desdém de creaturas superiores, desmentindo-se a si proprios continuamente, nas suas conversações habituaes, todas formadas de conhecimentos, opiniões e juizos, que tiraram do jornal menospresado!

Ha os devotos da leitura, que lêem o jornal de fio a pavio, todos os dias, como que por obrigação ritual, desde o primeiro artigo até ao ultimo annuncio e fazem uma larga digestão pensativa, com uma uncção de commungantes; e ha espiritos apartados da vida do mundo, privados de todo o sentimento de curiosidade intellectual, que não lêem nunca, que não podem lêr dez linhas seguidas, que nem sequér são attrahidos pelas noticias mais extraordinarias e que se todos os jornaes desapparecessem ao mesmo tempo do seu paiz e dos outros, não moveriam uma palha para fazerem surgir um só.

Estes são os indifferentes e não os inimigos do jornal, que são ainda muitos; inimigos não d'este ou d'aquelle jornal, mas da instituição em si, á qual attribuem a causa de todas as preversões, de toda a decadencia, de todas as desordens dos nossos dias, como se o jornal não fosse um producto e uma manifestação do estado da vida social e sim uma solitaria

força malefica, que não tivesse com a sociedade nenhuma relação natural e necessaria!

A estes se contrapoem os enthusiastas, para quem o jornal é facho de luz civilisadora, mestre de todo o saber e de toda a doutrina, guia infallivel da humanidade para a terra promettida.

D'esta ultima parte não são poucos os que, no tempo presente, têem necessidade do jornal para satisfação das suas ambições, para o interesse dos seus negocios, para manter o seu nome lembrado no publico e que ao jornal estão ligados por vinculos de gratidão, porque não teriam sahido da obscuridade e da penuria se não existisse esse potentissimo e agil instrumento de publicidade de que souberam servir-se habilidosamente.

A classe mais curiosa dos leitores (e é numerosissima) é a d'aquelles que da leitura assidua do jornal (de um jornal dado, entenda-se) recolhem, para a sua mente e para o seu animo, um influxo de que não só não têem consciencia, mas que quasi sempre negam. Que interessante estudo poderia fazer-se sobre a lenta infiltração de ideias, sobre a gradual modificação de juizos e de convicções, que realisa o jornal em grande numero de homens, os quaes, a pouco e pouco, acabam por não raciocinar senão com o raciocinio d'aquelle, por não fallar senão com as suas phrases, por esperar, cada manhã ou cada tarde, que o jornal

lhes trace o programma e os materiaes das conversas que devem ter nas vinte e quatro horas successivas, e por limitar a essa leitura toda a sua vida intellectual: por não agazalhar já na mente, seja de politica, seja de litteratura, ou de arte, ou de sciencia, ou de qualquer outro ramo de sabedoria, senão aquillo que lhes traz o jornal, convertido para elles em compendio sufficiente da vida universal e de todo o saber humano.

Este phenomeno frequentissimo explica o motivo porque, apezar da multiplicidade dos jornaes, se nota uma tão rigida unidade de criterios acerca de muitas questões de interesse geral, tão injustos conceitos sobre homens e factos acerca dos quaes as opiniões dos cerebros livres deveriam estar accordes, as immerecidas predilecções por determinados escriptores e livros que só uma minoria não convencida elevou; e tambem uma tendencia presumpçosa a sentenciar de animo leve sobre tudo, a contentar-se em cada assumpto com conhecimentos fragmentarios e superficiaes, e ainda uma singular inaptidão para comprehender, para seguir com o pensamento, para apreciar com justiça, os largos e pacientes esforços de talento, que miram a um objectivo elevado e longinquo.

Quem resiste agora á tentação do jornal?

Estaes absortos em qualquer trabalho mental, de que vos decidisteis a não deixar-vos distrahir de ne-

nhum modo. Mas chega acima da vossa meza a folha tentadora. Dizeis: «Não lhe pégo.» E continuaes trabalhando. Mas, entretanto, pensaes: «N'este jornal vem tudo quanto de mais estranho e importante succedeu no mundo civilisado, no espaço de tempo decorrido desde que eu li o anterior.»

A curiosidade inflama-se com este pensamento. Já não é o diario velho: no diario de hoje está a voz do mundo a querer fallar e a tentar-vos para que a escuteis.

Cedeis por fim, e uma corrente de pensamentos novos e variados passa atravós a corrente do vosso pensamento: — o crime que vos horrorisa, a catastrophe que vos inspira compaixão, o escandalo mundano que vos provoca nauseas, a ideia genial que vos leva a meditar.

Que transtorno para o pensador, que perda de força impulsiva, que detenção prejudicial no movimento accelerado do pensamento dirigido a um objecto separado ás vezes mil leguas d'aquelle em que estava fixa a vossa attenção!

E, no emtanto, isto não é tudo damno. Que pensador ou que escriptor pode discernir as ideias creadas expontaneamente no proprio cerebro ou nascidas do estudo dos livros, das que lhe foram sugeridas pela leitura do jornal? Quantas inspirações, seguramente, não teve elle das infinitas e diversissimas impressões que recebeu com a leitura diaria d'essa folha, que tantas vezes tem repellido, no primeiro momento, como vulgar visita importuna!

E para quantas pessoas (convém considerar isto) ou por falta de tempo, ou por deficiencia de recursos, ou por falta de preparação intellectual, que lhes prohibam o livro, é unico mestre possivel e util o jornal, que está obrigado a dizer tudo em compendio e em linguagem corrente, que com a sua variedade excita e ao mesmo tempo dá repouso ao animo, que facilita a comprehensão das ideias com a polemica, e que as insinua quasi todas na mente do leitor ligadas a um facto, compenetradas com um interesse publico, coloridas pela paixão commum, como para ficarem impressas na memoria e no espirito mil vezes mais facilmente do que pode fazel-o o livro?

Quantos, nas condições actuaes da sociedade, se não existisse o jornal não leriam outra coisa, ou não leriam senão fabulas excitadoras da imaginação e não se apaixonariam por outra coisa senão por phantasias!

Supprimi o jornal e supprimireis entre milhões de homens a discussão dos negocios publicos, a curiosidade por todo o acontecimento distante, a excitabilidade do pensamento e até a visão confusa, que só o jornal dá hoje, da obra e do caminho do mundo na via universal da civilisação.

E por quantas recordações de affecto, de dôr e de alegria lhe estamos ligados nós, que já vamos avançados em annos! Quão grande parte occupou da nossa vida!

Pelo jornal soubemos da morte de amigos ausentes ou da existencia de outros que suppunhamos terem morrido, e dos quaes, sem elle, nunca houveramos

sabido nada; pelo jornal soubemos de mil actos generosos e heroicos, realisados em todas as partes do mundo, que reavivaram a nossa fé no genero humano; só o jornal nos fez conhecer victorias alcançadas em remotos paizes pela causa da verdade e da justiça, que levantaram as nossas esperanças de combatentes pelo justo e pelo verdadeiro; por intermedio do jornal conhecemos as primicias das obras primas de todas as litteraturas e as ultimas novas de todas as descobertas que são a gloria do nosso tempo.

E quantas vezes nos livrou da tristeza, levando-nos a imaginação através dos continentes e dos oceanos; e quantas nos deu forças contra a desventura e nos dispoz para uma resignação, com a chronica das desgraças horrendas e das desesperadas dôres que ferem no decurso de um só dia, proximo a nós ou longe de nós, a tantos dos nossos similhantes!

Nós, que vivemos n'um periodo de luctas e de perigos, amamos o jornal porque mil vezes o temos esperado tremendo, disputando-o a dez mãos avidas de o terem como seu; porque elle nos tem causado alegrias e nos tem feito chorar; porque os grandes acontecimentos passados nos ficaram retidos na memoria, nos mesmos caractéres em que vimos impressa a primeira noticia; porque o jornal foi sempre para nós, em todo o tempo, a historia diaria palpitante, a voz viva, a propria palavra dos interesses e da exaltação da patria.

Creio que na memoria de certas familias está presente um ancião venerando, parente amado, cuja imagem não se apresenta nunca separada da do seu jornal predilecto, que foi a sua unica leitura nos ultimos annos quando a enfermidade o retinha preso a uma cadeira, como ferido de morte.

N'esse jornal, já quasi separado do mundo, sentia o bom velho a palpitação immensa da humanidade, e parecia que o seu espirito e o seu corpo languido cada dia recebiam um sopro animador. Esperava a sua chegada como se fosse uma creança, pedia-o dez vezes, alegrava-se-lhe a phisionomia ao vel-o, e havia entre os seus todos uma especie de emulação para ver quem primeiro lh'o levava, e todos se affligiam quando o distribuidor tardava em chegar.

Parecia que o jornal era o ultimo laço que o ligava ao mundo, e que só por elle lhe era ainda não só supportavel, mas desejavel, a existencia; e por isso todos amavam essa folha na familia e todos a tratavam com as considerações que se usam com uma coisa delicada e preciosa.

Quando a vista não lhe permittia já ler, algum dos parentes fazia-lhe a sua leitura diaria; quando a mente debilitada não podia acompanhar a leitura, queria elle, entretanto, que lh'o lessem ainda; e quando até essa ficção lhe pareceu fatigante, quiz que lhe collocassem todos os dias o jornal sobre os joelhos e horas inteiras passava com a mão sobre elle, como se estivesse ali um thesouro de que não queria apartar-se!

A familia encontrou-o uma noite com os olhos apagados e o jornal cahido no chão.

Entre soluços de magua foi o morto transportado para o seu leito e o jornal, levantado com toda a reverencia foi-lhe posto ao lado da cabeça.

Quando, depois, o cadaver foi collocado no feretro, disse um dos filhos segurando o jornal entre as mãos tremulas:

— Foi o seu fiel amigo, a sua alegria, o ultimo alimento da sua intelligencia!...

Todos confirmaram estas palavras e então o filho do morto, beijando o jornal, depositou-o no athaude.

EDMUNDO D'AMICIS.

AO LEITOR

Uma grande parte do trabalho que constitue este livro foi destinado a uma conferencia que eu realisei na Sociedade Litteraria «Almeida Garrett», no dia 9 de Março do anno corrente, em que se effectuava a inauguração da séde social d'aquelle gremio de escriptores, litteratos e artistas. (*)

Ao reunir os elementos materiaes d'essa conferencia e ao tratar de coordenal-os, convenci-me de que o

(*) Não pareça descabida a escolha do assumpto para uma conferencia na sociedade que tem por égide o nome de Almeida Garrett. Elle foi tambem jornalista e dos primeiros, senão o primeiro, da sua patria, no seu tempo. É vêr os seus artigos no *Portuguez*, no *Portuguez Constitucional*, no *Chronista* e em varios outros periodicos. Como jornalista e por ser jornalista, esteve preso na cadeia do Limoeiro durante trez mezes, com todos os seus companheiros de redacção. Nada d'isto deve ser ignorado dos que se prezam de conhecer a historia, mas sempre é bom relembrar.

assumpto não era para ser tratado n'um simples discurso, sob pena de cançar a attenção da assembleia, o que por modo algum eu poderia desejar.

Assenhoreado d'esse assumpto, entendi que não devia deixar de aproveitar todos os elementos que reunira, não tendo direito a sonegal-os á publicidade. Na conferencia, que fôra convidado a fazer, daria apenas a parte essencial, reservando para o livro a parte complementar.

E foi o que fiz. A conferencia realisou-se e parece ter agradado. O livro sae agora e a critica o julgará como entender.

Comprehende-se que não é um trabalho do genero dos que deixam o assumpto esgotado, nem elle é de molde a esgotar-se n'um volume das proporções do que o leitor tem deante dos olhos; mas é um trabalho de investigação e de methodo, que a muitos dará a conhecer coisas que ignoravam e a outros recordará factos que já haviam olvidado, interessantes todos, seguramente, — modestia aparte.

É certo que lhe hão de encontrar lacunas — e qual é o livro que as não tem?! — mas quem não estiver de má fé hade reconhecer que o auctor, nas opiniões que emitte, se inspirou na sinceridade sem a nenhum outro sentimento attender.

E ponto final.

Lisboa 10 de Junho de 1904.

ALBERTO BESSA.

SYNTHESE DA IMPRENSA

« A imprensa é a força, porque é a intelligencia. E' o clarim vivo da humanidade, que toca á alvorada dos povos e proclama em alta voz o imperio do Direito. Não conta com a noite senão para, no fim d'ella, saudar a aurora ; antevê o dia e adverte o mundo. »

São palavras de Victor Hugo as que ficam citadas. Foram proferidas n'um banquete que lhe foi offerecido em Bruxellas e em resposta á saudação que lhe dirigira o burgo-mestre da cidade. Ellas encerram um profundo conceito philosophico e teem o sêllo da mais indiscutivel auctoridade.

Tendo de referir-me ao jornalismo e ao modo como se creou e desenvolveu essa «luz do mundo social», será tambem á obra de Victor Hugo que irei buscar a synthese de que preciso para bem definir o que seja uma tal instituição. Tanto mais facil me será a tarefa,

quanto é certo que essa synthese já foi achada por um jornalista brazileiro de comprovado merito. (*)

Ha, com effeito, na *Legenda dos Seculos* uma heroica figura de cavalleiro, cujos feitos o auctor insigne esculpiu em maravilhosos alexandrinos, d'aquelle subido quilate que elle sabia trabalhar impeccavelmente. É Eviradnus, que symbolisa a encarnação da lenda humanitaria da força defendendo a fraqueza, do bem libertando os opprimidos, da luz confundindo as trevas; lenda que fôra Prometheu no Caucaso, que fôra Samsão entre os Philisteus, que fôra Hercules na Grecia. Eviradnus é invencivel porque é incansavel; e porque os annos passam impunemente por sobre a sua cabeça leonina. Sendo velho é novo, porque é moço o seu coração, vigorosa a sua alma e forte e firme o seu pulso de luctador.

A princesa Mahaud, herdeira do throno da Lusacia devia passar uma noite solitaria na torre vetusta de Corbus, para satisfazer a uma tradiccional exigencia do seu reino. Só depois de passar essa noite pavorosa, vendo surgir espectros de todos os cantos da velha torre sombria — assim o affirmava a tradição — é que o soberano se mostrava verdadeiramente apto para envergar o regio manto. A princeza, timorata como todas as mulheres, acreditando facilmente no sobrenatural e em todas as creações da phantasia, receiou submetter-se a tão espinhosa próva e, secretamente,

(*) Floriano de Brito.

com todas as cautellas e subtilezas de que o seu sexo parece ter o segredo, fez-se acompanhar pelo musico e pelo trovador do palacio. Em logar, porém, dos dois pagens que Mahaud suppunha fieis, quem verdadeiramente a acompanhou foram os seus dois mais ferozes inimigos — Segismundo, imperador da Allemanha e Ladislau, rei da Polonia, que haviam decidido narcotisal-a para a possuirem e desthronarem.

Adormecera a princeza e logo os dois reis-sicarios jogaram aos dados a sorte da infeliz. A um cabia violar infamemente Mahaud; ao outro determinára a sorte que se sentasse no throno que para ella estava destinado. Hesitam os regios malfeitores, decidindo-se por fim a lançarem o corpo adormecido da princeza para as profundezas de um abysmo cavado ali bem perto. Vão para consumar o negro crime quando lhes apparece Eviradnus, cujo extraordinario vulto, penetrante olhar e altivez de voz, faz com que o tomem por um espectro, acobardando-se os dois. Mas Eviradnus não quer vencer pelo terror e dá-se a conhecer como quem é.

Conluiam-se rapidamente os dois reis, dispostos para o crime, e pensam que será facil matal-o por que se trata de um velho. Traiçoeiramente, pretende Ladislau ferir Eviradnus pelas costas, mas este volta-se, ao presentir a infamia, atira-se á garganta do polonez e estrangula-o, deixando-o cahir no chão abatido, inanimado, morto! Então Segismundo lança mão da legendaria espada de Eviradnus e vae para o ferir com ella. Desarmado assim, seria certa a sua per-

dição se o seu espirito se acobardasse. Mas não. Eviradnus, n'uma resolução impetuosa, repentina, toma pelos pés, o cadaver de Ladislau e brandindo-o, como se fôra uma cláva, descarrega-o sobre Segismundo, prostrando-o tambem. A princeza está salva, sempre adormecida, insensivel tanto ao perigo que correu como ás proezas do seu heroico salvador. Eviradnus, sereno e tranquillo pela boa acção praticada, espera o despertar de Mahaud, para seguir o seu destino e continuar a serie dos seus sacrificios pelo dever.

Assim deve ser a imprensa. O jornalista deve sentir todas as dôres, revoltar-se contra todas as injustiças, applaudir todas as boas acções, oppor-se a todas as villezas. Como Eviradnus, só deve ferir combates cuja victoria nobilite e enalteça o vencedor. Eviradnus não completou ainda a sua missão, nem a completará nunca, porque ha de sempre haver victimas implorando clemencia, poderosos que abusem da sua força, feridas necessitando de balsamos consoladores, lagrimas reclamando conforto. Terá de ser eterno, porque hade sempre haver nas sociedades, ao lado do justo o despota, ao lado da honra a infamia, ao lado da virtude a injustiça e ao lado da verdade o preconceito, o erro e a mentira.

Como Eviradnus, a imprensa é velha e sempre nova, porque embora a neve dos tempos lhe tenha encanecido a fronte, o seu coração cada dia recebe nova seiva e dia a dia ella manifesta exhuberantemente a força que possue. Não foi sem rasão e sem prestar inteiro culto á verdade que um celebre esta-

dista affirmou ha tempos, que embora as maiores instituições humanas se alienem ou enxovalhem, restará sempre uma nova — a imprensa, capaz, por si só, de reconquistar todas as outras quando associada á mysteriosa omnipotencia da verdade.

E terá sempre a imprensa cumprido nobre e elevadamente a sua missão? No geral, a resposta não pode deixar de ser affirmativa para ser justa; por isso que não são as manchas do sól que podem impedil-o de illuminar o mundo e de fertilisar a terra.

Cada paiz, cada raça, cada estado social, cada epocha tem a sua imprensa e, ao mesmo tempo, ella, como Protheu, reveste para cada ambição, para cada parcialidade, para cada tendencia, para cada apostolado, a sua fórma diversa, — attenuada ou typica, viváz ou decadente, confêssa ou dissimulada. Através, porém, das variedades que a diversificam, das especialidades que a enriquecem, das excentricidades que a desnaturam, a origem do seu valor, do seu poderio, da sua indestructivel resistencia, está no transparecer luminoso da sua acção sobre a sociedade, na sua correlação com o sentir popular, na sua solidariedade com as reivindicações do Direito, na irreconciliabilidade da sua existencia com a da ignorancia e ainda com a da torpeza, visto como está comprovado, por factos antigos e até por factos dos nossos dias, que a exageração, a virulencia e a falsidade inutilisam a penna do mais temido libellista. Isto pelo que respeita ás campanhas jornalisticas que não são norteadas por um sentimento de justiça, e apenas se inspiram em

despeitos mal contidos, — em desenfreadas ancias de mando ou ainda em erroneas suposições de superioridade de criterio.

Do destino inherente á natureza da sua profissão não decae o jornalista senão pela sua propria inferioridade ou pela do publico a que serve, sendo até os dois factos, ordinariamente, consequencia um do outro, sabido como é que uma imprensa incapáz não logra sustentar-se n'um paiz instruido e sadio; n'uma terra intelligente e digna.

Veja-se, no emtanto outra phase da questão e essa é, que sendo o jornalismo uma flóra intellectual, que só vive renovando o oxigenio á atmosphera politica e absorvendo-lhe os elementos irrespiraveis, a intensidade da sua influencia deve ser a mesma sobre este ou aquelle systema de governo, sobre este ou aquelle estado da opinião, embora seja diversa a sua maneira de influir.

Ha uma lenda hebraica, posta em verso por Mongfellow, que nos mostra o anjo da oração, collocado como sentinella vigilante, ás portas do céu para acolher os rumores da terra, as supplicas, as queixas e os gemidos, que se vão transformando em flores, nas suas mãos, á medida que o anjo as vae depondo junto ao throno do bom Deus. Alguem pretendeu ver tambem n'esta lenda uma idealisação do papel do jornalista, sentinella tambem vigilante, a cujos ouvidos vão ter o pranto, as imprecações e os lamentos das victimas da injustiça ou da prepotencia, para que elle, transformando esses lamentos, essas imprecações e

esse pranto, em reclamações prudentes e ordenadas, tudo submetta, já depurado, á consciencia da humanidade.

Na assembleia constituinte, em Agosto de 1790, dizia Petion, *o virtuoso*, que a imprensa é a atalaia desvellada, que se ás vezes dá rebates falsos, muitas vezes os dá verdadeiros e que melhor é estar de sobreaviso para a defesa quando nos não ataquem, do que andar desapercebido e ser apanhado de surpresa.

Com todos os seus descontos, a imprensa é um grande bem, a mais forte alavanca d'esse sentimento nas sociedades modernas, porque é a palavra organisada em instituição, tornada echo da multidão anonyma, obscura, desvalida, paciente, irresoluta e murmurante, e servindo, com a sua voz, de valvula de segurança providencial.

Com o homem ha no jornalista o cidadão e quando se batalha pela patria ou, na patria, pelos direitos de que ella nos é fiadora, as ideias assumem facilmente attitude armada e gesto aggressivo, sem que, na maior parte dos casos, o impulsione a má fé e sem que o orientem perfidos intuitos. Se ao jornalista fosse dado pairar sempre em eminencias, raros seriam os defeitos, incruentos de ordinario os conflictos.

É bem conhecido o proloquio latino que assignala o errar como proprio dos humanos. Uma coisa é, porém, o erro e outra, muito diversa, a prevaricação. Aquelle pode justificar-se ; esta, na imprensa, que deve ser luz do mundo e sacerdocio de justiça, não pode ter desculpa.

O jornal tem de ser um orgão vivo, correspondendo a uma actividade necessaria, executando um trabalho fecundo e proveitoso, servindo a intelligencia, a sensibilidade e as energias dos povos que o lêem, «como os instrumentos scientificos ou os apparelhos e machinas industriaes servem aos progressos e ao desenvolvimento do trabalho e da riqueza humana.» (*) Não deve ter hesitações nem fraquezas, aliaz se a sua vida não fôr ephemera, a sua gloria será nulla.

No curso dos factos e das ideias entram como elemento de apreciação, de critica e de estudo, o temperamento, o valor e o merito do jornalista, que é o factor subjectivo e pessoal, moral e responsavel, do exercicio da imprensa. Deve ser de coragem, de independencia e de civismo formado o seu caracter; de penetração, de lucidez e de imparcialidade formado o seu criterio; de talento, de enthusiasmo e de amor formada a sua alma, votada a todas as concepções mais elevadas da arte e da belleza, na justiça, na verdade e no bem.

O *cachet* pessoal que o temperamento do jornalista possa dar ao seu trabalho, não o prejudica se elle tiver realmente originalidade e merito. O que é preciso ter em attenção é que não basta a um jornal possuir a admiração dos que o lêem: necessita de ter a confiança d'aquelles que o procuram, porque o jor-

(*) Dr. Manoel Victorino.

nal é mais dos seus leitores do que dos seus redactores ou proprietarios. O seu publico não é o governo que cahiu ou o que se levantou; não é o partido que se dissolve ou se desagréga, não é o limitado grupo de amigos que o adulam e cercam: o seu publico é a multidão desconhecida, que raras vezes ou nunca teve ensejo de ver qualquer d'aquelles que, por meio do jornal, todos os dias lhe transmittem impressões, lhe sugestionam ideias, lhe fortalecem o animo, lhe proporcionam conforto, lhe alimentam a esperança e lhe incutem coragem.

Apezar de G. Tarde, no seu livro *L'Opinion et la foule,* ter dito que *multidão* e *publico* não são precisamente synonimos como á primeira vista parecem, o publico de um jornal é para mim, essa multidão anonyma a que fiz referencia. É certo que o publico é constituido por individuos dispersos e não apenas aglomerados n'um ponto, como n'um theatro, n'um comicio, etc. Ahi o publico chama-se multidão por que todos os que o formam estão attentos á mesma questão.

Na multidão ha mais heterogeneidade do que no publico. Os individuos que se juntam, por acaso, na rua, attrahidos por qualquer facto de momento, podem proceder ali, simultaneamente, guiados por um chefe, *um cabeça.* Momentos depois, uma vez dispersos, cada um estará pensando diversamente. Não assim os leitores habituaes, *o publico* de um jornal qualquer. Espalhados, sem se conhecerem uns aos outros, elles julgam as mesmas questões, ordinariamente, de egual maneira.

É, todavia, interessante notar que os individuos esparsos, desconhecidos, que talvez nunca se encontrem e formam entretanto *um publico*, só chegam a este resultado quando têem a consciencia mais ou menos nitida de que outros á mesma hora estão partilhando sentimentos eguaes, eguaes idéas. Se, distrahidamente alguem péga n'um jornal, lê qualquer noticia interessante e verifica, depois disso, que o numero d'essa folha é antigo, immediatamente perde o interesse. Tem então a consciencia de que o caso não possue *actualidade;* sente-se só no mundo a cogitar d'essa hypothese e, porque não haja uma corrente de solidariedade ligando-o a individuos estranhos, todo o valor intrinseco da noticia desapparece a seus olhos.

Ha, por conseguinte, um grande progresso na passagem de uma multidão a um publico. N'um caso, os individuos precisam sentir que estão materialmente juntos, lado a lado, tocando-se. No outro, muito mais intelligentemente, basta-lhes sentirem uma solidariedade indefinida, mas real.

O jornal é effectivamente o verdadeiro creador dos publicos especiaes. Cada grupo de individuos que pensa do mesmo modo, que se prende com preoccupações analogas, tem hoje a imperiosa necessidade de possuir um jornal, que sirva entre todos de traço de união. D'ahi as diversas revistas e orgãos periodicos.

É certo que, antes de haver jornal, já havia o que, na acepção de Tarde, se pode chamar propriamente *publico*. Mas o que faz hoje a imprensa era então feito pela correspondencia particular. Até ao seculo

XVIII, todos os sabios que se occupavam de questões de natureza identica estavam em continuas relações epistolares, que faziam d'elles o *publico scientifico*.

Um illustrado critico brazileiro, o Snr. Medeiros e Albuquerque, apreciando o livro de G. Tarde, já notou que, hoje, cada um de nós pertence simultaneamente a diversos *publicos*, por isso que o politico radical pode ser um devotado apreciador da escola wagneriana, seguir com todo o interesse os progressos de uma sciencia qualquer e figurar entre os mais enthusiastas admiradores do romance naturalista, por exemplo. Como radical sentirá, ao ler diariamente o seu jornal, o accôrdo com os seus correligionarios; como wagneriano terá satisfação em saber que se vai erigir uma estatua a Wagner, o que lhe prova que ha muita gente da sua opinião; como naturalista verá com alegria que o romance que está lendo já tem setenta edições...

Esta *interpenetração* de publicos, sem a imprensa não seria susceptivel de se estender porque cada um não teria tempo nem meios de procurar todos os que se occupassem dos mesmos assumptos que lhe agradam. É por isso que o jornal, o grande formador de publicos, se constituiu, todavia, um verdadeiro dissipador de multidões. Sem elle, quem queria noticias precisava ir buscal-as ao logar em que o facto occorria. Assim, nos momentos de grandes agitações, guerras, revoltas, etc., quando os acontecimentos se succedem tão rapidamente, que os jornaes não podem publical-os a tempo, multidões mais ou menos numerosas tendem a reunir-se.

Os economistas, estudando a questão do *valor*, pintam a concorrencia dos individuos que adquirem os mesmos objectos, como uma especie de lucta, de rivalidade. Precisariam tratar do outro ponto — da solidariedade entre elles.

Nenhuma solidariedade, é, porém, maior do que a dos compradores do mesmo jornal. Entre elles, além do mais, nem existe propriamente concorrencia, porque a muita procura não augmenta o preço.

Entre o orgão de publicidade e os que o lêem ha relações de varias naturezas. Até que ponto o jornal é levado pelo seu publico e até que ponto é o publico o dirigido — ninguem o póde fixar de ante mão. O jornal sabe, pela sua tiragem, o numero de pessoas a quem agrada. Mas, uma vez senhor do seu publico, póde sobre elle influir de um modo muito profundo — tanto mais profundo, quanto é lento e constante. Contrariando uma multidão, o orador poderia suscitar a repulsa immediata. Contrariando levemente, encaminhando aos poucos um publico, o jornalista vence essas resistencias, porque cada um dos leitores não sabe até que ponto a sua pequena divergencia será uma divergencia geral. Comprehende-se, porém, que isto não é possivel, infelizmente, senão dentro de limites relativamente estreitos.

A caracteristica da confiança que inspira um jornal está na segurança que possa ter o *seu* publico, da sua attitude em face das alternativas da vida politica e social dos povos, sendo a independencia de opinião

de um jornal o unico meio de garantia de uma tal segurança.

Todo o individuo que sabe lêr, qualquer que seja d'ahi para cima o grau da sua educação precisa de ter o *seu* jornal, como necessita ter o *seu* medico, o *seu* advogado, o *seu* notario, etc.

Seja por affinidade de pontos de vista e de sentimentos, ou por comprovadas tradicções de seriedade, de escrupulo, de independencia e de hombridade, o leitor acostuma-se a um jornal, affeiçoa-se-lhe dedicadamente e quasi lhe entrega a direcção do seu espirito, a justificação dos conceitos que emitte, dos juizos que fórma, das criticas que faz e até, por vezes, das resoluções publicas que toma. Para que este facto se generalise é necessario que o jornal se tenha identificado com o geral da opinião, já dirigindo-a, já reflectindo-a, e não apenas procedendo d'uma d'estas fórmas com exclusão da outra. N'este ponto estou de pleno accordo com aquelle publicista e jurisconsulto (*) que asseverava dever o jornal dirigir a vontade, a resolução e os actos; reflectir a impressão, o sentimento, as emoções; dirigir o protesto, a reclamação, a queixa; reflectir a aggressão, a injustiça, o soffrimento; dirigir a iniciativa, o movimento, a liberdade; reflectir a ameaça, a oppresão, a tyrania.

Segundo o meu modo de ver, não é erronea a opinião de que «ninguem serviu, conheceu ou encarnou

(*) Ruy Barbosa.

melhor em si este instrumento de educação nacional, do que o famoso jornalista francez de quem tanto se teem repetido as palavras: «o jornalismo é um sacerdocio. (*) Se ellas pôem immensamente longe a méta da perfeição no officio de que são a apologia, é que se dirigem com o enthusiasmo do ideal á vocação dos eleitos.» E o ideal será tanto mais poderoso quanto mais longinquo, eminente e arduo. D'ali é que deve cahir o raio de sól para sanear todas as manhãs o ambiente do trabalho.

Cada jornalista é geralmente considerado como mestre de primeiras lettras e cathedratico de democracia em acção, advogado e censor, familiar e magistrado. Bebidas com o primeiro pão do dia, as suas licções penetram até ao fundo das consciencias, onde vão elaborar a moral usual, os sentimentos e os impulsos de que depende tanto a sorte dos governos como a das nações.

Maior responsabilidade não a pode, com effeito, assumir um homem para comsigo e para com a sociedade. Se houvessem de contar-se as virtudes que ella impõe, só os inconscientes e os fatuos se atreveriam a arrostal-a.

(*) É velha a phrase, mas nem por isso deixa de ser justa, porque sacerdocio (do latim *sacerdotium*) não significa apenas o exercicio do ministerio eclesiastico; mas tambem o exercicio de todas as funcções elevadas, de todas as profissões nobres, e applica-se a todos os misteres que demandam dedicação e desinteresse absolutos.

Mas,— e aqui é ainda o mesmo escriptor atrás citado quem tem a palavra — essa é a condição da nossa fraqueza deante de todas as aspirações, que nos preserva de corromper-nos, elevando-nos acima de nós proprios. Nem o heroismo nem o proprio dever seriam possiveis se antes de os defrontar fosse preciso medir a extensão da nossa coragem, da nossa abnegação ou das nossas forças. Ousando sem vaidade, persistindo com fé, não presumindo nem se acobardando, ninguem tem de que córar.

Se eu procurasse medir a limitada extensão dos conhecimentos que possuo, ao convencer-me da sua exiguidade não ousaria encetar este trabalho nem o destinaria á publicidade. Segundo o conselho do mestre ousei sem vaidade; persisti com toda a fé, sem me acobardar nem presumir, contando de antemão com a benevolencia, primeiro dos que me escutaram e agora dos que me vão ler.

I

A Necessidade da convivencia

Antecedentes do jornalismo — Uma theoria erronea — *O «ceryce» e o «præco»* — O pregoeiro portuguez — A palavra escripta.

Nos ultimos tempos teem tomado grande importancia os estudos que dizem respeito á origem das coisas, á sua genesis. Sabendo-se o que é uma coisa e para que serve, quaes são os seus effeitos e resultados, natural é que se averigue d'onde provém e como se produziu e desenvolveu até ser aquillo que nós vemos e conhecemos. Eis o que representa o meu trabalho, que vae achar o jornalismo na sua origem e o acompanha, embora a largos passos, no seu desenvolvimento e no seu caminhar até ao ponto em que hoje se encontra.

A importancia e o desenvolvimento do jornalismo,

pela vulgarisação de ideias e principios que consegue, tem contribuido efficazmente para o progresso constante que se observa em todos os ramos do saber humano; elevando de dia para dia o nivel intellectual, tornando a multidão mais homogenea em conhecimentos, mais intelligente, mais civilisada, emfim.

GAZETA,
EMQVESE
RELATAM AS NOVAS
TODAS, QVE OVVE NESTA
CORTE, E QVE VIERAM DE
varias partes no mez de Novem-
bro de 1641.
Com todas as licenças necessarias.
E privilegio Real.
EM LISBOA.
Na Officina de Lourenço de Anveres.

(GAZETA DE 1641)
(Fac-simile de frontispicio do n.º 1)

E isto, porque o jornalismo preenche, com acabada perfeição, uma das necessidades mais essenciaes da natureza humana — a necessidade da convivencia. É elle quem desperta nas grandes massas os sentimentos que as impulsionam e quem fomentaas ideias de que vivem, como n'um discurso celebre asseverou precisamente Clemenceau; é elle quem, com as suas formulas persuasivas, as obriga á acção e ás grandes reparações da verdade e da justiça; é elle quem as alenta pela esperança e quem as chama á embriaguez da vida; quem conduz o vencido de hoje á victoria de amanhã, quem abre os corações, quem communica entre si. os homens e verdadeiramente os cria como seres dotados de consciencia e de vontade.

Alguns utopistas apresentam o homem isolado, suppondo que é o isolamento a sua condição propria e a sociedade um producto de conveniencias artificiaes. Isto é uma theoria erronea. Em rigor, o homem isolado nunca existiu, pela rasão simples de que, em tal estado não pode existir. Esta affirmação comprehende-se facilmente se nos fixarmos na limitação de todo o seu ser, que está naturalmente reclamando o concurso dos seus semelhantes. A sua imperfeição propria, pede alguma coisa que o complete; a sua palavra denota a necessidade de communicação; os seus sentimentos, as suas ideias, os seus pensamentos, agitando-lhe o coração e o cerebro, indicam claramente que a alma precisa expandir-se, buscar o ambiente indispensavel, sahir do vaso material que a encerra para participar da sociedade, campo unico da sua vida.

Por isto, a necessidade de communicação sempre se sentiu como inclinação irresistivel do nosso espirito e do nosso corpo; mas os orgãos encarregados de cumprir missão tão importante, foram até ha pouco defeituosos, mostrando no seu tardio desenvolvimento a lentidão com que a humanidade avança no caminho do progresso em demanda do ideal da perfeição.

Dirigindo o olhar através do tempo, conhecendo e desvendando os meios que os homens, nas sociedades antigas, empregavam para relaccionar-se, encontramo-los tão deficientes, tão pobres, tão ineficazes, comparados com o jornalismo moderno, que sentimos sa-

tisfação immensa por havermos pertencido ao seculo que, entre tantas conquistas e descobertas, fixou como verdadeira instituição essa potente alavanca do progresso, — o seculo XIX.

Nas idades findas o commercio indispensavel de ideias e de interesses estabelecia-se, com monotona uniformidade, por meio do pregoeiro. Já Macrobio refere, no capitulo XVI do livro primeiro das *Saturnaes*, que era o pregoeiro o encarregado de annunciar as festividades do culto, para evitar que os cidadãos romanos deixassem de cumprir os preceitos determinados e impostos no ritual de Numa Pompilio. A isto devia limitar-se ao principio, o papel do pregoeiro; mas tempos depois estendeu-se a outros objectos.

ELEIIOV a armada de Olanda com hu ma eſquadra da armada Real de Caſtella,em que vinhão muitas fragatas de Dúque:que: durou a pendencia mais de vinte, & quatro oras;foiſe a pique hum galeão dos Caſtelhanos,& ficarão alguns deſtroçados,& todos com muita gente morta.O Olandez com algum dano ſe retirou a eſte porto, donde eſtá aguardando aque elRey noſſoSenhor lhe dè ſocorro para ſair otra vez a atemorizar os portos de Andaluzia.

O Conde da Caſtanheira,que eſtava preſo numa torre de Setuual pedio a elRey noſſo Senhor que lhe mudaſſe a prizão por quãto eſtava indiſpoſto:& elRey noſſo Senhor vſando de ſua natural benignidade o mãdou trazer para o Caſtello de Lisboa.

Num lugar da Beira ſe aſirma que ouue hum homẽ, que ouuindo dizer numa cõuerſação de amigos que na felice aclamação delRey noſſo Senhor fizera o crucifixo da Sè o milagre,que a todos he notorio.diſſe que podia a caſo à imagem do Senhor deſpregar o braço; & aſsim como acabou de dizer eſtas palauras cahio huma parede junto da qual eſtauão todos os da conuerſação, & ſò a elle matou.

Eſtando o galeão Santa Margarida para dar à vela diſſe o Piloto que naõ ſe atreuia a ſair ſem lhe darẽ mais gente do mar; inquietaraõſe os ſoldados,& foy neceſſario acodir o General Antonio Telles de Menezes, & alguns Senhores q̃ o acõpanharam na jornada de Cadis: & deſpois de tudo quieto prenderaõ tres ſoldados,que foraõ os cabeças,& a todos tres os enforcarão.

A Luis

(GAZETA DE 1641)

(Fac-simile da 1.ª pagina do n.º 1)

Antigamente todos os actos importantes, todas as deliberações collectivas, não se verificavam em locaes fechados, sendo a praça publica o logar destinado a taes actos e sendo ahi que os cidadãos congregados tinham conhecimento directo de todas as questões de

mais transcendencia. Mas não foi isto julgado como sufficiente e necessitou-se do auxilio do pregoeiro.

O *céryce* entre os gregos e o *præco* entre os romanos tinham, com pequenas diferenças, as mesmas funcções. Vemos o primeiro, nos jogos olimpicos, proclamando os nomes dos vencedores; entre os exercitos, servindo de arauto; nas ruas das cidades, convocando as assembleias; e nos locaes de venda, annunciando os preços e as condições. O *præco* dos romanos tinha um caracter mais exclusivo de funccionario judicial, embora de ordem subalterna. Muitos eram os seus pontos de contacto com o nosso aguazil — chamava á justiça o demandante, annunciava os nomes das partes em litigio e proclamava as sentenças. (*)

(*) Entre nós apparece tambem o pregoeiro, como auxiliar da justiça, tendo como dever acessorio, levar ao conhecimento da multidão os assumptos de interesse geral. Para o vermos exercendo o seu cargo temos de recorrer ás obras dos escriptores antigos, especialmente ás historicas, que no'lo mostram dando, com o seu pregão, satisfação á vindicta publica a quem expõe os delictos praticados e os castigos impostos aos delinquentes. Com effeito, em muitos livros de escriptores antigos e modernos, e mesmo em peças dramaticas, apparece o pregoeiro, quasi sempre bradando: «Justiça que manda fazer El-Rei Nosso Senhor na pessoa de...» etc., seguindo-se a descripção da natureza do crime e a da sentença proferida. Nas condemnações do tribunal do Santo Officio, chamadas de baraço e pregão e em muitas do tempo do absolutismo, lá apparece o pregoeiro a dar á publicidade o que os tribunaes ou as alçadas entendiam que devia ser levado ao conhecimento de todos.

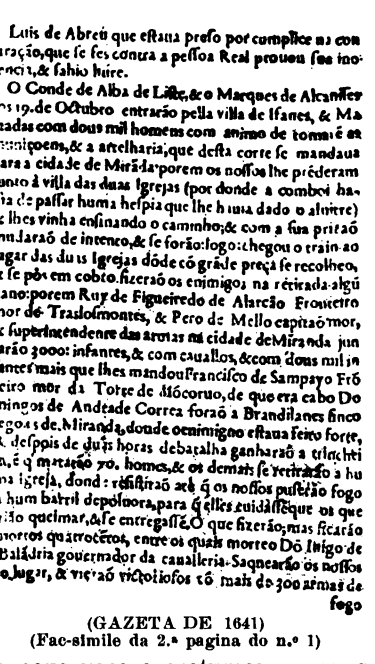
Servia tambem de auxiliar importante nos actos politicos. Ao abrir os comicios convocava as centurias, com os seus pregões e, verificada uma eleição proclamava os nomes dos eleitos. Tambem o pregoeiro intervinha nos enterros dizendo de quem eram e onde se realisavam, para conhecimento das pessoas que quizessem ou devessem assistir. Em alguns auctores encontro que o pregoeiro indicava tambem os objectos perdidos ou achados. N'uma palavra — tornava publico o que publico era preciso e conveniente fazer.

Analogas são as condições em que se observa a existencia do pregoeiro antigo entre nós até ao seculo findo, quando o jornalismo veio substituil-o vantajosamente desterrando-o por fim.

Dada ao homem a palavra, faltava ainda, como disse Lamartine, atravessar seculos para se conseguir encerrar o pensamento, immaterial e invizivel, em signaes visiveis e materiaes inscriptos sobre qualquer substancia palpavel; faltava descobrir a escripta, para transportar o pensamento. Se a palavra communica o nosso pensar da bocca ao ouvido por meio do som, a escripta recolhe o som na sua passagem, transforma-o em signaes e communica assim o pensamento aos olhos, que por sua vez o transmittem á alma, por essa relação sempre mysteriosa que existe entre a nossa intelligencia e os nossos sentidos. D'este modo, de invisivel e immaterial que era, ficou a palavra visivel e palpavel. Pela escripta, a palavra adquiria duas qualidades que não tinha emquanto não era mais do que som: adquiria a perpetuidade e a trans-

missibilidade, fazia-se eterna e universal. Passava a poder conservar-se e a ser ouvida a todo o tempo e em toda a parte.

É positivo que desde o dia em que a palavra foi escripta, o genero humano realisou progressos immensos e quasi não interrompidos na Civilisação. Enriqueceu-se com o passado, cultivou o presente e conquistou o futuro. Escreveu as suas ideias, as suas historias, as suas tradições, as suas leis, os seus usos e costumes, as suas sciencias, as suas artes, a sua terra e o seu ceu.



Luis de Abreu que estaua preso por cumplice na conjuração, que se fes contra a pessoa Real prouou sua inocencia, & sahio huire.

O Conde de Alba de Liste, & o Marques de Alcanises aos 19. de Octubro entrarão pella villa de Ifanes, & Malhadas com dous mil homens com animo de tomarẽ as munições, & a artelharia, que desta corte se mandaua para a cidade de Mirãda: porem os nossos lhe prẽderam junto à villa das duas Igrejas (por donde a comboi hauia de passar huma hespia que lhe hauia dado o aluitre) & lhes vinha ensinando o caminho; & com a sua prisaõ mudaraõ de intento, & se forão: logo: chegou o train ao lugar das duas Igrejas dõde cõ grãde preça se recolheo, & se pôs em cobro. fizeraõ os enimigos na retirada algũ dano: porem Ruy de Figueiredo de Alarcão Frouteiro mor de Traslosmontes, & Pero de Mello capitaõ mor, & superintendente das armas na cidade de Miranda juntarão 3000: infantes, & com cauallos, & com dous mil infantes mais que lhes mandou Francisco de Sampayo Frõteiro mor da Torre de Mõcoruo, de que era cabo Domingos de Andrade Correa foraõ a Brandilanes sinco legoas de Miranda, donde o enimigo estaua feito forte, & despois de duas horas de batalha ganharaõ a trincheira, e q̃ matarão 70. homes, & os demais se retirarão a huma igreja, donde resistiraõ atè q̃ os nossos puserão fogo a hum barril de poluora, para q̃ elles cuidassẽ que os querião queimar, & se entregassẽ. O que fizerão; mas ficarão mortos quatrocẽtos, entre os quais morreo Dõ Iuigo de Balãdria gouernador da caualleria. Saquearão os nossos o lugar, & vieraõ victoriosos cõ mais de 300 armas de fogo

(GAZETA DE 1641)
(Fac-simile da 2.ª pagina do n.º 1)

Agarrou na canna do Egypto, na penna do grego, no *estilete* do romano, no papyro, na folha de palma, no pergaminho da idade media, no papel do Europeu e gravou, em todos os idiomas, a palavra convertida em objecto de fé para o espirito, em objecto de commercio para a arte, em objecto de transporte para a industria. Os manuscriptos multiplicaram-se n'uma profusão incalculavel.

A China, que se adiantou aos outros paizes em muitas invenções, era a unica nação que possuia para o seu idioma, uma especie de stereotypia que vulgarisava entre as suas povoações, as ideias, a moral, as leis, a religião. Desde 911 da era christã, possuia a China a sua *King Pan, (Gazeta de Pekin)*, utilisando aquelle processo.

Nos outros paizes a mão do homem era a unica machina do espirito e por isso a profissão de copista foi das mais lucrativas. Havia em Roma e nas grandes cidades da Grecia e Asia, bairros particulares em que se fazia o trafico das ideias e da palavra escripta. Os ricos tinham escravos escolhidos, dedicados exclusivamente a copiar as obras celebres da antiguidade e do seu tempo, para os seus archivos e bibliothecas; o governo sustentava grande numero d'elles para copiarem as suas leis e os seus editos; os oradores procediam egualmente para espalharem os seus discursos entre os que os não tinham podido ouvir.

II

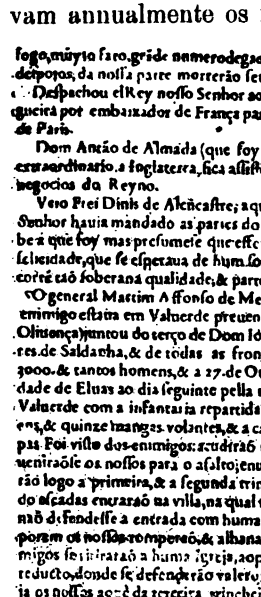
Origem da publicidade periodica

A civilisação romana — Publicações dos pontifices e dos imperadores — As «Actas diurnas» — Os primeiros jornalistas do mundo — As «Ephemerides» — O mechanico de Moguncia.

Foram os romanos que esboçaram a publicidade periodica. A civilisação romana não podia passar sem o jornal desde que possuia os elementos necessarios á sua elaboração. Tinha as reuniões e as discussões publicas; os espectaculos enthusiasticos; as leituras de poemas, feitas pelos proprios auctores, em casa dos patricios ricos, das cortezãs opulentas e até no palacio dos imperadores. Em cidade tão movimentada como Roma, onde os acontecimentos que se succediam no convivio diario deviam interessar a curiosidade da multidão, não podia deixar de apparecer o jornal como o laço commum entre essa sociedade tão inclinada aos prazeres e á emoção.

Até ao anno de 623 da republica só ha noticia

dos *Annaes Maximos* em que «os pontifices indicavam annualmente os nomes dos consules e os successos politicos mais notaveis.» (*) Esses foram os antecessores dos almanachs, não merecendo todavia o nome de jornaes, dada a etymologia da palavra. Segundo refere Victor Le Clerc, a estes *Annaes* succederam-se algumas publicações judiciarias, militares e politicas.



fogo, muyto faro, grãde numero de gaoo, & outros muitos despojos, da nossa parte morrerão sete, ou oito homens.

Despachou elRey nosso Senhor ao Conde da Vidigueira por embaixador de França para assistir na corte de Paris.

Dom Antão de Almada (que foy por Embaixador extraordinario a Inglaterra, fica assistẽte para tratar dos negocios do Reyno.

Vero Frei Dinis de Alcũcastre; aquem elRey nosso Senhor hauia mandado as partes do Norte; & naõ se sabe a que foy mas presumese que effeituou tudo com a felicidade, que se esperaua de hum sogeito, em quẽ concorrẽ taõ soberana qualidade, & partes taõ superiores.

O general Martim Affonso de Mello (sabẽdo que o enimigo estaua em Valuerde preuenindose para dar ẽ Oliuença) juntou do terço de Dom Ioaõ da Costa, de Aires de Saldanha, & de todas as fronteiras de Alentejo 3000. & tantos homens, & a 27. de Outubro sahio da cidade de Eluas ao dia seguinte pella menham, chegou a Valuerde com a infantaria repartida em tres esquadroens, & quinze mangas volantes, & a caualleria ẽ sete tropas. Foi visto dos enimigos: acudiraõ todos a defẽça: preueniraõse os nossos para o asalto; enuestiraõ, & ganharão logo a primeira, & a segunda trincheira; & arrimando escadas entraraõ na villa, na qual naõ hauia rua, que naõ defendesse a entrada com huma pessa de artelharia porem os nossos romperaõ, & albanarão tudo, & os enimigos se ritiraraõ a huma igreja, aopẽ da qual hauia hũ reducto, donde se defenderão valerosamente, & estando ja os nossos aopẽ da terceira trincheira, & o lugar quasi

A 2 rendido.

(GAZETA DE 1641)

(Fac-simile da 3.ª pagina do n.º 1)

Os factos da corte dos Cezares eram relatados n'uma publicação especial, intitulada *Commentario Diurno,* que fôra creada por Augusto; e affirma Suetonio na sua *Vida de Octavio,* que tal folha era dirigida por um redactor em chefe e tinha uma repartição com empregados e copistas. Não era, porém, distribuida em publico, como hoje tambem o não é o jornal do imperador da Allemanha, de que adeante

(*) D. Antonio da Costa.

me occuparei. Havia o jornal do Senado (*Acta Senatus*), em que se registavam as decisões d'aquella assembleia, mas com este mesmo ainda a publicidade periodica não era completa.

Marco Aurelio creou as *Actas Diurnas*, nome dado aos manuscriptos, que tambem eram afixados nas encruzilhadas, sobre os porticos e nas lojas dos barbeiros, já então officialmente reconhecidas como centros de cavaqueira e de bisbilhotice, como o são hoje ainda. As *Actas* eram redigidas pelos *diurnari*, que assim foram os primeiros jornalistas do mundo, chronologicamente considerados. Os escravos, convertidos em copistas, enfileiravam-se, sentados silenciosamente, em redor de mesas e escreviam no papyro as palavras e os periodos que o *lector*, pausadamente, proferia em alta voz. Ás *Actas Diurnas* competia publicar os resultados das campanhas militares, as determinações do governo e do fôro, pormenores das execuções capitaes e das luctas dos gladiadores, e noticias referentes a matrimonios, a divorcios, a funeraes de pessoas illustres e, em determinadas épocas, os programmas dos divertimentos publicos, etc. Entrava em todas as casas, era o jornal que se lia ao almoço e que Plinio e Cicero, quando ausentes de Roma, pediam que lhe mandassem, porque ali encontrariam tudo o que desejavam saber, incluindo as crueldades e devassidões dos imperadores, que estes mesmos mandavam publicar com todas as minuciosidades, conforme o regista a *Historia Augusta*. Tiberio mandava inserir nas *Actas* imperialissimas patranhas, in-

ventando conversas que nunca tinham existido, com o fim de fazer passar por justas as mortes que praticava. Assim o referem Dião Cassio e Suetonio.

De tudo isto se infere que os *diurnari* redigiam, portanto, verdadeiros jornaes manuscriptos. (*)

rendido,ouue da noſſa parte quem gritou que ſe retiraſſem,& cuidando todos que era ordem do General obedecerão,& ceſſou o deſtroço,que foy taõ grande q̃ não ficou em todo o lugar caſa alguma que os ſoldados não ſaqueaſſem,& o que naõ podiaõ trazer ou o deſpedaçauão,ou lhe punhaõ o fogo. Tornarão em fim para El uas alegres cõ a victoria,& deixaraõ na villa mortos mais de 400. Caſtelhanos entre os quaes morreo o Comiſſario da Caualleria: trouxerão 55. priſioneiros; tomaraõ 3. bandeiras: & outros muitos deſpojos; da noſſa parte morreraõ pouco mais de 30. homens,& os conhecidos foraõ o Comiſſario da Caualleria,o Capitam Ieronimo de Caſtro,o capitão Ioaõ de Seixas,o Tenente de Ioaõ de Saldanha capitaõ de caualos.

Veio noua que eſtauão os Galegos muy atemorizados depois que lhes deſtrizeraõ os reductos; tomar lhe os noſſos algumas armas,& municoens: mataraõlhe,& roubaraõlhe alguma gente.

Onze homens de Caſtro Lobeiro que eſtauaõ na trincheira viraõ no campo doze caualleiros caſtelhanos os quais vinhaõ a reconhecer,& deraõlhes huma carga cõ que mataraõ ſete,& catiuaraõ os mais, & lhe tomaraõ as armas,& os caualos,cõs mandaraõ preſos a Valença. Vinhão atras deſtes caualleiros trezentos infantes, & ſe ſaberem do que lhes hauia ſocedido acometeraõ a trincheira: mas os onze moſqueteiros lhes deraõ duas cargas com que mataraõ alguns,& os mais fugiraõ,& não foraõ tão poucos os mortos,& os catiuos,que não foſſe por todos 31. & dos noſſos ninguem perigou.

Em Caminha ſe tomaraõ tres barços de Galegos, dõde

(GAZETA DE 1641)
(Fac-simile da 4.ª pagina do n.º 1)

Este esboço do jornalismo pereceu com Roma; e os povos que se succederam depois da sua ruina, copiaram dos romanos o *prœco* mas não fizeram renascer as *Actas*, cuja publicação fôra tornada régular na dictadura de Julio Cezar.

Os gregos esboçaram tambem a publicidade periodica, segundo a tradicção, com as *Ephemerides*, em que se registavam os factos de cada dia, especie de cadastro official noticiando os successos que podiam lisongear ou adular o poder.

(*) Das *Actas Diurnas* existe um exemplar, parece que unico, na bibliotheca do Vaticano.

Na idade media houve um frade curioso que se lembrou de ir apontando, em cadernos particulares, os successos que se iam dando ou aquelles de que até elle chegava noticia. Isto, porém não era jornalismo como o eram as *Actas Diurnas* de Roma, que foram os primeiros diarios conhecidos, a que só faltou a facilidade e a rapidez dos meios graphicos, para se propagarem e prosperarem.

Tudo eram porém, debeis recursos com que o homem tratava de satisfazer a sua curiosidade sempre insaciavel, o seu desejo de saber sempre vívido, aquella instinctiva propensão que o leva aos maiores esforços e sacrificios.

Paschal n'um dos seus *Pensamentos* escreve, que «muitos não emprehenderiam arriscadas viagens, se não antegosassem o prazer de as referir.» Observação profunda que demonstra a inclinação ingenita do homem para investigar e conhecer, e a sua não menos irresistivel tendencia para transmittir aos outros a experiencia alcançada ou o saber adquirido. Grande deve ter sido a lucta entre esse desejo e a insufficiencia dos elementos materiaes de que dispunha n'essas idades para o satisfazer. Ia, porém, soar a hora da apparição do jornalismo propriamente dito, complemento da prodigiosa descoberta do inolvidavel Guttemberg.

A maneira de reproduzir a palavra escripta por meio de copia tinha immensa inferioridade comparada com a imprensa. Era demorada e cára, não produzia bastantes exemplares para as necessidades de um in-

*

definido consumo de leitores e sómente aos ricos podia aproveitar. A illustração do espirito era assim previlegio dos ditosos da terra; nunca chegava á esphera onde moirejava o povo. Outra qualidade lhe faltava tambem — a rapidez. O jornalismo, que transmitte a ideia promptamente, de um extremo ao outro dos imperios, de um ao outro confim do Universo, não podia existir. A palavra era livro e não pagina de modo que pudesse circular de mão em mão, como o obulo de cada dia. Os progressos da sciencia, das lettras, das artes e da politica eram lentos e durante largos periodos nem chegaram a dar-se.

Era necessaria uma revolução da mechanica para preparar as revoluções do pensamento. Guttemberg fez essa revolução. E o que é digno de especial registo é que o immortal mechanico de Moguncia não operou o prodigio por méra casualidade ou por intuitos de cubiça, como outros inventores. Operou-o á força de estudos e tentativas e tendo a perfeita intuição do que queria fazer e das vantagens que d'ahi resultariam.

III

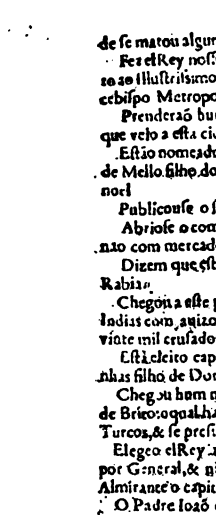
Origem das «folhas» e das «gazetas»

A Italia, berço do jornalismo. — Os «foglietti de avisi» — O jornal do judeu Veroheven — O jornalismo propriamente dito.

A Italia, nação de poetas e de artistas, de sabios e de philosophos, a quem tanto deve o progresso humáno, cujo fecundo genio produziu a Renascença e inventou a bussola, foi tambem a creadora do jornalismo.

A republica de Veneza desenvolvera o seu commercio de uma maneira consideravel, levando os seus navios ás mais apartadas regiões de todos os mares até então conhecidos. Na volta das suas embarcações ao porto de Veneza, todos queriam informar-se dos successos que se haviam dado nos longinquos paizes a que os seus marinheiros aportavam, de quaes as mercadorias que traziam e os seus preços e ainda de outros pormenores de simples curiosidade ou de interesse commercial. Este costume accentuou-se

tanto que, para acalmar a curiosidade e a expectação, se crearam as *fogli* ou *foglietti d'avisi*, tambem chamadas *Notizie scritte*, que eram uns papeis em que se narravam as noticias que a tripulação de cada barco estava habilitada a ministrar. Pela leitura de taes escriptos pagava-se uma moéda chamada *gazetta*.



de ſe matou alguma gente, & outra ſe catiuou.

Fez elRey noſſo Senhor merce do Priorado do Crato ao Illuſtriſsimo Senhor Dom Rodrigo da Cunha Arcebiſpo Metropolitano.

Prenderão hum frade Begüino eſtrangeiro, & dizem que veio a eſta cidade por eſpia.

Eſtão nomeados por Meſtres de campo Chriſtouam de Mello filho do Porteito mór, & Dom Sancho Manoel

Publicouſe o ſubſidio Eccleſiaſtico.

Abrioſe o comercio de Moſcobia, & já veio hũa nao com mercadorias, & ficarão muitas pera vir.

Dizem que eſtão quinze mil Francezes ſobre Fonte Rabia.

Chegou a eſte porto hũa caraueſſa, que vinha das Indias com auizo, & os noſſos a tomarão nas ilhas. Trazia vinte mil cruſados em patacas.

Eſtá eleito capitão de canallos Dom Nuno Mafcarenhas filho de Dom Antonio Maſcarenhas.

Chegou hum nauio que faltaua da eſquadra de Ruy de Brito: o qual hauia ido no alcance de hũa nao de Turcos, & ſe preſumia que eſtaua perdido.

Elegeo elRey noſſo Senhor a Triſtão de Mendoça por General, & não ſe ſabe ainda para onde vai; he ſeu Almirante o capitam Franciſco Duarte.

O Padre Ioão de Matos, Reitor que foy da companhia em Euora, agora aſſiſtente da meſma Companhia em Roma eſcreueo que o ſummo Pontifice eſperaua cõ grande aluoroço pello Biſpo Embaixador de Portugal a peſar das inſtancias que o de Caſtella fazia por lhe eſ-

A 3 tor-

(GAZETA DE 1641)

(Fac-simile da 5.ª pagina do n.º 1)

Da *fogli* nasceu a *folha* e do nome da moéda nasceu a *gazeta*, designações indistinctamente dadas hoje aos periodicos ou jornaes.

As novas da guerra, que a republica de Veneza sustentava com os turcos no Oriente, occupavam tambem uma boa parte d'essas gazetas primitivas.

Da Italia estenderam-se as gazetas aos demais paizes, dia a dia soffrendo modificações que mais tarde, com o auxilio poderoso dos caractéres moveis foram adquirindo importancia até chegarem ao seu actual apogeu e legitima significação. O uso das gazetas foi adoptado rapidamente pela França, pela

Allemanha e pela Inglaterra, que seguiram o exemplo da Italia, porque lhe reconheceram as vantagens.

Em 1580 appareceu na Inglaterra uma verdadeira alluvião de gazetas, manuscriptas primeiramente e depois impressas, referindo as noticias dos outros paizes. Taes podem ser considerados os jornaes cuja publicação era ordenada pelo governo para desmentir os falsos boatos espalhados ácerca da armada de Filippe II contra a Gran Bretanha, que em 1588 tinham o titulo de *Mercurio Inglez publicado pela Auctoridade como prevenção contra as noticias falsas.* O primeiro n.º sahiu a 23 de Julho de 1588.

Na Allemanha appareceram, em 1590 as *Relações semestraes,* escriptas em Francfort, em allemão e latim: e em 1662 as *Actas de Leipzig,* tambem em latim. Verdadeiramente o seu primeiro periodico regular foi *O Jornal Official do Correio de Francfort,* que não pode ter as honras da primasia por isso que antes d'elle, em 1605, houve em Anvers, na Belgica, um impressor chamado Abrahão Vercheven, que lançou á publicidade um jornal redigido em flamengo e em francez, com o titulo *Alle Nieuw Tydinghen (Noticias recentes* ou *Ultimas noticias).* Media 12 centimetros de altura e inseria planos e gravuras; tinha a approvação do censor, conego Cyberto Spitholdins e tinha, por dadiva dos soberanos, o previlegio exclusivo de levar ao conhecimento do publico os altos feitos do exercito, as suas victorias, os seu cêrcos, as suas conquistas. O primeiro numero inseriu uma gravura repre-

sentando a victoria alcançada a 17 de Maio de 1605 perto de Anvers.

Os numeros seguintes appareceram, com intervallos mais ou menos longos, mas com a numeração seguida, até 1629, em que o jornal se tornou semanal. Na sua collecção se encontra a historia dos acontecimentos politicos da Europa; e uma parte, a secção anecdotica e satyrica, prova que Veroheven, como verdadeiro jornalista, havia comprehendido a necessidade de dar ao publico uma leitura o mais variada possivel. Não consta, no emtanto, que lograsse fazer fortuna; o seu nome judaico creou duvidas ácerca da sua orthodoxia e trouxe-lhe mil perseguições, até que, em 1637, vendeu ao desbarato, a propriedade do jornal, que passou então a chamar-se *Gazette Extraordinaire Post-Tydinghen.* Estava criado o jornalismo.

Em 1615 teve Veroheven um competidor em Egenolph Emmel, livreiro de Anvers e em 1616 outro em Jacques de Birghden, administrador dos correios da mesma cidade, que por conhecer a importancia da publicação do judeu lhe quiz fazer concorrencia com outro periodico. Julgo, porem, que nem o competidor de 1615 nem o do anno immediato, conseguiram levar muito longe os seus intentos, porque não encontrei relação das suas gazetas em nenhum dos auctores que consultei.

No anno de 1617 appareceu a primeira gazeta na Hollanda, em Amsterdam; e em 1619 e 1622 sahiram, respectivamente, a lume as primeiras folhas em Leyde e La Haya, no mesmo paiz. São consideradas

como traducções d'estas folhas hollandezas as *Weehley-News,* apparecidas na Inglaterra em 1622 e que, por muito tempo foram tidas como sendo as que primeiro se publicaram, vindo o engano a ser desfeito por um investigador inglez. O jornal de Verhoeven, de Anvers, seguiu até 1637, como fica dito, sempre com a numeração seguida e portanto, caracterisando a fórma propria de publicação periodica regular. N'este ponto são concordes todos os auctores que tenho lido.

Um outro investigador inglez assevera, —mas não vi que o provasse, —ter apparecido na Escossia, em 1600, a *Edimburg Gazette.* Tambem diz que na Irlanda appareceu, em 1637, o *The Belfort News (Noticias de Belfort).* Se a asseveração acerca da *Gazeta de Edimburgo* fôsse exacta — e eu não tenho, ao meu alcance, meio de o constatar — seria á Escossia que pertenceria a prioridade.

toruar a entrada.

Vejo Francisco de Sousa Coitinho, que auia ido por embaixador delRey nosso Senhor ao Reyno de Suecia; foi lá recebido com grandissimo aplauso: deixou as pazes cõfirmadas; & trouxe tres naos de guerra de mais de 30. peças de bronze cada huma com hum fidalgo, o qual vem a este Reyno de parte da Rainha de Suecia para assistir nesta corte, & ja falou a elRey nosso Senhor: trouxe muita artelharia de bronze, grandissimo numero de corpos de armas, mosquetes, & crauinas, 30. mastros grandes: huma embarcação carregada de poluora, & alguns cauallos. Deulhe a Rainha huma cãdea de ouro, que pesa 330000. huma joya de diamantes com o seu retrato, & a todos os que foraõ em sua companhia mandou dar huma cadea de ouro, & escreueo a elRey nosso Senhor dãdolhe os parabens da Restauração do seu Reino, & assegurandolhe que com tudo o que pode, & com a propria vida se empregarà sempre em seu seruiço, & vltimamente lhe dà sua palaura de que naõ farà nunca pazes com o Emperador, & que sendo caso que as faça serà a primeira condição, que elle darà a liberdade ao Senhor Dom Duarte.

O Conde de Bocoi mandou prender hum soldado Frances da companhia de Monsiur Baron: tiueraõ ãbos hum encontro sobre a prizão, de que o Monsiur Baron sahio com alguma desconfiança, & ao dia seguinte pella menham foy a casa do Conde de Bocoi, & despois de almorçar com elle, lhe disse, que se pusesse a cauallo que hauião de ir ambos a desafio: aceitou o Conde, & logo se foraõ ambos cada hum com seu padrinho a cãpo lido & tanto

(GAZETA DE 1641)

(Fac-simile da 6.ª pagina do n.º 1)

A Inglaterra, a Belgica e a França disputam entre

si a gloria de terem sido, cada uma respectivamente, o berço do primeiro jornal impresso de publicação regular. (*) D'essa disputa não resultou até agora, que eu saiba — e são tantas as coisas que eu ignoro! — a prova convincente e irrefutavel de qual é o paiz que tem rasão.

Ha historiadores que pretendem a gloria de tal feito para a Inglaterra, com o seu *Mercurio Inglez*, de 1588. Outros attribuem-n'a á Allemanha com as *Relações semestraes;* ainda outros á Belgica, com o jornal de Verhoeven; e diversos a querem conceder á França.

Para mim, emquanto não cessarem as controversias e não me seja demonstrado que estou em erro, penso que quem tem mais direito ao disputado titulo de gloria, é a Belgica; quando mais não fôsse por ter sido o jornal de Verhoeven o que mais propriamente merece ser assim chamado.

Fôsse, porém, qual fôsse o primeiro, o que é certo é que o jornalismo se espalhou e desenvolveu com uma rapidez incrivel, como vou procurar demonstrar com os dados estatisticos que tenho e com a historia dos principaes jornaes dos diversos paizes.

(*) Ha quem affirme que a Inglaterra, no intuito de tirar a gloria á Belgica, fez imprimir um jornal apocrypho. A fraude foi, porém, descoberta e proclamada.

IV

O jornalismo na Inglaterra

O «Times» — O principe dos correspondentes — Um «tour de force» — O tratado de Berlim — A reportage ingleza — Curiosas notas e informações.

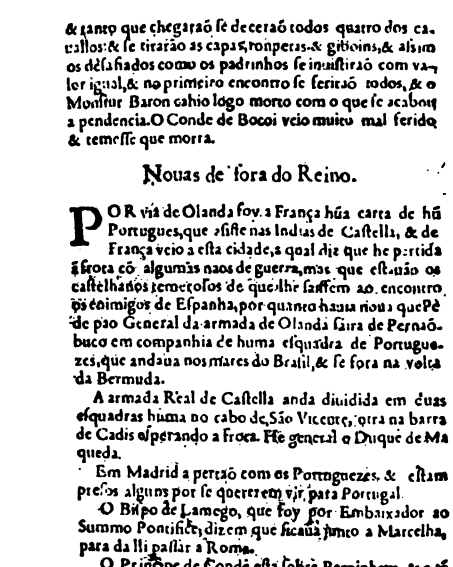
O primeiro jornal semanal de Londres appareceu em 1622, sob o titulo de *The certains news of the present wech (Noticias certas da semana)*. Em 1643 havia já em Londres cerca de trinta semanarios.

Em 1770 viu a luz publica a *The Morning Chronicle (Chronica da Manhã)*; em 1772 fundou-se o *Morning Post (Correio da Manhã)* e em 1778 appareceu *The Times (O Tempo)*, cuja imprensa se diz ter sido a primeira a fazer uso de machina de imprimir.

O *Times*, desde que lançou á rua o seu primeiro numero não deixou de apparecer um unico dia, salvos os de festa, em que o trabalho é prohibido na Inglaterra. A redacção e demais officinas d'este grande jornal inglez estão installadas n'um importante edificio

á entrada da *City*, em Printing House. O edificio primitivo soffreu recentemente grandes reformas. N'uma das suas dependencias está o apparelho telegraphico privativo, que liga com Paris. Os despachos são recebidos em tiras de papel, que se vão compondo á medida que chegam.

N'outra sala está o apparelho telephonico aperfeiçoadissimo. Ahi se recebem as transmissões dos debates do parlamento, expedidas pelos tachygraphos do jornal, que as vão enviando á medida que vão revendo as notas tomadas. O empregado que ouve essas transmissões vae-as dictando aos typographos destinados a esse serviço especial. D'este modo o discurso de um deputado ou de um senador pode ser do conhecimento geral uma hora depois de proferido. (*)



& tanto que chegaraõ se deceraõ todos quatro dos cauallos: & se tirarão as capas, ronpetas, & giboins, & assim os desafiados como os padrinhos se inuistiraõ com valor igual, & no primeiro encontro se feriraõ todos, & o Monsiur Baron cahio logo morto com o que se acabou a pendencia. O Conde de Bocoi veio muito mal ferido & temesse que morra.

Nouas de fora do Reino.

POR via de Olanda foy a França hũa carta de hũ Portugues, que assiste nas Indias de Castella, & de França veio a esta cidade, a qual diz que he partida á frota cõ algumas naos de guerra, mas que estauão os castelhanos temerosos de que lhe saissem ao encontro os enimigos de Espanha, por quanto hauia noua que Pè de pao General da armada de Olanda saira de Pernaõbuco em companhia de huma esquadra de Portuguezes, que andaua nos mares do Brasil, & se fora na volta da Bermuda.

A armada Real de Castella anda diuidida em duas esquadras huma no cabo de São Vicente, otra na barra de Cadis esperando a frota. He general o Duque de Maqueda.

Em Madrid a pertaõ com os Portuguezes, & estam presos alguns por se quererem vir para Portugal.

O Bispo de Lamego, que foy por Embaixador ao Summo Pontifice, dizem que ficaua junto a Marcelha, para da lli passar a Roma.

O Principe de Conde esta sobre Perpinham, & o tẽ posto em taõ grande aperto que dizem que sem duui-

A 1 da

(GAZETA DE 1641)
(Fac-simile da 7.ª pagina do n.º 1)

(*) Recentemente, segundo li nos jornaes estrangeiros, o *record* da reportagem foi batido pelo *Evening News*, de Lon-

É proverbial a munificencia com que o *Times* retribue todos os serviços que lhe são prestados pelos redactores, collaboradores e correspondentes. O correspondente em Berlim ganha mil libras por anno, tem casa paga e quinhentas libras para despezas de expediente e de representação. O de Paris, a quem os collegas chamam *o principe dos correspondentes*, recebe duas mil libras por anno, habita uma casa magnifica, tem carruagens e cavallos á sua disposição e recebe ainda mil libras por anno para gastos extraordinarios. É o embaixador d'essa potencia que se chama o *Times;* e ha embaixadores que recebem menos do que esse feliz correspondente.

---

dres, com um discurso pronunciado por Chamberlain em Birminghan, ou seja a 36 leguas de distancia. Dez transmissores do um electrophone, collocados em frente do orador, em Birminghan, estavam ligados a dez receptores installados na sala da redacção do jornal em Londres. A cada apparelho estava um *reporter* encarregado de stenographar as palavras ouvidas. De dois em dois minutos estes *reporters* eram rendidos por outros e iam successivamente passando a limpo as notas, seguindo logo o original para a typographia. D'este modo as machinas linotypicas iam compondo o discurso quasi ao mesmo tempo que elle era pronunciado.

Chamberlain começou a fallar ás 8 horas e 10 minutos da noite em Birminghan, e o seu discurso começou a ser composto, a 36 leguas de distancia, ás 8 horas e 22 minutos. Acabou de fallar depois das 10 horas e ás 10 e meia era já apregoada pelas ruas de Londres uma edição especial do *Evening News* reproduzindo, na integra, o discurso que menos de meia hora antes acabára de ser proferido a tão larga distancia!

Assim succedia com Blowitz, fallecido ha poucos mezes no desempenho d'aquelle elevado cargo, que bem póde chamar-se diplomatico pela astucia de que precisa estar armado quem o exerce e pela finura e habilidade de que é necessario saber e poder dispor, para bem servir a curiosidade dos seus leitores, bem cumprir as incumbencias do director do jornal e bem representar os interesses do seu paiz, coisa que um inglez nunca esquece. Mister Blowitz foi, durante trinta annos, o corespondente do *Times* com residencia na capital da França. Em todo esse largo periodo de tempo teve milhares de occasiões em que soube e poude affirmar a sua competencia e a sua sagacidade. Alguns factos, ao acaso, provam esta asserção, que nada tem de phantasiosa.

Uma noite, no tempo da presidencia de Thiers, recebia este, no Elyseu, um limitado numero de convidados e entre estes achava-se o *embaixador* do *Times*. O ministro da Russia, n'um dado momento, entrou em conversação com o Chefe do Estado; e a animação das suas palavras, o movimentado dos seus géstos e a expressão de contrariedade do semblante do seu interlocutor, foram logo notadas por Blowitz. Quando este se dispunha a retirar-se, Thiers, que não deixara de notar quanta curiosidade despertára no jornalista inglez a sua conversa com o enviado russo, chamou-o e disse-lhe que aquelle diplomata o felicitára pela disciplina que o presidente introduzira no partido republicano, assegurando-lhe que a Europa estava muito bem impressionada com esse facto.

Blowitz fingiu-se satisfeito com a explicação mas pensou de si para si que não estava ella em harmonia com a attitude que presenceára nos dois interlocutores. Resolveu desde logo não dar á publicidade a communicação do presidente, sem se certificar da sua verosimilhança. No dia seguinte encontrando, á porta do Elyseu, o perfeito de um dos mais importantes departamentos, rabiscando n'um papel, disse-lhe, entre sorridente e interrogativo: «Cuidado meu amigo. Está-se arriscando a ser preso, se a policia imaginar que está levantando uma planta para facilitar o exito de alguma conspiração.»

— «Singular fiasco para a policia se tal imaginasse,— respondeu o perfeito. Estou registando apenas, para que me não esqueçam, as palavras que acaba de dizer-me Mr. Thiérs. Fui achal-o indignado, e com rasão, porque o embaixador da Russia se exprimiu hontem, com certa vehemencia, contra o

da ſe lhe entregara.

Monſiur de la Motta anda cõ hũ exercito poderoſiſſimo à viſta de Aragaõ, & tem ſaqueado alguns lugares.

De Genoua, & de Veneza ſe diz que foy la bem recebida a deliberação da nobreza de Portugal: & que ſe reſolue que não ſe dará ſocorro contra el Rey Dom Felippe mas que ſerá admitido o Embaixador del Rey Dom Joaõ o quarto.

A armada do Biſpo de Bordeus ſe reforma, & ſe preſume que vem outra vez ſobre Tarragona.

O Papa leuanta gente na terra da Igreja, não ſe ſabe para que.

El Rey de Inglaterra faz grandes leuas em ſeus Reynos, & dizem que quer teſtamear o Palatinado.

Por peſſoa, que veio de Cadiz, & por carta de Caſtro Marinho, ſe ſoube que a Armada de Olanda fizera grandiſſimo deſtroço na armada de Caſtella, & que ſe recolheta cõm dous galeoens perdidos, & muitos ſem meſtres, & paſſados das balas, & grandiſſimo numero de gente morta

(GAZETA DE 1641)

(Fac-simile da 8.ª pagina do n.º 1)

ultimo discurso pronunciado por Gambetta, que na sua opinião vae inquietar a Europa monarchica. Eis o que eu estou anotando e o que o meu amigo devia levar ao conhecimento publico para interesse de todos.» Blowitz, felicitando-se por não ter acreditado na explicação presidencial da vespera, poude assim mandar para o seu jornal a noticia exacta do assumpto que motivára a conversa entre o presidente e o ministro russo. O telegramma produziu uma sensação enorme durante muitos dias.

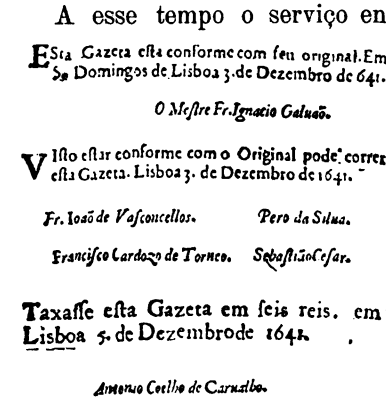
Nunca perdendo da ideia a noção do tempo, conseguiu uma noite, em seguida a um jantar official offerecido ao Shah da Persia, em 1878, saltar o muro da residencia de Versailles e tomar d'esse modo uma longa dianteira para a expedição dos telegrammas, emquanto os outros correspondentes saboreavam o bello *moka* e os legitimos *havanos* do fim do banquete.

Em 1872 fora a Paris o redactor em chefe do *Times,* Mr. Deane, famoso luminar do jornalismo inglez. Blowitz acompanhou-o sempre. Uma tarde foram a Versailles assistir a uma sessão da Assembleia Nacional. N'essa tarde, em meio de extraordinaria agitação, Thiers pronunciou um discurso-programma sensacional.

A' noite Deane devia tomar o expresso para Londres. Estava-se no fim de Abril. Antes de se retirar, mas já no caminho para a estação Deane disse a Blowitz que era lamentavel a má organisação das coisas, que não permittia que o *Times* reproduzisse no dia

seguinte o famoso discurso que ambos tinham ouvido n'essa tarde.

A esse tempo o serviço entre Paris e Versailles funccionava de modo incompleto e a resenha dos debates parlamentares só apparecia no jornal *Le Soir*, mas a taes horas que não podia ser aproveitada pelos correspondentes.



ESta Gazeta eſta conforme com ſeu original. Em S. Domingos de Lisboa 3. de Dezembro de 641.

O Meſtre Fr. Ignacio Caluão.

VIſto eſtar conforme com o Original pode correr eſta Gazeta. Lisboa 3. de Dezembro de 1641.

Fr. Ioão de Vaſconcellos. *Pero da Silua.*

Franciſco Cardoſo de Torneo. *Sebaſtião Ceſar.*

Taxaſſe eſta Gazeta em ſeis reis. em Lisboa 5. de Dezembro de 1641.

Antonio Coelho de Carualho.

(GAZETA DE 1641)
(Fac-simile da pagina das licenças e taxa do n.º 1)

Uma ideia atravessou o cerebro de Blowitz. O chefe da redação do *Times* tomou o seu logar no expresso e Blowitz, regressando apressadamente a casa e usando de uma faculdade que lhe era peculiar, concentrou todo o seu esforço, conseguindo reanimar as palavras e as sensações que mais fortemente o haviam impressionado e poude reconstituir quasi na integra o discurso que tanto enthusiasmára a camara. Transmittiu-o, acto continuo, pelo telegrapho e no dia seguinte, quando Mr. Deane pegou no seu *Times* encontrou duas columnas e meia com o extracto fiel da oração famosa que ouvira na vespera em Versailles.

Um *tour de force* d'esta ordem causou profunda impressão no alto pessoal do grande jornal inglez. Como não era facil renovar-se continuamente o pro-

digio, foi então decidida a creação de um fio directo e privativo do *Times,* fio que começou a ser utilisado em Março de 1874, entre Paris e Londres.

O seu maior e mais assignalado triumpho foi em 1878, fazendo publicar no *Times,* na propria manhã do dia em que devia assignar-se o tratado de Berlim, o texto completo d'esse importante documento. Encarregado de fazer a *reportage* do congresso, Blowitz partiu para Berlim. A sessão inangural foi a 13 de Junho. Os jornalistas não eram admittidos na salla das deliberações e tinham sido prevenidos de que Bismarck recommendára aos plenipotenciarios reserva absoluta sobre tudo quanto se discutisse e approvasse. Blowitz não desesperou mesmo assim. Estava hospedado em companhia de um diplomata que havia sido enviado a Berlim para auxiliar os trabalhos que o Congresso impunha a um dos seus membros. Este diplomata era atrozmente vigiado. Sabia muitas coisas, mas nada podia communicar sem se comprometter. O acaso fez com que Blowitz achasse o meio que procurava impacientemente. Uma manhã o diplomata em questão sahiu, em seguida ao almoço, mas voltou d'ahi a pouco para trocar o chapeu. Havia levado, por engano, o do correspondente do *Times,* que era perfeitamente egual. Blowitz, recebendo as desculpas do diplomata, pediu-lhe dois minutos de attenção e disse-lhe que estava descoberto o meio preciso de o fazer sabedor de tudo sem se comprometter. E estava.

Todos os dias elle collocaria as suas notas no forro do chapeu, que se trocaria sempre ao sahirem da

meza de jantar. Assim ficou assente e assim se fez até ao dia 3 de julho. Blowitz ia sendo informado de tudo e, com a sua astucia, fazendo crer a outros que tudo sabia, sem que elles soubessem como, ia arrancando novas informações complementares. Um dia, por este processo conseguiu reproduzir quasi na integra, um discurso do principe Gortschakof.

A 22 de junho publicou o *Times* o accordo entre a Inglaterra e a Russia acerca da questão da fronteira da Bulgaria. A maioria dos plenipotenciarios ainda não tinha conhecimento do facto, que só lhes devia ser communicado na sessão da tarde. O chanceller, ao receber de Londres um despacho que lhe annunciava ter o *Times* publicado o texto da convenção, ficou deveras pasmado; e tendo recusado semgre receber Blowitz, convidou-o para jantar no dia 2 de julho. Jantar familiar, sem cerimonias, mas Blowitz noticiou tudo quanto lá se passou e muita cousa que logrou saber.

Blowitz, para bem desempenhar o seu papel precisava trez coisas: — obter o texto do tratado; obtel-o em primeira mão; e conseguir transmitil-o telegraphicamente. Com as notas que tinha recebido por intermedio do chapeu e com outras que apanhou a um congressista pouco discreto, teve o texto completo em seu poder no dia 12 de julho. O Congresso terminava no dia seguinte, que era um sabbado. Era preciso publicar o tratado no proprio dia do encerramento das sessões, porque o *Times* não sahia ao domingo. D'ahi a absoluta necessidade de telegraphar

na noite de 12. Nenhuma estação allemã transmittiria o tratado sem o subjeitar á censura. Telegraphar em cifra, podia dar logar a troca de numeros e o texto sahir errado. De que se havia de lembrar aquelle extraordinario correspondente? Foi procurar o ministro da Belgica em Berlim, disse-lhe que o *Times* queria montar um serviço telegraphico-nocturno entre Bruxellas e Londres, mas que necessitava fazer experiencias. Pediu-lhe uma carta para o director dos telegraphos de Bruxellas, solicitando d'esse funccionario que fizesse expedir para Londres, fôsse a que hora fôsse, os maiores despachos que lhe apresentassem com o endereço do *Times;* e logo que teve em seu poder essa carta, foi procurar o principe de Bismarch, em quem não convinha despertar suspeitas. Pediu ao chanceller o texto do tratado, mas Bismarch recusou-lh'o sem perceber o estratagema e mal pensando sequer que Blowitz já o tinha no bolso. Por muito favor o principe garantiu-lhe que no mesmo dia em que esse texto fosse fornecido á imprensa de Berlim, elle o receberia tambem.

Fingindo-se arreliado, Blowitz contou aos collegas que visto não poder conseguir o tratado antes dos jornaes de Berlim, nada tinha já a fazer ali e se retirava para Ostende. Comprou effectivamente bilhete para Ostende, despediu-se de todos os camaradas, que o troçavam pelo insuccesso e... o comboio partiu. O secretario de Blowitz, suppondo o fiasco verdadeiro, ia devéras arreliado. Logo que o comboio sahiu da

estação de Berlim, Blowitz disse-lhe: «Sente-se e escreva o que eu vou ditar-lhe.»

E ditou-lhe, de olhos fechados, por um d'esses esforços de memoria de que era capaz, todo o preambulo do tratado, que o ministro da França lhe havia lido, na occasião da sua despedida. Era apenas o que lhe faltava, por que o texto já elle tinha todo escripto. O tratado de Berlim estava, pois, na integra, em poder do correspondente do grande jornal inglez.

O secretario de Blowitz, por sua ordem, deixou o comboio na primeira estação de paragem, tomou o da linha de Bruxellas, foi direito ao telegrapho logo que ali chegou, e mostrando a carta do ministro da Belgica em Berlim fez transmittir para Londres o importante documento.

No dia 13 de Julho, á mesma hora em que os plenipotenciarios assignavam o tratado, um telegramma de Londres participava ao congresso que o *Times* inseria o preambulo do mesmo tratado e os seus 64 artigos, com a respectiva traducção em inglez. Bismark ficou furioso mas Blowitz affirmára a sua superioridade sobre todos os collegas, mostrando como até das proprias reservas diplomaticas sabia triumphar!

Como *intervieuer*, Blowitz não conhecia difficuldades. Antes de interrogar qualquer personagem, penetrava-se bem do assumpto sobre que devia versar a entrevista. Preparava as perguntas, calculava as respostas e os possiveis subterfugios dos interpellados, media bem o que devia fazer; e o que é certo é que rarissimas vezes se enganou no que previa.

Ninguem soube ainda extrahir de qualquer interlucutor, por maior que fosse a sua reserva ou a sua desconfiança, tudo quanto podia interessar, mais ou menos, aos leitores do seu jornal; e logo que havia conseguido saber o que precisava, ninguem melhor do que elle sabia tambem dissimular a satisfação da vontade realisada e evitar que o impedissem de tirar do que soubera todo o partido possivel.

«Sempre que logrem apanhar uma indiscreção ou uma informação,—dizia elle aos novatos no mister,—mudem logo de assumpto, mas não se despeçam bruscamente, porque o interrogado pode reflectir no que disse de importante e pedir-lhes que não façam uso das suas palavras. Terão assim uma informação perdida e por forma mais irritante do que se nada tivessem ouvido.»

Não se pode dizer que guardasse só para si o segredo dos seus triumphos.

Homens como este, que ponham todas as suas faculdades — e que as tenham — ao serviço do jornalismo, são raros. Raros são tambem os jornaes que, como o *Times*, possam arcar com as enormes despezas que demanda, para ser completo, o serviço de informação, quando confiado a profissionaes .e não a adventicios sem a necessaria educação e comprehensão.

O *Times* não admitte, desde a sua fundação, collaboradores gratuitos. Em 1814, anno em que inaugurou as suas machinas de impressão a vapor, mandou um cheque de duzentas libras, por 12 artigos

ácerca de negocios municipaes, a um collaborador, rico, que não queria remuneração alguma pelo seu trabalho.

«Meu caro senhor,—escrevia-lhe o administrador do *Times*, na carta em que lhe remettia o cheque,—este jornal não publica uma unica linha sem a pagar.»

No mesmo anno, o mesmo administrador enviou a um litterato famoso, um cheque de trinta libras por um simples artigo de tres columnas.

Occorrerá a todos inquirir de onde tira o *Times* o dinheiro indispensavel para tão largas e principescas despezas, como sejam as citadas, os telegrammas que insere diariamente de todas as partes do mundo, os artigos pagos a 10, 20 e 30 libras, os ordenados de uma redacção composta de litteratos, politicos famosos, notabilissimos *reporters* e escrupulosos traductores, sabido como é que não recebe subsidio algum, sendo n'este ponto completamente independente!

O segredo está desvendado. E' que o *Times*, como a generalidade dos jornaes inglezes e norte-americanos, dá por uma insignificancia a parte que pode chamar-se intellectual, mas faz pagar por bom preço a parte destinada ao negocio ou a interesses meramente particulares. (*) Imagine-se que as paginas do *Times*

(*) O annuncio é, no *Times* e nos restantes jornaes londrinos, mantido dentro dos limites, mais ou menos largos, das secções respectivas, não invadindo a parte destinada ao noticiario, que é completamente e escrupulosamente reservada ao serviço de informação. Entre nós o annuncio invade já todas as

medem sessenta e dois centimetros de altura por quarenta e sete de largura, que cada pagina tem seis columnas, variando o numero d'aquellas de doze, a dezeseis, vinte, vinte e quatro ou mesmo vinte e seis, se insere a *extra sheet* ou folha supplementar; e que nas columnas destinadas a annuncios tudo está sujeito a uma tarifa elevada. (Os annuncios mais baratos, referentes a nascimentos, casamentos e obitos, enviados pelas pessoas interessadas, custam seis *shellings* até 6 linhas.)

Com essas noticias, muitas das quaes em Portugal se publicam de graça e algumas até se vão pedir por favor, é que abre o jornal. Tenho presente um numero ordinario do *Times*, que insere, na sua primeira columna, oitenta d'essas noticias, pagas como annuncios, que a seis *shillings* cada uma, dão quatrocentos e oitenta *shillings*, ou seja, com o cambio ao par, cento e oito mil reis da nossa moéda. Calcule-se o que renderiam, só n'esse dia, mais 25 colu-

---

paginas do jornal, o que o torna, pelo menos, inesthetico e fez dizer, com rasão, a um critico d'uma das principaes folhas portuenses que «o jornal n'estas condições, todo mosqueado d'informes commerciaes, todo remendado de recommendações interesseiras, toma o aspecto lastimoso d'uma capa de pedinte, sem plano, sem ligação, sem unidade, sem nobreza e sem esthetica», e que «a continuar assim tal systema de compôr jornaes, dentro em pouco tempo se trocarão as funcções materiaes da imprensa jornalistica, passando a predominar o annuncio, que era a excepção, e sendo excepcional o texto noticioso o critico, que era a regra.»

mnas de annuncios que o *Times* publicou! Ha numeros do *Times* que trazem setenta e cinco a oitenta columnas de annuncios. Está calculado que o lucro produzido pelos annuncios do grande jornal londrino é, annualmente, de cerca de mil contos de reis.

Durante a febre de negocios de caminhos de ferro, que agitou a Inglaterra, em 1845, o *Times* realisava um lucro diario de seis mil libras approximadamente. Só no balanço de 1870 apresentou um saldo de um milhão e trinta e seis mil libras.

Addicione-se a estas verbas a importancia da venda e assignaturas, que é consideravel, porque o *Times* mantém o mesmo preço fixado na data da sua fundação, tres *pence* (cerca de 60 reis da nossa moéda) e poderá fazer-se uma ideia approximada das enormes receitas que cobra, para fazer face á largueza das quantias que dispende.

Para corresponder á confiança que o publico lhe dispensa, o *Times* não hesita em realisar tudo quanto possa ser do interesse ou do agrado dos leitores. Foi elle o primeiro jornal que enviou correspondentes especiaes aos campos de batalha, assistindo um dos seus á guerra da Criméa.

O effeito que então produziu a primeira correspondencia de Mister Russel ao ser conhecida em Londres, foi verdadeiramente grandioso por ser, como innovação, inteiramente inesperada.

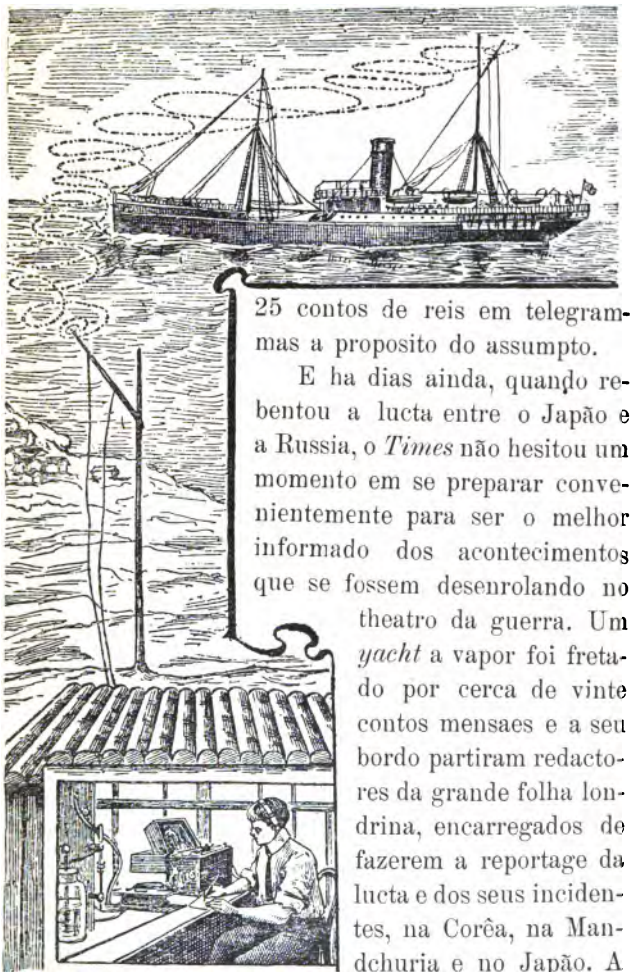
Calcule-se o successo causado ali, quando o *Times* e o *Daily Telegraph,* que havia seguido aquelle, deram, n'uma manhã, a sensacional noticia da tomada

de Sebastopol, n'um telegramma dos seus correspondentes! Successo foi esse que abriu os olhos aos proprietarios dos outros jornaes acerca do serviço telegraphico e serviu de ponto de partida para o desenvolvimento que depois adquiriu na imprensa.

O systema da correspondencia militar tem feito muitos progressos, especialmente na rapidez da transmissão. Cita-se este exemplo: a batalha em que Baker-Pachá foi derrotado deu-se n'um dia 4, e na tarde seguinte era conhecido já este resultado em Londres. No dia immediato, pela manhã, publicavam os periodicos inglezes columnas cheias de pormenores da derrota. Os proprios correspondentes entraram em fogo e depois transmittiram as mais completas informações aos seus jornaes.

Quando, ha annos, se deu uma erupção vulcanica aterradora, em Nova Zelandia, o *Times* telegraphou á empreza do principal periodico de Auckland auctorisando-a a gastar até 40 contos com a informação telegraphica do acontecimento. Foi, com effeito, o *Times* o que mais interessantes detalhes publicou da catastrophe. Algumas vezes tem ficado vencido, mas são raras.

Quando se deu o assassinio do presidente Garfield, em 1881, o correspondente do *Standard,* telegraphou-lhe, pouco depois do attentado, nada menos de seis columnas de original, importando a transmsisão em cerca de 5 contos de reis. Como Garfield viveu ainda algumas semanas depois do dia em que Guiteau o feriu, calcula-se que só aquelle jornal gastou de 20 a



O serviço telegraphico do «Times» na guerra russo-japoneza

25 contos de reis em telegrammas a proposito do assumpto.

E ha dias ainda, quando rebentou a lucta entre o Japão e a Russia, o *Times* não hesitou um momento em se preparar convenientemente para ser o melhor informado dos acontecimentos que se fossem desenrolando no theatro da guerra. Um *yacht* a vapor foi fretado por cerca de vinte contos mensaes e a seu bordo partiram redactores da grande folha londrina, encarregados de fazerem a reportage da lucta e dos seus incidentes, na Corêa, na Mandchuria e no Japão. A bordo do *yacht* foi ins-

tallada uma estação telegraphica sem fios, (systema Forest), em correspondencia com outra que se installou n'uma casinhola do porto de Wei-Hai-Wei.

Um redactor do *Times* recebe a bordo os despachos dos seus collegas e transmitte-os para Londres pelas linhas submarinas da Eastern Company, sem que os telegrammas possam ser mutilados pela censura japoneza, contendo assim a verdade dos acontecimentos. (*) O primeiro telegramma enviado por esse redactor para Londres custou a *bagatella* de 3 contos de reis, mas o *Times* bateu n'esse dia o *record* da informação e foi, de todos os jornaes da capital ingleza o

---

(*) O *Daily Express*, explicando ha pouco aos seus leitores como chegam a Londres as noticias do Extremo-Oriente, dizia que ellas atravessam uma distancia de 12.481 milhas. A corrente electrica posta em movimento em Nagasaki (Japão) immediatamente mergulha no mar e encontra a terra na China, perto de Shangae (476 milhas). D'aqui, costeando o sul, chega até Hongkong (945 m.), d'onde torna a metter-se nas aguas para alcançar Saigon no Annam (951 m.). De Saigon sulca o mar para entrar em Singapura (626 m.), podendo ir tambem por via Labuan, no Borneo (1.971 m.). Pelo estreito de Malaca passa a Pennang (398 m.), d'onde depois d'um longo percurso pelo mar de Bengala, cruzando as ilhas Nicobar, attinge Madrasta e de aqui, atravessando os desertos do Deccan, chega a Bombaim. A intrepida e invisivel viajante não para aqui; mas, lançando-se novamente á agua, atravessa o vasto mar arabico até Aden (1.850 m.), cruza o ardente mar Vermelho, e apanha a terra na Alexandria (1.584 m.). D'aqui viaja pelo Mediterraneo para Malta, d'onde segue a Lisboa e por fim alcança Londres (3.205 m.).

Cada palavra, que tem percorrido a enorme distancia de

que mais emocionou e melhor serviu os seus leitores. Logo que o successo constou, os exemplares do jornal e dos supplementos que se seguiram, eram arrebatados das mãos dos vendedores e o *Times* conseguiu d'este modo o maior exito conhecido na imprensa europeia, demonstrando a sua poderosa empreza que não lhe faltam recursos nem coragem para, em todas as occasiões, trazer os seus leitores a par dos successos que se vão desenrolando na grande scena do mundo.

Os outros jornaes inglezes de reputação feita, foram, como sempre, no encalço do *Times* e enviaram para o Extremo Oriente um verdadeiro exercito de

---

12.481 milhas, custa para a imprensa a bagatella de rupias 1:07:00 e, sendo a mensagem privada, o custo de cada palavra é de rupias 4:04:00 e 3:10:00 por via Russia.

Para seguir esta via os despachos passam de Nagasaki para a linha da Grande Companhia do Norte (dinamarqueza) que chega até Shanghae ou Vladivostok. De Vladivostok a linha desta companhia acompanha a rêde ferro viaria através da Siberia gelada até Libau, no Baltico. Mas poucos despachos seguem esta via, não obstante a promessa da Russia de não os embaraçar.

Em Shanghae começa a linha da Companhia Oriental, que vae até Bombaim, onde communica com a linha indo-europea que atravessando Bushire, Teheran, Tiflis, Odessa e Varsovia em Berlim, chega a Londres.

Agora uma curiosidade: Um despacho expedido do Japão ás 2 h. 5′ p. m. foi recebido em Londres á 1 p. m. do mesmo dia, isto é, uma hora e cinco minutos antes de ter sido expedido! Isto tem a sua explicação no facto de o meridiano do Japão ter um avanço de 9 horas sobre o de Londres. O despacho gastou, pois, 7 h. e 55′ no seu trajecto.

redactores e correspondentes, tratando de montar tambem o seu serviço telegraphico, com mais ou menos presteza e com mais ou menos dificuldades, mas o patriarcha da imprensa londrina ainda uma vez se avantajára a todos os concorrentes. (*)

Quando o *Times* iniciou o systema de enviar correspondentes especiaes para os campos de batalha, logo se aproveitaram da innovação, o *Daily Telegraph,* como já referi, o *Daily News* e, após estes, os restantes jornaes londrinos de importancia. E' um facto conhecido em todo o jornalismo o de ter o correspondente do *Daily News* na Servia, na Turquia e sobretudo na guerra da Zululandia praticado mesmo verdadeiras façanhas para bem informar o seu jornal, dando da sua competencia profissional as mais decisivas e brilhantes provas.

Entre todas, a sua carreira a cavallo, desde Helundi até á primeira estação telegraphica, ficou celebre. Unicamente pelo seu telegramma soube o governo da derrota de Cettivayo. Percorreu 100 milhas a todo o galope e mais 600 com a maior velocidade possivel, para levar a Fleet Street a importante narrativa. Depois tornou novamente a partir para o seu logar no acampamento. Dotado de grande talento,

---

(*) Na eventualidade d'uma grande batalha, pode-se assegurar que ao menos 7 dos jornaes de Londres receberão telegrammas no valor minimo de 100 libras cada um, o que vem a dar 700 libras para todos e isto pelas noticias apenas de uma semana.

de grande resistencia e de grande força de vontade, tinha sobre tudo a arte de estar infallivelmente onde lhe fôsse preciso estar; de permanecer 48 horas de pé, sem sombra de cansaço; de escrever sobre o arção da sella um artigo ou uma noticia de trez columnas, que era sempre uma obra prima; de correr a toda a brida, arrebentando quantos cavallos fossem necessarios para se certificar de que a noticia sensacional fôra expedida a tempo de ser utilisada com vantagem sobre as dos outros collegas.

Em sua casa tinha Archibald Forbes, — tal era o seu nome — tudo preparado, para as mais longas como para as mais curtas viagens — armamento, roupas, passaportes, cartas de credito, bolsas com dinheiro em ouro, n'uma palavra — tudo quanto lhe podia ser preciso n'um dado momento. Uma simples ordem transmittida pelo telephone do director do jornal, e dois minutos depois já elle estava em viagem para Zanzibar, para a India, para a Russia, emfim para toda a parte onde os seus serviços e a sua muita competencia fossem neccessarios.

Além de Fórbes e de Russel, um outro correspondente famoso foi Crawford. Quando em 1870 se deu a batalha de Sédan, em que o exercito francez capitulou, Crawford conseguiu chegar a cavallo á Belgica, onde fretou um comboio expresso que o conduziu a Ostende. N'este porto estava um navio aguardando as suas ordens, por conta da empreza do *Daily News*. Munido dos seus apontamentos e de varias cartas de Fórbes, elle proprio levou á redacção do

seu jornal a narrativa circumstanciada d'aquella famosa batalha, narrativa que, como é natural suppor-se, causou em Londres enorme impressão.

Já em 1848, por não se achar em estado de funccionar o telegrapho entre Paris e Londres, um *reporter* inglez sahira de Paris a cavallo em direcção a Calais; e, uma vez n'esse porto, saltou para uma barca ordinaria e atravessou a Mancha sob um temporal medonho, indo levar, em mão propria, ao *Times* as primeiras noticias da revolução que rebentára em França.

Isso era ainda a infancia da arte, por assim dizer. De então para cá quantas inovações feitas e quantas proezas praticadas! (*)

O primeiro jornal barato, custando uma moéda equivalente aos nossos 10 reis, que appareceu em

---

(*) Ainda a proposito da Guerra entre a Russia e o Japão contou-se ha pouco na imprensa a seguinte aventura succedida ao correspondente do *Daily Mail*, cuja empreza fretára tambem um vapor para cruzar no mar amarello, emquanto durarem as operações. Esse correspondente, de nome Brindle, estando em Chefú, pensou aproveitar aquelle vapor para ir a Port-Arthur, afim de entrevistar o almirante Makaroff Se bem o pensou melhor o fez. O vapor largou de Chefú no dia 25 de Março, cruzou do Sul ao Norte o golfo de Petchili e apresentou-se á vista da esquadra russa.

A dez milhas de distancia e quando se avistavam perfeitamente os primeiros fortes, sahiram do canal do porto dois *destroyers* que a toda a força, um por Este e outro por Oeste, se dirigiram ao encontro do ouzado visitante. Este continuou avançando, e ao chegar a oito milhas do pharol, um dos *dês-*

Londres foi o *Daily Mail,* fundado por M. Alfred Harmsworth, que tira hoje cerca de um milhão de exemplares por dia. Seguiu-se-lhe o *Daily Express,* fundado por M. C. Arthur Pearson.

Não deixa de ser curiosa a historia da fundação d'estes dois jornaes, considerados como sendo dos mais importantes orgãos da imprensa ingleza.

Em 1880, Mr. Newnes encetou em Londres a publicação de uma revista semanal intitulada *Tit-Bits,* que ainda hoje existe prospera e feliz. As suas paginas eram, e são, cheias de anecdotas engraçadas, curiosidades scientificas, biographias de homens celebres, contos, poesias e dois ou trez folhetins de sensação. Foi o primeiro jornal que teve a feliz ideia de associar a curiosidade do leitor aos sentimentos utilitarios da humanidade. Desde o seu primeiro numero

---

troyers a cem metros de distancia, enviou-lhe um tiro só de polvora, como a interrogar o intruso.

Perante tão *amavel* aviso o vapor parou e o commandante ordenou-lhe que o seguisse ao porto como prisioneiro, mas Ernest Brindle disse quem era e qual a sua intenção. Então um official e alguns marinheiros russos foram reconhecer o navio, revistando-o minuciosamente, examinando todos os papeis, interrogando os tripulantes e até puxando pelos rabichos aos que eram chins, afim de certificar-se de que não eram japonezes disfarçados.

Convencidos de que não havia contrabando de especie alguma, os russos travaram conversação com o reporter ingloz, manifestando-se anciosos por noticias. Ernest Brindle então offereceu-lhes algumas photographias do *Variag* e do *Koreitz* tomadas immediatamente após o combate de Chemulpo, que o

concedeu um seguro de 100 libras aos legitimos herdeiros das pessoas que morressem victimadas por desastres em linhas ferreas e em cujas vestes fosse encontrado o ultimo numero do *Tit-Bits*. Cumpriu até agora, com a pontualidade e a seriedade britanicas, a sua promessa. Tenho presente o numero de 22 de Agosto ultimo. Até esse numero a empreza do *Tit-Bits* havia pago aquelles seguros na importancia de 14:600 libras esterlinas. Comprehende-se que toda a gente na Inglaterra ande com o ultimo numero do *Tit-Bits* no bolso sempre que tenha de viajar em caminhos de ferro; e como quem se acostuma a um jornal quer ter a sua collecção, está averiguado que

---

capitão agradeceu em seu nome e no dos seus camaradas russos de Porto-Arthur, que muito desejavam vêl-as.

Brindle fez varias perguntas ácerca da praça, a que o capitão russo respondeu evasivamente.

Os commandantes dos *destroyers* foram muito amaveis com o jornalista mas, apezar da insistencia de Ernest Brindle e de todas as provas de deferencia que lhe deram, recusaram-se a deixal-o passar mais adeante e a ter a ambicionada conferencia com Makaroff.

Se a scena se passasse com Blowitz, talvez este tivesse achado meio de conseguir o seu intento.

Um despacho recente, de Chan-Hai-Kuan annuncia que os chinezes fizeram fogo sobre uma jangada onde se encontravam Ernest Brindle e Lewis Etzel, este ultimo correspondente do *Daily Telegraph*. Etzel ficou mortalmente ferido. Tratava-se, certamente, de uma nova aventura que teve esse tragico desfecho. Mas Etzel morreu ao serviço de um grande jornal e a sua familia não ficará na miseria.

cada pessoa, ou pelo menos um grande numero, compra dois exemplares, sendo um para colleccionar, direito e limpo, e outro para dobrar e trazer comsigo. Assim se explica que o *Tit-Bits* tenha uma tiragem de 600:000 exemplares. O *Tit-Bits* concede o premio de uma libra esterlina por cada erro que os leitores encontrem na composição do jornal. O premio é pago pelo compositor responsavel.

O fundador d'esta curiosa e interessante revista adquiriu com ella enorme fortuna; é *baronet*, membro do parlamento e proprietario da *Westminster Gazette*, orgão politico de certa importancia.

Do *Tit-Bits* sahiram os Snrs. Harmsworth, actual proprietario do *Daily Mail* e Pearson, actual proprietario do *Daily Express*. Ambos cooperaram com Mr. Newnes na sua revista, como redactores. Quando tinham junto um pequeno capital, desligaram-se do *Tit-Bits* e fundaram, respectivamente, duas revistas similares, o *Answers* e o *Pearson's Weehly*, que ambas alcançaram tanto exito como a primeira, seguindo-lhe os exemplos.

O seguro que pagam ás victimas de accidentes nas linhas ferreas, nas mesmas condicções do *Tit-Bits*, é que varía. Assim o *Answers* paga 1000 libras e o *Pearson's* 2000. Tenho na minha collecção um numero de cada um d'esses jornaes — *Answers* de 22 de Agosto e *Pearson's* de 27 do mesmo mez. Este ultimo estampa o *fac-simile* do recibo passado pela viuva de Mr. George Darroch, pela quantia de 2000 libras, seguro de vida de seu marido que morrera

*

victima de um desastre succedido a 27 de Julho, em S.t Enoch Station, Glasgow.

O *Answers* tem pago, nos 15 annos que conta de existencia, 7:600 libras esterlinas de seguros de vidas; e o *Pearson's,* nos seus 13 annos tem pago tambem uma consideravel somma. Este estende o seguro, de 100 libras apenas, aos desastres dos cyclistas, que tenham datado e assignado o numero do jornal antes de emprehenderem a viagem de que resultasse o desastre; e desde que a involuntariedade d'este esteja sufficientemente comprovada.

Nos desastres de linhas ferreas, a pessoa que tiver comsigo um exemplar de cada um dos ultimos numeros d'estas revistas, tem a certeza de que, se morrer, deixa á familia nada menos de 3:100 libras. Todas trez se vendem, pois, em quantidades extraordinarias. A fortuna do proprietario do *Answers* era ha poucos annos computada já n'um milhão de libras, regulando pelo mesmo o computo da de Pearson. Cada um fundou, logo que se viu rico, o seu jornal diario e assim appareceram a *Daily Mail* e o *Daily Express,* que tambem dão fabulosos lucros.

Não deixarei de referir-me aos recursos empregados pelos ex-redactores do *Tit-Bits* para conseguirem tão lisonjeiro resultado dos seus esforços. Um d'esses recursos consistiu no *missing word competition (concurso da palavra omittida).*

N'um determinado artigo deixava de inserir-se uma palavra, convidando-se os leitores a indicarem a falta e a mandar a palavra acompanhada de um *shil-*

ling. A somma recebida era repartida por todos os que tivessem acertado com a palavra supprimida. Foi tão grande o exito d'esta loteria de novo genero, que a administração do *Pearson's* chegou a distribuir só n'uma semana, 40 mil libras esterlinas. O caso tomou proporções de escandalo, intervieram os tribunaes e o concurso não proseguiu. Mas o reclamo estava feito e longe da sentença prejudicar o jornal, serviu para lhe augmentar a venda.

Outros concursos se fizeram por outras fórmas, todas de grande originalidade. O fim é sempre o mesmo: — excitar o interesse do publico, concedendo importantes sommas pela resolução de problemas pouco difficeis para que os amadores d'esta classe de passatempos não desanimem.

Todas estas revistas, apezar do seu abundantissimo texto e dos premios que distribuem, não custam mais do que um *penny*, cerca de 20 reis! O segredo da sua barateza está no grande mercado que se lhes abre deante pelas enormes tiragens que lhes permitte realisar.

A Inglaterra é um grande paiz, com effeito. Não admira que o seu jornalismo seja grande tambem. Ali, muitas das funcções governamentaes são indirecta ou virtualmente exercidas pela imprensa periodica, o que já fez dizer a um escríptor inglez, que ella absorve o papel antigo reservado ainda pela theoria á camara dos communs. «Apezar de ser dos jornalistas relativamente novos, — escreveu em 1886, Mr. Stead, — tenho visto gabinetes derrubados, ministros destituidos, leis revogadas, iniciadas grandes reformas,

transformados projectos parlamentares, refundidos orçamentos, modificados programmas, instituições adoptadas, generaes e governadores nomeados, exercitos enviados n'esta ou n'aquella direcção, a guerra declarada ou decretada a paz, mercê das folhas periodicas. Havia em acção outros factores, mas a propulsão dominante, a iniciativa original e o espirito dirigente, em todos estes casos, hade achar-se antes no sanctuario editorial dos jornaes, do que em Downing Street.»

Gladstone, o grande estadista inglez, dizia em 1874: — «Cautela com a *Pall Mall Gazette.* Ella deu commigo em terra. Se vos não acautelardes far-vos-ha o mesmo». Esta prevenção era dirigida a um ministro do partido conservador e demonstra bem a importancia de que ali gosa o jornalismo e a influencia do seu enorme poder no reino unido. Pois a *Pall Mall Gazette* é dos mais pequenos jornaes de Londres! Mas os jornaes, como os homens, não se medem aos palmos...

A imprensa ingleza é tambem de grandes, e rasgadas iniciativas. Um só jornal, a *Daily Mail* e um só jornalista, o citado Harmsworth, tentou e levou a cabo, custeando importantes despesas, a famosa expedicção Jackson, ao Polo Arctico!

Mr. Harmsworth, além de proprietario da *Daily Mail,* possue tambem a propriedade do *Daily Minor,* do *Evening News,* da *Saint James Gazette* e de mais quatro periodicos. Associado com Pearson, possue ainda a *Midland Gazette,* a *Daily Gazette* e a *Birminghan,* periodicos provinciaes.

A iniciativa jornalistica mais recente na imprensa

ingleza é a do jornalista William Stead, que creou um diario politico com um programma completamente novo. Chama-se esse jornal *The Daily Paper*.

Imaginou o seu fundador dividir a cidade de Londres em 60 districtos ou áreas de distribuição, calculando 100 mil habitantes para cada uma d'ellas. Alugou em cada districto uma casa para installar um elegante club, onde os leitores do jornal encontrarão, revistas, bibliotheca, salas de conversa e de fumo, bilhar e outros jogos licitos, escriptorios de informações, telephone; emfim todos os confortos, todas as distracções e todas as utilidades.

O *Daily Paper* publica 16 paginas em cada numero e apparece das 11 horas para o meio dia, sendo enviado em maços para todas as sédes das áreas de que já fallei. Ahi a distribuição é feita por um batalhão de cyclistas que, em poucos minutos, fazem chegar os exemplares ás mãos dos assignantes.

Oito dias antes da apparição do primeiro numero, Mister Spead fez percorrer as ruas de Londres nada menos de 100 homens conduzindo vistosos cartazes annunciando o novo jornal.

Ha na Inglaterra diversas associações de jornalistas e entre estas uma exclusiva para damas, por isso que não são poucas as que ali se dedicam a esta profissão.

A Associação das damas jornalistas de Inglaterra é presidida por *lady* Sarah Wilson, filha do duque de Marlborough, casada com o capitão Gordon Wilson.

Na recente guerra do Transwaal exerceu essa

illustre dama o cargo de correspondente de um dos principaes periodicos inglezes e durante um anno fez inserir n'esse jornal interessantes chronicas do theatro da guerra. Foi feita prisioneira dos *boers*, no combate de Mafeking e a esse facto deveu a sua eleição para presidente da sociedade alludida. D'essa aggremiação fazem parte cerca de 100 damas, na sua maior parte directoras de revistas feministas.

A essa sociedade pertencem *Miss* Cartwight, fundadora e directora de uma escola de jornalismo para damas; *Miss* Flora Sharwo *(lady* Lugard), assidua collaboradora do *Times*, desde 1899, occupando-se, com toda a proficiencia, de assumptos coloniaes; *Miss* Billington, redactora do *Daily Telegraph;* e *Miss* Sarah Fooley, afamada *reporter*, que sabe explorar notavelmente a *interview* sensacional, que o publico inglez saboreia sempre com indizivel satisfação.

Em Londres teem sido publicados, impressos em portuguez, os seguintes jornaes de que eu tenho conhecimento: *Mercurio Britanico*, em 1798; *O Investigador Portuguez*, em 1811; *O Espelho Politico e Moral*, em 1813; *Microscopio de Verdades*, em 1814; *Portuguez*, (*) idem; *O Campeão Portuguez*, em 1819;

(*) No primeiro numero do *Portuguez*, publicado a 30 de Abril de 1814, depára-se-nos a seguinte curiosidade historica:

«Para fazer idéa da liberdade da imprensa em Portugal, contaremos uma anedocta que passou por nós: escreviamos em um periodico e em um

O Padre Amaro, ou Sovéla Politica, Historica e Litteraria, em 1820; *O Zurrague Politico das Côrtes Novas,* em 1821; *O Popular,* em 1824; *O Correio Interceptado,* em 1825; *O Cruzeiro,* em 1826; *O Censor,* em 1827; *O Fulminante,* em 1829; *O Paquete de Portugal,* idem; *O Chaveco Liberal* (redigido por Almeida Garrett quando emigrado), idem; *O Correio dos Açores* (redigido pelo mesmo redactor d'*O Padre Amaro*) em 1830; *O Palinuro,* idem; *O Pelourinho,* em 1831; *A Aurora,* idem; *O Precursor,* idem; *Correio dos Portuguezes Emigrados,* idem; *O Innominado,* em 1832; *O Portuguez Constitucional em Londres,* idem; *O Contrabandista,* em 1835; *Trombeta Lusitana,* em 1836; *O Artista,* em 1856; *O Miguelista em Londres,* em 1870; e *Echos e Revistas,* em 1874.

É a Inglaterra o paiz onde teem sahido á luz maior numero de jornaes impressos em portuguez.

---

numero d'elle inserimos um artigo sobre as antigas constituições de Hespanha, principalmente de Aragão; o discurso, ainda que fundado sobre a auctoridade de muitos escriptores, offendeu e escandalisou sobremodo as castas orelhas do ministro, D. M. S. F., que pensou ser mentira quanto se via em o nosso papel sobre as immunidades e direitos do antigo povo da Hespanha, e perguntou muito enfadado a um que alli se achava; *o que este homem aqui diz será verdade ou hé invento de sua cabeça? Senhor,* (lhe tornou o outro) *hé verdade. Pois hé o que lhe vale* (replicou sua ex.). De boa escapamos».

Aquelle ministro ainda entendia que as verdades podiam dizer-se e escrever-se!...

V

O jornalismo em França

O jornal como agente therapeutico — A imprensa da Revolução — Jornaes e jornalistas famosos — Informações curiosas e interessantes.

Uma das nações onde o jornalismo tem adquirido notavel desenvolvimento e realisado mais incontestaveis progressos é a França. Segundo a versão que eu supponho mais auctorisada, teve ella a sua primeira folha periodica, propriamente dita, em 1605. Appareceu em Paris e chamou-se o *Mercurio Francez,* não revestindo desde logo grande importancia, mas vindo a adquiril-a por um modo bastante original, como vae ver-se, dezeseis annos depois, em 1631, quando assumiu a sua direcção o medico Theophraste Renaudot, que muitos historiadores cognominam de «patriarcha do jornalismo francez».

Aquelle medico tinha um feitio muito original, mas éra considerado um homem de genio e ao mesmo tempo um homem de bem. Tendo concebido a ideia

de aproveitar o jornalismo para o utilisar como meio therapeutico, não descançou emquanto não poz em pratica essa ideia.

Assumindo a direcção do jornal, logrou obter, por concessão regia, que lhe ficasse tambem pertencendo a propriedade do mesmo, o que lhe facilitaria a missão que havia imaginado exercer cumulativamente com os encargos da sua profissão especial. O jornal seria distribuido por todos os enfermos de que elle tratasse, procurando distrahil-os, alegral-os e simplificar a cura. Obteve um successo.

O *Mercurio Francez* era semanal, e além das noticias da cidade e da côrte, inseria as principaes informações do estrangeiro e uma secção humoristica destinada a recreio dos doentes do seu director.

Conta-se que Luiz XIII, que então reinava em França, escreveu alguns artigos n'esse jornal, onde tambem collaborou Mazarini. Tinha o periodico nove polegadas de altura por seis de largura e apparecia todos os sabbados. Foi o director do *Mercurio Francez* o creador do *bureau* dos Montepios e o inventor das consultas gratuitas. Ao assumir a direcção do *Mercurio*, Renaudot mudou-lhe o titulo para *Gazeta de França*. Quatro annos depois iniciou a creação dos numeros extraordinarios e dos supplementos ao jornal.

Richelieu obteve para Renaudot *exclusivo perpetuo* de impressão. Auxiliado por dois filhos, o famoso medico conseguiu alongar aquella *perpetuidade* apenas a um quarto de seculo, porque dois annos depois da sua morte e não obstante as reclamações dos filhos, o

monopolio da impressão ía-se abaixo e em 1655, fundava-se o *Journal des Savants (Jornal dos Sabios)*, destinado a difundir os conhecimentos scientificos; apparecendo mais adeante, em 1673, *O Mercurio Galante*, fundado por Doneau.

Seguidamente começou o jornalismo a invadir todos os dominios — commercio, industria, sciencias, bellas artes, economia politica, legislação, philosophia e litteratura e de tal modo realisou a invasão d'esses dominios que obrigou Bayle a escrever, em 1730, nas suas *Noticias da Republica das Lettras:* «O numero das gazetas que se publicam em toda a Europa é prodigioso». Que adjectivo applicaria elle hoje ao desenvolvimento do jornalismo, se fosse vivo?! ..

MERCVRIO
PORTVGVEZ,
COM AS NOVAS
da Guerra entre Portugal,
& Caſtella.
LISBOA
Com todas as licenças neceſſarias.
Na Officina de Henrique Valente de Oliueira,
Impreſſor delRey N. S. Anno 1663.

(MERCURIO DE 1663)
(Fac-simile do frontespicio do n.º 1)

O titulo de *Mercurio* havia *pegado*, porque, além dos que deixo citados e do *Mercurius gallo belgicus*, de Francfort, dos fins do seculo XV, teve tambem a America o seu *Mercurio Hebdomadario*, em Philadel-

phia, em 1719, teve Portugal o seu *Mercurio Portuguez* em 1663, a Hespanha o seu *Mercurio Historico Politico* em 1738 e teve a Inglaterra o seu *Mercurio Inglez* em 1588.

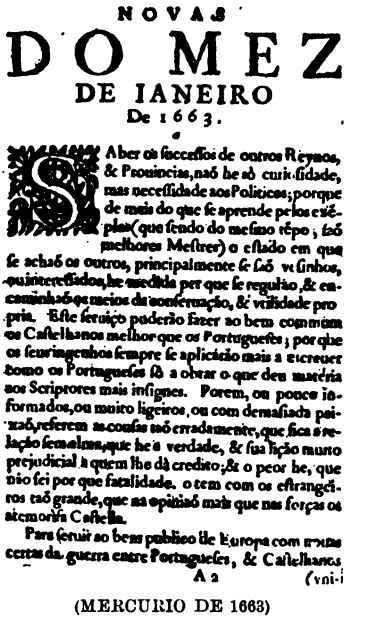
Mas como estou tratando da imprensa jornalistica em França, termino por aqui as referencias aos jornaes que tiveram o titulo de *Mercurio*, visto como terei de alludir a elles no decurso do meu estudo.

A historia da imprensa franceza só começa verdadeiramente na Revolução. Ao reunirem os Estados Geraes surgiram, como que por encanto, innumeros periodicos. Desde maio de 1789 a maio de 1793, ou seja desde a aurora da liberdade á noite do Terror, appareceram em França milhares de jornaes ou de escriptos affectando essa fórma.

Muitos d'esses jornaes eram de annuncios, custeadas as suas despezas pelo partido ou pelo governo que occupava as cadeiras do poder. Podem citar-se, entre outros, o *Chant du Coq* (*Canto do Gallo*), orgão da côrte de Luiz XVI, vindo a proposito lembrar que o titulo fôra bem escolhido, visto que o jornal em questão *cantava de papo feito* e de *poleiro!* No campo opposto, citarei a *Sentinella*, de Louvet, paga pelo ministro Roland, que desejava aviltar a realeza aos olhos do povo. A maior parte d'esses jornaes eram mais propriamente pamphletos politicos, de publicação periodica, como *O Amigo do Povo*, de Marat, *O Orador do Povo*, de Fréron e *O Vieux Cordelier*, de Camillo Desmoulins. Havia semanaes, bi-

semanaes e tri-semanaes, mas todos em fórma de pequenas brochuras, in-12.º ou in 8.º

O *Monitor Universal*, cujo primeiro numero appareceu em 24 de Novembro de 1789, foi o unico a adoptar o formato *infolio*. Os preços das assignaturas eram, em geral, elevadissimos. Mais tarde este jornal foi, por mais de meio seculo, orgão official do governo francez. Foi seu fundador Panckoucke, tambem proprietario do *Mercurio de França*.



NOVAS

DO MEZ

DE IANEIRO

De 1663.

SAber os successos de outros Reynos, & Prouincias, naõ he só curiosidade, mas necessidade aos Politicos; porque de mais do que se aprende pelos exẽplos (que sendo do mesmo tẽpo, saõ melhores Mestres) o estado em que se achaõ os outros, principalmente se saõ vesinhos, ou interessados, he medida per que se regulão, & encaminhaõ os meios da conseruação, & vtilidade propria. Este seruiço puderão fazer ao bem commum os Castelhanos melhor que os Portugueses; por que os seus ingenhos sempre se aplicárão mais a escreuer como os Portugueses sò a obrar o que deu materia aos Scriptores mais insignes. Porem, ou pouco informados, ou muito ligeiros, ou com demasiada paixaõ, referem as cousas taõ erradamente, que fica a relação sem alma, que he a verdade, & sua lição muito prejudicial à quem lhe dà credito; & o peor he, que não sei por que fatalidade. o tem com os estrangeiros taõ grande, que na opiniaõ mais que nas forças os atemorisa Castella.

Para seruir ao bem publico de Europa com noticias certas da guerra entre Portugueses, & Castelhanos

A 2 (vni-

(MERCURIO DE 1663)

(Fac-simile da 1.ª pagina do n.º 1)

Um dos fins a que se propunha o fundador era dar publicidade aos extractos das Assembleias Legislativas, coisa que então offerecia grande difficuldade, por não haver na sala das sessões logar reservado para a imprensa. Era precisa uma memoria privilegiada para fixar os discursos e reproduzil-os depois sem infidelidades de maior vulto.

Um joven litterato, de nome Maret, que veio a ser duque de Bessano, tinha desde as primeiras sessões dos Estados Geraes, em Versalhes, demonstrado que

possuia em alto grau aquella faculdade, apanhando com todo o cuidado os diversos discursos que ia ouvindo e reproduzindo-os em um *Bulletin,* a principio manuscripto, mas logo vulgarisado. Este *Bulletin,* fez tal successo que Panckoucke propoz a Maret inseril-o no *Monitor Universal.* Maret acceitou e, a contar de 2 de Fevereiro de 1790, o *Monitor,* apparecendo em formato desusado até então, tornou-se o registo immenso de todas as vicissitudes e alternativas da politica franceza.

Este jornal distinguiu-se de todas as folhas que a Revolução viu nascer, pela elevação do seu estylo, tornando-se, por assim dizer, o berço da fama e da fortuna de muitos dos homens que por vezes figuraram na scena politica. Depois de Maret, que n'elle se demorou pouco tempo, teve o *Monitor,* durante a revolução, como redactores ou gerentes mais notaveis, Berquin, Méjan e Thuan-Grandville.

Durante a Convenção, o extracto das sesssões teve enorme desenvolvimento n'este jornal. Não era ainda o texto dos discursos, porque não havia a stenographia, mas a substancia d'elles. O systema stenographico foi adoptado pelo *Monitor* só em 1814.

Nenhuma outra folha foi mais fiel á fortuna, seguindo sempre servilmente a opinião dominante. Mas foi este systema que lhe permittiu atravessar as tempestades d'aquella epocha agitada sem ser attingida por ellas.

A secção jornalistica que entre nós se chama *Communicados* e no Brazil *Publicações a pedido,* foi ini-

ciada em França pelo *Jornal de Paris*. Era geralmente dada em supplemento e a redacção do jornal declinava de si toda a responsabilidade de taes publicações. Este ramo de publicidade, que era pago por elevado preço, foi habilmente aproveitado por muitos politicos de engenho e entre outros pelo famoso André Chénier, que se indignava contra todos os excessos que podiam macular a causa do paiz. N'essa secção atacou elle vigorosamente, não só a Communa como o Club dos Jacobinos, não contribuindo em pequena escala esses escriptos para que elle viesse a ser, como é sabido que foi, uma das ultimas victimas do Terror.

Muitos jornaes d'aquelle tempo tiveram influencia nefasta sobre os acontecimentos, incitando a excessos que não podem deixar de considerar-se como deploraveis. Citem-se, entre outros, o *Pere Duchesne*, de Hébet; as *Revoluções de França e de Brabant*, de Desmoulins e o *Amigo do Povo*, de Marat.

Resumindo, para não alongar, como deveria, este trabalho, a imprensa jornalistica da Revolução como todos os actores d'essa tragedia inolvidavel em que era tão difficil guardar as conveniencias, offerece um mixto de bem e de mal. Podem e devem lamentar-se os seus excessos, mas ha de reconhecer-se que serviu em muito a causa da liberdade e que os seus erros não podem obscurecer a influencia decisiva que exerceu na obra regeneradora de 1789.

A realeza vendo apparecer aquella alluvião de jornaes não soube, não poude ou não quiz compre-

hender a ameaça que elles constituiam, dada a exaltação em que se encontravam os animos. O seu orgão, a *Gazeta de França,* conservou-se estranho ao movimento prodigioso que se operáva, não proferindo sequer uma palavra sobre aquelle successso culminante da tomada da Bastilha! Mais tarde, porém, teve a realeza imprensa propria, com alguns orgãos subvencionados para a defenderem e outros defendendo-a por convicção. Chamavam-se os jornaes realistas *L'Ami du Roi* (*O Amigo do Rei*); *Journal de la Cour et de la Ville* (*Jornal da Corte e da Cidade*), que era uma folha satyrica mais conhecida por *Petit Gauthier;* a *Gazeta de Paris,* dirigida por du Rozoy; o *Journal de Louis XVI et de son peuple* (*Jornal de Luiz XVI e do seu povo*); *Actes des Apôtres* (*Actos dos Apostolos*); o *Defenseur des Opprimés* (*Deffensor dos Opprimidos*); o *Journal du Soir* (*Jornal da Tarde*), notavel pela excessiva violencia dos seus escriptos; a *Feuille du jour* (*Folha do Dia*), que era o menos violento de todos; e varios outros de que não tenho presentes os titulos.

Mirabeau, que em 1786 obtivera permissão para publicar um jornal com o titulo de *Analyse des Papiers Anglais, (Analyse dos Papeis Inglezes),* tendo sido eleito para os Estados Geraes, publicou em Maio de 1789, sem a devida auctorisação, um jornal a que deu o titulo porque era conhecida aquella assembleia politica, destinado a dar conta dos seus trabalhos. Foi supprimido dias depois por decreto do Conselho de Estado. Para o substituir fundou Mirabeau outro

jornal intitulado *Lettres du comte de Mirabeau á ses commettants (Cartas do conde de Mirabeau aos seus eleitores)*. Publicava-se in 8.º com 20, 40 e até 50 paginas. Chamou-se mais adeante *Correio da Provincia* e teve grande exito. O abbade Sabatier fundou o *Jornal Politico-Nacional dos Estados Geraes;* Censier a *Gazeta Universal;* Fontanes *O Moderador;* Chenier, Pastoret e Dupont Vermous o *Jornal da Sociedade de 1789,* todos monarchicos-constitucionaes, como *O Mercurio de França* e o *Jornal de Paris,* que foram os de maior importancia. *O Mercurio de França* pertencente a Panckouche, foi redigido desde 1788 por Mallet du Pan, de Genebra, que havia sido o mais brilhante collaborador de Linguet, nos *Annaes Politicos e Litterarios,* antes da Revolução. Este Mallet du Pan era partidario da liberdade monarchica e defendia os seus principios com todo o brio, sem exageros nem facciosismo, como jornalista digno que sempre mostrou ser. Perseguido, pelas suas opiniões liberaes e ordeiras, teve de refugiar-se na Inglaterra em 1792, e ali fundou e redigiu *O Mercurio Britanico,* (*) vindo a morrer em 1800 e deixando reputação de valoroso e honesto.

No *Mercurio* escreveram tambem Bonald, Fontanes, La Harpe e Chateaubriand. Um artigo d'este ultimo, allusivo a Tacito e a Nero foi o que provocou

(*) *O Mercurio Britanico* foi traduzido em portuguez e espalhado em Portugal, e como tal faz parte da collecção dos nossos jornaes.

a perseguição ao jornal e que motivou a fuga de Mallet.

A' frente dos jornaes realistas estava o *Journal des Debats* em que escreviam Fievee, Delalot, o padre Bologne, Dussault e Geoffroy. Houve um tempo em que mudou o titulo para *Journal de l'Empire*, sendo os seus proprietarios, os irmãos Bertin, compellidos a cederem a direcção da folha a personagens officiaes, dos quaes um foi Etienne, auctor dos *Deux Gendres*, depois proprietario e director do *Constitutionel*, membro da Academia e Par de França.

Appareceram tambem por esse tempo o *Conservateur*, redigido por Clausel, Chateaubriand, Bonald, de Coursergues, etc., para contrapor á *Minerve*, em que escreviam o citado Etienne, Benjamin Constant, Jony e Arnault; e *Le Censeur*, que teve por collaboradores, intemeratos e brilhantes, a Comte e a Dunoyer.

No Monitor, porém, desde aquella epocha até que os alliados entraram em Paris, é que se defenderam mais á *outrance* os principios conservadores e até as doutrinas do mais completo despotismo.

Vejamos agora, n'um relance, a imprensa contraria á fórma monarchica.

Os seus principaes jornaes, além dos que atrás citei, foram *O Patriota Francez*, *O Correio de Versalhes*, a *Chronica de Paris*, o *Boletim dos Amigos da Verdade*, o *Jornal dos Amigos*, *As Revoluções de Paris*, e o *Bocca de Ferro*. D'estes, o primeiro é considerado como sendo o mais importante da Revolução.

É incerta a data da apparição do seu primeiro numero. Sabe-se, no emtanto, que appareceu regularmente a partir de 28 de Julho de 1789. Redigia-o Brissot, um dos bohemios litterarios que então pululavam em Paris. Foi um d'esses apostolos da ideia, que sempre se encontram nas vesperas das revoluções para as propagar e fazel-as vingar, sendo por fim victimas d'ellas. Antes de 1789 já Brissot tinha redigido varios jornaes francezes publicados na Inglaterra, ou havia sido seu collaborador; e em 1788 fundára a *Sociedade dos Amigos dos Negros,* dirigida contra a manutenção da escravatura nas colonias francezas.

O Patriota Francez era diario, escripto com firmeza e correcção e foi dos que mais cedo adheriram á ideia republicana. Tanto Brissot como o seu camarada Gyrey-Dupré, foram depois victimas do regimen do Terror, como tantos outros.

O Correio de Versalhes, dirigido por Gorsas, foi no seu começo um jornal moderado, hostil aos clubs, que incommodavam seriamente a acção dos poderes publicos. Depois da tentativa de fuga de Luiz XVI, a sua attitude modificou-se, como succedeu a muitos outros periodicos e bem depressa egualou a violencia das folhas demagogicas. Eleito para a Convenção, Gorsas separou-se dos demagogos no famoso processo do Rei, votando contra a pena de morte e em favor da de simples prisão.

Em 1793 a typographia de Gorsas foi saqueada e elle com difficuldade logrou escapar ao punhal dos seus inimigos.

O jornal reappareceu pouco depois, continuando em decidida e franca opposição aos homens e ideias que se via conduzirem a França aos dias do Terror. N'esta phase da sua existencia *O Correio de Versalhes* é uma das folhas mais interessantes da epocha. Derrotado pela quéda da Gironda, em Maio de 1793, Gorsas pagou com a vida, poucos mezes depois, a sua ousada lucta contra a anarchia.

Tambem quando foi das chamadas ordenanças de Julho, quasi todos os jornalistas francezes subscreveram o protesto contra a violencia que pretendia ferir a liberdade de escrever, para o que realisaram uma reunião em casa de Dupin. Só dois ou tres jornaes é que não se fizeram ali representar. As imprensas foram arrestadas, porque elles não cumpriram aquellas ordenanças e então os artigos politicos eram afixados nos muros de Paris.

Quando os delegados da policia se dispunham a assaltar os escriptorios do *Temps* encontraram as portas fechadas. Mandaram chamar um serralheiro qualquer para que arrancasse as fechaduras. Este dispunha-se a começar a operação quando, a uma das janellas do predio assomaram uma cabeça, uma espingarda e um livro. O livro era o codigo civil e uma voz, mostrando-o ao serralheiro, disse-lhe que o artigo tantos d'esse codigo determinava que todo aquelle que prestasse auxilio para actos de violencia contra a propriedade dos cidadãos podia ser tratado como um ladrão. Para executar e cumprir o que esse artigo dispunha ali estava a espingarda, quando a lei não

bastasse! O serralheiro largou logo a ferramenta. Veio outro, mas então já o tumulto havia tomado caracter mais serio.

Prosigamos, porem. A *Chronica de Paris,* fundada por Millin e Noel, começou por ser um jornal moderado, mas logo que teve como redactor a Condorcet, chegou a ser dos mais avançados da sua epocha. Mais tarde passou-se para os Girondinos, abrindo campanha contra Marat. Imitando o *Jornal de Paris,* publicou um supplemento ineditorial. Pelo que respeita á narração dos factos foi uma das folhas mais notaveis da revolução. Era diaria e tinha uma parte litteraria muito cuidada. Pouco tempo existiu depois da quéda da Gironda.

O *Revoluções de Paris,* cujo primeiro numero appareceu em Julho de 1789, obteve um successo prodigioso. Foi fundado por um livreiro chamado Prudhomme, devotado propagandista de todos os escriptos destinados á propaganda de ideias revolucionarias e que, antes da abertura dos Estados Geraes, havia publicado ou distribuido milhares de brochuras d'aquelle genero. Um dos seus redactores foi Loustalot, o prototypo do republicano probo e sincero, de eloquencia austera e amigo dedicado do povo. Este jornal constitue o quadro mais completo e exacto das agitações de Paris, nos primeiros e mais dramaticos annos da Revolução; e é o que com mais firmeza e espontaneidade exprime a opinião geral do paiz.

Os artigos de Loustalot contribuiram tanto para o successo do jornal, que este chegou a contar duzentos

mil assignantes, segundo assevéra um historiador e bibliographo illustre que consultei. A collecção do *Revoluções de Paris,* que deixou de publicar-se em Fevereiro de 1794, é constituida por 17 volumes, de 700 paginas cada um, em 8.°

De todos os jornaes citados, apenas conseguiram chegar aos nossos dias a *Gazeta de França*, o *Petits Affiches (Pequenos Avisos)* e o *Monitor Universal.*

A este ultimo, por ordem de antiguidade, segue-se o *Jornal dos Debates,* que chegou a ter um extraordinario prestigio e passou por ser, depois do *Times* de Londres, o jornal mais importante da Europa.

Enfraqueceu de alguns annos a esta parte, por não ter acompanhado os progressos do jornalismo, mas é ainda um grande jornal, um dos melhores cotados da imprensa franceza. Depois nasceram uma infinidade de periodicos, de que uma grande parte ainda vive, apresentando até, alguns, uma existencia prospera e brilhante. Citarei *Le Siecle* (*O Seculo*), *La Presse* (*A Imprensa*), *Le Rappel* (*A Chamada*), *La Patrie* (*A Patria*), *Le Temps* (*O Tempo*), *La Liberté* (*A Liberdade*), *Le Siecle XIX* (*O seculo XIX*), *L'Intransigeant* (*O Intransigente*), *Le Petit Jornal, L'Evenement* (*O Successo*), *Le Petit Parisiene, Le Figaro, Le Soleil* (*O Sol*), *Le Journal* e *Le Gaulois* (*O Gaulez*), como poderia citar muitos mais.

A historia de um jornal como o *Figaro,* cuja origem remonta ao segundo imperio, que se foi renovando e transformando através dos annos, deixa per-

ceber de modo bem claro, a evolução continua e a marcha prospera que modifica a imprensa de anno para anno. Até á data da apparição do *Figaro*, a 28 de Maio de 1856, não havia no jornalismo o cuidado da actualidade e da informação completa, que se tornou a lei suprema do jornalismo moderno.

No dia em que se fundava, com o titulo de *Journaux réunis*, uma liga de seis orgãos da imprensa, reservando cada um a independencia e o espirito que lhe eram peculiares, mas unindo-se todos no terreno commum da exploração da publicidade; no dia em que uma liga de interesses aggregava uns aos outros, *La Presse, La Patrie, Le Constitutionel, La France,* e *Le Pays,* constituindo-lhes uma força e uma importancia novas, o jornalismo via realisar-se a primeira e uma das mais importantes revoluções, sob o ponto de vista da sua prosperidade material.

Como, com toda a verdade escreve um critico, no dia em que o *Figaro* subtil, irrespeitoso, muito livre mesmo para a occasião, apparecia com as suas ironias, as suas indiscreções e as suas irreverencias picantes, o jornalismo via realisar-se uma outra revolução, sob o ponto de vista da sua organisação, do seu typo, do seu ideal. Até alli, um jornal fôra a expressão de uma doutrina, a tribuna de um crédo politico ou o altar de um culto pessoal. Um novo horisonte se lhe abria. Vendo-lhe o exito varios jornaes lhe seguiram o modelo, uns creando-se propositadamente para o imitarem, outros transformando o seu modo de ser e adaptando-se ás inovações que tão bem acolhidas haviam

sido. Alguns não lograram senão duração ephemera; outros, porém, conquistaram o futuro.

D'estes — e adeante terei ensejo de me referir a elles mais largamente, podem citar-se o *Evenement,* que fôra fundado em 1848, por Victor Hugo; o *Soleil,* onde escrevia já Henrique Rochefort e onde Gaboriau publicava os seus interessantes romances judiciarios; o *Petit Jornal,* fundado por Polydoro Millaud e que mais tarde, sob a administração de Marinoni, devia tornar-se essa folha tão universalmente lida, espalhada por todo o mundo em milhares e milhares de exemplares; e o *Gaulois,* fundado em 1868, por esses dois parisienses de pura raça que se chamaram Edmond Farbó e Henry de Péne.

Apoz a quéda do imperio, Magnier transformava o *Evenement,* que se cognominou o *Figaro republicano;* Laffite fundava o *Voltaire* e Aurelien Scholl impregnava do seu *parisianismo* o *Echo de Paris,* que sendo o primeiro dos jornaes da sua especie, diminuia o seu preço até 10 centimos, depois de alguns annos de existencia. Girardin experimentava com a *Liberté,* tambem a dez centimos, fazer concorrencia ao *Temps,* fundado por Neftzer, ao qual Hébrard, seu successor, havia de dar mais tarde a potente organisação de que elle ainda hoje goza.

Appareceu depois Edwards creando o *Matin,* com o concurso de alguns capitalistas americanos, novo typo de jornal, ecletico e muito noticioso, destinado a agradar aos inimigos do frivolo e do engraçado, ás pessoas de ponderação e de gravidade.

Veio a seguir *Le Journal,* litterario, moderno, interessantissimo, a um soldo, creação admiravel do saudoso Fernand Xau, que operou nova transformação obrigando varios outros a baixarem o preço para poderem competir com elle ao menos n'esse ponto.

Pois o *Figaro,* no meio de todas estas transformações, mudando de directores, mudando de redacção, foi por vezes obrigado a modificar os seus processos de factura, a subjeitar-se á moda do momento, mas nunca deixou de ser o *Figaro* que o seu fundador imaginára.

Sahia a principio duas vezes por semana. Villemessant, seu fundador e a sua verdadeira alma, comprehendia como poucos a intuição do gosto dos leitores e sendo um notavel jornalista, era, por isso mesmo, um extraordinario director. Uma escrupulosa escolha reunia no *Figaro,* bi-semanal, os nomes de Mouselet, de Villemót, de Scholl, de About, de Lespés, e de Banville.

Em 1866, quando passou a diario, deu entrada a Rochefort, mostrando-se opposicionista, para em seguida ao Imperio se tornar conservador genuino. E sempre prospero e feliz!

Tendo começado por installar-se n'uma casa que tinha apenas dois compartimentos — um dos quaes era o gabinete do director — é hoje o grande jornal que todos conhecemos, com o seu edificio especial na rua Drouot, edificio que não passa desapercebido aos que visitam Paris. No seu testamento, Villemessant legou o jornal a trez dos seus antigos collaboradores, dos

que melhor o haviam sabido auxiliar. D'estes herdeiros foi elevado a redactor chefe Francis Magnard, que conduziu o *Figaro* durante annos com a sua larga experiencia, a sua muita habilidade e o seu grande talento, nunca deixando de vencer os obstaculos que se lhe deparavam. Por sua morte, passou o jornal para as mãos de Périvier e De Rodays, cuja divergencia de opiniões, que tanto deu que fallar, é dos nossos dias e a que, portanto, não me referirei mais largamente.

A primeira resolução que tomaram os herdeiros de Magnard foi tornar ordinario o que até então era excepcional:— o numero de seis paginas do *Figaro,* introduzindo-lhe successivamente novos melhoramentos. Para este effeito fez construir Marinoni, por incumbencia dos dois gerentes do grande jornal, novas machinas rotativas de absoluta precisão, de cada uma das quaes sae todos os dias, á rasão de 18:000 exemplares por hora, o *Figaro* de seis paginas, impressas, colladas e dobradas como é mister para a sua expedição.

N'um dado momento Dutacq, director do *Siècle* e Emile de Girardin, director da *Presse,* tiveram a mesma ideia, segundo refere Eugenio Dubief. «Se eu tirar — pensaram elles — maior numero de exemplares, as despezas geraes serão sensivelmente as mesmas e o preço de cada numero será menos elevado. Com maior tiragem haverá mais annuncios e podem ser pagos mais caro. De modo que para auferir mais lucros, basta baixar o preço do jornal e dirigir-

mo-nos a uma nova classe de leitores.» Se bem o pensaram melhor o executaram. Para attrahir as pessoas menos illustradas e as mulheres, especialmente, publicariam romances em pequenas porções de leitura, romances em folhetim; iriam mesmo até dar a Alexandre Dumas sessenta centimos por linha, sem exceptuar as linhas dialogadas e as de pontos suspensivos. (*)

(*) Sabe se quanto os auctores de folhetins abusam da paciencia dos leitores d'esse genero de litteratura, umas vezes por conta propria, outras a pedido das emprezas, que necessitam manter o folhetim até *dobrar o cabo* da cobrança da assignatura. O famoso auctor do *Rocambole,* Ponson du Terrail, era mestre no assumpto.

No decurso de um dos seus annos mais fecundos, havia semanas e semanas que Ponson du Terrail estirava, no folhetim de um jornal, aventuras cujo fio já devia ter cortado desde muito. Afinal um bello dia decide-se. Na tarde d'esse dia encontra o director da folha e previne-o de que concluiu o desfecho da obra.

— O que! exclama este, o amigo acabou o romance! Mas o que se chama acabar?... Que infeliz idéa! Nem me falle mais de tal. Estamos a 30 de Março, fim das assignaturas do trimestre! Os seus personagens, custe o que custar, só podem desapparecer d'aqui a algum tempo.

— Mas já não ha nenhum vivo. Matei-os todos!

— Nada de graças, meu caro amigo. O caso é muito sério. Não é possivel que désse agora cabo de todos os seus heróes. Algum deve ter escapado com certeza. *Fulano*, por exemplo, aquelle traidor tão interessante...

— Ah! o traidor? Faça o meu amigo idéa da situação em

O acrescimo das receitas necessarias seria pedido aos annuncios. «Aos annuncios compete pagar o jornal,» dizia Girardin. O preço ordinario da assignatura era de 80 francos. Girardin baixou-o a metade e, a pouco e pouco, a maior parte dos outros jornaes viram-se forçados a fazer o mesmo. Uma tal revolução

---

que o deixei: — A scena passa-se no sertão africano. O patife cahiu nas mãos dos homens que haviam jurado punil-o. Atáram-no a uma taboa, e atiráram-no ao rio, que está cheio de crocodillos. De todos os lados apparecem cabeças d'estes animaes, dez, vinte, trinta fauces de crocodillos abertas para o tragar. Ora, ponha-se o meu amigo no meu logar e diga-me como é que eu me hei de sahir de um apuro d'estes.

— Reconheço que não é facil; mas com isso é que eu não tenho nada. Só sei uma cousa: é que o folhetim de hoje tem de levar ainda a palavra: *Continúa*. Arranje-se como pudér.

Ponson du Terrail era homem de recursos. Eis o modo extraordinario, como elle resolveu a difficuldade:

«... Viam-se, escreveu elle, cabeças de jacarés, dez, vinte, cincoenta, emergindo da agua com as fauces abertas... Mas, circumstancia em que os vingadores não haviam reflectido, era *para os alligators a estação dos amores* e, impellidos por um doce instincto para as crocodillas, os amphibios deixavam deslisar á tona da agua a prancha em cima da qual o miseravel tremia de pavor. Essa prancha vogou bastante tempo.

Vogou durante um capitulo inteiro, de modo a fazer a vontade da empreza.

— Tambem se conta uma anecdota succedida com Paulo Duplessis, folhetinista de *La Patrie*, de Paris.

Paulo Duplessis encontra-se um dia na rua com Aimé Millet, que a esse tempo ainda se esforçava por sahir da obscuridade.

— Dize-me cá depressa uma cousa, pergunta-lhe este ulti-

não se fez sem protestos. Travou-se polemica e d'ella resultou um duello celebre. Girardin ficou ligeiramente ferido n'um braço. Carrel recebeu uma bala no baixo ventre, morrendo trez dias depois, em resultado da ferida. Deante de uma tal desgraça, que privava o jornalismo de um dos seus mais bellos talentos e

---

mo. Meu pai lê todos os teus romances com um interesse ardente. Tu deixaste hontem a Condessa em uma situação das mais criticas. Cahiu em uma armadilha que lhe prepararam os seus inimigos .. Vamos a saber, ella morre ou não?

— Morre, respondeu Duplessis. Mata-a o italiano Affiani com uma punhalada!

— Com seiscentos diabos! exclamou Millet. Isso é que é falta de sorte!

— Essa agora! Que te importa a ti que a Condessa morra ou não?

— Importa-me immenso. Meu pai apostou em como ella morria e eu, imaginando que tu precisarias d'ella ainda para mais alguns folhetins, apostei em como ella se salvava da cilada.

— E quanto apostaste?

— Dez luizes.

— Diacho! disse Duplessis;

E puxando pelo relogio:

— Nove horas... Tenho ainda tempo de salvar a Condessa. Chamo um fiacre e vou á typographia.

— Estás a fallar sério?

— Tudo quanto ha de mais sério!

E apertando-lhe a mão, Duplessis accrescentou:

— Realmente, eu não podia fazer menos por um amigo.

E a Condessa escapou aos inimigos e o pai d'Aimé Millet teve de pagar os dez luizes da aposta.

de um dos seus mais honestos caracteres, Girardin, impressionadissimo, fez o juramento, que cumpriu durante cincoenta annos, de não ter outro duello por questões de imprensa.

Aquelle lance foi considerado como um symbolo: — não eram apenas dois jornalistas que se batiam; era o antigo e o moderno jornalismo que estavam em lucta — o novo matou o antigo.

Voltando ainda ao *Figaro*. Fundado em 1856 com um capital de 360 mil francos representa hoje, como empreza commercial, um valor de 25 milhões de francos, de sorte que o portador de um titulo primitivo, que era de 500 francos, encontra-se hoje possuidor de um capital de 10 mil francos sem ter desembolsado mais um centimo sequer! E ainda ha a acrescentar a esse capital o producto de quarenta e tantos dividendos que teem sido religiosa e regularmente pagos!

A publicidade no *Figaro* está universalmente reconhecida como sendo a melhor e a mais productiva da França, porque elle é lido pela classe mais rica e mais elegante. O preço das publicações é de 40 francos a linha, na primeira pagina e 25 francos nas restantes do corpo do jornal. Na secção de annuncios custa 6 francos cada linha.

O *Temps*, fundado em 1861 por Nefftzer teve em seguida como director politico o senador Adrien Hebrard e tem tido uma acção muito directa nas luctas dos partidos e no movimento das ideias.

Sob a Republica, sem mudar de opinião, pois con-

tinuou fiel aos principios liberaes que já havia deffendido no tempo do Imperio, adquiriu notavel desenvolvimento. Alargando de dia para dia a lista dos seus assignantes, augmentou de formato e variou a sua redacção, de modo a seguir sempre de perto os acontecimentos da vida contemporanea, dando maior desenvolvimento á parte litteraria e artistica, sem deixar de consagrar-se aos estudos da politica interior e exterior. Timbrando em recolher informações exactas, precisas e conscenciosamente verificadas, e procurando trazer os leitores sempre ao corrente de tudo quanto se refere ás manifestações mais interessantes dos conhecimentos humanos, o *Temps* é o jornal francez que conta maior numero de assignaturas.

La France, fundada em 1862 por La Guéronnière assumiu, dentro de pouco tempo, um dos primeiros logares no jornalismo francez. Assignalou-se desde o seu primeiro numero como denodado campeão das ideias liberaes. Dirigida por Girardin, em 1877, teve uma epocha gloriosa que não póde olvidar-se.

Essa epocha foi o ponto culminante da sua existencia e valeu ao jornal a reputação que ainda sustenta. Girardin, que na febre d'essa lucta epica, como que adquirira nova juventude, tinha a seu lado um grupo de escriptores que faziam as primeiras armas e que davam a *La France* aquelle tom de virilidade e de energia que constituiu a caracteristica do jornal.

Girardin, apezar dos seus 70 annos, era o que parecia mais joven e mais infatigavel de todos. O successo alcançado por *La France* foi extraordinario. A

historia da imprensa moderna não offerece exemplo analogo. A tiragem attingiu quantidades fabulosas.

Os artigos de Girardin eram transcriptos em todos os departamentos e, no estrangeiro, traduzidos em inglez, em allemão, em italiano, em russo e em hespanhol. Vencida a grande batalha liberal, *La France* consagrou-se á organisação do governo republicano, ao estudo dos grandes problemas sociaes, os problemas economicos. Das suas columnas foi lançada a ideia da Exposição de 1878.

La France, com a sua linha politica, eminentemente liberal e patriotica, constitue o jornal francez por excellencia. Da sua redacção teem feito parte, entre outros nomes egualmente consagrados, Octave Mirbeau, Lapommeraye, Sarcey, Millerand, Gounod, Saint Saëns, Barrés, Gondeau, Drumond, etc.

O *Petit Journal,* fundado em 1863, é, com certeza, o jornal de maior circulação do mundo inteiro. Deve o seu enorme desenvolvimento a H. Marinoni, celebre constructor de machinas de impressão, que conseguiu encontrar preciosos auxiliares e executores das suas ordens. Foi fundado por meio de acções de 500 francos e a sua propriedade representa hoje um valor de 70 milhões de francos. Cada acção, das 50 mil que foram emitidas, vale presentemente cerca de trez vezes mais.

Uns ligeiros dados que vou apresentar darão ideia do que seja a importancia d'essa empreza gigantesca. O *Petit Journal* e o seu supplemento illustrado consomem, annualmente, cerca de cinco milhões de fran-

cos de papel de madeira, para fabricar o qual se torna necessario desbastar uma floresta de 10 mil hectares de superficie. Paga, por anno, 1 milhão de francos ao correio e, pelo transporte dos massos de exemplares em caminhos de ferro, satisfaz, tambem por anno, cerca de milhão e meio de francos. Dias ha em que os exemplares que sahem das machinas do *Petit Journal,* postos ao lado uns dos outros, fariam «um tapete duplo de Paris a Marselha.» Cada uma das faces da torre Eiffel, da base á plataforma superior, occupa no espaço o melhor de quinze mil metros quadrados. Pois o mesmo numero do *Petit Journal* poderia cobrir dez vezes as quatro faces da famosa torre!

La Liberté foi fundada a 15 de Julho de 1865, sob a influencia exercida pelas eleições symptomaticas de 1863. O titulo do jornal correspondia ao estado das coisas e dos espiritos.

Foi seu fundador Charles Muller, jornalista distincto mas que não tinha auctoridade para imprimir um vigoroso impulso á sua obra. Esta teria sido nula se Girardin, com a segurança do seu golpe de vista politico e com o seu alto talento de jornalista, não houvesse adquirido, a propriedade de *La Liberté,* alguns mezes depois de publicado o primeiro numero, e não houvesse tomado a sua direcção.

O seu primeiro acto ao tomar conta do jornal, em Maio de 1866, foi uma verdadeira revolução nas condições geraes da imprensa diaria.

Abaixou para 10 centimos o preço de cada exemplar e esta innovação, magnificamente acolhida pelo

publico, assegurou á *La Liberté* uma clientela consideravel.

O jornal fez enorme successo e a penna magistral do homem que foi o mais possante jornalista e polemista do nosso tempo, desempenhou um papel importante e exerceu grande influencia nos acontecimentos da epocha, especialmente na parte que se refere ao desenvolvimento do novo regimen parlamentar; ás complicações da politica exterior que prepararam o advento do gabinete Ollivier; o plebiscito de 1870 e a inevitavel guerra com a Prussia. Então Girardin, vendo chegar a terrivel crise que havia de ter o seu desfecho alguns mezes mais tarde, hesitando entre as suas convicções pessoaes e o seu dever de patriota, julgou dever retirar-se. Assim foi, que em Junho de 1870 cedeu a propriedade e a direcção de *La Liberté*, a Mr. Lêonce Détroyat, seu sobrinho, que organisou uma sociedade para a exploração do jornal. Os acontecimentos precipitaram-se, porém.

A derrota de Sedan, a revolução de 4 de Setembro, o cerco de Paris, arrastaram Détroyat para a provincia. *La Liberté* continuava a apparecer em Paris, mas publicava uma edição especial em Bordeus. Firmada a paz, Détroyat retomou a sua direcção, conservando-a até 1876, em que o jornal passou por uma larga transformação.

Atravéz das vicissitudes dos acontecimentos politicos e da successão mais variada dos depositarios do poder em França, *La Liberté* jamais se desviou dos principios liberaes que haviam presidido á sua funda-

ção. Sempre tem defendido as liberdades politicas, que são a garantia dos direitos dos cidadãos e as liberdades economicas, que são a garantia dos interesses nacionaes do commercio e da industria.

O *Gaulois*, como o seu titulo indica, foi creado para traduzir, sob todas as fórmas que ella possa revestir, em politica, em arte e em litteratura, a essencia do genio francez. De 1868 a 1879 affirmou-se o jornal mais vivo, ao mesmo tempo que o mais francez e o mais popular, fornecendo cada manhã aos seus leitores, a surpreza de uma noticia ou de uma obra sensacional.

Em politica é conservador e orgão do partido respectivo. Das janellas da sua redacção, despedaçadas em 1885 pelo furor demagogico, cahiu em 1888 e 1889 a palavra de ordem do movimento *boulangiste*. A campanha do Panamá, que está ainda na memoria de todos, marca uma das suas principaes victorias. A alliança com a Russia, acolhida pela França inteira com vivo enthusiasmo, não teve promotor mais energico nem mais convicto do que o *Gaulois*, que tem sido o organisador de todas as grandes manifestações da caridade parisiense e do patriotismo francez.

Desde Maio de 1895, o *Gaulois*, em que se fundiram successivamente todos os jornaes creados para defender o principio monarchico, tornou-se, pelo augmento do seu formato, o maior jornal da manhã. A sua redação é constituida pelos mais illustres nomes da litteratura contemporanea. É o mais francez dos jornaes de França e o mais parisiense dos jornaes de Paris.

Le Rappel foi fundado em 1869, por um grupo de homens de lettras, francamente republicanos — Paul Meurice, Augusto Vacquerie, Henri Rochefort, Carlos Hugo e Francisco Hugo. O primeiro numero appareceu a 4 de Maio, abrindo por um artigo de Victor Hugo dedicado aos cinco fundadores do jornal. Durante a guerra de 1870 sustentou a politica francamente contraria á Allemanha; e durante a insurreição de 1871 representou e defendeu as tendencias do grupo dos direitos de Paris. Dois dos seus redactores, Lefèvre (Ernest) e Arnould (Arthur) foram eleitos membros da Communa e ahi se enfileiraram na minoria moderada d'aquelle corpo revolucionario. O numero do *Le Rappel*, de 23 de Maio de 1871 consta apenas de uma pagina impressa, com um artigo de Victor Hugo, *Paris e a França,* outro de Paul Meurice sobre *A guerra das ruas,* e informações diversas sobre a *Entrada dos versalheses.* Quando esse numero era posto á venda a casa da redacção foi invadida pelas tropas, sendo presos todos os redactores presentes, o impressor, os typographos e todos os demais empregados.

Da redacção de *Le Rappel* fizeram parte, n'esse primeiro periodo da sua vida, nomes como Felix Pyat, Edgar Quinet, Louis Blanc, Michelet, Lockroy, George Sand, Camille Pelletan, Jules Claretie, Guillemót, Laferrière, Moran, Ives Guyot, etc. Do fundo da prisão onde fôra encerrado, Rochefort nunca deixou de collaborar no jornal — já com artigos assignados com pseudonimo, já com romances em folhetim, que sahiam sem nome de auctor.

Depois da morte de Vacquerie, em fevereiro de 1895, *Le Rappel,* conservando-se fiel aos principios republicanos radicaes, assumiu o aspecto de um grande jornal de informação, que ainda hoje mantém.

La Justice, foi fundada a 15 de Janeiro de 1880 por Clemenceau, para combater a politica opportunista e deffender os principios que constituiam, sob o Imperio, o programma do partido republicano. Apezar de seu fundador, Clemenceau raras vezes escrevia para *La Justice* até 1893. Derrotado pelos opportunistas nas eleições d'esse anno, começou então a escrever ali artigos quotidianos, o que foi uma verdadeira revelação. O famoso homem publico, que era apenas conhecido pela eloquencia do seu verbo inflamado, affirmou-se de repente como um dos mestres do jornalismo do seu tempo, demonstrando-se tão grande na tribuna da imprensa como já o éra na das assembleias politicas.

Tem *La Justice* sustentado vigorosas campanhas em favor da amnistia, para a integridade do direito de azylo, defendendo o ensino laico e obrigatorio, assim como outras não menos famosas contra as convenções de caminhos de ferro, contra as expedições longinquas e contra a lei das reincidencias.

L'Intransigeant foi fundado por Henri Rochefort, no dia seguinte ao da amnistia geral que lhe abriu as portas da França, a 14 de Julho de 1880. Foi logo considerado como o mais importante e o mais influente dos jornaes socialistas. A sua influencia manifestou-se, com effeito, pelas quantias a que chegaram as

subscripções por diversas vezes abertas nas suas columnas. Foi, porém, a partir de Novembro de 1886, quando Rochefort, diminuiu o preço do jornal a 5 centimos, que o successo do *Intransigeant* se affirmou, successo que foi até occasionar que a tiragem subisse a mais do que a de todos os jornaes governamentaes reunidos. No dia da eleição famosa do general Boulanger, em Paris, a tiragem do jornal de Rochefort, que lançára e propugnára essa candidatura, attingiu a 412 mil exemplares. Ameaçado de prisão, Rochefort expatriou-se e pouco depois o Senado francez, constituido em tribunal, declarava o director do *Intransigeant* reu do crime de *complot* contra a segurança do Estado e condemnava-o a detenção perpetua em recinto fortificado. O jornal ficára, porém, entregue a mãos fieis e logrou resistir a todos os ataques, proseguindo na lucta emprehendida. Seis annos durou o exilio de Rochefort, durante os quaes o eminente polemista não deixou um só dia de escrever para o seu jornal o costumado artigo, sempre brilhante e cheio de *verve*. Assim foi que o jornal não perdeu nada da sua influencia.

Amnistiado, quando foi da eleição de Felix Faure, voltou Rochefort a Paris, onde teve uma recepção verdadeiramente triumphal. Quinhentas mil pessoas o aguardaram na gare do Norte, aclamando ruidosamente o popular jornalista.

A tiragem ordinaria de *L'Intransigeant* é de cerca de 200 mil exemplares. Tem pago de multas, em diversos processos, cerca de 150 mil francos, ten-

do quasi todos os seus redactores sido condemnados a prisão.

Le Matin, foi fundado em Fevereiro de 1884 por Edwards, com o concurso de um grupo de capitalistas americanos, como já atrás referi. A apparição do jornal, que se annunciava absolutamente independente em materia politica, tendo por collaboradores Emanuel Aréne, Paul de Cassagnac, Cornely e Jules Vallés, surprehendeu a população parisiense na manhã de 26 d'aquelle mez.

Le Matin apresentava-se fóra dos moldes e dos habitos até ahi seguidos, elegantemente impresso, com titulos e sub-titulos em todos os artigos, um jornal moderno, emfim. O seu successo foi legitimo e incontestavel, a tal ponto que conseguiu transformar todas as velhas formulas da imprensa parisiense. A *Le Matin* se deve a introducção, em França, da *interview* á moda americana, e a generalisação da reportage simples, exacta e imparcial.

Uma installação telegraphica especial permitte a *Le Matin* dar em cada dia os extractos mais interessantes dos jornaes inglezes, apparecidos em Londres na mesma manhã em que elle apparece em Paris.

Foi *Le Matin* o primeiro jornal que assignalou os trabalhos de Pasteur sobre a raiva; como foi o mesmo jornal quem levou a effeito o celebre inquerito patriotico na Alsacia Lorena, que tão funda emoção produziu em toda a França. A noticia sensacional do assassinato de Stambouloff ninguem a deu primeiro do que este jornal, que por esse e por muitos outros factos

identicos, demonstrativos da perfeição dos meios que emprega para bem servir o publico, alcançou universal renome. Lendo-se *Le Matin* pode ter-se a absoluta certeza de que nenhuma noticia do dia ou da noite, da França e do estrangeiro; nenhum facto politico; nenhum acontecimento de sensação; nenhuma nova descoberta nas artes ou nas sciencias, pode escapar ao nosso conhecimento. Fica-se ao corrente de tudo, tudo se fica sabendo, como se se lessem todos os restantes jornaes.

A 12 de Março de 1884 appareceu o primeiro numero do jornal *L'Echo de Paris*, que conseguiu, no meio de tantos diarios como já possuia a capital da França, crear-se um logar áparte dentro de curto periodo de tempo. Foi o primeiro grande jornal que ousou estabelecer o preço de 10 centimos. Todos os seus antecessores, isto é, todas as antigas folhas litterarias e de grande formato, impressas sobre bom papel se vendiam a 15 centimos cada exemplar. *L'Echo de Paris* veio derrotal-as a todas, *democratisando* a litteratura e espalhando-a entre todas as classes da sociedade. Isto explica o exito alcançado pela arrojada iniciativa dos irmãos Simond. Em 1895 o *Echo de Paris* attingira já uma tiragem ordinaria de mais de 150 mil exemplares, numero que tem augmentado successivamente. Na lista dos seus collaboradores figuram, entre outros, os nomes brilhantes de Edmond de Goncourt, Alphonse Daudet, Anatole France, Paul Bourget, Aurelien Schol, Henry Bauer, Francisque

Sarcey, Alfred Capus, Paul Adam, Bernard Lazare, Jean Rogier, Eugene Tardieu, etc.

É o jornal parisiense que possue maior numero de *reporters*, o que lhe permitte assegurar todos os dias uma informação completa, de primeira ordem. Nenhum outro jornal de Paris pode rivalisar com elle n'este particular.

A 1 de Dezembro de 1888, Charles Cazet fundou, com o titulo de *Peuple*, um jornal modelado pelos grandes orgãos da imprensa americana, destinado a ser uma folha de rapida e completa informação e de absoluta independencia.

N'esse jornal collaborariam Alphonse Humbert, Simon Boubée, Georges Thiebaud, François Coupée, Emanuel Aréne e alguns mais. O seu programma era consubstanciado n'estas duas palavras que lhe constituiam o sub-titulo: *Jornal independente.*

Para estabelecer concorrencia com os outros jornaes chamados populares, ou da imprensa barata, o *Peuple* vendia-se a 4 centimos. Ou antes, o seu preço era de 5 centimos, mas o comprador podia cortar de cada exemplar um *coupon* que era reembolsavel em generos e que valia 1 centimo. Esta combinação interessante manteve-se até Janeiro de 1889.

N'esta data o *Peuple* augmentou de formato e adoptou o sub-titulo de *Jornal quotidiano «absolutamente» independente*, para precisar melhor a attitude da folha, que passou a ser dirigida por Alphonse Humbert. Em Março de 1889, a 15, devido a não sei que circumstancias, o jornal passou a intitular-se

L'Eclair. Informar prompta e seguramente era o seu fim. Deve dizer-se que o tem conseguido. *L'Eclair* encetou a publicação quotidiana do *Homem do dia*, seguida de uma biographia curta mas substancial. A inovação teve logo imitadores, o que prova o seu bom acolhimento. Pode dizer-se que *L'Eclair* é um dos mais bem feitos jornaes de Paris.

Não devo terminar esta breve resenha dos principaes jornaes de Paris, sem me referir a *Le Journal*, o mais moderno de todos os que se podem considerar bem feitos, pois sahiu a primeira vez a lume em 28 de Setembro de 1892. Foi seu fundador, ao qual já alludi, Fernand Xau, que concebeu a ideia de unir a folha litteraria á folha de informação, creando um periodico que «ao mesmo tempo que satisfizesse a legitima curiosidade do publico, dezejoso sempre de andar bem informado, vulgarisasse pela modicidade do seu preço, as obras de uma geração de escriptores que imprimem ao seculo em que vivem a marca do seu genio.» *Le Journal* tem cumprido fielmente estas palavras do seu programma. A sua collaboração, primorosa, foi confiada a Francois Copée, Henri Meilhac, Paul Bourget, Armand Silvestre, Catulle Mendés, Arsene Houssaye, Octave Mirbeau, Paul Aréne, Marcel Prevost, Paul Hervieu, Hugues Le Roux, Maurice Donnay, etc., tudo dos primeiros nomes da França.

Vendendo-se a um *sou*, não deixa nada a desejar sob o ponto de vista da sua execução material, e apezar da modicidade do seu preço, apparece ordinariamente com 6 paginas e muitas vezes com 8, todas

interessantes, todas cheias de actualidade. Como se tudo isto não bastasse para o tornar apreciado e para lhe constituir um invejavel successo, publica ainda, a contar do seu primeiro anno de existencia, um supplemento hebdomadario *Le Journal pour tous,* sahindo ás quartas feiras, illustrado por Guillaume, Forain, Bex, Caran d'Ache e outros lapis de não menor nomeada. Esse supplemento é impresso a cores e é enviado gratuitamente a todos os assignantes. O preço da sua venda avulso é egualmente como o do jornal diario, de 5 centimos. N'esse supplemento, onde Emile Zola tem publicado notaveis obras inéditas, occupa-se tambem de musica e de modas.

Frequentemente publica *Le Journal* numeros especiaes consagrados aos grandes acontecimentos artisticos ou sportivos, theatros, salões, corridas, etc., numeros profusamente illustrados e distinctamente redigidos. A tiragem de *Le Journal* é hoje uma das maiores da grande capital franceza. E' um dos mais lidos entre nós.

Os jornaes departamentaes ou de provincia, como nós lhe chamamos cá, tambem realisam em França consideraveis lucros, podendo citar-se como sendo dos primeiros no seu genero, *La Gironde* e *La Petite Gironde,* de Bordeus; *Le Petit Marsellais,* de Marselha; *L'independant Remois,* de Reims; *La Dépêche,* de Toulouse; *Lyon republicain,* de Lyon; e *La Dépêche,* de Lille.

La Gironde, foi fundada em 1853, por um bonapartista, mas tendo passado a ser propriedade do seu

impressor G. Gounonilhon, fez ao imperio a mais forte opposição pelo que foi muito perseguida. Isso não contribuiu senão para lhe augmentar a popularidade.

Cahido o imperio e durante a guerra, *La Gironde*, admiravelmente informada, tornou-se o jornal de maior circulação da provincia. Vive hoje vida folgada e é considerada como folha de alta importancia. Possue um fio telegraphico especial, que lhe transmitte, todas as manhãs, os mais notaveis documentos e as principaes noticias, telegrammas e extractos dos artigos que apparecem, no mesmo dia, nos grandes jornaes de Paris. Custa 10 centimos.

La Petite Gironde, pertence á mesma empreza de *La Gironde* e foi fundada em 1872, destinada a propagar as doutrinas republicanas nas aldeias do Sul e Oeste da provincia. Foi o primeiro periodico que obteve do Estado a concessão de um fio telegraphico que ligasse os seus escriptorios com a agencia estabelecida na capital. Publica uma edição diaria para cada uma das regiões da Gironda, ou seja, ao todo, oito edições por dia. Tem uma tiragem de cerca de 180 mil exemplares e é magnificamente informada. Os extractos das sessões do parlamento francez são dados a publico pelo *Petite Gironde*, 24 horas antes da chegada a Bordeus dos jornaes de Paris, graças ao serviço do seu fio especial. Pormenor interessante — desde 1885 que todos os empregados d'este jornal — redactores, typographos, etc., teem participação nos lucros da empreza, depois de terem um certo tempo de casa, lucros que dão entrada n'uma caixa de apo-

sentação que lhes garante uma velhice tranquilla. Os beneficios distribuidos, por este modo, ao pessoal de *La Petite Gironde* elevaram-se, nos primeiros dez annos, a cerca de 200 mil francos.

Le Petit Marsellais foi fundado em 22 de Março de 1868. Dizia no seu programma que a empreza proporcionaria aos leitores de Marselha, um jornal quotidiano, litterario, que tivesse para elles o mesmo interesse da localidade, que tinham para os parisenses os jornaes de Paris, informando-os rapida e lealmente de todos os acontecimentos que podessem interessar-lhes. Tem cumprido rigorosamente o seu programma, o que lhe assegurou um logar primordial na imprensa provinciana. Tirando no seu começo apenas alguns centos de exemplares, n'uma antiga machina manual, publica hoje cinco edições diarias, em magnificas rotativas, que lhe permittem espalhar os seus 150 mil exemplares em toda a região do Meiodia, de Este a Oeste. Recebe informações de mais 500 correspondentes e adoptou o formato dos grandes jornaes da capital. Foi o segundo periodico que logrou a concessão de um fio telegraphico privativo. Vende-se a 5 centimos.

L'Independant Remois, fundou-se em Junho de 1868, para fazer opposição ao governo imperial. Durante a guerra esteve sujeito á censura prévia exercida por um perfeito allemão. Graças á sua firme e decidida hostilidade contra a occupação estrangeira foi supprimido pela auctoridade allemã.

Reappareceu depois, para voltar a ser suspenso

em Junho de 1874. Recomeçou a sua publicação regular em Janeiro de 1876. Graças á sua attitude firme e correcta, viu de anno para anno, augmentar a sua tiragem. Em 1884 a empreza do jornal decidiu crear uma folha subsidiaria sob o titulo de *Dépêche de l'Est,* para propagar as doutrinas democraticas nos departamentos limitrophes de Reims. A nova folha obteve successo egual ao da antiga. Ambas teem hoje o formato dos grandes jornaes de Paris e uma typographia em que são occupados mais de 100 operarios, installada, bem como os escriptorios de redacção e administração, n'um vasto edificio construido especialmente para o effeito. Tem telegrapho e telephone tambem especiaes, illuminação electrica, grande salão de exposições e reuniões, e emfim, todos os melhoramentos indispensaveis n'um jornal moderno. O seu preço é de 5 centimos.

La Dépêche, de Toulouse, foi fundado em 1869, em formato reduzido e com uma tiragem de 7:500 exemplares. Cinco mezes depois, augmentava de formato e elevava a sua tiragem a 18:000 exemplares. Hoje é o jornal melhor informado e mais espalhado do Meiodia da França. Publica dez edições diarias, constituindo todas uma tiragem de 180 mil exemplares. O edificio onde estão installados os seus escriptorios e officinas, foi construido de proposito para esse fim e é considerado como um modelo no seu genero. As informações de *La Dépêche* adiantam 24 horas aos jornaes parisienses. Uma grande parte do successo alcançado por este jornal é devida á sua redacção

parisiense, de que fazem parte, ou fizeram já, Pelletan, Allain Targé, Clemenceau, Jaurés, Sarcey, Armand Silvestre, Xavier de Ricard, Millot, etc. Todos os dias *La Dépêche* insere um artigo politico e outro litterario, enviados pela redacção parisiense e transmittidos pelo telephone privativo que liga esta com os escriptorios de Toulouse.

O *Lyon Republicain* foi fundado em 1878 pelo director e grande parte dos redactores do *Petit Lyonnais,* postos em desaccordo com a empresa d'esse antigo jornal. Uma aura de profunda sympathia bafejou a resolução tomada por aquelle grupo de jornalistas, que não querendo allianças nem cumplicidades com homens de caracter menos limpo e de processos menos honestos, decidira fundar uma folha de nobres e elevados intuitos. Coisa identica á que se deu em Lisboa, em 1902, com a redacção completa de um diario de grande informação, como está ainda na memoria de todos... O *Lyon Republicain* foi acolhido com enthusiasmo e é hoje uma folha que tem 165 mil exemplares de tiragem e apresenta uma prosperidade sempre crescente. Foi este jornal que lançou a candidatura de Sadi Carnot á presidencia da republica, tendo a satisfação de a ver vingar. Assassinado Carnot, foi ainda o mesmo jornal que lançou a ideia da subscripção para lhe ser erigido um munumento, ideia que obteve um successo sem precedentes. Só nas suas columnas o *Lyon Republicain* reuniu 75:000 francos para aquelle fim.

Além das suas diversas edições diarias, este jor-

nal publica duas vezes por semana, aos domingos e ás quintas feiras, um supplemento litterario, distribuido gratuitamente em Lyon e a todos os assignantes do jornal quotidiano, espalhados por trinta e trez departamentos. Defende a politica de moderação e de progresso, e vende-se a 5 centimos.

Resta alludir a *La Dépêche,* de Lille, que foi fundado em Junho de 1882 e que, como o seu homonymo de Toulouse, se apresentou com um programma modesto, vindo a alcançar na imprensa do Norte o mais legitimo successo.

Em communicação telegraphica, directa e privativa com Paris, *La Dépêche* consegue trazer os seus leitores ao corrente de tudo quanto de mais interessante e sensacional se passa em todo o mundo. E' um jornal que entra em todas as casas. Foi o primeiro jornal francez que iniciou a publicação de numeros de 6 paginas, com a folha intermediaria intercallada, collada e cortada pela mesma machina, creada pela casa Marinoni e de que *Le Figaro* só mais tarde fez uso. Vende-se a 5 centimos.

A mesma empreza publica um outro jornal *Le Nouvelliste,* de grande formato, que era vendido a 15 centimos, mas que hoje tem o mesmo preço do outro e 6, como elle, muito considerado em toda a região. *La Dépêche* sae de manhã e *Le Nouvelliste* á tarde, defendendo ambos a politica liberal conservadora.

Se Renaudot, o creador da primeira folha periodica franceza pudésse reviver, ficaria certamente maravilhado ao presencear o enorme desenvolvimento adqui-

rido pela sua creação ao constatar a prodigiosa fecundidade da semente que lançou á terra em 1631.

Resumindo as observações que tenho recolhido e ahi deixo exaradas, pelo que respeita á imprensa jornalistica em França, vê-se que foi a Revolução que lhe imprimiu maior impulso, pois que de 1789 a 1795 appareceram 900 jornaes novos, dos quaes 350 logo no primeiro d'aquelles annos.

Foi, porém, a partir de 1815 que o jornalismo começou realmente a tomar corpo e a exercer uma influencia, sempre crescente, na politica e na litteratura.

Nem todos os jornaes creados teem conseguido viver e prosperar; e é certo que mesmo em Paris, algumas folhas, aliás bem escriptas e bem dirigidas, a despeito dos seus esforços, não conseguem alcançar o menor lucro e por felizes se dão quando a receita chega, ao menos, para a despeza.

Entre os que suspenderam a sua publicação por não poderem cobrir as despezas que ella demandava, citarei *La Fronde,* jornal que era redigido, composto, impresso e distribuido por mulheres. Pois pode asseverar-se que era um jornal dos melhores que teem honrado e distinguido a imprensa franceza, graças á sabia direcção de M.me Margarida Durand e aos esforços e valor das collaboradoras de que soube rodear-se. Referirei, a largos traços, a sua historia, que não deixa de ser interessante. Ahi por meiados do anno de 1897 appareceram afixados nas esquinas e paredes de Paris grandes cartazes, que diziam:

«As mulheres constituem a maioria da população franceza. Milhares d'ellas, solteiras ou viuvas, vivem perfeitamente independentes. Pagam impostos, apezar de não poderem votal-os e, pois que contribuem, com o seu trabalho, manual ou intellectual, para a riqueza publica, reclamam o direito de ser ouvidas em todas as questões referentes á sociedade a que pertencem, tal como os homens.

«*La Fronde,* jornal de mulheres e para mulheres, será o ecco fiel dos seus sentimentos, necessidades e queixas.»

N'estas palavras estava o programma do novo jornal, programma que foi recebido em tom de mófa pelos *boulevardiers,* não faltando quem vaticinasse a *La Fronde* uma ephemera duração. A 9 de Dezembro de 1897 appareceu o primeiro numero. A imprensa acolheu o novo collega com a maior gentileza e o publico consumiu mais de 200 mil exemplares nos primeiros dias. Dentro em pouco os artigos editoriaes, modelos de bom senso e de capacidade mental, a informação minuciosa e cuidada e o tom geral da folha, conquistaram-lhe o cognome de *Times de saias,* que as suas redactoras acceitaram sorrindo, e que era, na verdade, um alto elogio para o seu trabalho.

M.me Durand, esposa de um conhecido deputado, conhecera a pouco e pouco os politicos e os *politiqueiros* e, antes de fundar *La Fronde*, collaborára no *Figaro.* Tinha junto de si umas 12 jovens, entre reda-

ctoras e collaboradoras, que todas haviam ido para o jornal sem experiencia alguma do *metier*. Havia outras collaboradoras com tirocinio feito em outros jornaes, distinguindo-se, entre estas, pela sua reputação universal, a dama que sob o pseudonimo de *Sèvérine*, escrevia diariamente a interessante secção *Notes de une frondeuse*.

O edificio de *La Fronde* era situado na rua S.te Georges, uma rua socegada, um pouco longe do centro de Paris e offerecia o aspecto typico do *hotel* parisiense. Segundo o testemunho de um jornalista amecano que visitou as installações de *La Fronde*, havia ali, por toda a parte, a nota deliciosamente feminina, nas flores, nos moveis, na ornamentação e nos costumes, mais parecendo um *boudoir* aquelle «sanctuario editorial», como elle lhe chamou na descripção que fez.

A julgar pelas redactoras que viu e pelas photographias das restantes, *les frondeuses* podiam considerar-se um corpo de mulheres cheias de energia e de vivacidade, muitas ainda na adolescencia e quasi todas exhalando essa graça picante e attrahente que só na parisiense se encontra. Nas suas maneiras e modos de vestir não se notava nada d'esse *pretenciosismo* que é pretexto para tanta pilheria de mau gosto, como nós, infelizmente, sabemos.

Nas officinas de composição de *La Fronde*, estabelecidas no ultimo pavimento do edificio, occupavam-se vinte e tantas mulheres, cuidadosamente escolhidas entre os diversos estabelecimentos typo-

graphicos de Paris (*). Havia ali uma limpeza, um cuidado e um esmero, pouco faceis de encontrar n'este genero de estabelecimentos. O serviço de annuncios e venda do jornal estava a cargo de um verdadeiro exercito feminino, vestido uniformemente de cinzento, com aventaes brancos.

No pavimento inferior havia um salão, onde um vasto publico de senhoras todas as tardes se reunia para tomar chá, beber um calice de vinho, ler os jornaes ou fazer conversa com as pessoas das suas relações. De tempos a tempos M.me Durand promovia n'esse salão interessantes partidas, a que assistiam os nomes mais distinctos na politica, na arte, na litteratura e no jornalismo da França.

Não tratava *La Fronde*, apenas de questões feministas. Uma grande parte das suas quatro paginas tratava de assumptos de politica nacional e estrangeira, de litteratura, de theatros, de finanças e de *sport*, cujo interesse é commum aos dois sexos.

Durou pouco mais de quatro annos, pois fundiu-se, em Setembro do anno passado, com *L'Action*, diario anti-clerical, fundado e dirigido pelo ex-padre Charbonnel e que, sem ser dos principaes jornaes de Paris, pelo que respeita á tiragem, é ainda assim muito considerado pela energia e firmeza com que defende as opiniões liberaes mais avançadas. Charbonnel fôra abbade e abandonou a Egreja para se

(*) Em França, segundo uma estatistica não muito antiga, havia 550 mulheres compositoras, em 6000 typographos.

lançar na lucta audaciosa contra as congregações reaccionarias. Fundou primeiro *La Raison*, orgão da Associação Franceza dos Livres Pensadores, e foi n'esse jornal que lançou as bases de uma folha quotidiana, *L'Action*, de cuja tiragem se dizia ha pouco ter attingido 100 mil exemplares diarios.

Chamára Charbonnel para o seu lado ao poéta e escriptor symbolista Henry Beranger. Ambos faziam a politica do jornal até á fusão com *La Fronde*. D'ahi por diante passou *L'Action*, a ter mais um director, M.me Margarida Durand. Conta de trez o diabo a fez, diz o velho ditado, cuja veracidade mais uma vez se confirmou!

A discordia entre os dirigentes da folha anti-clerical principiou logo após a entrada da antiga directora de *La Fronde*, foi-se accentuando mais e mais e, como um diabo de saias exerce mais tentação do que um de calças, a discordia acabou com a sahida de Charbonnel, que foi posto na rua pelos que havia admittido em sua casa!

Calcule-se o escandalo, e o que elle daria que fallar á má lingua dos cafés e *boulevards*...

Charbonnel sahiu acompanhado por todo o corpo redactorial de *L'Action*, que entendeu dever seguir o seu velho director e abandonar os que o expulsaram.

Na *Raison* tem Charbonnel escripto coisas fulminantes acerca de Beranger e M.me Durand, accusando-os de vendidos aos judeus.

O incidente cabia aqui relatal-o; quanto ás consequencias não teem o seu logar n'este estudo.

Nem só os jornaes diarios teem na França largas tiragens. Ha ali diversas revistas cuja publicidade é enorme. Por exemplo a *Revista dos Dois Mundos*, que serviu, por assim dizer, de berço litterario ás primeiras pennas da ultima geração e cujas paginas foram escriptas pelos homens mais notaveis d'aquelle paiz, na historia, na economia politica, na philosophia e na critica artistica, fundou-se por meio de acções de 5000 francos. Pois, não ha muito tempo que essas acções estavam a 150 mil, ou seja trinta vezes o seu valor primitivo.

N'um artigo ha pouco publicado por M. Cornely, na *Revue Bleue*, menciona esse escriptor que a França possue cerca de sete mil publicações periodicas, das quaes cerca de trez mil impressas em Paris e quatro mil e tantas nos departamentos e colonias. A' data da publicação d'esse estudo havia em Paris 547 jornaes diarios, 781 semanaes, 387 sahindo duas vezes por semana 968, sahindo uma vez por mez, 423 de publicação quinzenal e 1372 revistas technicas.

O numero deve ter augmentado muito desde que o trabalho alludido foi dado á publicidade.

Como da abundancia de qualquer artigo resulta sempre baixa nos preços do mercado, com o jornalismo em França deu-se o mesmo facto. Simplesmente como não era possivel baixar o preço dos jornaes, baixaram os salarios dos jornalistas, a acreditar-se no que ha pouco escreveu Mr. Paul Potier, n'um artigo da *Revue*. Segundo elle, os trabalhadores do jornalis-

mo francez não passam, presentemente, de proletarios intellectuaes. Um tal proletariado divide-o elle em duas classes — a dos que teem uma especialidade, extractos das sessões do parlamento, tribunaes, chronicas de theatros, sport, etc.; e a dos que se occupam de informações geraes sobre todos os assumptos. Dos primeiros, o que recebe maior salario é o redactor da Camara, que nas folhas de grande tiragem recebe entre 1000 a 1500 francos por mez, 500 francos nos outros periodicos e até 300 em varios de menor importancia. O redactor da secção do Senado, como tem um trabalho menos violento, recebe de 350 a 500 francos mensaes; e o redactor dos tribunaes varia de 200 a 350 francos. Ha uma excepção — a do *Figaro,* que sempre timbrou em ter ao seu serviço o melhor especialista no genero e que lhe paga 1500 francos.

Os redactores militares não recebem mais do que 200 francos, mas como teem a faculdade de poder escrever para mais de um jornal, arranjam melhores vencimentos.

A secção *Correio dos Theatros,* que o *Figaro* retribuia d'antes com 2000 francos por mez, foi rebaixada a 1500 e, ha pouco ainda, a 1000 francos.

Houve tempo em que *Le Journal* pagou 700 francos pela chronica de François Coppée, 500 e 300 pelas de outros escriptores e 40 mil francos por anno a Catulle Mendés pelos seus artigos de critica dramatica. Agora tudo levou consideraveis córtes.

Quando Calmette era secretario do *Figaro* recebia 30:000 francos por anno; e os logares d'essa inveja-

vel redacção eram pagos a 20, 15 e 12 mil francos. Hoje apenas o redactor dos *Echos* tem 2:000 francos por mez e os dois principaes reporters 1:500 francos. Todo o restante pessoal ganha ordenados inferiores.

No *Matin,* o articulista recebe 1500 francos por mez e escreve um pequeno artigo por dia. Os chronistas do mesmo periodico, que escrevem um artigo por semana e ganham 1000 francos mensaes, são relativamente mais bem pagos.

Em alguns jornaes — dil-o ainda Potier — a critica theatral é já feita hoje por amadores que se consideram bem pagos com o direito de irem assistir ao ensaio geral das peças e á sua primeira representação. E' o triumpho incontestavel da *borla*, que eu pensava só existir entre nós e que vejo agora que a França nos copiou!...

Os contos litterarios eram pagos outr'ora a 100, 150 e 200 francos. Hoje pagam-se a 15, porque ha quem os escreva apenas pelo prazer de os ver publicados. Tambem temos d'isto por cá!...

O anonymato, o peor mál de que enferma o jornalismo, vae-se alargando em França. Raros são já os artigos assignados que se encontram nas principaes folhas de Paris, onde a collaboração anonyma e, por isso, mais barata ou mesmo gratuita, occupa trez das quartas partes do texto dos jornaes. A profissão decae e o charlatanismo triumpha. Informações particulares me dizem d'ali que uma grande parte dos que escrevem anonymamente nos jornaes, só assim conseguem ser lidos. Se assignassem o que escrevem não

haveria quem os lêsse! Os que poderiam assignar e ser lidos, não se sujeitam a perceber uma *ridicularia*.

Quanto ao serviço de *reportage*, nos jornaes que pagam ordenados fixos, um *reporter* pode ganhar de 150 a 250 francos por mez. Outras folhas pagam á linha, sendo de 15 centimos a tarifa geralmente estabelecida. Unicamente o *Temps*, paga a linha a 30 centimos, o *Figaro* a 25 e o *Gaulois* e o *Gil Blaz* a 20.

O *Temps* só paga por aquelle preço quando se trate de informação de qualquer facto inedito. No dia seguinte, quaesquer informações complementares são pagas a 15 centimos.

O que ha em França é muito mais respeito pela imprensa do que entre nós. Um facto recente o demonstra. Referiu-o d'este modo um jornalista portuguez, que é em Paris o correspondente de varios jornaes de Lisboa:

«A noiva d'um *reporter* da *Lanterna* foi presa illegalmente pelos agentes da policia secreta. A *Lanterna* protestou. Todos os jornaes de Pariz secundaram nobremente o protesto. O parlamento, composto na maior parte de jornalistas, apoiou o clamor da imprensa. E a noiva e o noivo receberam as desculpas e as indemnisações a que tinham direito; e o prefeito da policia de Pariz, — entidade maiuscula, que a nenhuma póde comparar-se ahi, — esteve, um momento, em risco de cair do seu pedestal de grandeza, agarrado aos agentes imbecis, que foi obrigado a demittir!»

A opinião publica abençoou, mais uma vez, a

força que, com o seu apoio, não cessa de dar á imprensa periodica.

Foi tambem devido a uma incessante campanha da imprensa, com Jaurés á frente, — que se procedeu á revisão do processo de Rennes.

Emfim, a imprensa, em Paris, realisou o mais soberbo ideial moderno, que consiste em dominar pela luz e em crear, por isso mesmo, uma auctoridade real que lhe impõe, aliás, as responsabilidades correlativas. O jornalista não é ali apenas «*alguem*»; occupa os primeiros logares em toda a parte. Mas, o jornalista tem a consciencia de que o é, e porque ama a profissão que exerce, não usa d'ella senão para illustrar-se e para bem servir, como deve, o seu paiz. Porque se uniu nos centros e nos syndicatos, a imprensa franceza é uma entidade civil e moral, respeitabilissima. A offensa produzida n'um dos seus membros, fére a collectividade inteira. D'esta unidade d'acção e de vistas, bróta a força incontestavel da poderosa instituição da imprensa franceza, cuja respeitabilidade nenhuma outra instituição ousa atacar ou, ao menos, desconhecer.

Em França teem sido publicados, impressos em lingua portugueza, os seguintes jornaes, de que tenho conhecimento: *O Observador Lusitano,* em 1815; *O Independente,* em 1831; *Archivo de Conhecimentos Uteis,* em 1837; *Correspondencia de França,* em 1876; *A Estação* (jornal de modas), em 1883; *A Revista* (illustração) de Mariano Pina, em 1884; *Mundo*

Elegante (jornal de modas e litteratura) de A. de Sousa, em 1887, todos em Paris; — *O Portuguez Emigrado* e *Padre Malagrida,* ambos em 1828 e ambos em Plymouth.

Presentemente apenas se publicam, em Paris, *A Estação*, *O Mundo Elegante,* que, depois de alguns annos de suspensão, reappareceu notavelmente melhorado, em 1903; e *Le Portugal,* interessante revista mensal, impressa em francez mas redigida por compatriotas nossos.

VI

O jornalismo em Portugal e Hespanha

Primeiros periodicos portugueses.— O primeiro jornal hespanhol.— As «Gazetas» de Lisboa.— A «reportage» antiga. — Titulos extravagantes.— Uma dama portugueza na imprensa hespanhola.— Os grandes jornaes.— Notas varias.

Comquanto não haja ainda, publicada a historia do jornalismo portuguez, livro por muitos motivos interessante, que nos foi promettido por Silva Tullio, mas que supponho nem ter sido iniciado por esse erudito escriptor já fallecido; — por varios artigos e opusculos do mesmo illustre investigador, de Innocencio, de Herculano, de Eduardo Coelho, do dr. Alfredo da Cunha, de Brito Aranha; e tambem por dois interessantes livros extrahidos por Silva Pereira do seu *Diccionario do Jornalismo* (ainda inédito), torna-se relativamente facil reconstituir o modo como se creou e desenvolveu entre nós a imprensa periodica. Todos os auctores citados e varios outros, cujos escriptos li e de que não recordo agora os nomes, são mais ou me-

nos concordes em considerar o jornalismo iniciado no nosso paiz com a *Relação Universal do que succedeu em Portuqal e mais provincias do Occidente e Oriente,* escripta ou redigida por Manuel Severim de Faria, cuja apparição data de 1625, em Lisboa. Divergem as opiniões apenas com relação á sua fórma de periodicidade. Innocencio, por exemplo, diz não considerar a *Relação Universal* como jornal propriamente dito, por se publicar annualmente e ser, portanto, um annuario.

Silva Tullio não hesita em considerar a publicação de Severim de Faria como «avoengo do jornalismo portuguez». Silva Pereira, que largos annos da sua vida gastou em investigações, pelas bibliothecas e archivos, para escrever o interessantissimo diccionario que, em manuscripto, deixou aos seus, depois de ter esgotado todos os esforços para conseguir a sua impressão por conta do Estado, como podia e devia ser, não hesitou tambem em considerar a *Relação Universal* como o primeiro jornal portuguez e, como tal, o collocou á cabeceira da extensa lista que colligiu com benedictina paciencia e lhe permittiu escrever os trez grossos volumes que deixou como herança.

Varias presumpções me levam a crer que com effeito assim é, por isso que se essas *Relações* não fossem officialmente consideradas como jornal, não se tornaria necessaria a publicação da Carta Regia de 26 de Janeiro de 1627, que a Torre do Tombo archiva na correspondencia do Desembargo do Paço de 1627 e 1628, a fol. 19 e em que se diz:

«De *alguns annos* a esta parte se tem introdu-«zido n'esta cidade escrever e imprimir *relações de* «*novas geraes;* e porque *em algumas* se falla com «pouca certeza e menos consideração, de que resul-«tam graves inconvenientes; ordenareis que se não «possam imprimir sem as licenças ordinarias e que «antes de as dar se revejam e examinem com parti-«cular cuidado».

Se para os livros que se imprimiam havia uma lei anterior, que os sujeitava a não poderem correr sem prévia censura e exame, esta Carta Regia leva-me a crer que as *Relações* redigidas por Severim de Faria, não se consideràvam como attingidas por essa lei anterior, visto que para ellas, especialmente, foi a dita Carta Regia expedida. E como um tal documento diz que «*de alguns annos a esta parte*» se imprimiam relações «*em algumas*» das quaes se fallava com pouca certeza, parece que Innocencio errou ao consideral-as annuarios. Com effeito, se a primeira appareceu em 1626, não se comprehende que pudessem ter já sahido «*algumas*» em principios de 1627, em que se expediu a providencia citada, como não teriam cabimento as palavras «*de alguns annos a esta parte*».

Ou antes de Severim de Faria, outros escriptores haviam publicado *Relações* que não são conhecidas, ou as suas não sabiam tal annualmente como Innocencio suppõe. A não ser que as minhas deducções sejam infundadas.

Eugene Dubief, no seu livro *Le Journalisme* e o

Grand Dictionaire Universel du XIX siècle (no artigo *Journal)* assignalam a data de 1626 como sendo a da primeira gazeta hespanhola, mas eu penso que ambos pretendem alludir á *Relação Universal* publicada em Lisboa e que os dois auctores confundiram Lisboa com Hespanha, confusão que ainda hoje é vulgar em escriptos lá de fóra, por isso que a primeira gazeta hespanhola de que tenho conhecimento, sahiu em 1661, intitulando-se tambem *Relacion ó Gaceta de algunos casos.* É para mim ponto de fé que Dubief e o *Grand Dictionaire* alludem á *Relação* de Faria e chamam a Lisboa — Hespanha.

A *Relação Universal* durou até 1627. D'ahi até 1641 não ha noticia de publicações jornalisticas em Portugal.

Em Novembro d'esse anno appareceu, porém, a *Gazeta em que se relatam as novas todas que ouve n'esta côrte e que vieram de varias partes.* Este era o seu titulo, tinha seis paginas em 4.° e imprimia-se em Lisboa na officina de Lourenço de Anvers. Publicava-se mensalmente, havendo mezes em que sahiam dois numeros ou um exemplar correspondente a dois mezes. Parece que esta gazeta, que viveu até Setembro de 1647, tinha como redactor Fr. Francisco Brandão, e tambem se diz que n'ella collaborou o proprio rei D. João IV. Se é certa uma tal affirmativa, não foi esse monarcha o unico que se dedicou ao jornalismo. Já referi, ao tratar do jornalismo em França, ter Luiz XIII collaborado no *Mercurio Francez* e accrescentarei que tambem a revista *Main Jaune* publicou escriptos

de Luiz XVIII, que se deleitava em zombar, por esse meio, dos seus ministros.

N'uma interessante monographia, publicada ha annos, pelo snr. J. Simões Dias, asseverava esse brilhante escriptor que o primeiro jornal que se publicou em Madrid tinha a data de 1704. Creio poder affirmar que houve equivoco, por isso que em 1661, ou seja 43 annos antes da epocha fixada por aquelle escriptor, appareceu em Madrid um jornal mensal com o titulo *Relacion ó Gaceta de algunos casos particulares tanto politicos como militares sucedidos en la major parte del mundo.* Mudou de titulo passando a chamar-se *Gaceta Nueva* e em 4 de Julho de 1667 appareceu com o de *Gaceta Ordinaria de Madrid.* Em 1683 passou a chamar-se *Novas Ordinarias dos Successos do Norte,* e em 1690 intitulou-se *Noticias Ordinarias.* Voltou porém a ser *Gaceta de Madrid* em 1737, estabelecendo os seus escriptorios na calle de Alcalá. Foi este mesmo jornal, que em 18 de Ju-

HISTORIA
ANNUAL,
CHRONOLOGICA, E POLITICA
do Mundo, & especialmente
DA
EUROPA,
ONDE SE FAZ MEMORIA DOS NASCIMENTOS, desposorios, & morte de todos os Emperadores, Reys, Principes, & pessoas consideraveis pela sua qualidade, ou empregos; encontros, sitios de Praças, & Batalhas terrestres, & navaes; vistas, & jornadas de Principes, Tratados de Alianças, tregos, & paz,
Com todas as mais acçoens militares, & civis, negociaçoens politicas, & successos mais dignos da attençaõ, & curiosidade.
PARTE I.

LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina de PASCOAL DA SYLVA,
Impressor de Sua Magestade.
Com todas as licenças necessarias, Anno 1715.

(GAZETA DE LISBOA, DE 1715)

(Fac-simile do frontispicio da 1.ª parte)

nho de 1808 se converteu em diario e que cessou de publicar-se quando a Junta Suprema se viu forçada a abandonar Aranjuez.

No anno de 1663 (em Janeiro) começou a publicar-se, em Lisboa, *O Mercurio Portuguez*, redigido pelo auctor das *Flores de Hespanha* e da *Eva e Ave*, o secretario de Estado Antonio de Souza Macedo, desde Janeiro de 1663 até Dezembro de 1666, e anonymamente desde então até Julho de 1667.

No reinado de D. João v, em 1715, reappareceram as *Gazetas de Lisboa*, redigidas por José Freire de Monterrozo Mascarenhas, que exerceu esse cargo por mais de 40 annos, por isso que o N.º 1 sahiu em 10 de Agosto de 1715 (*) e o ultimo de sua redacção, em Janeiro de 1760, fallecendo então esse homem que, com toda a justiça, deve ser considerado como um dos primeiros jornalistas do nosso paiz. Segundo a carta de privilegio que Monterrozo obtivera em 3 de Julho de 1752, oito annos antes de morrer, para publicar a gazeta emquanto vivo fosse, o periodico em questão havia de apparecer uma vez por semana, á quinta feira, devendo cada numero conter «quatro quartos de papel».

Era imposta a qualquer outra pessoa «que se mettesse a imprimir algum dos ditos papeis», a pena de

(*) Esse primeiro numero tinha o titulo de *Noticias do estado do Mundo*. O immediato, que sahiu a 17 do mesmo mez, já apresenta o titulo definitivo — *Gazeta de Lisboa*.

50 cruzados, metade para a Real Camara e metade para o accusador, perdendo tambem todas as gazetas que lhe fossem apprehendidas «para o mesmo deprecante.» Tem essa carta de privilegio a data de 3 de Junho do indicado anno.

Apezar de possuir tal privilegio, ainda em vida de Monterrozo, em 1756, appareceu em Lisboa, impresso na officina de Domingos Rodrigues, um jornal de 8 paginas em 4.°, intitulado *Occulto instruido que para lisito divertimento e onesta recreasam se ade publicar dividido em differentes partes.* D'esse jornal, de que apenas sahiram 18 numeros, possuo eu varios exemplares assás curiosos.

Num. I.

NOTICIAS
DO
ESTADO DO MUNDO.

Sabbado 10. *de Agosto de* 1715.

ALEMANHA, E TURQUIA

ELAS noticias da Corte de Viena fe fabe, que o Emperador dos Turcos continua os feus aprefios militares contra a Europa, que tem repartidas as fuas forças em tres corpos, hum acampado na Provincia de Dalmacia contra os Monte-Negrinos, Povos habitantes das montanhas de Albania nas vizinhanças do Rio Negro, os quaes negandolhe a obediencia de vaffallos deffi uirão depois alguns Baxás, que com hum groffo de gente determinavão caftigallos; outro nas fronteiras da Morea contra a Republica de Veneza; & o terceiro junto a Choczim nas vizinhanças de Polonia. As fuas forças navaes fe achavão juntas no Porto de Caftelruffo, compondofe de trinta & duas fragatas, vinte & oito Galeaffes, & alguns Brulotes, efperando ainda alli os navios auxiliares de Barbaria, & os Brulotes q eſtão nos portos do Archipelago. A Republica de Veneza tem feito todos os aprefios neceſſarios para rebater eſta guerra: a fua armada naval fe achava no porto da Ilha Andros, eſperando a chegada das Galés do Papa, & da Religião de Malta, com as quaes fe confidera tam forte contra a Ottomana. A 18. de Junho partio de Veneza Monſicur Loredano na nao chamada Rainha do mar, com hũ comboy em que vaõ quantidade de proviſões, 1500. homens, & 110U. ducados em ouro, & prata para o exercito de Levante; & fe preparava outro Comboy, que ſerá eſcoltado por dous navios novos de oitenta peças cada hum. O Seraſchier de Negraponte ha tentado muitas vezes a ſenhorearſe do Iſthmo de Corintho, para franquear a entrada da Morea às tropas Otomanas; mas em todas ha ſido rechaçado, & conſtrangido a retirarſe ſem o conſeguir. Dizem q o Papa dará 1000. homens aos Venezianos, para fe empregarem na guerra contra os Turcos. As Cartas de Andrinopoli de 12. de

A Mayo

(GAZETA DE LISBOA DE 1715)

(Fac-simile da 1.ª pagina do n.° 1)

Terminando, como disse, em Janeiro de 1760 a publicação da gazeta de Monterrozo, logo adiante, em Julho, appareceram novas gazetas de Lisboa, chamadas dos officiaes das Secretarias. Redigiu-as o notavel poéta Pedro Antonio Correia Garção e publicaram-

se até Junho de 1762, em que foram suspensas por determinação do Marquez de Pombal. Reappareceram mais tarde, já no reinado de D. Maria I, em 4 de Agosto de 1778, sendo seu principal redactor Felix Antonio Castrioto, auxiliado por Felix de Avellar Brotero e José Agostinho de Macedo.

Com o mesmo titulo de *Gazeta de Lisboa* proseguiu a publicação até Dezembro de 1820, mudando então de titulo por diversas vezes até adoptar o definitivo, que ainda hoje mantém, de *Diario do Governo*. A collecção completa, que é rarissima, é mais curiosa e interessante do que muita gente suppõe.

Antes da *Gazeta* de 1641, atrás citada, appareceram muitas *folhas volantes, relações* e *noticias avulsas,* mas isso não era propriamente jornalismo nem por fórma alguma publicação regular. Occupavam-se de um ou outro successo mais estrondoso, quasi sempre do estrangeiro. A *Gazeta* tambem não conhecia o noticiario propriamente dito, do interior do reino. Ha um facto que demonstra a verdade d'esta asserção e que encontro citada pelo erudito investigador Silva Tullio.

O terramoto de 1755 succedeu a um sabbado. N'esse tempo a *Gazeta* sahia ás quintas feiras. Na primeira que se seguiu a essa espantosa catastrophe, que ainda hoje nos faz arripiar os cabellos, a folha referia apenas o seguinte:

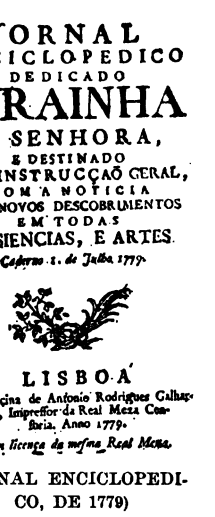
«Lisboa, 6 de Novembro de 1755 — O dia pri-«meiro do corrente ficará memoravel a todos os secu-«los, pelos terramotos e incendios que arruinaram

«uma grande parte d'esta cidade; mas tem havido a «felicidade de se acharem nas ruinas os cofres da «fazenda real e da maior parte dos particulares.»

E nem mais uma linha! E nem mais um pormenor do terrivel acontecimento que absorvia as attenções geraes! Se fosse hoje que tão horrorosa desgraça succedesse, encher-se-iam paginas e paginas dos nossos jornaes...

Basta lembrar-se o que succedeu quando ha pouco, a 9 de Agosto de 1903, se sentiu em Lisboa um abalo de terra, bastante violento mas de curta duração. Encheram-se columnas com pormenores.

N'aquelles tempos a sobriedade era tudo. As *folhas volantes,* essas sim, é que *estenderam a massa,* como hoje se dizem giria de redacção.


JORNAL
ENCICLOPEDICO
DEDICADO
Á RAINHA
N. SENHORA,
E DESTINADO
PARA INSTRUCÇÃO GERAL,
COM A NOTICIA
DOS NOVOS DESCOBRIMENTOS
EM TODAS
AS SIENCIAS, E ARTES.
Caderno 1. de Julho 1779.
LISBOA
Na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, Impreffor da Real Meza Cenforia. Anno 1779.
Com licença da mefma Real Meza.

(JORNAL ENCICLOPEDICO, DE 1779)

(Fac-simile do frontispicio do n.º 1)

A venda d'estas folhas era um monopolio, como hoje o do tabaco ou o dos phosphoros. Só os cegos, da irmandade erecta na antiga parochial de S. Jorge de Arroyos, é que podiam vender taes folhas, tendo um tal privilegio por base izentar aquelles infelizes da mendicidade. Na irmandade em questão só eram admittidos doze irmãos com vista. Estes serviam de guias aos outros, aos *cegos papelistas,* como então se lhes chamava.

Datava essa irmandade de 1604, o que prova que o uso de se imprimirem e venderem papeis de noticias pelas ruas é antiquissimo entre nós.

Reatando o fio do esboço chronologico do jornalismo em Portugal e Hespanha, direi que depois da *Gazeta de Lisboa* e da *Gaceta de Madrid*, appareceram em Lisboa, o *Folheto de Ambas Lisboas*, a 22 de Junho de 1730; o *Expresso da Corte e emprego de curiosidades nas cidades de Lisboa Occidental e Oriental em todas as semanas*, cujo primeiro numero sahiu em 1 de Janeiro de 1740, proseguindo até Outubro do mesmo anno; o *Folheto de Lisboa*, que appareceu a 2 de Janeiro, tambem de 1740 e foi até Dezembro de 1748; o *Zodiaco Luzitano*, jornal de medicina, que sahiu em Janeiro de 1749, no Porto, e uma alluvião de outros jornaes, alguns d'elles com titulos verdadeiramente extravagantes; e isto tanto cá como no paiz visinho, pois ambas as nações teem marchado a par, não só no desenvolvimento progressivo dos seus orgãos de publicidade, como na extravagancia dos titulos escolhidos para o baptismo de muitos.

Em Hespanha appareceram em 1734 as *Efemerides barometrico-medicas matritenses;* em 1735 *El Duende*, o primeiro jornal satyrico de Madrid, contra o ministerio Patiño; em 1738 o *Mercurio historico-politico* e em 1752 as *Memorias*, ambos periodicos politicos já perfeitamente caracterisados; em 1758 o *Diario Noticioso Politico y Economico;* e em 1762 *El Pensador*.

(ALGUNS JORNAES PORTUGUEZES ANTIGOS)

O Occulto Instruido (Lisboa — 1756) = *Almocreve de Petas* (Lisboa — 1797) = *Tardes de Maio* (Lisboa — 1758) = *A Trombeta Final* (Lisboa — 1827) = *Correio Mercantil* (Lisboa — 1838) = Astro da Luzitania (Lisboa — 1820) = *Periodico dos Pobres* (Lisboa 1826) = *O Aldeão* (Lisboa 1836) — *O Cometa* (Lisboa 1836) = *O Toureiro* (Lisboa — 1836) *Telegrapho Portuguez* (Lisboa — 1808) = *Argus Lusitano* (Lisboa — 1823) = *A Revolução de Setembro* (Lisboa — 1840) = *O Viajante* (Lisboa — 1838) = *Chronica Constitucional de Lisboa* — (1833) = *O Raio* (Lisboa — 1836) — *Minerva Lusitana* (Lisboa — 1801) *O Estandarte* (Lisboa — 1847) = *Mnemosine Constitucional* (Lisboa — 1820).

No nosso paiz ainda appareceram, entre muitos outros, *O Anonymo*, em 1752; as *Tardes de Maio*, em 1758; as *Semanas Proveitosas*, em 1759; o *Discipulo Instruido*, a *Palestra Admiravel*, os *Medicos Perfeitos*, a *Academia dos Humildes e Ignorantes*, todos no mesmo anno de 1759; a *Gazeta Litteraria*, *Eccos que a Fama dá ou Postilhão de Apollo montado no Pégaso*, ambos em 1761; o *Sonho Lembrado*, em 1762 o *Diario Universal de Medicina, Cirurgia e Pharmacia*, em 1764; o *Passatempo Curioso*, em 1779; o *Jornal Encyclopedico*, no mesmo anno; as *Ephemerides Nauticas*, em 1789; o *Correio Mercantil e Economico*, em 1790; o *Mercurio Historico e Politico*, em 1794; o *Jornal de Modinhas*, em 1796; o *Palladio Portuguez*, no mesmo anno; o *Almocreve de Petas*, em 1797; o *Theatro Comico*, em 1798; o *Comboio de Mentiras* e a *Minerva Luzitana*, em 1801; os *Annuncios Ruraes*, o *Espreitador do Mundo Novo* e o *Diario Critico*, todos em 1802; o *Barco da Carreira dos Tolos* e *O Redactor*, em 1803; o *Hospital do Mundo* e a *Gazeta do Campo*, em 1804; o *Anacleto de Recreação e Erudição*, em 1805; o *Correio da Moda* e a *Camara Optica*, em 1807; O *Leal Portuguez*, o *Semanario Patriotico*, a *Gazeta do Rocio* e o *Telegrapho Portuguez*, em 1808, (anno em que tambem appareceu em Coimbra a *Minerva Luxitana)*; o *Patriota*, o *Diario do Porto*, o *Diario Lisbonense*, a *Ordem do Dia*, o *Correio da Tarde*, a *Abelha do Meio Dia*, a *Lanterna Magica* e *O Mensageiro*, em 1809; o *Microscopio*

Patriotico, em 1810; *O Economista,* o *Motim Litterario* e o *Investigador Portuguez,* em 1811.

Apezar de não ter citado todos os jornaes, os que citei chegam para se poder conhecer quanto e quão rapidamente se aclimou e desenvolveu o jornalismo em Portugal e como foram diversas e variadas as fórmas que revestiu mesmo nas primeiras phases da sua existencia.

A Hespanha não nos ficou atrás.

Em 1661 publicou-se em Sevilha a *Gaceta Nueva* e d'ahi para cá, n'essa cidade e nas restantes localidades de Andaluzia, publicavam-se, até 1896, nada menos de seiscentos e vinte e quatro periodicos diversos.

Num.° 9

GAZETA DE LISBOA.

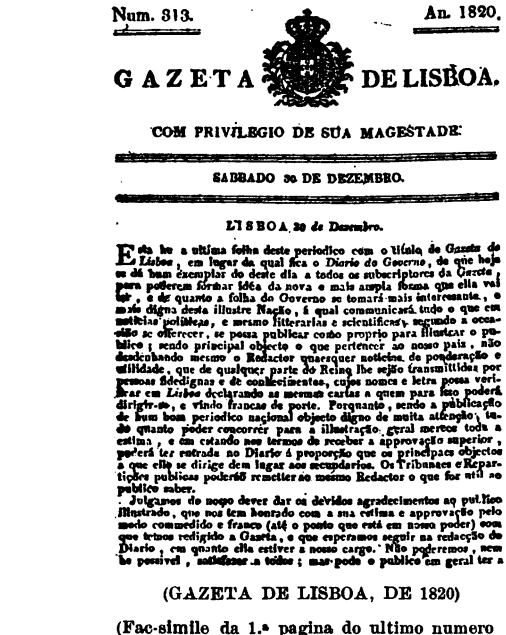
Sabbado 17. de Agosto de 1715.

ALEMANHA

(GAZETA DE LISBOA, DE 1820)
(Fac-simile da 1.ª pagina do n.° 2)

Os titulos escolhidos para taes publicações eram, em geral, extravagantes — e devéras curiosos. Em Sevilha sahiram á luz o *Tio Tremenda; Perico, el de los Palotes; Fandango de Guitarrilla; Casa de Locos* (talvez parodiando o nosso *Barco da Carreira dos Tolos*); *El Mico; El Bu; Agua vá! Pum! Embro-*

mario; Infundios; Cri-Cri; Magon; Tintinnabulum Hispalensis e até *Consolatrix Afflictorum*. Lá como cá valeria a pena fazer um estudo ácerca dos titulos e da linguagem empregada nos periodicos, estudo que não deixaria de ser curioso. Talvez ainda me abalance a empre-



Num. 313. An. 1820.

GAZETA DE LISBOA.

COM PRIVILEGIO DE SUA MAGESTADE.

SABBADO 30 DE DEZEMBRO.

LISBOA 30 de Dezembro.

Esta he a ultima folha deste periodico com o titulo de Gazeta de *Lisboa*, em lugar da qual fica o *Diario do Governo*, do que hoje se dá hum exemplar do deste dia a todos os subscriptores da Gazeta, para poderem formar idéa da nova e mais ampla forma que ella vai ter, e de quanto a folha do Governo se tornará mais interessante, e mais digna desta illustre Nação, á qual communicará tudo o que em noticias politicas, e mesmo litterarias e scientificas, segundo a occasião se offerecer, se possa publicar como proprio para illustrar o publico; sendo principal objecto o que pertencer ao nosso pais, não desdenhando mesmo o Redactor quaesquer noticias de ponderação e utilidade, que de qualquer parte do Reino lhe sejão transmittidas por pessoas fidedignas e de conhecimentos, cujos nomes e letra possa verificar em *Lisboa* declarando as mesmas cartas a quem para isso poderá dirigir-se, e vindo francas de porte. Porquanto, sendo a publicação de hum bom periodico nacional objecto digno de muita attenção, tudo quanto poder concorrer para a illustração geral merece toda a estima, e em estando nos termos de receber a approvação superior, poderá ter entrada no Diario á proporção que os principaes objectos a que elle se dirige dem lugar aos secundarios. Os Tribunaes e Repartições publicas poderão remetter ao mesmo Redactor o que for util ao publico saber.

Julgamos do nosso dever dar os devidos agradecimentos ao publico illustrado, que nos tem honrado com a sua estima e approvação pelo modo comedido e franco (até o ponto que está em nosso poder) com que temos redigido a Gazeta, e que esperamos seguir na redacção do Diario, em quanto ella estiver a nosso cargo. Não poderemos, nem he possivel, satisfazer a todos; mas pode o publico em geral ter a

(GAZETA DE LISBOA, DE 1820)

(Fac-simile da 1.ª pagina do ultimo numero publicado).

hendel-o com os elementos que tenho conseguido reunir.

Consta que em Granada fundára um diario o padre Chica Benevides, em 1765, não constando o titulo que adoptou, diario que deixou de publicar-se quando o seu fundador desappareceu do numero dos vivos. Em 1792 outro diario se pretendeu fundar em Granada, não chegando a sahir á luz por a isso se oppor o respectivo fiscal do governo.

De como já então se comprehendia ali o jornalismo diz este periodo que transcrevo das proprias explicações dadas pelo seu fundador D. Francisco Morales y Sotomayor:

«El director de este periodico (continúa diciendo) espera de la bondad de sus paisanos dispensarán los defectos que se adviertan, pues por más cuidado que se ponga, rara vez saldrá el Diario sin aquellos errores inherentes á su misma constitución, teniendo presente que por ser el tiempo momentáneo y formarse precipitadamente y en la angustia de la noche, no podrá salir con la misma corrección que la Biblia Poliglota, ni con la prolijidad que la impresión regia del Salustio.»

Ao pedido de licença para publicar este diario informou o fiscal respectivo «que fuera lo mas conve-«niente que D. Francisco Morales presentase un mo-«delo ó ejemplar especifico de la publicacion.» O peticionario apresentou esse modelo em 9 de Junho de 1792, em manuscrito, contendo as vidas de S. Primo e S. Feliciano, uma parte historica ácerca da guerra entre a Russia e a Turquia, os preços dos gados e dos cereaes, alguns annuncios de alugueres, vendas, etc; e uma parte litteraria em que havia este soneto:

Enganos en que se vive

Morir con suponer que estás viviendo,
Penar con opinión de estar gozando,
Soñar quando mejor estás velando,
Velar quando más bien estás durmiendo :

Consagrar las potencias al estruendo
Del nada, que nos tiene agonizando ;
Hacer contra su bien opuesto bando,
Y del propio peligro estar riendo :

Juzgar las sombras luz, la noche dia,
Dar al loco el lugar del más discreto,
Y aplaudir por bondad la tiranía ;

Barajar con lo sabio lo indiscreto,
Es el mundo que ves, y más diría,
Pero no cabe más en un soneto.

A permissão solicitada não foi concedida, por ser «malissimo el estilo y peor la ortografia» e o jornal não chegou a sahir á luz. Até certo ponto aquelles tempos eram peores do que hoje.

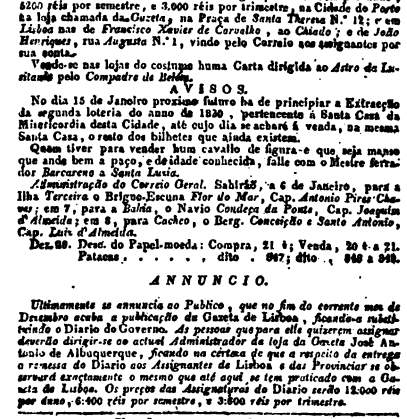
Depois de *El Pensador,* a que já alludi, sahiram em Hespanha *El Amigo,* em 1763, (em Cadix) *La Pensadora Gaditana e El Bufon de Vallecas,* redigido por Nuaño, que foi um escriptor muito apreciavel. Em 1781 appareceu *El Censor,* do advogado D. Luiz Cañuelo, que foi a primeiro jornalista hespanhol que recebeu uma condemnação pelos seus escriptos. Appareceram mais o *Diario de los Ciegos, El Regañon,* o *Semanario Patriotico* e *El Imparcial,* que não é o que hoje se publíca em Madrid, com esse titulo.

E appareceu, na ilha de Leon, por esse tempo, um periodico cuja existencia até ha pouco era desconhecida para mim, que por uma circumstancia não vulgar se impõe, a meu ver, ao nosso orgulho de portuguezes. Chamava-se *El Robespierre Español* e n'elle collaborou, assidua e notavelmente, a primeira mulher que póde chamar-se jornalista em Hespanha.

Essa dama — e aqui é que está o interesse do caso para nós -- era portugueza.

Chamava-se D. Maria do Carmo Silva e era casada com o director e editor do jornal, a quem auxiliava com singular denodo e varonil resolução. Assim o diz, na sua obra — *Bibliografia y Tipografia Gaditanas*, o brilhante e erudito escriptor D. Dionisio Pérez.

Durante a guerra da Independencia o esposo foi detido pelas auctoridades, sob um pretexto qualquer, mas o jornal continuou a sahir regularmente, porque da sua direcção se encarregou D. Maria do Carmo Silva, proseguindo na obra de seu marido e escrevendo notaveis artigos de polemica vigorosa. Assevera o escriptor citado, que esses artigos podem tomar-se como modelos de extraordinaria energia feminina e que seguramente, os homens do seu tempo os veriam com admiração e muitos até com inveja.



Sahio em 20 a Esc. *Inglesa Unity*, para *Gibraltar*; cois a conga com que entrou.

Sahio á luz a obra intitulada *As Cortes, ou os Direitos do Povo Portuguez*, que serve de prova ao Manifesto do Governo, dedicada ao Exercito pelo Capitão *Cypriano José Rodrigues das Chagas*. Vende-se por 480 réis nas lojas do costume.

O periodico impresso na Cidade do *Porto* intitulado *Correio do Porto*, passa a sahir em huma folha diaria, em lugar de meia, desde o 1.° de Janeiro de 1821. Para elle se assigna por 9:600 réis por anno, 5200 réis por semestre, e 3.000 réis por trimestre, na Cidade do *Porto* na loja chamada da *Gazeta*, na Praça de *Santa Thereza* N.° 12; e em *Lisboa* nas de *Francisco Xavier de Carvalho*, ao *Chiado*; e de *João Henriques*, rua *Augusta* N.° 1, vindo pelo Correio aos assignantes por sua conta.

Vende-se nas lojas do costume huma Carta dirigida ao *Astro da Lusitania* pelo *Compadre de Belém*.

AVISOS.

No dia 15 de Janeiro proximo futuro ha de principiar a Extracção da segunda loteria do anno de 1820, pertencente á Santa Casa da Misericordia desta Cidade, até cujo dia se acharé á venda, na mesma Santa Casa, o resto dos bilhetes que ainda existem.

Quem tiver para vender hum cavallo de figura e que seja manso que ande bem a paço, e de idade conhecida, falle com o Mestre ferrador *Barcareno* a *Santa Luzia*.

Administração do Correio Geral. Sahirão, a 6 de Janeiro, para a Ilha *Terceira* o Brigue-Escuna *Flor do Mar*, Cap. *Antonio Pires Chaves*; em 7, para a *Bahia*, o Navio *Condeça da Ponte*, Cap. *Joaquim d'Almeida*; em 8, para *Cacheo*, o Berg. *Conceição e Santo Antonio*, Cap. *Luiz d'Almeida*.

Dez. 20. Desc. do Papel-moeda: Compra, 21 ½; Venda, 20 ½ a 21.
Patacas . . . . . dito . 347; dito . 348 a 349.

ANNUNCIO.

Ultimamente se annuncia ao Publico, que no fim do corrente mez de Dezembro acaba a publicação da Gazeta de Lisboa, *ficando-a substituindo o* Diario do Governo. *As pessoas que para elle quizerem assignar deverão dirigir-se ao actual Administrador da loja da Gazeta* José Antonio de Albuquerque, *ficando na certeza de que a respeito da entrega e remessa do* Diario *aos Assignantes de* Lisboa *e das Provincias se observará exactamente o mesmo que até aqui se tem praticado com a* Gazeta de Lisboa. *Os preços das Assignaturas do* Diario *serão* 12:000 *réis por anno*, 6:400 *réis por semestre*, e 3:800 *réis por trimestre*.

NA IMPRESSÃO REGIA.

(GAZETA DE LISBOA, DE 1820)

(Fac-simile da ultima pagina do ultimo numero

Surgiam depois *El Redactor general* em 1813; *Correo Politico y Economico de las Provincias de la Peninsula,* em 1814; *El Conservador,* em 1820; e entre uns e outros *El Madrileño, La Arlequinada Politica, Voces de un mudito, La Cotorrita Constitucional, El Gato Escondido, El Garrotazo, El Latigo Liberal, La Manopla,* etc. De 1820 para deante, appareceram *El Zurriago,* modelo de excessiva violencia de linguagem; *El terrible para todos, El Espectador, El Indicador* e *El Restaurador.*

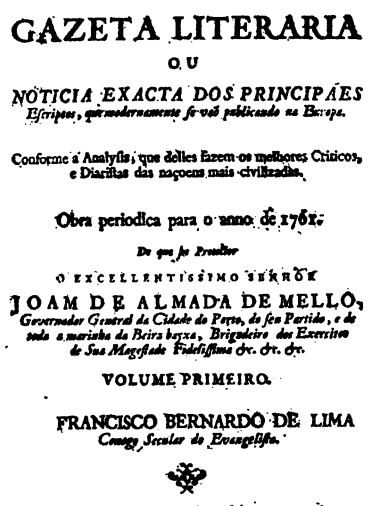
Em 1832 appareceu *El Pobrecito Hablador* e d'ahi até 1848 *O Boletim Official de Madrid, El Mensajero de las Cortes, El Liberal, Fray Gerundio, El Diablo Suelto,* e *El Diario Politico Satyrico.* Em 1748 appareceu a *Hoja autografa,* que passou em 1851 a intitular-se *La Correspondencia Autógrafa Confidencial* e que em 1858 deixou de ser lytographada para reapparecer, impressa, com o titulo de *La Correspondencia de España,* que ainda hoje existe e com prospera vida.

Em 1849 sahiu á luz *La Epoca,* que tambem vive ainda e *El Bachiller Honduras,* de Nuñez de Arce. E depois appareceram *La Iberia, La Discusion, El Contemporaneo, El Cascabel, El Mosquito, El Imparcial* (que hoje conhecemos) *El Relampago, El Amigo del Pueblo, El Padre Cobos, El Paraguas de Montpensier, El Cencerro* e uma infinidade de jornaes, cuja enumeração se torna impossivel. Presentemente a imprensa hespanhola e em especial a illustrada, rivalisa com a das mais adeantadas capitaes da Europa.

Os principaes diarios de Madrid, são hoje *El Liberal*, *El Imparcial*, *La Epoca*, *El Globo*, *La Correspondencia*, *El Resumen*, *El Heraldo de Madrid* e *Diario Universal*. Em Barcelona os diarios *La Publicidad*, *La Propaganda* e *El Diario de Barcelona*, são notavelmente redigidos.

Em Cadiz publicou-se, em 1842, um periodico impresso em portuguez, sob o titulo de *O Portuguez em Cadiz*.

Em Portugal, desde 1811, o jornalismo adquiriu notavel incremento, sendo trabalho não pequeno, a analyse pormenorisada da enorme quantidade de jornaes sahidos e a variedade dos generos a que se consagraram. Não deixarei, porém, de citar, como notaveis, entre outros, *O Campeão Portuguez ou o Amigo do Rei e do Povo*, *O Padre Amaro ou Sovela Politica, Historica e Litteraria*, ambos impressos em Londres, mas em portuguez; *O Genio Constitucional* (diario), A *Mnemosine Constitucional* (diario tambem), o *Argos Luxitano*,


GAZETA LITERARIA
OU
NOTICIA EXACTA DOS PRINCIPAES
Escriptos, que modernamente se vão publicando na Europa.
Conforme á Analyfis, que delles fazem os melhores Criticos, e Diarifias das naçoens mais civilizadas.
Obra periodica para o anno de 1761.
Do que fe Imprime
O EXCELLENTISSIMO SENHOR
JOAM DE ALMADA DE MELLO,
Governador Geral da Cidade do Porto, do feu Partido, e de toda a marinha da Beira baixa, Brigadeiro dos Exercitos de Sua Mageftade Fidelifima &c. &c. &c.
VOLUME PRIMEIRO.
FRANCISCO BERNARDO DE LIMA
Conego Secular do Evangelifta.
PORTO: Na Officina de FRANCISCO MENDES LIMA,
M. DCC. LXI.
Com todas as licenças neceffarias.

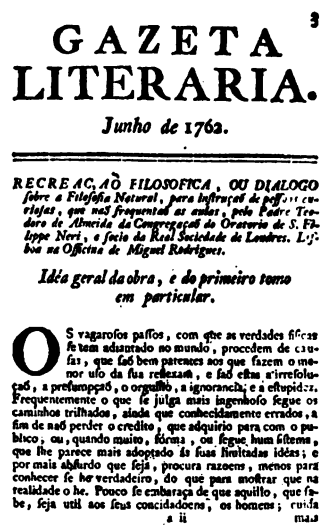
(GAZETA LITTERARIA DE 1761)
(Fac-simile do frontispicio do n.º 1)

O Velho Liberal do Douro (impresso no Porto e em Lisboa); o *Jornal de Comedias e Variedades;* o *Trovão;* o *Jornal Encyclopedico*, de 1836; *O Alcance;* a *Gazeta Universal; O Portuguez Constitucional; O Patriota Portuense; O Patriota*, de Lisboa; *O Astro da Luzitania; A Trombeta Luzitana; A Abelha da China*, de Macau, mas impressa em portuguez; *O Deffensor da Liberdade*, do Funchal; *O Rabecão; O Periodico dos Pobres; O Toureiro; O Artilheiro, A Vedeta da Liberdade*, etc.

Injustiça grave seria da minha parte deixar de mencionar, n'esta rapida resenha do jornalismo portuguez, a imprensa açoriana, que tantos e tão brilhantes e valiosos serviços prestou á causa da liberdade. Foi em Angra do Heroismo que appareceu o primeiro periodico dos Açores, porta-estandarte da liberdade constitucional. Foi a chamada regencia da Terceira que creou para seu orgão, a *Chronica da Terceira,* cujo primeiro numero sahiu em 17 de Abril de 1830. Redigiu-a primeiro o academico Simão José da Luz Soriano, ao depois auctor da *Historia do Cerco do Porto,* em que, como voluntario, tomou activa parte; e depois foram seus redactores os academicos Elias José de Moraes, José Estevão Coelho de Magalhães e ainda o capitão de voluntarios da Rainha, João Eduardo de Abreu Tavares. Dos outros não sei, mas de Simão Soriano diz a tradição que além de redactor, foi tambem compositor e impressor do periodico «na falta de officiaes proprios para taes misteres.»

Em 1831 chamou-se apenas *A Chronica;* em 1883 *Chronica dos Açores* e em 1834 *Chronica Constitucional d'Angra.* Com o primitivo titulo de *Chronica da Terceira,* voltou a publicar-se em 1846. O prélo e o material typographico em que foi impressa a *Chronica da Terceira* foram de Londres na escuna que conduziu para Angra os emigrados academicos, que haviam estado em Plymouth. N'essa imprensa, a primeira que houve nos Açores, se imprimiram as ordens do governo provisorio e depois os famosos decretos da regencia, subscriptos por Mousinho da Silveira mas redigidos por Almeida Garrett, na sua maior parte.

Aquella imprensa acompanhou para S. Miguel a expedição commandada por D Pedro IV, mas voltou para Angra em meados de 1842. O prélo ainda ali existe na Camara Municipal e dizem-me que em relativo bom estado.



GAZETA LITERARIA.

Junho de 1762.

RECREAÇÃO FILOSOFICA, OU DIALOGO sobre a Filoſofia Natural, para inſtrucção de peſſoas curioſas, que naõ frequentaõ as aulas, pelo Padre Teodoro de Almeida da Congregaçaõ do Oratorio de S. Filippe Neri, e ſocio da Real Sociedade de Londres. Lyſboa na Officina de Miguel Rodrigues.

Idéa geral da obra, e do primeiro tomo em particular.

OS vagarosos paſſos, com que as verdades ſóem ſe tem adiantado no mundo, procedem de cauſas, que ſaõ bem pareces aos que fazem o menor uſo da ſua reflexaõ, e ſaõ eſtas a irreflexaõ, a preſumpçaõ, o orgulho, a ignorancia, e a eſtupidez. Frequentemente o que ſe julga mais ingenhoſo ſegue os caminhos trilhados, ainda que conhecidamente errados, a fim de naõ perder o credito, que adquirio para com o publico, ou, quando muito, forma, ou ſegue hum ſiſtema, que lhe parece mais adoptado ás ſuas fruſtadas idéas; e por mais abſurdo que ſeja, procura razoens, menos para conhecer ſe he verdadeiro, do que para moſtrar que na realidade o he. Pouco ſe embaraça de que aquillo, que ſabe, ſeja util aos ſeus concidadaons, os homens; cuida

a ii mais

(GAZETA LITTERARIA DE 1761)
(Fac-simile da 1.ª pagina do ultimo numero publicado)

Em 1835 publicaram-se ali *O Liberal,* e a *Sentinella Constitucional dos Açores;* em 1836 *O Angrense* e *O Observador;* em 1838 *O Arco da Velha* e

Iris da Terceira; e d'ahi por diante muitos outros periodicos teem visto a luz na formosa ilha. Entre outros citarei: *O Espectador* em 1842; *O Pregoeiro,* em 1843; *O Escudo e O Terceirense,* em 1844; *Pobres na Terceira,* em 1852; a *Utilidade Publica,* em 1856; *O Insulano,* em 1857; *A Terceira,* em 1859; *O Lidador,* em 1862; *O Echo Açoriano, O Heroismo* e outra vez *O Liberal,* em 1863; *O Clarim Terceirense* e *A Trombeta Açoreana,* em 1866; *O Independente* e *O Incentivo,* em 1870; a *Independencia* e *A Razão,* em 1871; *O Correio da Terceira,* em 1874; *A Ideia Nova* e *O Progresso,* em 1876; *O Direito do Povo* e *O Protesto,* em 1877; *O Chicote, O Diario da Terceira, O Popular, O Partido do Povo* e *A Sentinella,* em 1878; *Os Açores, O Athleta* e *A Epoca,* em 1879.

Deixei para citação especial *O Açoreano Oriental,* cujo primeiro numero sahiu a 18 de Abril de 1835, e que occupa ainda hoje o decanato do jornalismo portuguez, o que lhe dá direito a que o saudemos todos quantos moirejamos nas lettras, como a um patriarcha benemerito e respeitavel,— respeitavel pela idade e benemerito pelo proceder sempre generoso e altivo.

Modernamente muitos outros jornaes se teem publicado nos Açores, cujos titulos não darei para me não tornar enfadonho e mesmo porque não estou fazendo uma historia, mas apenas esboçando factos.

— A imprensa portugueza assumiu realmente o seu papel de guarda avançada ou de sentinella vigilante,

(PRIMEIROS JORNAES LIBERAES PORTUGUEZES)

O Angrense — 1836 — Angra do Heroismo; *A Chronica* — 1831 — Angra do Heroismo; *O Defensor da Liberdade* — 1827— Funchal.

no meio das luctas politicas que assignalaram no nosso paiz, a primeira metade do seculo XIX. Com raras excepções, affirmou-se uma imprensa digna da sua missão e da grandeza da causa que se debatia.

As excepções a que alludo foram os pasquins insultadores, que se intitularam *O Punhal dos Corcundas* (1823-1824) redigido por Fr. Fortunato de S. Boaventura; *A Contra Mina,* pelo mesmo; *A Tripa Virada,* (1824) pelo reaccionario padre José Agostinho de Macedo; O *Desengano,* pelo mesmo;

A besta esfollada, 1828-1829) pelo mesmo; *O Cacete*, (1831-1832) ainda pelo mesmo; e alguns mais periodicos, que não podendo levar a bem as doutrinas emancipadoras, as combatiam com uma violencia de linguagem que raiava pela desvergonha.

Mal avisado andaria, — como já escreveu o snr. Simões Dias,— quem, por causa d'essas excepções, houvesse de condemnar uma instituição que se encarregou de deffender, perante a historia, a justiça dos opprimidos e os interesses da civilisação.

Quando o jornalismo portuguez adquiriu o seu maior desenvolvimento, que marca o inicio dos progressos que hoje apresenta, foi em 1820, com a instituição da liberdade de imprensa. Appareceu então uma verdadeira alluvião de jornaes, quasi todos politicos mas tambem noticiosos, embora restrictamente.

Depois da restauração, em 1833, foi o *Periodico dos Pobres do Porto*, o mais noticioso de todos.

A creação do *noticiario* propriamente dito deve-se á *Revista Universal Lisbonense*, do snr. Antonio Feliciano de Castilho. Foi o primeiro jornal que abriu secção especial para as noticias, a que o seu brilhante redactor imprimia toda a graça do seu estylo inconfundivel. A ideia foi aproveitada por todos e comquanto essa secção tenha ido desapparecendo dos jornaes de Lisboa, ainda é mantida pelos do Porto, com applauso geral dos leitores.

Não foi só Castilho que brilhou no jornalismo da nossa terra. Outros talentos de que o paiz justamente se envaidece, ahi se exercitaram e ahi prestaram inol-

ALGUNS JORNAES ANTIGOS DO PORTO

Regeneração de Portugal, (1820) = *Paquete Estrangeiro* (1826) = *Periodico dos Pobres do Porto* (1834) = *Chronica Constitucional* (1832) = *O Artilheiro* (1836) = *A Vedeta da Liberdade* 1835) = *O Analysta Portuense* (1822) = *O Athleta* (1838) = *Patriota Portuense* (1821) = *O Defensor* (1848) = *O Imparcial* (1826) = *Diario do Porto* (1809)= *O Braz Tizana* (1851)= *Genio Constitucional* (1820) = *O Velho Liberal do Douro* (1826) = *O Jornal do Povo* (1848).

vidaveis serviços á causa da liberdade e da civilisação. A' frente de todos encontra-se João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, redigindo *O Chaveco Liberal*, na emigração; e *O Portuguez* e *O Chronista* no paiz, não sendo esta sua feição das menos apreciaveis da sua vida de escriptor. Formam com elle uma legião, como já hoje se não junta, José Estevão, Rodrigues Sampaio, Alexandre Herculano, José de Sousa Bandeira, Rebello da Silva, Teixeira de Vasconcellos, Mendes Leal, Latino Coelho, Silva Tullio, Lopes de Mendonça, Pinheiro Chagas, etc. Legião saudosa, por certo!

D'entre todos esses, Souza Bandeira foi o unico jornalista portuguez, que eu saiba, que teve pendente sobre a cabeça uma sentença de morte, por causa do modo, ardente e enthusiastico, como deffendia os principios liberaes no periodico *O Azemel Vimaranense*, que se publicava em Guimarães, onde elle residia. A sentença que o condemnava a soffrer morte natural na forca, não foi executada. Esteve, porém, longo tempo na cadeia do Porto, d'onde sahiu por um decreto de amnistia.

Sob o dominio de D. Miguel, temendo as iras do usurpador, homisiou-se no Porto, mas foi ahi descoberto e preso, vindo então para S. Julião da Barra, (*) onde soffreu atroz captiveiro, que só terminou com a entrada em Lisboa do exercito libertador.

(*) N'esta prisão do Estado era-lhe fornecida a alimentação por uma pobre mulher, que vendo a divida já demasiado

Além do *Azemel* já citado, fundou *O Artilheiro* e *O Braz Tizana* e foi collaborador assiduo do *Periodico dos Pobres*. A sua sentença de morte foi proferida a 18 de Setembro de 1829. Souza Bandeira veio a morrer com 74 annos, exercendo o cargo de escrivão da Relação do Porto, d'essa mesma Relação d'onde esteve para sahir invergando a alva humilhante dos condemnados.

Dizem os seus biographos, que elle não estava bem senão no jornal. No *Periodico dos Pobres* escrevia uns engraçados folhetins, (*) que phantasiava como en-

---

grande para as suas forças, *levantou a cesta*. Souza Bandeira não se aterrou e tratou de convencer a mulhersinha.

— E' definitiva a sua resolução? perguntou elle. Pois se é, o prejuizo tornou-se inevitavel, porque não tendo eu que comer morro, e se lhe não pago vivo, depois de morto é que não caio nem com dez réis. Se o não é, deve a senhora continuar a alimentar-me, porque me diz o coração que breve seremos livres e o pagamento é certo. Se o não fôrmos, o que não creio, ainda que a senhora perca o dinheiro, vae com certeza para o ceu por ter praticado uma boa acção, e no ceu, como a senhora sabe, paga-se tudo á bocca do cofre.

Estas rasões, assim galhofeiramente expostas, convenceram a boa da mulher e Souza Bandeira não deixou de ter com que sustentar-se.

(*) Eis um *specimen* de uma d'essas cartas-folhetins:

—« Mon cher. »— O meu praticante assistiu ao debute da prima donna Borsi, no theatro de S. Carlos, onde houve enchente real; e, segundo a opinião d'elle, a dama agrada a quem a ouve e desagrada a quem a vê; isto é, canta bem mas não encanta. — Que grande bocca ella tem! — Quando representa deve a gente fechar os olhos e pôr a imaginação na bella Bernardi. — Que immensa bocca ella abriu para cantar! Viam-se-lhe

viados de Lisboa, subscriptos com o pseudonimo de *Brax Tizana*, que serviu para titulo de um periodico que veio a fundar e em que continuou as suas tradições de jornalista, «porque a verdade é que Souza Bandeira — dil-o o sr. Custodio José Vieira — representa o primeiro jornalista a valer que houve em Portugal.»

Nenhum d'esses jornaes que deixei citados, era o que propriamente se chama popular, porque os preços da sua venda avulso não permittiam que elles se espalhassem pelo povo, sendo a sua tiragem limitada, portanto, aos que commungavam nos ideaes politicos dos seus redactores. É assim que nós vemos *A Guarda Avançada*, em 1834, custar 40 reis cada n.º; *O Nacional*, em 1837, 50 reis; *O Director*, em 1838, 30 reis; *O Procurador dos Povos*, em 1848, 20 reis; *O Periodico dos Pobres*, em 1852, 20 reis tambem; e a celebre, a famosa *Revolução de Setembro*, 40 reis. Em 1841 appareceu o *Jornal de Utilidade Publica*, que era do mesmo formato d'aquelles e que iniciou o preço de 10 reis por cada exemplar. Foi, n'esta epocha, o primeiro de tal preço, mas o publico não lhe pegou, de modo que a sua existencia podesse ir além de 1846. D'ahi para cá vemos tambem, em 1850, *A Lei*, custar 30 reis; em 1851,

---

os dentes do siso! Por um triz que o tenor Neri-Baraldi ia caindo dentro d'ella, se o Beneventano o não segura a tempo por um braço! Credo, que bocca! Se quem tem bocca vae a Roma, aquella dama pode ir ao fim do mundo!» etc.

CADA NUMERO 10 REIS

PREÇOS DA ASSIGNATURA
LISBOA

DIARIO DE NOTICIAS

NOTICIARIO UNIVERSAL

PUBLICADO TODAS AS MANHÃS

Proprietarios — Thomaz Quintino Antunes, e Eduardo Coelho, Redactor

PREÇOS DA ASSIGNATURA
PROVINCIAS

N. 1. PROGRAMMA — QUINTA FEIRA 29 DE DEZEMBRO — 1864

EXPEDIENTE

Assistindo-se a tantos erros de observação sobre os principios que regulam quasi universalmente a imprensa periodica, principalmente entre os diversos ramos industriaes, entre os interesses materiaes, entre as conveniencias sociaes, entre as publicações de caracter scientifico, litterario, commercial ou industrial; e não podendo nós deixar de ser victimas de tão lamentaveis erros, se não quizermos ser victimas de nós mesmos, julgamos indispensavel, antes de começar a publicação do nosso jornal, dar a conhecer ao publico, aos nossos assignantes, e a todos os nossos amigos, os principios que nos hão de dirigir, e as condições em que nos propomos a fazer a publicação do nosso jornal.

Ao Publico

A publicação que hoje encetamos denomina-se DIARIO DE NOTICIAS. Este titulo explica bem o nosso pensamento. Não queremos ser nem mais nem menos do que isso. Não queremos ser nem uma folha politica, nem uma folha litteraria, nem uma folha scientifica, nem uma folha industrial, nem uma folha commercial, nem uma folha agricola. Queremos ser uma folha de noticias, simplesmente de noticias, mas de todas as noticias, de todas as noticias que possam interessar a qualquer das classes sociaes, a qualquer das individualidades que compõem a sociedade portugueza.

Não queremos ser uma folha politica, porque a politica divide, e nós desejamos ser uma folha que reuna todas as opiniões, todas as intelligencias, todas as vontades, todos os corações, todas as sympathias, todos os interesses, todos os sentimentos, todas as aspirações, todas as tendencias, todos os instinctos, todas as paixões nobres, todas as virtudes, todos os vicios, todos os crimes, todas as grandezas, todas as miserias, todas as alegrias, todas as dôres, todas as lagrimas, todas as risadas, todas as boas acções, todas as acções más, todas as acções indifferentes, todas as acções, emfim, que constituem a vida, que constituem a sociedade, que constituem a humanidade.

Não queremos ser uma folha politica, porque a politica divide, e nós desejamos ser uma folha que reuna todas as opiniões, todas as intelligencias, todas as vontades, todos os corações, todas as sympathias, todos os interesses, todos os sentimentos, todas as aspirações, todas as tendencias, todos os instinctos, todas as paixões nobres, todas as virtudes, todos os vicios, todos os crimes, todas as grandezas, todas as miserias, todas as alegrias, todas as dôres, todas as lagrimas, todas as risadas, todas as boas acções, todas as acções más, todas as acções indifferentes, todas as acções, emfim, que constituem a vida, que constituem a sociedade, que constituem a humanidade.

Não queremos ser uma folha politica, porque a politica divide, e nós desejamos ser uma folha que reuna todas as opiniões, todas as intelligencias, todas as vontades, todos os corações, todas as sympathias, todos os interesses, todos os sentimentos, todas as aspirações, todas as tendencias, todos os instinctos, todas as paixões nobres, todas as virtudes, todos os vicios, todos os crimes, todas as grandezas, todas as miserias, todas as alegrias, todas as dôres, todas as lagrimas, todas as risadas, todas as boas acções, todas as acções más, todas as acções indifferentes, todas as acções, emfim, que constituem a vida, que constituem a sociedade, que constituem a humanidade.

(O « DIARIO DE NOTICIAS » DE LISBOA)

(Fac-simile da 1.ª pagina do 1.º numero)

O Nacional, 40 reis; em 1853, *A Esperança* e *A Imprensa*, de Rebello da Silva, 40 reis; em 1854, o *Jornal da Bibliotheca Economica* (porque era illustrado) 240 reis; em 1863, *O Asmodeu*, periodico satyrico, 50 reis; e em 1865 *O Portuguez*, 40 reis.

Appareceu Eduardo Coelho, n'esse anno, com o seu *Diario de Noticias*, e ou fosse pela sua persistencia, pela excellente orientação seguida, por corresponder a uma necessidade, ou pela sua muita vontade de ser util, o que é certo é que o jornal de 10 reis ficou lançado e tanto se radicou e cahiu no agrado do publico que, a despeito de quantas imitações teem apparecido, ahi vemos ainda hoje o mesmo *Diario de Noticias*, mantendo a linha de conducta audaciosamente traçada pelo seu benemerito fundador, gozando da geral estima, exercendo activa influencia e apresentando, emfim, todos os melhoramentos do jornalismo moderno.

Desde a sua apparição até agora muitos jornaes teem vindo á luz da publicidade, na intenção reservada de o supplantar e aniquillar, sem que nenhum o tenha conseguido, e antes tendo, muitos d'elles, retirado da arena por se reconhecerem incapazes de manterem um combate leal! Pois varios não só o procuraram imitar na disposição das materias, como nos proprios caractéres que Eduardo Coelho escolhera para o titulo do jornal e, para a confusão ser mais facil, até chegaram a introduzir nos titulos assim

imitados, a palavra «noticias.» (*) Só o de Eduardo Coelho logrou vingar, triumphando de todos os competidores.

Depois do *Diario de Noticias,* crearam-se o *Diario Popular* (hoje só *O Popular*), o *Diario Illustrado* (que ainda se publica), *A Opinião* (que passou a denominar-se *O Progresso* e que ha muito deixou de existir) e uma infinidade de periodicos, diarios, bi-semanaes e tri-semanaes, que dentro de pouco tempo foram morrendo, uns após outros, por falta de publico que lhes compensasse as despezas que demandava a sua existencia. Passados annos, em 1881, fundou-se *O Seculo,* o mesmo que ainda se publica e que assumiu a breve trecho, uma importancia e uma circulação invejaveis, que lhe permittem vida desafogada e tranquilla. Foi primitivamente orgão officioso do partido republicano e á propagação das ideias d'esse partido prestou, — é esta a verdade, — notaveis serviços, que ninguem póde desconhecer, porque se tornaram evidentes e incontestaveis. A aura do acolhimento publico bafejou-o logo ao nascer, para o que muito contribuiu o estado de effervescencia em que se encontravam os animos, os successos politicos que se desenrolaram e os valiosos escriptos do seu director de então, o dr. Magalhães Lima.

O largo desenvolvimento dado á informação, a

(*) *O Noticias, — ; Noticias de Lisboa, — ; Folha de Noticias, — ;* etc.

DECIMO QUARTO ANNO. N.º 4425 — O exemplar de 8 paginas, avulso 10 réis — Domingo, 20 de maio de 1894

O SECULO

O SECULO é o jornal de maior circulação em Portugal

Redactor principal — MAGALHÃES LIMA

O dia 20

O conflicto com o Brasil

OS DOIS IRMÃOS

OS DOIS IRMÃOS

Os dois irmãos

OS DOIS IRMÃOS

IRENE, A CEGA

THEATRO D. AMELIA

"« O SECULO» DE LISBOA.

(Fac-simile de um dos seus numeros illu trados)

abundancia de folhetins interessando o elemento feminino e a innovação dos numeros illustrados do domingo em 8 paginas, foram causa successiva de augmento de tiragem, levando o jornal até ao ponto em que hoje se encontra, — um dos primeiros do nosso paiz.

Do *Seculo* nasceu *O Diario,* tambem periodico de larga informação e grande formato, fundado em 1902 pelos dez redactores effectivos d'aquella folha, quando collectivamente a abandonaram pelos motivos que são do dominio publico.

Na cidade do Porto, depois do *Zodiaco Luxitano,* a que já alludi, varios outros jornaes se teem publicado, muitos d'entre elles devéras interessantes e exercendo, alguns, decisiva influencia na causa liberal e nos costumes politicos. Podem citar-se, como pertencendo a este numero o *Diario do Porto,* de 1809; a *Regeneração de Portugal* e o *Genio Constitucional,* de 1820; o *Patriota Portuense,* de 1821; *O Analysta Portuense,* de 1822; o *Imparcial* e *O Velho Liberal do Douro,* de 1826; o *Paquete Estrangeiro,* do mesmo anno; *A Vedeta da Liberdade,* de 1835; a *Chronica Constitucional do Porto,* de 1832; o *Periodico dos Pobres no Porto,* de 1834; *O Artilheiro,* de 1836; *O Athleta,* de 1838; *O Jornal do Povo,* de 1848; *O Defensor,* idem; *O Brax Tixana,* de 1851, *O Commercio do Porto,* de 1854; etc. E, modernamente, uma verdadeira alluvião de diarios, semanarios e revistas, cuja lista tornaria interminavel este trabalho.

De todos os que citei acima só chegou até hoje,

(DECÁNOS DA IMPRENSA PORTUGUEZA)

O Açoriano Oriental — 1835 — S. Miguel.
A Nação — 1847 — Lisboa.
O Commercio do Porto — 1854 — Porto.
O Conimbricense — 1854 — Coimbra.
O Instituto (décano das revistas) — 1852 — Coimbra.

prospero e com o mesmo programma de austeridade e independencia que se traçou, *O Commercio do Porto,* que é, portanto, o decáno dos jornaes da cidade invicta. Sahia, ao principio, trez vezes por semana e publicou o seu primeiro numero a 2 de Junho do anno referido. Posteriormente passou a sahir todos os dias. Celebrou precisamente este anno o seu quinquagesimo anniversario. Pode ufanar-se de ter correspondido, pontual e admiravelmente, á missão que se impôz, tendo realisado o seu programma com uma largueza de vistas, e uma segurança e imparcialidade de critica, que desde muito lhe conquistaram um logar na primeira plana do jornalismo portuguez.

Quando tinha dez annos de existencia iniciou a subscripção para auxilio das familias necessitadas da cidade, tendo desde então até agora recolhido dos seus leitores, para esse e para outros fins egualmente applaudiveis, mais de 216 contos de reis. Isto diz bem alto a confiança que inspira e a circulação que tem! N'aquella importante verba entram reis 7:574$110, destinada ás victimas sobreviventes da catastrophe do theatro Baquet; 6:788$330, destinada ao resgate de penhores de gente pobre; 8:114$330 para as familias dos pescadores que morreram na catastrophe maritima de fevereiro de 1892; 5:365$250 para a installação da Creche da Affurada; 22:601$641 para a construcção de Bairros Operarios; 6:323$135 para o mesmo fim em 1900; 3:340$000 idem, em 1902; e 3:765$190 idem, em 1903.

Como em Lisboa a obra de Eduardo Coelho, no

Porto a obra de Manuel de Souza Carqueja, vingou e tem fructificado de modo a honrar a instituição da imprensa.

Não terminarei este capitulo sem alludir a uma accusação que tenho ouvido por vezes, formular contra o jornalismo portuguez, que os pessimistas apresentam como tendo falseado a sua missão, descendo a satisfazer o gosto depravado do grande publico e esquecendo o seu papel de guia da opinião. A accusação é procedente em parte, por muito que isso nos péze e nos melindre os brios profissionaes. Ha a attender e a ponderar, porém, que não é o nosso meio intellectual tão largo que possa sustentar e garantir a existencia a quaesquer publicações superiores ao nivel moral do nosso povo, analphabeto na sua maior parte e avido da chamada *má lingua* e da coscovilhice levada ao extremo. D'estes dois ultimos defeitos padecem mesmo as nossas classes illustradas e não só o povo propriamente dito.

Toda a nossa gente prefere, com raras excepções que não contam para o caso, a um artigo de qualquer dos nossos jornalistas de nome feito ou de qualquer dos nossos escriptores consagrados, por melhor escripto e melhor pensado que esse artigo esteja, a noticia desenvolvida e ridiculamente pormenorisada de uma scena de facadas na rua Suja ou de um caso de adulterio na Baixa. Se por algum artigo raramente se interessa é quando elle se notabilisa pela virulencia da

linguagem, pela revelação grosseira do escandalo ou pelo ataque descabellado e irrespeitoso a qualquer dos poderes do Estado. Então, sim; então o articulista arranja leitores, que se deliciam com a sua prosa aggressiva e violenta.

D'esta convicção em que estou, fundamentada em factos de todos os dias, davam testemunho franco, ainda ha pouco, alguns dos mais sinceros jornaes da nossa terra, a proposito do conflicto typographico que motivou por alguns dias a suspensão dos periodicos em Lisboa. Um d'esses jornaes chegou a asseverar, com profunda verdade, que, entre nós, quem fizer da imprensa apostolado só conquista um publico restricto e tão restricto que «o jornal bem poderia ser substituido por meia duzia de cartas aos seus leitores habituaes.» E é assim.

Se me disserem que da propria imprensa é a culpa, não o negarei, porque não pode negar-se a evidencia dos factos. Mas ha de reconhecer-se que na propria deficiencia do mercado está a explicação d'esse facto condemnavel mas logico até certo ponto. O gosto publico foi depravado por certos jornaes que implantaram a coscovilhice como nórma de vida para fazerem concorrencia na venda aos que já havia estabelecidos quando elles appareceram.

O publico saboreou a innovação, que lhe lisonjeava os instinctos menos cultos, e os restantes periodicos tiveram de submetter-se para não verem fugir os seus leitores. A conclusão a tirar é a de que sendo relativamente limitada a parte que sabe lêr e não lendo

senão o que melhor lhe satisfaça a doentia curiosidade, o jornal portuguez, para viver e dar interesses compensadores, não pode assumir o papel sevéro de cathedratico, e antes tem de ser, como já observou Anthero de Quental, o espelho lisonjeiro do publico, que não favorece senão o que estiver á sua altura. (*)

Uma das provas de que isto é assim, está nas diversas tentativas, todas fracassadas e nenhuma victoriosa, que entre nós se teem feito para dar outra orien-

---

(*) Em uma carta datada de 26 de Julho (sem designação de anno), escripta por Anthero de Quental a um seu amigo de S. Miguel, o general Henrique das Neves, encontram-se estes periodos:

....

« Quanto ao Jornal, sem ser astrologo eminente, tirei-lhe o horoscopo logo á nascença, e conclui do seu mesmo merecimento que brevissima lhe seria a duração. O que diz do jornalismo em S. Miguel (e devia dizer em Portugal) são verdades puras. Mas deixe-me dizer-lhe—e n'isto é que não é sufficientemente philosopho objectivo—que labora em illusão suppondo que é possivel criar e fazer durar uma publicação superior em moralidade e illustração ao nivel moral e intellectual do publico. E' illusão suppôr isso, porque não lendo ninguem senão o que lhe agrada, o publico nunca favorecerá senão o que estiver á sua *altura*, e por isso o jornal, para durar, será sempre e necessariamente o espelho lisonjeiro do publico e não o seu mestre severo. Os jornaes só vivem fazendo-se os confidentes de comedia do publico, das suas paixões, dos seus erros, das suas illusões, e não os seus apostolos. Bem sabe que o proprio do apostolo é ser lapidado. Dir-me-ha que n'alguns paizes ha jornaes dignos, moraes, intelligentes e desinteressados que se sustentam. Responder-lhe-hei que isso prova simplesmente que n'esses paizes ha já um grupo de leitores, uma camada social dotada d'essas virtudes e qualidades, forte bastante em numero para poder sustentar um jornal que seja orgão d'essas suas aspirações. A morte do seu jornal é mais uma prova de que em Portugal não existe ainda tal camada social ou grupo de leitores. Isto é desconsolador, mas... *qu'y faire?* Muito tempo será necessario, e muitas revoluções, para que isto mude. Até lá a nossa attitude deve ser a dos estoicos antigos: o protesto sem illusões. »

tação ao jornalismo, para o collocar á verdadeira altura da sua missão. N'outro paiz em que o espirito de rivalidade não descesse até onde tem descido entre nós, seria possivel estabelecer um accordo completo entre todos os jornaes, uma liga entre todos os jornalistas, para só se publicar o que contribuisse para a elevação moral da imprensa e do publico e o jornalismo seria então o que deveria ser.

Em Portugal, pensar em similhante coisa seria uma chiméra.

Hão de objectar-me que, ainda não ha muito todos os nossos jornalistas se uniram, n'um protesto vehemente, contra as imposições da classe typographica; e que quem se congraçou para aquelle fim pode muito bem congraçar-se para o outro. Poderá; eu é que não acredito em que tal facto se dê.

No emtanto faço votos por que a minha affirmativa seja desmentida e por que um novo accordo ou liga possa aproveitar e nobilitar a instituição da imprensa, tão grande que mesmo descontados os defeitos ainda fica a maior de todas as instituições humanas.

Pelas rasões que deixo expendidas entendo eu que condemnar o jornalismo actual porque elle é o que não tem meio de deixar de ser, é uma injustiça e as injustiças são sempre revoltantes. (*)

(*) No jornal *A Nação*, de 29 de Março de 1904 publicou o meu brilhante camarada snr. Zuzarte de Mendonça um artigo em que, a proposito da conferencia que realisei e que serviu de base a este livro, refuta a opinião acima expressa, pro-

O grande merito do jornalista, que esse nome merece, — e alguns temos de que podemos orgulhar-nos no meio da nossa decadencia — está em conseguir temperar as viciosas exigencias do publico com as obrigações do seu apostolado, realisando assim, senão uma obra perfeita, ao menos uma obra acceitavel, uma obra de transição para melhores tempos, visto como o atrazo intellectual do nosso povo não ha de ser eterno, valha-nos essa fé.

Guardadas as proporções devidas e dado o meio em que se tem creado e desenvolvido, o jornalismo

---

curando mostrar contradicção entre as palavras que eu proferi referindo-me ao jornalismo em geral e as que dediquei, em especial, ao jornalismo portuguez. Não ha tal contradicção. *O jornalismo* «deve» ser, disse eu; mas o *nosso jornalismo* «não pode» ser o que «deve» e que a maior parte dos nossos jornalistas queria que elle fosse, precisamente porque a exiguidade do meio em que se desenvolve não o deixa actuar e antes o obriga a ser actuado se quizer existir. É deploravel por certo, mas é assim. D'onde o erro partiu sabemol-o todos; sabe-o o snr. Zuzarte de Mendonça e sei-o eu. Ambos o condemnamos; todos o condemnam, — mas elle subsiste e creou raizes fundas no espirito publico. Não o deffendo nem digo que elle deve continuar, mas penso que ha de levar muito tempo a corrigir, desde que me convenci de que é impossivel congregar por muito tempo os nossos homens da imprensa n'um só desejo e n'uma só vontade. Ora sem a unanimidade não poderá nunca o nosso jornalismo ser o que «devia». E essa unanimidade não pode dar-se porque — isto é que é preciso dizer-se — nós, os jornalistas, não nos matamos uns aos outros porque não podemos. Pelo que toca a *morder*, porém, é cada *dentada* de deixar os ossos á vista!...

portuguez não pode considerar-se inferior ao das restantes nações da Europa, pelo que respeita ao seu pessoal que chamarei graduado e tratando-se, como é claro, dos jornaes verdadeiramente independentes, sem ligação partidaria definida, porque estes, salvas honrosas excepções, desde que a politica de que são orgãos desceu até ao estado em que hoje se encontra, foram obrigados a acompanhal-a na descida; e, como não se destinam ao publico em geral, não só não procuram servil-o, mas até tratam de illudil-o dando-lhe como excellente tudo quanto dimana dos que são seus correligionarios e como pessimo tudo quanto venha das hostes contrarias. Isto, que eu não invento e que todos reconhecem como profundamente verdadeiro, pode depôr, e certamente depõe, contra os nossos costumes, mas não contra o jornalismo considerado como instituição, que não pode ser attingida pelos desmandos ou pela má orientação dos seus membros, nem ainda pela falta de capacidade dos que do jornalismo lançam mão para servirem interesses reservados e até por vezes inconfessaveis.

Dizer que o sól não brilha, porque algumas manchas se lhe divisam, é faltar á verdade! As manchas vêem-se, é certo; mas elle brilha e refulge em todo o seu explendor. Assim deve ser considerada a imprensa em geral, porque, sendo sól da civilisação, tambem aquece, allumia e fertilisa, embora como o sól, por vezes, tambem queime e incommode os que a temem do fundo da consciencia menos tranquilla.

Alludi ha pouco ao pessoal graduado do nosso

jornalismo. Não alludirei agora largamente, como desejava, ao pessoal auxiliar, produzindo a serie de considerações que tenho em mente, por não me parecer propria a occasião. Hei de occupar-me opportunamente do assumpto, por me parecer que vale a pena esboçar o que é em Portugal a vida do trabalhador do jornalismo, profissão que o vulgo não comprehende, que não avalia nem considéra, parecendo-lhe a coisa menos importante e menos meritoria esse tormentoso trabalho de todos os dias, de todas as horas, de todos os instantes, trabalho, quasi sempre inglorio e sempre arduo e torturante, que só tem compensação na alegria que possa sentir o espirito quando ao terminar a faina quotidiana se tenha a consciencia de que se cumpriu honradamente um dever.

O publico quer que o jornal o elucide e interésse, e não fica satisfeito senão quando a sua folha predilecta lhe trás o caso do dia que o emocione, o artigo que o enthusiasme, a descripção pormenorisada do escandalo mais recente, a nota comica que lhe desperte o sorriso e o deixe dar por bem empregados os seus 10 reis.

10 reis! Quantia infima, que nada representa na economia domestica e que dá ao leitor do jornal o direito de poder dizer que sabe tudo, que tudo conhece, que nada se passa no mundo que elle ignore! E todavia esse leitor, na generalidade dos casos, não comprehende que o jornal, sendo como é, o mais poderoso instrumento de civilisação, é tambem a mais portentosa somma de sacrificios que se pode conceber; e

que para que essa folha de papel lhe possa satisfazer a curiosidade e a ancia de saber, rolaram, como disse não ha muito, um distincto escriptor portuense, (*) uma torrente de oiro e uma torrente de sangue, que reunidas formam a conjuncção da maravilha.

Milhares de operarios passam a vida fabricando o papel, construindo o machinismo, fazendo a tinta, fundindo os caractéres, moendo, esmagando, cavando a mina do carvão, atirando o suor aos chuveiros para dentro das tinas, ferindo-se nas puas do ferro e na rebarba dos metaes, envenenando-se com a poeira subtil do antimonio, cegando sob o leque do gaz ou sob o reverbóro da luz electrica, apanhando uma a uma as lettras amontoadas nos caixotins, como quem vae colhendo, uma a uma, as bagas das parreiras com que, de um trago, o despreocupado e o feliz esvaziam depois a sua taça alegre, vivificando o organismo.

A todo esse trabalho da officina addiccione-se o oceano das ideias lançado sobre aquelle immenso labutar do braço. Se o primeiro trabalho corresponde ao do semeador lançando á terra o grão sadio e aperfeiçoado — dil-o ainda o mesmo escriptor —; o segundo corresponde á fertilisação do sól e á passagem da brisa por cima das ceáras. Aquelle cahos negro e informe é pelo jornalista transformado n'uma claridade intensa e deslumbradora, onde cantam todas as aves e n'uma floresta magestosa onde brame a mais terrivel das feras — a féra humana.

(*) Bárnaba — Emygdio de Oliveira.

De todo o conjuncto, de todo o trabalho d'esses braços e d'esses espiritos ha de sahir a musica de uma civilisação inteira, ha de surgir o traço de todas as phisionomias, a nota de todos os clamores, o sorriso de todas as venturas e as lagrimas de todas as angustias.

A missão do jornalismo é essa.

Sabendo medir-lhe a elevação e a grandeza, os que a ella se dediquem, se em consciencia entenderem que a cumprem honestamente, hão de achar rasão a Clemenceau quando disse que «haver sido sequer um dia, sequer uma hora, obreiro de tão grande obra, basta para encher de gloria uma existencia.»

VII

O jornalismo na China

O jornal mais antigo do mundo — Excentricidades do jornalismo chinez— Influencia do jornalismo nos costumes.

O mais antigo jornal do mundo, que ainda hoje se publica, é a *King Pan, (Gaxeta de Pekin)* que vê a luz publica na capital da China, desde o anno 911 da era christã. É muito curioso. Publica tres edições, a da manhã em papel amarello, a do meio dia em papel branco, e a da tarde em papel encarnado. D'estas edições, uma, a de papel branco, é a official, especie de boletim das leis, contendo as informações officiaes, decretos do imperio, extractos das audiencias e dos conselhos do governo, etc. Taes informações só apparecem, depois de cuidadosamente revistas, dois ou tres dias depois de passados os factos a que se referem. É redigida por membros da Academia, pagos pelo governo.

O primeiro jornal não official appareceu na China ha cerca de 60 annos, em Shanghae. Depois appare-

ceram o *Jornal de Tien-Tsin* e o *Jornal de Cantão,* fundados todos tres por mandarins lettrados, que tomaram europeus como *testas de ferro* para se subtrahirem ás perseguições do governo imperial. Na China, se não ha uma lei effectiva que restrinja a liberdade de escrever, tambem não ha lei que garanta essa liberdade. Ali uma simples medida policial pode cortar a existencia d'um periodico, quando não corte a de um ou mais redactores, o que é tambem facilimo e sem consequencias para o executor. A esta ultima parte ainda nós não chegamos!

O *Noticias de Shanghae* é o typo dos jornaes da China. Custa uma moéda equivalente ao nosso vintem e occupa-se de todos os assumptos — artigos de fundo, estudos politicos e sociaes, informações, noticias diversas, crimes, desastres, acontecimentos varios, telegrammas, etc. Tirava não ha muito 12:000 exemplares. Publica um supplemento semanal illustrado, que constitue um curioso specimen da arte chineza.

A *Gazeta de Cantão* é menos importante, muito menos mesmo, pois a sua tiragem não vae além de 5 mil exemplares.

Qualquer d'estes jornaes é muito curioso para nós. Como possuo na minha collecção exemplares diversos posso dar uma ligeira ideia do que elles são.

A *Gazeta Nacional da China,* ou seja o jornal popular de Shanghae, é impresso no formato dos jornaes americanos, pouco mais ou menos o formato dos

(UM GRUPO DE JORNAES DA CHINA)

1 — *Gazeta de Pekin.*= 2 — *Diario da Cidade de Cantão.*= 3 —*Revista das Montanhas e Mares.*= 4 — *O Tempo.*= 5 — *O Heraldo Universal.*= 6 — *Revista para todos.* = 7 — *A China.*

nossos jornaes da tarde, sobre papel vulgar de impressão. Ordinariamente tem apenas quatro paginas.

O *Diario de Cantão,* ou dos Cinco Cabritos, é impresso no mesmo formato, mas depois de dobrado transversalmente constitue oito paginas. Papel de impressão vulgar.

O *Noticias de Shanghae* é impresso em papel de seda de regular consistencia, não podendo, no emtanto, imprimir os caracteres senão de um lado, porque, a ser impresso de ambos os lados, a transparencia não permittiria a leitura. Comquanto podesse ter dezeseis paginas, dobrado transversalmente, tem apenas oito impressas, pela rasão apontada. O seu supplemento semanal illustrado, de que tambem possuo um exemplar é, com effeito, extraordinariamente interessante. É impresso sobre papel de arroz e insere curiosissimas illustrações, que eu supponho sejam zincographicas. Predomina o desenho a traço. O meu exemplar é o de 15 de Agosto de 1894. Abre por uma dupla pagina com uma paysagem chineza; e além de varias paginas com desenhos diversos, insere um *croquis* da batalha de Ya-Chan, travada com os japonezes, a 27 e 28 de Julho anterior; um *croquis* da batalha naval no mar da Corea, em 15 de Julho; o transporte *Row-sing* destruido pelos japonezes; duas duplas paginas allusivas ao recrutamento das tropas no Japão e ao ultrage que essas tropas inflingiram ao consul inglez, além de cinco estampas illustrando um romance e uma historia alegre. Os dese-

nhos de algumas paginas são devéras correctos apezar da sua extravagancia.

O *Tung Wen Hu Pao,* jornal do governo em Shanghae, é impresso sobre papel commum, em oito paginas, dobrada a folha transversalmente. E' profusamente illustrado com vinhetas intercalladas no texto e publica muitos annuncios.

O Tempo é impresso no mesmo papel e formato do *Noticias de Shanghae,* mas dá frequentemente doze paginas.

A *Universal Gazette,* que trata de assumptos chinezes e estrangeiros, é do mesmo formato do *Tung Wen Hu Pao,* em oito paginas.

A *Hoei Pao, (Revista para todos)*, é impressa tambem em oito paginas, sobre papel mais encorpado do que o *Noticias de Shanghae,* mas, como aquelle só traz impressão de um lado. E' redigida por francezes, mas escripta em chinez.

No formato vulgar da *Gazeta Nacional,* publicam-se ainda, em Cantão, a *Revista das Montanhas e Mares,* as *Novidades do Collegio On-Uga,* a *Shi-Man-Pao* e *A Mala Asiatica.*

Em Hong-Kong, publicam-se *The World News,* redigido por inglezes e profusamente illustrado com photogravuras; o *Jornal dos Reformadores; The Chineze Mail;* e *A China,* todos compostos em caracteres chinezes, mas impressos á europeia, em formato como o dos nossos jornaes. No formato usual do paiz tambem alli se publicam: o *Tsum Wan Yat Po (He-*

raldo Universal) e o *Chung Ngoi San Po,* de oito paginas em quarto.

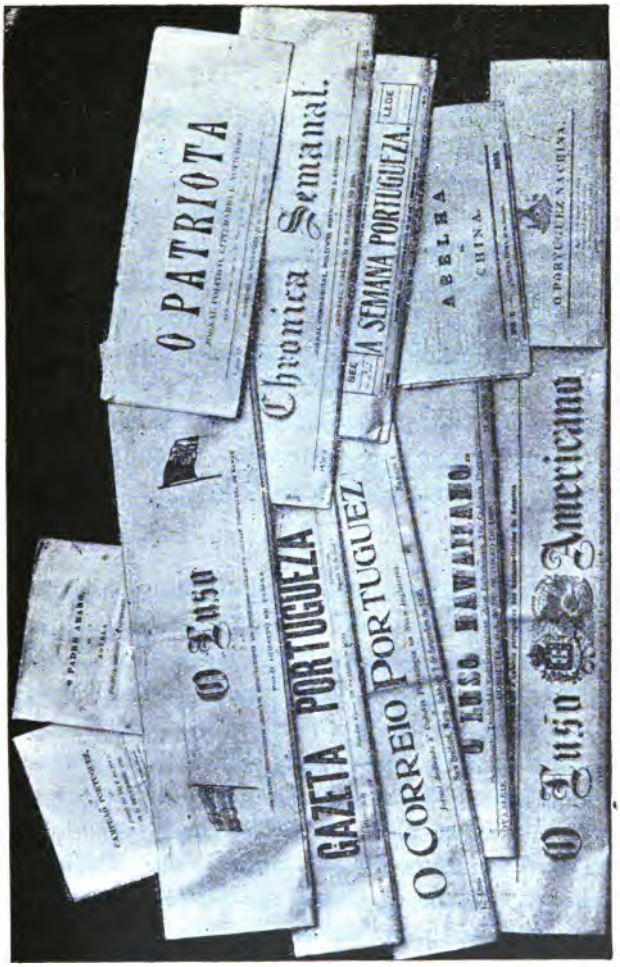
Em Suatow publica-se ainda o *The Swatow Daily News.* Não offerece particularidade alguma que o difference dos outros atrás citados.

Aparte as qualidades e a côr do papel, os jornaes chinezes parecem-se todos uns com os outros, sobretudo para nós, que desconhecemos por completo os estravagantes caractéres empregados na sua composição.

Nenhum dos periodicos que citei e que possuo na minha collecção, se faz imprimir em machinas rotativas, o que me faz crer que não se dão na China as grandes tiragens assignaladas em outros paizes.

O vice-rei Theng-Chi-Tong, um dos chinezes mais influentes do Celeste Imperio, entrevistado em Paris ha tempo, por um jornalista francez, declarou que na China os jornaes se publicam em grande profusão — um só reino possue ás vezes alguns milhares entre as folhas officiaes e as que o não são. As primeiras tractam dos direitos do reino; as outras occupam-se dos interesses e da opinião do publico, informam acerca do andamento das relações com os outros paizes, da prosperidade ou decadencia do commercio, das condições do exercito e da armada, das theorias e descobertas novas, etc.

O *Tao-Tai,* de Shanghae extracta e traduz mensalmente noticias referentes ás nações estrangeiras, deixando no silencio tudo quanto, embora seja de actualidade, possa offender ou melindrar os altos personagens.



ALGUNS JORNAES PORTUGUEZES PUBLICADOS NO ESTRANGEIRO

O Campeão Portuguez (Londres-1819)— *O Padre Amaro* (Londres-1820)— *O Luso* (Honolulu-1894) — *O Patriota* (Hong-Kong-1902) — *Gazeta Portugueza* (Buenos Ayres-1889) — *Chronica Semanal* (Demerara-1897) — *O Correio Portuguez* (New Bedford-1895) — *A Semana Portugueza* (S. José, California-1903) — *O Luso Hawaiano* (Honolulu-1884) — *A Abelha da China* (Macau-1822) — *O Luso Americano* (New Bedford-1881) — *O Portuguez na China* (Macau-1840).

Acrescentou o citado vice-rei que alguma coisa se mudou na China desde que ali se desenvolveu o jornalismo. Os lettrados, que unicamente se occupavam com a doutrina de Confucio e os cultivadores dos valles e das montanhas, começaram a ter conhecimento do proprio paiz, que desconheciam; os mandarins, que só sabiam o que andava nos livros por onde haviam aprendido, emfim toda a gente absorvida pelas coisas da atmosphera local, ficaram a ser informados de todos os assumptos da actualidade e de interesse; e isso tem contribuido muito para o progresso, embora vagaroso, da China.

Na China (incluindo Macau) teem sido publicados os seguintes jornaes, impressos em portuguez: *A Abelha da China,* em 1822; *Gazeta de Macao,* em 1826; *Chronica de Macao,* em 1835; *O Portuguez na China,* em 1840; *Voz do Macaista,* em 1846; *O Amigo do Progresso*, em 1850; *Verdade e Liberdade,* em 1852; *Echo do Povo,* em 1858; *Impulso ás lettras*, em 1866; *O Independente,* em 1869, e o *Noticiador Macaense*, no mesmo anno; *O Catholico*, em 1873; *Echo da China,* em 1884; *Extremo Oriente,* em 1885, todos em Hong-Kong; e em Shanghae, *O Aquilão*, em 1867, *O Progresso*, em 1888; e o *Echo Macaense*, em 1893.

VIII

O jornalismo no Japão

A instrucção japonesa — Os primeiros jornaes do Japão — O jornalismo actual — Uma redacção e uma typographia em Tokio.

São de todos conhecidos os progressos extraordinarios, sem precedentes na historia de nenhum outro povo, que o Japão tem realisado, desde o golpe de Estado de 1871, que aniquilou ali o velho regimen feudal.

Todos sabemos que n'este lapso de tempo o Japão se transformou n'uma potencia militar e industrial de primeira ordem, adaptando-se maravilhosamente á civilisação europêa, procurando educar-se e affirmar-se, com um denodo e uma vontade que causa admiração.

O jornalismo, que em grande parte concorreu para o prodigioso desenvolvimento que o Japão apresenta, tem acompanhado e participado d'esse desenvolvimento, como vamos vêr.

Hoje o Japão, com 45 milhões de habitantes, é um paiz que pode considerar-se em plena civilisação. Bem

o demonstra o seu Annuario Financeiro e Economico, recentemente publicado. Este curioso paiz gasta com a instrucção cerca de quatro mil e seiscentos contos em ouro, sendo tambem applicada á instrucção a renda dos trinta e cinco milhões de francos da indemnisação chineza, que foram postos em deposito para tal fim.

Ha no Japão 26.867 escolas primarias com 92.899 professores; 475 escolas technicas ou profissionaes, com 3.647 professores e 49.675 alumnos. Possue duas Universidades com 339 cathedraticos e 3.643 discipulos matriculados. Os governos japonezes, os governos d'esse paiz de que tanta vez a Europa tem feito môfa, consagram á instrucção os mais assiduos cuidados, considerando-a como o principal elemento e a primordial condição do progresso humano, porque é ella, quando bem conduzida, a fonte das prosperidades de um povo.

Não admira, pois, que a imprensa jornalistica tenha attingido, no Japão, o desenvolvimento que attingiu.

O primeiro periodico japonez, de que tenho conhecimento, publicou-se em Tokio em 1854, sob o titulo de *Kaji-Kwanchin*, cuja traducção não sei que signifique. Em 1864 appareceu o *Karay Shinibun — (Noticias Estrangeiras)*, folha modesta que se limitava a apresentar traducções das noticias transmittidas pelos periodicos inglezes e a publicar a nota das importações e exportações do paiz. Custava um *sen* (equivalente a dois *pence* inglezes).

Vivia então o Japão sob um governo cruél e oppressor, que por todos os meios se oppunha á leitura do periodico e, portanto, á sua divulgação. O proprietario, em lucta com o tyrano, começou por perder alguns milhares de *yens* de ouro; mais tarde, porém, recuperou largamente a importancia dispendida. Persistiu e triumphou!

Em 1865 começou a publicar-se o *Banko-Ku-Shimbunski*, jornal universal de informação e de critica; e em 1867 appareceram varios outros periodicos, de indoles diversas, uns que lograram prolongar a sua existencia, outros que a breve trecho deixaram de publicar-se.

Em 1872 appareceu no Japão o *Nisshin Shingishi*, fundado pelo inglez John Black e em 1874 o jornalismo japonez contava já nove orgãos, impressos em caracteres europeus e de aspecto semelhante ao dos diarios inglezes. Em 1878 já se publicavam no Japão 260 jornaes ou revistas cuja tiragem orçava por 28 mil exemplares.

Desde que, em 1894 os japonezes derrotaram os chinezes, o enthusiasmo pelos costumes europeus propagou-se por tal fórma, que a imprensa foi a primeira a sentir essa influencia.

Dos jornaes então existentes, a maior parte publicava-se em Tokio e sahiam diariamente. Um era impresso em inglez, sendo-o os restantes na chamada linguagem escripta, que muito difere da linguagem fallada nos negocios.

Segundo as ultimas estatisticas, sahem hoje á luz

publica, no Japão, cerca de dois mil jornaes, politicos, litterarios, scientificos e commerciaes, diarios uns, hebdomadarios e mensaes os outros, mas todos extremamente curiosos e na sua maioria muito bem feitos.

O desenvolvimento da instrucção tem creado entre os japonezes o gosto pela leitura, como não succedia antigamente, quando só liam os privilegiados da sorte. É curioso — dil-o um chronista francez — o aspecto das grandes cidades do imperio, quando á tarde, sahem os habitantes a passeio, levando cada um na mão o seu jornal predilecto, pois que quasi todos os jornaes saliem ali á tarde, não apparecendo nenhum antes do meio dia.

Os jornaes dividem-se no Japão em duas cathegorias — *oshimbum* (os de grande formato) e *koshimbum* (os de formato pequeno). Os *oshimbum* são politicos e litterarios; os *koshimbum* inserem noticias diversas e teem um largo publico de leitores, havendo-os que tiram 100 mil exemplares, como o *Yorazan*, o *Tchobo* e o *Osoka Asaki*.

Os principaes jornaes diarios são:

Kwampó (Noticias officiaes), orgão do governo imperial; *Tokio Nichi-Nichi (Tokio dia a dia)*, orgão do marquez Ito; *Dji-Dji Shimpó (Noticias do Tempo)*, independente; *Yomi-Uri*, (*O pregoeiro das ruas*), progressista; *Kohomiu* (*O Nacional*), independente; *Mainichi* (*O Quotidiano*), progressista; *Keiga-Nippó* (*Noticias da Capital*), conservador violento, orgão do marquez Yamagata; *Jimmiu* (*O Povo*), liberal; *Nichi-Nichi*, governamental e conservador, o

Nippon, de linguagem ultra violenta, muito apreciado pelos estudantes; e *Kokomun* (*A Nução*), etc.

Entre os *koshimbum* figuram como principaes o *Miako* e o *Yamato*, que exploram o escandalo e o carapetão descabellado. O *Dji-Dji Shimpó* possue um serviço telegraphico muito bem organisado dando a conhecer noticias de todo o mundo e é muito competente em materia industrial e commercial.

Em Tokio publica-se um jornal socialista, diario. Tem o titulo de *Heimen Shimbunn* (*Gazeta Proletaria*), tendo uma columna de texto impresso em inglez e o restante impresso na lingua do paiz.

Grande parte dos jornaes japonezes são escriptos em inglez. Á frente d'estes, como sendo o mais importante, acha-se o *Japan-Times*, fundado por Insen-Kaisha e dirigido por Zumodo Modosada, que foi secretario do marquez Ito e é seu dedicado amigo. É a folha melhor informada das que são redigidas em inglez. Segue-se o *Japan-Daily*, dirigido por Brenkley, correspondente particular do *Times* de Londres, que faz gala de ser pouco amavel para com a França. Estes são puramente inglezes. O *Japan Daily-Herald*, redigido por americanos, só elogia os Estados Unidos, a Allemanha, a Inglaterra e a Italia. Segue-se o *Eastern World*, que se absorve em questões locaes, e fecha a lista o *Japan-Advertencer*, tambem redigido por americanos, que é anti-russo e anti-francez.

Exceptuando um ou dois, estes jornaes estrangeiros do Japão são mal feitos. Nenhum vale o *Dji-Dji* ou o *Nichi-Nichi* a que já fiz referencia, e que são,

incontestavelmente, os dois primeiros orgãos do jornalismo japonez.

O *Dji-Dji* é dirigido por Fukuzawa Sutjiro, filho do fundador da Universidade particular de Tokio. Em assumptos economicos tem publicado estudos de verdadeira sensação.

O *Nichi-Nichi* é propriedade do marquez Ito e inspirado por este e pelo marquez Yamagata.

É Tokio o centro do jornalismo japonez e como tal, é ali que apparecem os periodicos principaes. Possuo diversos na minha collecção. Alguns são profusamente illustrados, como o *Asahi*, o *Hochi*, que tem o titulo e alguns annuncios impressos a côres; o *Mainichi*, o *Yozodzu*, impresso em papel côr de rosa e o *Nizoku*. Estes que deixo citados são todos impressos pelo processo da stereotypia, em machinas rotativas ou de papel continuo. Na disposição imitam um pouco os jornaes inglezes, aparte a differença enorme dos caractéres, mas no formato imitam os jornaes americanos.

Ha no Japão grande numero de revistas, de origem ingleza, algumas até redigidas completamente em inglez, como o *Far-West* e o *Hansei-Zasski*. Mas as revistas em lingua japoneza são já em grande numero e a sua popularidade augmenta de anno para anno. Ha uma que tem o titulo de *Kokumin-No-Tome* (*O Amigo da Nação*), outra *Taigo* (*O Sól*), outra *Nipponyin*, que *é* orgão do *jingoismo* japonez; e outras consagradas especialmente ás bellas artes, á educação e ensino, ás controversias religiosas, á sciencia, etc.

Em um artigo de Mr. Tebla encontrei ha pouco, interessantes pormenores ácerca da organisação do jornalismo japonez. O narrador introduz-nos primeiro no bairro e na rua de Tokio, onde estão centralisadas as redacções dos principaes periodicos; e depois no interior de uma d'estas, como typo.

Guiza é a rua dos grandes bazares. Trez ou quatro grandes jornaes diarios estabeleceram lá a sua séde, em edificios cujo aspecto pretencioso dissimula mal a falta de conforto. No frontispicio d'essas casas lê-se o titulo do jornal em caractéres traçados por um pincel gigantesco. Entra-se na sala da redacção onde se reunem todos os dias quantos contribuem para a feitura da folha. Os jornalistas modernos, que se respeitam, chegam vestidos á europeia, com mais ou menos correcção. N'esta sala, pois, as mezas e as cadeiras substituem as esteiras tradiccionaes das habitações vulgares. Os redactores trocaram tambem o pequeno cachimbo de metal ou de massa, pelo cigarro perfumado; mas como o chá verde no Japão só é substituivel pela cerveja no verão, ao lado da chaleira de ferro (*tetsubin*), que nunca sae de cima do brazeiro (*kibachi*), encontra-se, infalivelmente o *kibisho*, bule de porcellana, acompanhado de pequenas chavenas, o que não quer dizer que haja a toda a hora chá fresco, porque as mesmas folhas servem para metade do dia; mas ha sempre agua a ferver com um vago aroma da preciosa planta. De quarto em quarto de hora, os japonezes tomam uma chavena d'esse liquido, que é, para elles, um estimulante como é para nós o café.

M. Tebla faz desfilar deante dos seus leitores, o pessoal todo da redacção. O redactor principal chama-se em japonez *Shuhitsu,* que quer dizer *primeiro pincel.* Escreve o artigo de fundo, versando quasi sempre um assumpto de actualidade e representa a opinião do jornal. Este redactor é quasi sempre um politico em evidencia, muitas vezes o gerente da sociedade editora do jornal, quando este é fundado por acções, e ainda outras o maior accionista da empreza.

Ha depois os *kisha*, redactores de menor importancia, encarregados da parte politica e noticiosa; e os *reporters* ou informadores *(tamposka)*, que andam pelas ruas e pelas repartições da policia recolhendo a chronica do crime ou do escandalo e as notas de quantos acontecimentos possam interessar ao leitor do periodico. Lá, como cá, a mesma organisação, com as naturaes divergencias determinadas pelo meio.

Os *primeiros pinceis* dos principaes jornaes do Japão, ganham de 90 a 100 *yens* por mez, ou sejam cerca de 10 libras esterlinas. Os outros redactores recebem de 30 a 60 *yens,* 3 a 6 libras mensaes; e os *reporters* 20 a 40 *yens.* Ha a notar que o japonez se contenta com pouco, que não hesita em se alimentar com um pouco de arroz e alguns legumes salgados, comtanto que na rua possa exhibir um bom sobretudo, os seus oculos de ouro e a sua cigarreira de ambar fino.

É tambem interessante a organisação da typographia dos jornaes japonezes, descripta por M. Tebla. O compositor no Japão é um pequeno commandante

(UM GRUPO DE JORNAES DO JAPÃO)

1 — *Dji Dji Shimpo* =. 2 — *Mainichi* =. 3 — *Nichi-Nichi* =. 4 — *Miako* —. 5 — *Yamato* =. 6 — *Asahi* —. — *Nizoku.*

de batalhão, pois tem ás suas ordens muitos rapazes de entre 10 a 15 annos de idade. Como um enxame de abelhas zumbindo em volta do cortiço, esses bandos de rapazes circulam trauteando em voz fanhosa os sons dos caractéres que vão buscar ao acaso, aos dez mil caixotins onde se acham guardados. Os japonezes não teem alphabeto como nós e servem-se dos caractéres chinezes para escreverem a sua lingua. Ora os caractéres empregados regulam por 9500 e estão dispostos, em ordem, por meio de signaes que se chamam radicaes. A estes caractéres é necessario juntar 200 ou 300 caixotins para os signaes dos syllabarios japonezes, o *Kata-Kana* e o *Kira-Kana*, que comprehende 48 syllabas cada um, podendo empregar-se de cinco maneiras diversas.

Um homem só levaria um dia inteiro para compor trinta linhas, se não tivesse á sua disposição esses auxiliares subalternos, que ganham a comida e uma gratificação de 5 a 6 *yens*, por mez (approximadamente 2:500 reis da nossa moéda).

Os compositores, os melhores, não ganham mais de 40 a 50 *sens* por dia, ou seja, aproximadamente 240 reis da nossa moéda.

É graças á barateza do seu pessoal, redactorial e typographico, bem como á do papel, que os jornaes japonezes se podem vender a preços irrisorios, a despeito da sua limitada tiragem, limitada para a maior parte, porque um ha, o *Yozodzu*, que tira 150 mil exemplares; mas este serve o gosto depravado do publico explorando o escandalo e a calumnia, que,

pelo visto, tambem por lá teem adoradores á farta! A tiragem dos outros jornaes varia de 2:000 a 5:000 exemplares. Entre estes e o *Yozodzu,* ha ainda o *Yamato,* o *Miako* e o *Nippon,* que tambem realisam larga tiragem, porque seguem os mesmos processos do da maior circulação.

Os mais notaveis jornalistas do Japão são Shimada Saburó, adepto das doutrinas radicaes; Tokotomi Swichiro, propagandista do liberalismo e Matssomoto Kumpei. Este ultimo é até auctor de um livro que me dizem ser muito interessante, intitulado *Shimbum-Gaku* (*A sciencia do jornal*).

A imprensa no Japão goza de absoluta liberdade e exerce grande influencia sobre a opinião.

Alem dos jornaes diarios, possue o Japão outros periodicos de reputação universal, no ramo do jornalismo technico. Entre as diversas revistas da especialidade, que ali vêem a luz, uma ha, a *Electrical Friend*, redigida em inglez, que é muito conhecida e apreciada pelos entendidos na materia.

O *Navy and Army Journal* é tambem um interessante e bem redigido periodico de engenharia, a despeito da sua feição social.

Dadas as condições em que são feitos, estes jornaes chegam a ser excellentes.

No Japão, em Yokama publicou-se em 1881, um periodico impresso em portuguez, sob o titulo de *O Argus.*

IX

O jornalismo na America

Os «reporters» americanos — Primeiras folhas dos Estados Unidos — Jornaes e jornalistas — O «expresso dos jornaes» — O papel de madeira — Escola de jornalismo — As grandes tiragens.

São os jornaes dos Estados Unidos verdadeiros colossos de informação e de réclame, extraordinarios de força e de prestigio, como extraordinario é tudo quanto se produz n'esse paiz de enormes recursos. O jornalismo é nos Estados Unidos uma profissão abundantemente remunerada, com direitos e deveres perfeitamente assentes e definidos. O director de um dos mais importantes periodicos de Nova York, inseriu ha tempo n'uma revista parisiense, *Revue Bleu*, a psychologia do jornalismo do seu paiz declarando que os jornaes são ali feitos «mais com os pés do que com as mãos,» o que quer dizer que do que lá se trata é de saber muitas coisas, de andar muito, de correr á caça da noticia, esteja ella onde estiver, de ser muito

activo e muito rapido, emfim. «Entre nós — escrevia Wright Leines, pois é a esse que me refiro — os jornalistas não precisam provar dotes de estylistas; o que necessitam é demonstrar que estão alerta, que tudo ouvem, que tudo vêem, que se não fatigam, que encontram meios de penetrar em toda a parte, n'uma palavra, — que sabem descobrir na vida commum os casos accidentaes.» Nada de litteratura escusada. O que se quer é que o publico seja informado de tudo no menor espaço de tempo possivel. Para isso as noticias teem de ser breves, serias e sêccas, a não ser que se trate de casos verdadeiramente sensacionaes, porque então toda a abundancia de pormenores é admissivel e o jornal que mais pormenores conseguir apresentar esse será o melhor acolhido. D'isto ha fartos exemplos, lá, cá e *pelo caminho*... Baseado em curiosos dados que tenho recolhido vou procurar, embora a largos traços, fazer uma historia do jornalismo americano.

Na America data de 1690 o apparecimento do primeiro jornal propriamente dito, o *Publick Occurrances both Foreing and Domestick*, editado por uma typographia de Boston. Viveu pouco, porque a auctoridade supprimiu a breve trecho a pequenina folha noticiosa. Seguiram-se varias tentativas de jornalismo, ali, em Washington, em Nova York, todas infructiferas, até que em 1704, a 24 de Abril, appareceu o primeiro numero do *The Boston News Letter*, redigido por Campbell. Em 1719 appareceu a *Gazeta de Boston* a fazer-lhe concorrencia decidida e decla-

rada, accuzando de falsas as noticias dadas pelo *News Letter*. Dois annos mais tarde, em 1721, outro jornal, *The Courant* vem augmentar a curta lista das publicações americanas. Era redigido por James Franklin, irmão de Benjamin Franklin. Não era muito facil a tarefa dos jornalistas então. Um decreto do governador inglez prohibia os jornaes de se occuparem, «do que pode directa ou indirectamente, dizer respeito ao governo, administração, clero e collegios!» Era precisa extraordinaria tenacidade para luctar em taes condições. Além d'isto o governo pretendia impor a cada exemplar um direito equivalente a vinte centimos e por cada annuncio era preciso largar dois *shillings*. O excesso de rigor devia trazer a explosão das reivindicações americanas. Em vão se tentava impor silencio aos jornaes; havia chegado o tempo em que competia a elles agruparem-se e exporem em commum as suas vontades e a sua energia. James Franklin, preso por ter defendido a vaccina que afinal triumphou, lançava-se cheio de ardor na politica, conservando o seu resentimento contra o regimen arbitrario a que estava submettida a imprensa. Quanto a Benjamin Franklin partia para Londres, portador das indignadas reclamações dos seus compatriotas.

O jornalismo não era apenas o echo dos sentimentos populares, — excedia-os ainda.

Na guerra da Independencia teve a imprensa tambem a sua parte cheia de gloria, tomando extraordinario alento. Mas embora estivesse bem armada para a polemica, eram excassos os seus recursos de infor-

mação. Novas folhas iam apparecendo, todas enfermando do mesmo mal. A offerta de um atlas feito por Luiz Filippe, exilado, ao jornal *Centenel,* em 1795, foi considerada como de raro valor. Com a ajuda das suas cartas o *Centenel* podia traçar com exactidão os campos dos exercitos revolucionarios, ao passo que os seus concorrentes estavam apenas reduzidos a conjecturas. Aquelle modesto atlas fez a fortuna do jornal.

A' maneira que se ia acentuando o desenvolvimento da imprensa, iam-se tornando mais violentas as polemicas entre os jornalistas americanos.

Selfridge, da *Boston Gazzette,* que andava em accesa disputa com Benjamin Austin, da *Chronicle,* encontra-o e mata-o, em plena rua com um tiro de pistola. O caso fez extraordinaria sensação, mas não deixou de contribuir para que a imprensa avançasse e abrisse rapido caminho.

Em 1830 os Estados Unidos publicavam já mais jornaes do que todas as nações da Europa reunidas, segundo nol-o assevera, n'um dos seus prestimosos relatorios, o Snr. Me Kenzie, bibliothecario do Congresso Americano. Só em 1832 é que o jornalismo da America achou em James Gordon Bennet, a sua formula — é a éra da prodigalidade sabiamente empregada, de todas as descobertas, de todas as invenções para fazer appêllo ao publico e atrahir-lhe a attenção. E' tambem a éra das folhas especiaes consagradas a todas as ordens de questões; e aquella em que o jornal se estabelece no primeiro edificio construido nas

novas cidades, onde, como o *Frontier Index,* publicado durante as obras do grande caminho de ferro do Pacifico, precede mesmo os rails e a locomotiva.

Foi Bennet quem introduziu nas columnas do *Herald,* de Nova York, as cartas commerciaes e financeiras, e quem reuniu as noticias locaes, sensacionaes ou não, collocando-as a par do noticario estrangeiro no jornalismo americano, que até ahi occupava o melhor espaço. Foi tambem Bennet quem desenvolveu a ideia de dar uma narração completa dos acontecimentos de cada dia através do mundo.

No estado de Yowa, o primeiro jornal que appareceu foi o *Visitor,* fundado por John King, em Dubugue, a 11 de Maio de 1836. O seu titulo passou depois a ser *Yowa News* e o prélo que o imprimia foi transportado, em 1842, para Lancaster, onde se estabeleceu o *Granty Connty Herald,* que foio primeiro periodico do respectivo Estado. D'ahi passou, poucos annos depois, para S.t Paul, conduzido n'um carro de bois, sendo utilisado por John Goodhus para iniciar a publicação do *The Pioneer.* Em 1858 o velho prélo, de que haviam sahido todos esses jornaes, foi ainda para Sioux City Falls, hoje Sioux Falls, onde imprimiu o *Dacotah Democrat* o primeiro jornal que se publicou alli.

Por occasião da insurreição de 1862 os indios queimaram o prélo que havia lançado á publicidade tantos orgãos de civilisação e de progresso.

Em 1880 os Estados Unidos contavam um effectivo de mais 600 jornaes do que toda a Europa, pois que

de 1870 para 1880, o numero de publicações periodicas duplicou, passando de 5:781 jornaes a 11:314. Não conheço a estatistica mais recente, mas por informações que me tem sido obsequiosamente ministradas posso affirmar que é hoje prodigiosa a quantidade de jornaes que se publicam na America. Só durante o anno de 1900 appareceram ou foram publicados cerca de 18 mil jornaes em todos os estados da grande republica. D'estes, 2:200 eram diarios e 15:600 semanaes.

O augmento de periodicos era mais visivel nos grandes centros de publicação como Nova York, Boston, Philadelphia e Chicago. A maior percentagem de augmento nas diversas décadas pertence aos Estados do noroeste, como Minnesota, Wisconsin, Michigan, Yowa e Illinois. Minnesota, por exemplo, duplicou a sua producção entre 1860 e 1870; e em 1880 publicou jornaes em quantidade quasi trez vezes maior do que em 1870. Em 1890 novamente havia duplicado a producção.

O augmento de circulação dos jornaes entre 1880 e 1890 foi, em Minnesota, superior a 450 por cento. Nos mesmos dez annos em outros Estados nota-se augmentos de circulação de 200 e 300 por cento.

Para tudo ser verdadeiramente grande e extraordinario, na America, direi que foi em Nova York que se publicou, em 1858, o maior jornal — que tem apparecido no mundo. Chamava-se *The Illuminated*

Quadruple Constellation e media oito pez inglezes de altura por seis de largura. (*)

A escolha do que se deve dar a ler ao publico e a fórma como deve a materia do jornal ser apresentada, são questões que dicidem, em toda a parte, mas especialmente na America, da competencia ou incompetencia de um director. Sob este ponto de vista, entre nós bastante descurado, não ha duvida que a imprensa dos Estados Unidos é das mais adiantadas. Directores de jornaes como Pulitzer, Bennet, Hearst, Raymond, Iones, Childs, Medill, Taylor, Pulsifer, Patterson, Greeley, etc., têm entre os jornalistas do velho mundo, poucos que se lhe possam comparar.

Citei Pulitzer em primeiro logar, porque a *tout seigneur tout honneur*. O director do *New Yorki World* está para o jornalismo como Rockefeller para o petroleo e Vanderbilt para os caminhos de ferro — elle é para os *yankees* o rei da imprensa diaria. A sua folha é a de maior circulação, excedendo a sua tiragem a um milhão de exemplares por dia!

O palacio privativo onde estão installadas todas as dependencias do *World*, está edificado em Park Row e consta de 18 andares, servidos por seis ascençores. E' dos maiores edificios de Nowa York, mais alto do

(*) O periodico mais pequeno de quantos tem existido é *El Telegrama*, que se publica (ou pelo menos se publicou) no Mexico, em Guadalajara. Media escassamente quatro polegadas. — Em Portugal o jornal mais pequeno que eu conheço é *A Borboleta*, de 1882, publicado em Coimbra. Media 11 centimetros e meio de alto por 8 e $^1/_2$ de largura.

que a estatua da Liberdade illuminando o mundo, á entrada do porto; e mais alto do que a famosa ponte de Brooklyn. Tem uma machina motriz, de 1000 cavallos de força, além de dez, de 600 cavallos cada uma, para a impressão do jornal; e a machina electrica que alimenta a luz de 3:500 lampadas. O serviço de informação do *World* tem ás suas ordens 50 *reporters* para os casos de Nova York, 30 para os de Brooklin e 30 para os de Nova Jersey. Em Whasington possue dez correspondentes, um em todas as outras cidades dos Estados Unidos e um em todas as capitaes da Europa. Por estes pormenores pode calcular-se o resto.

Na ordem da importancia e do poderio jornalistico, segue-se Bennet do *New York Herald*, que é tambem uma realeza. Este jornal publica-se simultaneamente em New York e em Paris, isto é em dois continentes com o Oceano de permeio. D'este modo as opiniões de Bennet e do seu jornal são espalhadas pela Europa todos os dias, quasi ao mesmo tempo que nos Estados Unidos. Os lucros que aufére são tão fabulosos, que lhe permittem dar aos seus redactores, ordenados que variam entre 5 a 10 mil reis por columna de original. A um redactor que adoeceu ha tempos, enviou Bennet, (como brinde e para que podesse, com todo o socego, refazer a sua abalada saude), 1 conto de reis, logo que recebeu a participação da doença! (*)

(*) Mister Hearst, que foi concorrente de Rooseveldt na eleição presidencial, é hoje proprietario de doze dos principaes jornaes americanos.

Já que me referi a ordenados, devo dar a conhecer as cifras recentemente fornecidas por Mr. Edward Harrisson a um jornalista inglez que o entrevistou acerca do assumpto.

O redactor principal (*city-editor*) ganha, regra geral, nos jornaes de primeira ordem, de 7 a 9 contos de reis por anno; o noticiarista (*news-editor*), que tem a responsabilidade das noticias geraes, de reis 1:800$000 a 2:350$000; o secretario da redacção (*inight-editor*), de 3 a 4 contos de reis; o chronista, que é simultaneamente critico dramatico e encarregado da bibliographia (*litterary-editor*), de 1:500$000 reis a 2 contos; o redactor dos telegramas (*telegraph-editor*), de 900$000 reis a 1:800$000 reis; e o encarregado da secção de *sport* (*sporting-editor*), a que ali, como na Inglaterra, se liga extraordinaria importancia, de 2 contos a 2:500$000 reis.

Nos Estados Unidos, segundo o *Censo* de 1900, appareciam á luz da publicidade, 18:226 jornaes, em grande parte diarios, dos quaes alguns sahem á tarde ou á noite; e não sendo poucos os que distribuem duas, trez e mais edições diarias. Por effeito d'esta enorme quantidade de papel distribuido no mercado, augmentaram extraordinariamente de preço os elementos materiaes do jornal. Assim, por exemplo, o papel alcançou typos de venda phantasticos. Só o *World* gasta annualmente perto de 700 contos em papel. *The Press*, de Philadelphia; *The News*, de Chicago; *The Globe*, de Boston; *The Globe Democrate*, de S. Luiz; e *The Inquirer*, de Cincinatti, satisfazem, por

anno, ás fabricas fornecedoras, cerca de 1:800 contos de reis.

Houve um momento em que, deante do prodigioso desenvolvimento do annuncio e da publicidade, faltaram trapos para o fabríco do papel. Appareceu então a ideia de substituil-os por algumas fibras vegetaes e desde ahi para cá florestas inteiras são annualmente sacrificadas para se attender ás necessidades da impressão. Não sei ao certo se a invenção do papel de fibras de madeira pertence á America ou não. O que é certo é que a fabricação d'esse papel se faz hoje ali, na Allemanha, na França e em diversos outros paizes.

Seja-me permittido abrir aqui um parenthesis para dar conta de uma interessante experiencia praticada em Elsenthal, para se verificar em quanto tempo poderia ser uma arvore arrancada, cortada, reduzida a pasta, transformada em papel e distribuida em jornal impresso. A 17 de Abril, na presença de dois proprietarios da fabrica e de um notario publico, para certificar a authenticidade da experiencia, foram derrubadas trez arvores, d'uma floresta proxima do estabelecimento, eram 7 horas e 35 minutos da manhã. Transportadas para a fabrica, foram ali cortadas em bocados de 50 centimetros de comprido e convenientemente descascadas.

Os desfibradores da fabrica, postos em movimento começaram a sua missão, transformando aquelles pedaços de madeira em pasta. Pouco depois, misturadas as materias necessarias, a pasta liquida entrou na ma-

china de fazer o papel e ás 9 horas e 34 minutos, menos de duas horas decorridas, sahiu a primeira folha de papel perfeitamente fabricada. Os proprietarios do estabelecimento, sempre acompanhados do notario, tomaram algumas folhas do papel que a machina ia produzindo e dirigiram-se para a officina de impressão, a 4 kilometros de distancia. A's 10 horas precisas da manhã estava impresso o papel que haviam levado!

De modo que, em duas horas e vinte e cinco minutos, transformára-se n'um jornal prompto para ser expedido, a madeira que pertencia ás trez arvores que haviam sido derrubadas.

O jornalismo impulsionou d'este modo uma nova e rendosa industria.

Voltemos, porém, ao jornalismo americano.

O custo geral do papel para jornaes é avaliado em 40:700 contos de reis por anno, em toda a America. Juntando-se as despezas de composição e impressão, que augmentam de anno para anno, não obstante o aproveitamento das machinas linotypicas e outras similares, (*) comprehender-se-ha que não ha exagero no calculo de 55:000 contos de reis annuaes para salarios do pessoal operario, como o não deve haver no de 41:800 contos, computado para as despezas diversas do jornalismo americano; e comprehender-se-ha tambem

(*) Ha na America 3.900 machinas de compor, em serviço; das quaes 860, aproximadamente, são manejadas por mulheres.

a que fabulosa somma alcançam as suas despezas geraes. O *New York Herald*, o *World* e o *Journal*, para não citar senão os mais importantes, gastam, por semana, — affirmou-o Mr. Harrisson — 3:600 a 5:400 contos de reis, de modo que as suas despezas de composição e impressão ascendem, por anno, a cerca de 1:500 contos de reis.

Sendo a tiragem dos principaes jornaes, de 500 a 600:000 exemplares, o seu producto não póde de modo algum, cobrir nem a quarta parte das despezas. A principal fonte de receita é o annuncio e o reclamo. Este, então, tomou ali de assalto todos os logares do jornal desde a primeira á ultima pagina.

O orçamento do *The Philadelphia Record* accusa, por exemplo, 388:300$000 reis, como producto da sua venda e das suas assignaturas; 940 contos de annuncios; 387 contos de custo do papel e 60$500 reis de rendimento diario, por columna, de reclamos.

O resumo geral das receitas do jornalismo americano mostra-nos que em 192:500 contos de receita, 104:500 contos são provenientes dos annuncios e reclamos e apenas 88:000 contos da venda e assignaturas.

Sem a receita dos annuncios e reclamos a maior parte dos jornaes e especialmente as edições dos domingos, em Nova York, na Philadelphia, em Chicago, Boston, Bufalo, etc. dariam enorme prejuizo ás respectivas emprezas. Em casos extraordinarios, como o da edicção de 100 paginas, tirada pelo *New York Herald* para commemorar o seu decimo anniversario sob a

gerencia de Pulitzer, o papel vendido a pezo daria mais do que o preço da venda do jornal. (*)

As edições dos domingos, na America, inserem ás vezes tão grande numero de paginas que chegam a causar assombro. Essas edições variam entre 30 e 140 paginas, com sete columnas de leitura em cada pagina!

Max O' Rell descrevia ha tempos, no *Figaro,* de Paris, uma d'essas edições dominicaes, pela seguinte fórma:

«Cincoenta paginas de annuncios; quatro paginas de historias comicas, coloridas, para crianças; um trecho de musica para cortar e collar, que não fará má figura na estante de um piano; um quebra-cabeças, que entretém uma boa meia hora; cinco ou seis paginas illustradas para senhoras, com todas as modas da semana; outras cinco ou seis consagradas a theatro, com a critica das peças novas, reproducções das scenas principaes, e retratos dos artistas; duas paginas de correspondencia estrangeira dando notas do que se passa em toda a parte. Depois vinte paginas consagradas aos Estados Unidos. N'essas vinte paginas uma

(*) Casos semelhantes teem succedido no Brazil e até entre nós. A edição do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro por occasião do 4.º contenario da descoberta do Brazil, a edição do dia de Natal de 1899 e outras varias, dariam enormes prejuisos se os annuncios não cobrissem o *deficit*. Com certos numeros do *Diario de Noticias* e do *Seculo*, em Lisboa, succederia a mesma coisa.

alluvião de noticias telegraphicas de todos os cantos da America, redigidas em fórma de novellas, de anecdotas, e cada uma precedida de um cabeçalho engraçado, sempre sensacional, que attrahe a attenção do leitor, impresso em caracteres de tamanho proporcional á importancia do assumpto.»

Quer dizer — são numeros que custam a segurar nas mãos e só podem ser lidos sobre uma meza, e não hade ser das pequenas!

O primeiro telegramma de proporções collossaes que appareceu na America, foi publicado no *Nev York Herald,* por sua conta exclusiva, o que quer dizer que nenhum outro jornal o teve. Não dava conta de uma batalha, de uma revolução, de um grande sinistro, mas referia um combate entre... jogadores de *box!* Isto mostra a grande variedade de assumptos a que um jornal tem de attender e a importancia que por lá se liga ao *sport.* Custou esse telegramma cinco contos de reis!

Não é para admirar isto, desde que se sabe que a *reportage* é tudo ali e que os correspondentes como os redactores dos grandes jornaes teem sempre ás suas ordens sommas enormes para fazerem face ás exigencias da informação segura e rapida. Durante a guerra da successão todos os *reporters* de Nova York, de Chicago e de Boston fizeram maravilhas, gastando rios de libras para servirem no seu jornal a curiosidade do publico. Stanley, que atravessou a Africa desconhecida e logrou encontrar ahi o celebre explorador Levingstone, era *reporter* do *New York Herald.*

Um outro *reporter* americano, incumbido de obter

informações verdadeiras acerca da seita dos Mormons, tomou o comboio em Nova York, passou n'elle cinco dias e cinco noites, escrevia no wagon artigos diarios dando a nota impressionista das regiões que ia atravessando, lançava os artigos em todas as estações do trajécto e logrou ter em Utah uma entrevista, de uma hora, com o chefe dos Mormons. O seu jornal foi informado do assumpto melhor do que nenhum outro e mais rapidamente do que nenhum.

Era J. Smith considerado o *rei dos reporters* americanos. Uma vez, o governo, temendo a sua indiscripção, recusou dar-lhe cartão de ingresso nas exequias do general Barker. Mas Smith não se preocupou com a recusa e achou meio de penetrar na propria camara mortuaria. Descendo pelo interior de uma chaminé e mettendo-se entre os assistentes tudo presenciou e tudo poude descrever no seu jornal.

Em certa occasião, andando a passeiar á noite, por uma aldeia de Chicago, encontrou o cadaver de um homem. Participar á policia o achado sem tirar d'elle as vantagens convenientes pareceu-lhe tolice. N'essa noite já não sahiu da aldeia e na manhã seguinte, simulando que só então deparára com os funebres despojos, fez a devida participação. Mas como havia feito já uma larga noticia para o seu jornal, duas horas depois apregoava-se pelas ruas da capital o « Assassinato mysterioso em Chicago. — Descoberta do cadaver da victima» noticia que mais nenhum jornal deu, senão no dia seguinte e que valeu ao que a déra em primeira mão um largo augmento na tiragem.

Como estes, muitos outros casos poderia referir, porque o *reporter* americano é o mais sagaz e o mais intelligente de todos.

Depois do *New York Herald* e do *Yorld* appareceu o *New York American and Journal*, que é um temivel concorrente dos dois colossos do jornalismo americano. Não matou aquelles, mas supplanta-os muitas vezes. A sua edição do domingo é egual ás dos outros juntas, custando o mesmo preço; e a sua edição da tarde é egual ás de todos os outros jornaes, juntas tambem.

Além de muitas outras machinas, possue trez machinas combinadas que imprimem ao mesmo tempo as paginas ordinarias do jornal e as coloridas. Cada uma tem 62 cylindros, sendo 40 para distribuirem a tinta e 22 para impressão, correspondendo a cada um d'estes um deposito de tinta. São verdadeiras maravilhas da mechanica, estas tres machinas, cada uma das quaes possue 850 rodas principaes e um motor electrico da força de 80 cavallos.

A producção conjuncta d'estas machinas é a seguinte: numeros de 8 paginas, cortados, dobrados e impressos a côr 288:000 exemplares por hora; numeros de 10, 12, 14 e 16 paginas, 144:000 por hora; numeros de 20, 24 e até 32 paginas 96:000 por hora. Se tiver a trabalhar todas as machinas ao mesmo tempo, a producção será de 1.296:000 exemplares, de 8 paginas.

Cada uma das machinas consome 12:000 metros de papel por hora.

A officina de stereotypia dá 264 paginas promptas para entrarem na machina, se tantas forem precisas para a impressão do jornal. Os cylindros distribuidores da tinta gastam 6:000 libras de colla.

O preço de cada uma d'essas machinas a que deixo feita referencia, foi de 200:000 dollars.

Sendo a America, como é, um grande paiz, a amplitude da publicidade dá ali para tudo isto e para muito mais. A difficuldade estaria em não poderem os jornaes espalhar com rapidez as suas enormes tiragens; se essa difficuldade não estivesse praticamente resolvida. Ha para isso o chamado *expresso dos jornaes,* cuja descripção constitue um interessante quadro referido por um jornalista francez a quem foi dado viajar n'esse comboio.

Ás duas horas e meia da madrugada um comboio composto de uma locomotiva, um wagon de viajantes e outro de mercadorias, está formado na *gare* central de New York.

Varios carros conduzindo enormes volumes de jornaes chegam continuamente á estação, com estrepito. Os massos são logo transportados para o interior do wagon de mercadorias, onde os empregados das diversas emprezas jornalisticas executam a sua tarefa durante a viagem do expresso. Dão as trez horas.

O *wagon* recebe os ultimos pacotes, a machina silba prolongadamente, começa a por-se em movimento, avança para o tunnel e o comboio desapparece. Marcha com uma velocidade de 40 milhas inglezas por hora.

Durante esse tempo, que azafama no interior do *wagon!* Os empregados, com uma precisão que faz vertigens, dispoem os jornaes aqui e acolá, collecionando-os segundo os pedidos mencionados nas notas da administração, dobrando-os e empacotando-os. Povos e aldeias passam como voando. Do comboio vão sendo arrojados os volumes respectivos a cada localidade, sobre as desertas *marquises* das estações do trajecto.

Batem as cinco horas e o comboio passa como um relampago ou como um furacão, na estação de Catskil; os jornaes são ali espalhados depois, pelos hoteis e residencias particulares. N'essa estação, o expresso leva já duas horas de vantajem ao comboio directo de passageiros. A's 6 horas e 10 minutos entra nas agulhas da estação de Albany e detem-se. A locomotiva é substituida por outra, das chamadas de alta pressão. Durante a mudança de machina, os jornaes que vão para Albany chovem do wagon sobre os vendedores, que os aguardam do lado direito da linha. Do lado esquerdo são recebidos os massos destinados a Troy e Lake George, que seguem n'outro comboio já disposto ao longo da linha respectiva. Quatro minutos apenas demora este trabalho todo e o expresso recomeça a sua marcha.

A's 6 horas e 40 minutos alcança-se em Schenectady o comboio directo ordinario de Albany. Aqui ha a bifurcação com o caminho de ferro de Siratoga e o expresso deixa grande parte da sua carga, arrojando

os volumes aos milhares, sobre a *gare*, sobre os *rails*, contra os pilares, sobre a relva, sobre a lama!

Sete horas e um quarto. Chega a Palatine Bridge e ahi ficam os jornaes para Sharon, Sprnigs e Cooperstwen. O expresso leva já de vantagem ao trem directo, duas horas e cincoenta minutos. Ás 8 horas e 12 minutos da manhã passa, a toda a velocidade, perto de Utika, onde está formado um comboio para conduzir ás *Mil Ilhas* os massos de jornaes que o expresso atirar para a estação. Desde a sahida de Albany a velocidade é de cincoenta leguas por hora.

Na estação de Syracusa — é ainda o jornalista francez quem dá estas explicações — sobe para a locomotiva Cromwell, o machinista favorito de Vanderbilt, o rei dos caminhos de ferro e diz, sorrindo: «Vou fazer-lhes ver o que é voar.» E o comboio avança com um ruido de trovões. Cromwell cumpre a sua promessa: em oitenta e sete minutos o comboio percorre oitenta e uma leguas! O fogueiro vê-se obrigado a voltar-se frequentes vezes para poder respirar.

Durante o trajecto o comboio toma a agua, que lhe é necessaria para a machina, da que corre pelos canaes (*gouthéres*) dispostos ao longo da linha. Apezar dos wagons serem construidos com todo o cuidado e reunindo todas as condições necessarias para tão larga e rapida viagem, os viajantes temem sempre que se incendeie um eixo e se dê uma desgraça.

O comboio pára em Byron e toda a gente pensa que alguma coisa grave se passou. Mas não. Havia

cahido á linha uma cavilha da machina. Em menos de dois minutos, outra a substituil-a e avante.

Buffalo, emfim! O expresso chega ainda seis minutos antes da hora marcada. Ás doze horas e trinta minutos do dia o *expresso dos jornaes* entra na *gare* de Buffalo, depois de ter gasto na viagem sete horas e meia a menos do que o melhor comboio directo!

Em Buffalo preparam-se então outros comboios, em combinação para todas as cidades de Oeste. É assim que voam diariamente os periodicos de Nova York através de todo o vasto continente americano.

A noticia sensacional é tudo nos Estados Unidos. Se para as noticias vulgares o jornalismo é ali de grande sobriedade, para as noticias de sensação não ha limite de espaço nem de edições. Um exemplo a citar, entre muitos. Quando foi assassinado Mac-Kinley, passou-se a scena que vou referir, n'um dos principaes periodicos da tarde, de Nova York, scena que uma testemunha ocular contou dias depois n'um periodico londrino:

Eram precisamente quatro horas e vinte e nove minutos da tarde, quando o redactor de piquete ouviu tocar apressadamente a campainha do telephone que tinha ao lado.

— Quem falla?

— «O presidente Mac-Kinley foi alvejado em Buffalo com dois tiros no peito e acha-se mortalmente ferido»...

O jornalista empallideceu mas recobrando a precisa serenidade, continuou:

— Quem é que falla?
— A *Press Association.* (*)
— Ah! Não ha mais pormenores?
— Por emquanto nada mais.
— Bem. Obrigado.

Seguidamente, aproximando um tubo acustico da bocca, transmittiu esta ordem: «Diga na typographia que preparem um titulo... *Mac-Kinley assassinado,* no maior typo que houver. Hade empregar-se a melhor tinta encarnada. O texto será este: «O presidente Mac-Kinley foi alvejado em Buffalo com dois tiros no peito e está mortalmente ferido.»

Poucos minutos depois de recebida a communicação e de transmittida aquella ordem para a officina typographica, duzentos rapazes percorriam as ruas de Nova York com grandes massos de jornaes inserindo a sensacional noticia, impressa a tinta encarnada e com larga tarja preta.

Quando o redactor principal foi chamado estava a fazer a barba, serviço que não concluiu, dirigindo-se logo para a redacção. O proprietario do jornal estava

---

(*) A *Press Association,* uma das mais importantes associações de proprietarios de jornaes americanos, presta serviços a cerca de 3:000 publicações periodicas. O ser membro da associação dá direito á communicação das noticias recebidas dos correspondentes pagos pelos fundos sociaes, dos telegrammas e dos telephonemas transmittidos pelas linhas da sociedade, que fornecem diariamente 50 mil palavras, ou dos que são enviados pelas agencias com que a Associação tem contracto.

no seu Club. Seis minutos depois de ter sido avisado, o seu carro parava á porta dos escriptorios e elle subia apressado as escadas para tomar as indispensaveis deliberações.

Vinte minutos mais tarde sahia para a rua uma nova edição, que dava já meia columna de pormenores, o retrato do presidente e uma vista da exposição de Buffalo.

Ás cinco horas da tarde partia para Buffalo, por conta do jornal, um comboio expresso, com dois photographos, tres desenhadores e cinco redactores.

Um d'elles, o chefe do serviço de reportage, partiu sem casaco porque nem tempo tivéra para ir buscal-o ao andar superior da redacção. Por esse tempo andava na rua a quarta edição, e ás cinco horas e meia era espalhada profusamente a quinta, contendo duas paginas inteiras de pormenores sobre o crime; uma columna de mensagens telephonicas; uma columna com a biographia de Mac-Kinley; duas columnas de retratos, plantas e desenhos, resumos de varias entrevistas com senadores, governadores, diplomatas, etc.; quinze listas de protestos, cada uma d'ellas firmadas por centenas de nomes; innumeros telegrammas de condolencias, de indignação e de sympathia; opiniões medicas de dois ou trez facultativos dos mais notaveis de Nova York; uma columna de impressões geraes; as baixas da Bolsa ao ser conhecida a noticia; traços biographicos de Roosewelt, etc.

A testemunha de cujo relato me servi, acrescenta que tudo isto foi feito sem haver um segundo de falta

de ordem, que tudo se passou sem um grito, sem um clamor, sem até o natural borburinho que acompanha toda a manifestação da actividade humana, e que o pessoal incumbido d'esta inacreditavel tarefa como que centuplicou a sua energia, tornando-se todo de simples creaturas humanas, em machinas funccionando silenciosamente com a força do vapor.

A importancia real da noticia todos a comprehenderam n'um momento, como todos se compenetraram da necessidade que havia de desenvolvel-a e pormenorisal-a o mais rapidamente possivel, não se poupando a esforços para isso.

Tal é a comprehensão que todos ali teem do que o jornal deve ao publico que o lê, que o engrandece, que o faz prosperar! Verdade seja que essa comprehensão é melhor remunerada do que em qualquer outro paiz. Já vimos pelo que respeita ao pessoal de redacção quão fabulosos são os honorarios que recebem. Mas como não são só os jornalistas que fazem o jornal, todas as outras classes de cooperadores, desde o homem que faz a limpeza da casa das machinas, até ao que stereotypa as fôrmas e o impressor que faz a tiragem; desde o desenhador e o photographo, que illustram o acontecimento, até ao artista que dá os ultimos toques no zinco do cliché, são melhor pagos do que trabalhando em outros quaesquer estabelecimentos em que os seus serviços fossem utilisados; e muito mais generosamente do que em nenhuma outra parte do mundo.

É assim que cada empregado é um amigo cuja

dedicação não conhece limites; é assim que cada operario é uma machina cujo funccionamento não conhece estorvos!

Com taes dedicações e com o grande publico, que sabe compensar os esforços dos que trabalham por bem o servirem, claro é que as emprezas jornalisticas são verdadeiros potentados na America. O *Herald* publica-se simultaneamente em Nova York e em Paris, como já referi. Mas não é só essa empreza que assim procede. Mrs. Hearst publica o *The American* em Chicago e o *The Examiner* em S. Francisco da California, e ainda o *The Journal* em Nova York, etc. O *News* sae simultaneamente em Dallas e em Galveston, no Texas. Estes são, no emtanto, jornaes de pouca importancia comparados com o *Herald*.

Reportando-me ainda ao que acerca do jornalismo americano escreveu W. Leines, atrás citado, e a dar-se credito á sua affirmativa, cinco por cento dos jornalistas d'ali possuem uma cultura intellectual muito limitada, havendo alguns que apenas sabem lêr e escrever. Isto traz seus inconvenientes. Procurando obstar á continuação de um tal estado de coisas, o proprietario do *World*, Joseph Pulitzer concebeu a ideia da creação de uma Escola de Jornalismo, annexa á Columbia University, com o fim de dignificar a profissão, escola que será equiparada ás de medicina e de direito. Para dotação d'essa escola deu Pulitzer dois milhões de dollars, dotação que será augmentada com mais um milhão se, passados trez annos, se reconhecer que os resultados colhidos correspondem ao fim que

elle teve em vista. Quem se propozer a seguir a carreira jornalistica encontrará, de um modo facilmente accessivel, na escola em questão, cursos de disciplinas que para essa profissão serão equivalentes aos que as outras escolas proporcionam para outros mistéres; ao mesmo tempo que aquelles que trabalhem já nas redacções e que dezejem subir de cathegoria pelo cultivo das suas aptidões, acharão n'esses cursos valioso e proficuo auxilio.

Estas foram as ideias que presidiram á iniciativa do proprietario do *World,* quando julgou que seria de alta conveniencia para o jornalismo, que os seus membros se preparassem para o exercicio dos seus deveres com um curso de estudos systematisados e harmonicos, como os membros das outras profissões liberaes. Pulitzer confiou a execução do seu proposito a diversos homens eminentes como Butler, presidente da Universidade de Columbia; John Hay, secretario de Estado; Mechelway, redactor do *Brooklyn Eagle;* Lawzon, presidente da Associação da Imprensa; general Taylor, redactor do *Boston Globe* e Charles Eliot, da Universidade de Harvard. Este ultimo redigiu assim o programma dos cursos da Escola de Jornalismo:

Administração e direcção de um jornal — Funcções do director — Secções de que deve ou pode constar um periodico — Praticas de contabilidade e dos meios de propaganda jornalistica — Maneiras de fomentar o desenvolvimento da secção de annuncios — Serviço de correspondencias e desenvolvimento de informações recebidas.

Elaboração material do jornal — Processos typographi-

cos, de electrotypia e estereotypia — Machinas de compôr e de fundir typo — Processos de reprodução de desenhos e illustrações, zincographia, photogravura, etc.

Direito jornalistico — Leis de imprensa e processos judiciaes e administrativos em materia de periodicos — Deveres da imprensa no que se refere ás suas relações com o poder judicial — Responsabilidades civis e penaes do editor, do director e dos redactores e collaboradores.

Moral do jornalismo — Exacta significação da responsabilidade do jornalista perante o publico — Relações entre o proprietario, o director e os redactores, no que respeita á liberdade de opinião e de consciencia.

Historia do jornalismo — Sua origem e desenvolvimento — Estado actual da imprensa nos principaes paizes — Diversidades de processos jornalisticos, etc.

Forma litteraria do jornal — Maneiras de redigir noticias criticas de livros, ou de peças de theatro, em harmonia com o maior ou menor espaço disponivel, etc., etc.

Ao fim de dois annos de estudo a Escola conferirá o competente titulo de habilitação aos que tenham dado boas provas no exame final.

Esta Escola deve começar a funccionar em Setembro do anno corrente, que é quando se conta que fiquem concluidos os edificios onde hade ser installada.

A ideia que vae ser posta em pratica graças á generosa dadiva dos dois milhões de dollars do proprietario do *World,* tem sido theoricamente apresentada em varios congressos de imprensa sem todavia se ter chegado a uma conclusão pratica. Veremos se a solução se encontra agora e se realmente, d'ahi

advéem as vantagens preconisadas, como é para desejar. (*)

Com effeito, tratando-se de qualquer outra profissão das que importam responsabilidades para aquelles que as exercem, exige-se uma longa preparação, annos e annos de estudos e por fim um certificado authentico e official das habilitações, conquistadas por meio d'esses estudos e d'essa larga preparação.

Ao contrario d'isto, os jornalistas, que são (ou devem ser, pelo menos,) os verdadeiros educadores da nação, porque as doutrinas que professam e as opiniões que produzem entram em todas as casas e espalham-se por todas as localidades, teem ampla liberdade (salva a restricção criminal estabelecida na lei) de diffundir das columnas dos jornaes, erros muitas vezes perniciosos, e de transviar por completo a opinião publica! Parece realmente que isto é um contrasenso inexplicavel: — dar á maior responsabilidade menos instrucção.

Entre nós temos todos visto que as columnas de varios jornaes se teem enxovalhado com a divulgação de muita doutrina erronea e de muita opinião avariada... Se para escrever nos jornaes se exigisse um titulo de habilitação, seguramente que os auctores de taes escriptos não poderiam conquistal-o, por incapacidade; e a imprensa teria lucrado com isso.

(*) O Conselho de Estado de Berne, autorisou recentemente o dr. Buhler, redactor do *Bund*, a abrir um curso de jornalismo e de exercicios praticos de imprensa, na faculdade de philosophia da mesma cidade.

Na America, como já disse, a profissão de jornalista é das mais rendosas; não assim entre nós. Ali não são só os principaes jornaes que pagam bem. *The Cosmopolitan,* por exemplo, paga 10 reis por cada palavra de original; e egual quantia paga a *North American Rewiew;* 5$000 reis por columna paga a *Epoch;* 10$000, idem, o *Ledger;* e 5$000 reis tambem o *Town* e o *Truth.* E, no emtanto, nenhum d'estes jornaes tira os lucros do *World,* do *Journal* ou do *Herald.*

Em compensação, na lei que regula o exercicio do jornalismo na America ha, entre outras, as seguintes disposições, que muito seria para dezejar ver adoptadas entre nós:

« Qualquer pessoa que receba um jornal e o não devolva á procedencia, é por lei considerada como assignante, quer tenha assignado quer não.

« O director de qualquer estação postal que deixar de participar a recusa de qualquer pessoa em acceitar os jornaes que lhe são enviados pelo correio, é responsavel, perante a empreza, pela importancia do preço da assignatura.

« Terminado o prazo de tempo porque uma assignatura foi feita, considera-se renovada por egual periodo, desde que o assignante não previna do contrario, ficando responsavel pelo pagamento.

« Se, antes de ter pago os exemplares recebidos algum assignante mandar suspender a remessa, a empreza pode continuar a enviar-lhe e a debitar-lhe os exemplares que forem sahindo, até que tudo esteja integralmente pago.

« Se o assignante se recusar a pagar os jornaes que lhe são enviados ou se negar a tirar do correio os que lhe são diri-

gidos, é julgado responsavel pela divida até que faça cessar a remessa.

«Se o assignante se mudar de habitação sem o ter participado á administração do jornal, é sempre considerado responsavel pelo pagamento da assignatura.»

Se os jornalistas profissionaes teem na America ordenados como em nenhuma outra nação do globo, tambem a lei concede ás emprezas uma protecção que as cerca de vantajosas garantias.

Nos Estados Unidos teem sido publicados, impressos em portuguez, os seguintes jornaes, de que eu tenho noticia: *Correspondencia dos Estados Unidos,* em Nova York, em 1878; *O Correio Americano*, idem, em 1894; *Jornal de Noticias,* em Erie, 1877; *O Luso Americano,* em 1881; *O Portuguez*, em 1894; *Correio Portuguez,* em 1895 e *O Independente,* em 1898, todos em New Bedford; *O Arauto,* em Hayward, em 1898; *A Patria,* em 1892 e *O Reporter,* em 1897, ambos em Oakland; *A Civilisação,* em 1882, em Boston; *Progresso Californiense,* em 1884; *A Patria*, em 1892 e *União Portuguesa,* em 1887, todos em S. Francisco; *A Liberdade*, em 1900, em Sacramento; e *A Semana Portugueza*, em 1903, em S. José.

IX

O Jornalismo no Brasil

Qual foi o primeiro jornal brasileiro — A «Gazeta do Rio de Janeiro.»—Os jornaes dos outros Estados da União — Rodrigo da Fonseca, Magalhães jornalista no Brasil—Jornaes mais importantes — A influencia dos portuguezes na imprensa brasileira.

Pelo que particularmente se refere á America do Sul eram escassos em demasia os informes que eu podéra colligir, por não haver, àcerca do assumpto, trabalho algum methodico ou completo. Sabia-se apenas, para o que não era preciso grande esforço, que o jornalismo fôra ali introduzido por portuguezes, visto que portuguez foi aquelle vasto territorio por nós descoberto e trazido para o convivio da civilização.

Isso não bastava para o meu trabalho e eu ia já desistir de referir-me ao jornalismo nas terras de Santa Cruz, quando o acaso me deparou uma serie de interessantissimos artigos do illustre bibliophilo brasileiro

dr. Pires d'Almeida, que me foram de valioso auxilio e de prestimosa cooperação.

Cotejando as informações ahi colhidas com as que deixou Silva Pereira nos seus dois livros àcerca do jornalismo (*), logrei elaborar a Resenha Chronologica e Alphabetica do jornalismo brasileiro, que vae no fim do presente livro e que, se não é completa, como eu desejava, é, no emtanto, o mais aproximada possivel da verdade, representando um ponto de partida para trabalho de maior folego a que pessoas mais competentes poderão entregar-se.

Foi a *Gazeta do Rio de Janeiro* o primeiro jornal publicado no Brasil, apparecendo a 10 de Setembro de 1808 e continuando a publicar-se em todas as quartas feiras e sabbados. Custava 80 reis cada numero avulso, sendo a assignatura de 3:800 reis por semestre, preços que seriam carissimos presentemente e que mesmo n'aquelle tempo não eram nada baratos. A partir de 1 de Julho de 1821 passou a sahir trez vezes por semana, ás terças, quintas e sabbados e, em 1822 mudou de titulo, passando a chamar-se *Gazeta do Rio.*

Desde 1809 foi encimada pelas armas reaes portuguezas, até que o Brasil se declarou independente; e assim, desde 14 de Novembro de 1822 foi encimada pelas armas imperiaes brasileiras.

(*) O *Jornalismo Portuguez* (1896) e *Jornaes Portuguezes* (1897)—Lisboa.

N.° 1.

GAZETA DO RIO DE JANEIRO.

SABADO 10 DE SETEMBRO DE 1808.

Doctrina sed vim promovet insitam,
Rectique cultus pectora roborant.

HORAT. Ode III. Lib. IV.

Londres 12 de Junho de 1808.

Noticias vindas por via de França.

Amsterdão 30 de Abril.

OS dois Navios Americanos, que ultimamente arribárão ao Texel, não podem descarregar as suas mercadorias, e devem immediatamente fazer-se á vela sob pena de confiscação. Isto tem influido muito nos preços de varios generos, sobre tudo por se terem hontem recebido cartas de França, que dizem, que em virtude de hum Decreto Imperial todos os Navios Americanos serão detidos logo que chegarem a qualquer porto da França.

Noticias vindas por Gottenburgo.

Chegárão-nos esta manhã folhas de Hamburgo, e de Altona até 17 do corrente. Estas ultimas annuncião que os Janizaros em Constantinopla se declarárão contra a França, e a favor da Inglaterra; porém que o tumulto se tinha apaziguado. —— Hamburgo está tão exhaurido pela passagem de tropas que em muitas casas não se acha já huma côdea de pão, nem huma cama. Quasi todo o Hannover se acha nesta deploravel situação. —— 50000 homens de tropas Francezas, que estão em Italia, tiverão ordem de marchar para Hespanha.

Londres a 16 de Junho.

Extracto de huma Carta escrita a bordo da Statira.

" Segundo o que nos disse o Official Hespanhol, que levámos a Lord Gambier, o Povo Hespanhol faz todo o possivel para sacodir o jugo Francez. As Provincias de Asturias, Leão, e outras adjacentes armárão 80000 homens, em cujo numero se comprehendem varios mil de Tropa regular tanto de pé, como de cavallo. A Corunha declarou-se contra os Francezes, e o Ferrol se teria igualmente sublevado a não ter hum Governador do partido Francez. Os Andaluzes, nas visinhanças de Cadiz, tem pegado em armas, e destes ha já 60000, que são pela maior parte Tropas de Linha, e commandados por hum habil General. Toda esta tempestade se originou de Bonaparte ter declarado a Murat Regente de Hespanha. O espirito de resistencia chegou a Carthagena, e não duvido que em pouco seja geral por toda a parte. Espero que nos mandem ao Porto de Gijon, que fica poucas leguas distante de Oviedo, com huma sufficiente quantidade de polvora, &c. pois do successo de Hespanha depende a sorte de Portugal. A revolta he tão geral, que os habitantes das Cidades guarnecidas por Tropas Francezas tem pela maior parte ido reunir-se nas montanhas com os seus Concidadãos revoltados. "

A «GAZETA DO RIO DE JANEIRO»

(Fac-simile do n.° 1)

O primeiro redactor d'esta folha foi Fr. Tiburcio José da Rocha, official da Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra. Depois foram seus redactores o brigadeiro Manoel Ferreira de Araujo Guimarães, e o conego Francisco Vieira Goulart.

Foi impressa na *Imprensa Regia*, creada no Rio de Janeiro por decreto de 13 de Maio de 1808.

Depois do Rio de Janeiro, foi na Bahia, no mesmo anno de 1808, que appareceu o segundo periodico brasileiro. Intitulava-se *A Idade de Ouro do Brasil*, era bi-semanal e de pequeno formato. Attribue-se o titulo da primeira folha bahiana a inspiração determinada pela chegada ali da familia real, fugida de Portugal em face da invasão franceza. *A Idade de Ouro* em breve se tornou orgão official do governo e logrou publicar-se até 1821, pelo menos.

Com relação ao desenvolvimento do jornalismo em muitos dos Estados do Brasil, escasseiam-me os esclarecimentos durante um largo periodo. Só sei que no Maranhão se publicou o primeiro periodico a 15 de Abril de 1822, intitulado *O Conciliador Maranhense*, e redigido pelo official maior da capitania, Antonio Marques da Costa Soares.

Em Minas Geraes o primeiro jornal que surgiu á luz da publicidade foi a *Abelha do Itacolomy*, cujo numero inicial sahiu a 14 de Janeiro de 1824.

Alguma coisa logrei apurar pelo que respeita a Pernambuco, e assim consegui saber que o primeiro jornal ali publicado foi a *Aurora Pernambucana*, que appareceu em 27 de Março de 1821, redigida pelo

portuguez Rodrigo da Fonseca Magalhães. A cabeça do jornal era illustrada com uma gravura representando uma praia, tendo ao fundo o sól a irromper do mar. Por baixo da gravura estava o titulo e a divisa, formada por estes versos dos *Luziadas:*

> Depois de procellosa tempestade,
> Nocturna sombra e sibilante vento,
> Traz a manhã serena claridade,
> Esperança de porto e salvamento.

A 13 de Dezembro do mesmo anno mudou de titulo e de redactor. Passou a chamar-se *Relactor Verdadeiro* e a ser redigido pelo padre Ferreira Barreto. Apresentou nova gravura na cabeça:— um fuste de columna tendo na base a palavra *Constituição,* mais acima o lêma *Sic Semper Manebunt* e no topo uma corôa, um sceptro e uma folha de pergaminho. Um indio e a figura de Minerva, com as mãos estendidas, como a prestar um juramento, completavam o conjuncto.

Segarréga se chamou o segundo jornal sahido á luz em Pernambuco, redigido por Felippe Mena Calado da Fonseca. Appareceu o 1.º numero a 8 de Dezembro de 1821. Apresenta na cabeça, dentro de uma moldura hexagonal o instrumento musical de que tirára o nome e mais abaixo o lêma: *Brincando contarei verdades puras.*

Em 1823 appareceu ali a *Sentinella da Liberdade,* redigida por Cypriano Barata, e em 1824 *O Ar-*

gus Pernambucano, redigido por Natividade Saldanha, poéta de certo merecimento.

Em 1822, Manoel Clemente Cavalcanti fundava a *Gazeta Pernambucana,* dando-lhe um feitio diverso do seguido até então, desbravando a senda que em 1825 seguiu Miranda Falcão ao fundar o *Diario de Pernambuco,* cujo primeiro numero sahiu em 7 de Novembro. A nova folha iniciou as informações commerciaes e reservou grande parte do seu espaço para os annuncios e publicações de interesse particular.

Segundo um escriptor pernambucano, a tiragem habitual d'estas folhas era de 200 exemplares, duplicando apenas em occasiões excepcionaes e attingindo mesmo mais avultada cifra, como succedeu, por vezes, á *Sentinella da Liberdade,* que chegou a dar seis edições.

Tambem no Rio Grande do Sul é historica a influencia do elemento portuguez no desenvolvimento do jornalismo, que fez a sua apparição n'aquella provincia (hoje Estado) em 1828, com o primeiro numero do *Constitucional Rio Grandense,* impresso em Porto Alegre, na mesma typographia d'onde sahiram posteriormente *O Avisador, A Idade de Pau, Echo Porto-Alegrense, Continentista* e o *Quebra Anti-Evaristo.* Empregava aquelle jornal uma linguagem desbragada que dá a nota caracteristica do atrazo em que então se encontrava a imprensa.

O primeiro jornal impresso propriamente no Rio Grande foi *O Noticiador,* que sahiu a 3 de Janeiro de 1832, fundado pelo portuguez Francisco Xavier Fer-

reira, mais conhecido pelo cognome de *Chico da Botica*, «homem de influencia e de merecimento.» (*) Foi membro da junta governativa, que administrou a provincia de 22 de Fevereiro de 1822, a 8 de Março de 1824 deputado pelo Rio Grande do Sul á Assembléa Geral na 1ª legislatura de 1826 a 1829, presidente da primeira Assembléa Provincial, da *Sociedade Defensora da Liberdade* e da *Sociedade de Beneficencia* (hoje Santa Casa da Misericordia do Rio Grande), promotor publico interino, etc.

Era homem maior de 60 annos e de idéas liberaes. Partidario extremado do 7 de Abril, viu-se envolvido na revolução. Como presidente da Assembléa Provincial, sanccionou a recusa á posse do Dr. José de Araujo Ribeiro, verdadeiro inicio da revolução separatista e republicana. Preso em Porto Alegre, por occasião da reacção, em 15 de Julho de 1836, foi remettido para o Rio de Janeiro, onde obteve ordem de *habeas-corpus*. Solto, andou alguns dias pelas ruas; porém, receioso de novas violencias, occultou-se em casa de um tal *Capataz* onde foi descoberto por alguns *caramurús*, sendo de novo recolhido á cadeia em 20 de Janeiro de 1847. Ahi morreu.

Era jornal bem cuidado e bem feito, respeitando a vida privada, embora fosse, a alturas tantas, orgão de implacavel opposição.

(*) *Notas para a Historia da Imprensa no Rio Grande do Sul*, por Alfredo F. Rodrigues—Rio Grande—1899.

*

Outro portuguez, o bacharel em leis José Marcellino da Rocha Cabral, fundou no Rio Grande, em principios de 1833, *O Propagador da Industria Rio Grandense*. Aquella villa de então deveu-lhe inestimaveis serviços. Ali promoveu e levou a effeito a creação de uma caixa economica, que chegou a recolher consideraveis quantias e a dar lucros relativamente importantes.

Concorreu poderosamente para transformar a *Sociedade de Beneficencia*, creada no anno antecedente, levando-a a tomar a direcção da *Casa de Caridade*, onde só foram, de então em deante, admittidos enfermos pobres, « por acreditar, e com fundamento, segundo as suas proprias expressões, que esta combinação da beneficencia com a piedade era mais conforme ao espirito da população, dava mais permanencia á instituição e mais fervor á caridade dos associados. »

Organisou tambem a *Sociedade Promotora da Industria*, com o concurso de alguns moradores da villa.

« A simples enumeração d'estes serviços basta para dar uma idéa do quanto valia José Marcellino, de certo um homem superior e um benemerito, a quem não deve o Rio Grande ser ingrato, esquecendo sua memoria.» (*)

D'elle disse a *Aurora Fluminense* que, « pela sua excellente conducta, pelas suas luzes e não vulgar talento, pôde obter, logo nos primeiros annos da sua chegada, a amizade de todas as pessoas mais gradas

(*) Livro anteriormente citado.

e notaveis do Brasil, que n'elle viam um extrangeiro esclarecido, honesto e sinceramente desejoso de ser util á terra em que o haviam lançado as tempestades politicas. »

O apparecimento do jornal *A Idade de Pau* (em contraposição á *Idade de Ouro*, em 1833, marca uma epoca interessante no jornalismo do Rio Grande.

Foi seu redactor Pedro José d'Almeida, tambem chamado o *Pedro Boticario,* e o *Vacca-Brava,* juiz de paz de um dos districtos da capital e commandante de uma companhia de guardas nacionaes, homem violento e apaixonado, verdadeiro demagogo, de grande popularidade, um dos mais energicos promotores da revolução e que foi o chefe da populaça de Porto Alegre, quando a cidade esteve no dominio dos revolucionarios.

Pedro Boticario era sobre tudo inimigo de morte dos portuguezes, a quem dava os nomes de *gallegos, monstros lusitanos* e outros.

Os portuguezes não o poupavam tambem. O *Inflexivel* chamava-lhe *Magico dos sete signos;* e o *Mestre Barbeiro* escrevia d'elle o seguinte:

Não temos lá no inferno lagartixa
de mais nojo e fedor que este maldito.
Na porta da botica, baixa e escura,
vomita só o furor o sanguinario,
que um Bertholdo parece na figura;
assusta só o ver seu ar nefario!
Engeitado da gente mais impura,
é calvo, coxo, torto e boticario

N'essa retaliação de insultos, crescia o odio de *Pedro Boticario* aos portuguezes. Contam que elle costumava dizer: — «A liberdade se rega com sangue, não com esterco; estas cousas não se compoem emquanto não se *jogar a peteca* por estas ruas com as cabeças dos gallegos.»

O que é facto, é que, quando elle chegou a dominar a populaça, quiz deportar em massa os portuguezes, apresentando no club revolucionario uma extensa e violenta representação, acompanhada de uma lista, pedindo a deportação de mais de 400. A idéa, comquanto tivesse partidarios extremados e quasi em unanimidade, cahiu, devido á calma, moderação e fino tacto politico do Dr. Francisco de Sá Brito. (*)

O *Mestre Barbeiro* era violentissimo nos seus ataques aos adversarios.

O jornal de mais peso e valor no periodo revolucionario foi *O Continentista*, que se declarava pela republica federativa. Sahia em Porto Alegre, onde o primeiro numero appareceu a 15 de Junho de 1835.

Até 1854 a imprensa no Rio Grande do Sul teve larga expansão, figurando n'uma estatistica que tenho presente, elaborada pelo Snr. Alfredo F. Rodrigues, nada menos de 96 jornaes diversos, dos quaes 54 sahiram em Porto Alegre, 35 no Rio Grande, 3 em Pelotas, 2 em Alegrete e 1 em cada uma das localidades: Piratiny, Caçapaba e S. Gabriel.

(*) Livro citado anteriormente.

O Estado onde a imprensa jornalistica apresenta mais evidentes progressos e notavel desenvolvimento é o de S. Paulo, onde o primeiro jornal appareceu a 7 de Fevereiro de 1827, sob o titulo de *Farol Paulistano,* fundado por José da Costa Carvalho, depois Marquez de Monte Alegre, titulo que lhe conquistára o alto valor dos serviços que o seu jornal prestou.

O primeiro jornal diario appareceu ali a 26 de junho de 1854. A publicação continua, sendo este, portanto, o actual decáno da imprensa paulista, pois que o *Farol* deixou de publicar-se ha muito tempo. Esse diario intitula-se *Correio Paulistano* e foi fundado por Marques & Irmão. É dos mais importantes jornaes de todo o Brasil e exerce grande influencia, graças á sua larga tiragem, que orça por 250 mil exemplares, e graças ás tradições de seriedade que continua mantendo.

Além da do *Correio Paulistano*, as grandes tiragens ali são as do *Commercio de S. Paulo*, do *Estado de S. Paulo*, da *Fanfulla* (orgão da colonia italiana), da *Tribuna Española* e da *Tribuna Italiana*, pertencentes ás respectivas colonias de emigrantes. Todos estes jornaes tiram para cima de 300 mil exemplares cada um. (*) Outras folhas realisam ali tiragens que raros periodicos portuguezes têem conseguido attingir. Assim temos que com mais de 50 mil exemplares de

(*) Statistical map of the Press in the State of S. Paulo, U. S. Brasil, in 1904, de W Viotti.

tiragem existem em S. Paulo *A Folha Nova*, o *Independente* (italiano), *A Platëa*, A *Tribuna Paulista*, a *Voz de España* (da colonia hespanhola); o *Commercio de Campinas*, o *Diario da Manhã*, de Ribeirão Preto, a *Cidade de Santos*, o *Diario de Santos* a *Tribuna*, tambem de Santos e o *15 de Novembro* de Sorocaba. (*)

O *Correio Commercial*, de Franca, uma das cidades do interior, tira 46 mil exemplares e o *Commercio do Amparo* 25 mil. A cultura da população é grande, facto que explica essas tiragens importantes, alliado á circumstancia de ser S. Paulo o Estado que conta maior numero de habitantes, tendo grande facilidade de communicações e sendo de grande actividade commercial.

Em S. Paulo ha a considerar não só a imprensa nacional mas tambem a estrangeira e especialmente a italiana, cuja colonia é ahi numerosissima, sustentando nada menos de 17 jornaes seus, impressos no idioma da sua patria. (Veja-se o *Apenso á Resenha Chronologica e Alphabetica do Jornalismo Brasileiro*, que vae no fim d'este livro).

D'esses 17 jornaes, a *Fanfulla* e *La Tribuna Italiana*, ambos diarios e de grande formato, são notavelmente bem redigidos e o seu serviço de informação telegraphica é dos mais completos que eu conhe-

(*) Estatistica citada.

ço, rivalisando com o dos melhores jornaes da Europa.

A parte socialista da colonia italiana tem tambem um grande diario *Avanti!* que vae já no seu quinto anno de publicação e que é excellentemente redigido e primorosamente collaborado.

A colonia allemã, tambem importante em S. Paulo, tem ahi trez orgãos seus: *Deutsche Zeitung*, *Germania* e *Der Hansfreund*. O primeiro é o mais considerado. A sua tiragem é de cerca de 20 mil exemplares.

A colonia franceza sustenta em S. Paulo dois jornaes *Le Journal Français du Brésil* e *Le Messager de S. Paul*, este diario e aquelle semanal.

A colonia syria tem trez orgãos seus, impressos em caractéres do seu paiz. São elles: *Al-Afkar*, *Al-Manarat* e *Al-Munazer*. As tiragens são de cerca de 10 mil exemplares cada um.

A colonia hespanhola tem apenas dois jornaes *La Tribuna Española* e *La Voz de España*, tendo esta uma tiragem de mais de 10 mil exemplares.

A colonia portugueza possue um orgão privativo *A Patria*, de tiragem que não vae além de 10 mil exemplares.

Um interessante opusculo anonymo acerca da imprensa no Maranhão, refere-nos que foi em 18 de Abril de 1821 que appareceu em S. Luiz, capital da então provincia e hoje Estado, a primeira folha, sob o titulo de *O Conciliador Maranhense*. Era, a principio, manuscripto, mas desde a chegada ali do primeiro

prélo (Outubro de 1821) passou a ser impresso. Durou até ao anno de 1823, sendo quasi que o unico periodico importante da provincia, pois que de 1822 a 1825 a imprensa viveu ali sob um regimen turbulento e coercitivo. N'este ultimo anno, dividida a familia maranhense nos dois grandes partidos *Corcunda* (portuguez) e *Brasileiro,* appareceram *O Argos da Lei, O Censor, O Maranhense, Minerva, O Poraqué* e a *Bandurra,* estes cõm *O Censor,* defendendo as ideias dos portuguezes e os restantes advogando a causa nacional da independencia, que por fim triumphou como era de justiça que succedesse, porque a essa independencia tinha o Brasil incontestavel direito.

Até 1846 viveu a imprensa no Maranhão em constante lucta com os caciques que dominavam a politica da provincia, sendo os jornaes alvo de todo o genero de perseguições ainda as mais odientas e inacreditaveis. De 1846 a 1847 deu-se a reacção natural e surgiram á luz varias folhas que, em *rêvanche* do que a instituição havia soffrido, foram d'uma virulencia que tocou as raias do desaforo. Mas, como a represalia é um dos direitos da humanidade, não pode deixar de acceitar-se um tal proceder como a consequencia logica dos factos, que de tão grande ensinamento são... para os que teem olhos de ver.

D'entre todos os jornaes que appareceram no periodo citado, o melhor, o mais eloquente, o que mais honra faz á imprensa maranhense, foi *A Chronica,* fundada em 1838, por João Lisboa, publicando-se duas vezes por semana. Essa justiça lhe fez até um

homem cuja politica era combatida pela *Chronica*, o notavel jornalista Sotéro dos Reis. (*)

Em 1852 sahiu ali á luz o *Jornal de Timon*, revista mensal em 8.° que marca uma epoca devéras apreciavel nos annaes da imprensa maranhense, de que o seu director, João Lisboa, foi um dos ornamentos, ainda lembrado com saudade.

De todos os jornaes citados como de muitos outros que se publicaram ou publicam no Maranhão, dou conta na Resenha Alphabetica e Chronologica que vae no final d'este livro.

Depois de Sotéro dos Reis e de João Lisboa os jornalistas maranhenses mais importantes e considerados foram Odorico Mendes, Gentil Braga, Marques Rodrigues (que foi estudante da Universidade de Coimbra, no tempo de Palmeirim, João de Lemos e Serpa Pimentel), Celso de Magalhães, Moraes e Silva e os irmãos Cantanhede (Pedro, Raymundo e Caetano).

Ha dois annos havia no Brasil cerca de 100 jornaes diarios, assim distribuidos pelos estados da União: Amazonas 5; Pará, 4; Maranhão, 4; Ceará, 2; Rio Grande do Norte, 3; Parahyba, 1; Alagôas, 3; Sergipe, 2; Pernambuco, 6; Bahia, 5; Espirito Santo 1; Rio de Janeiro, 14; S. Paulo 23; Paraná, 2; Santa Catharina, 2; Rio Grande do Sul, 13; e Minas, 3.

(*) *Sessenta annos de jornalismo*, por Ignotus — Rio de Janeiro — 1883.

Os Estados, pois, que não possuiam nenhum diario eram Piauhy, Goyaz e Matto Grosso. O de S. Paulo era como se vê, o que contava maior numero. D'esses os mais importantes eram e parece serem ainda: no districto federal *O Jornal do Commercio, A Gazeta de Noticias, O Paiz, O Jornal do Brasil, O Correio da Manhã, A Cidade do Rio; A Noticia; O Diario da Tarde;* e *A Gazeta do Commercio;* em S. Paulo: o *Correio Paulistano, O Estado de S. Paulo; O Commercio de S. Paulo; A Fanfulla; A Tribuna Italiana; O Diario Popular; A Plateia,* na capital; O *Diario de Santos, A Tribuna* e *A Cidade de Santos,* n'esta cidade; *Correio de Campinas, Commercio de Campinas* e *Cidade de Campinas,* n'esta cidade; *Diario da Manhã* e *Commercio,* em Ribeirão Preto; *Commercio do Amparo* e *Cidade do Amparo,* n'esta cidade; no Pará: A *Provincia do Pará, A Folha do Norte, Gazeta de Belem* e *Republica;* em Pernambuco: *Diario de Pernambuco, Jornal do Recife, Gazeta da Tarde, Provincia, Jornal Pequeno* e *Era Nova;* na Bahia: *Jornal de Noticias, Diario da Bahia, Diario de Noticias, A Tarde* e *A Bahia;* e no Rio Grande do Sul: *Jornal do Commercio, A Federação* e *O Correio do Povo,* na capital; *Diario Popular, Correio Mercantil* e *Opinião Publica,* de Pelotas; *Echo do Sul, Rio Grandense* e *Diario do Rio Grande* em Porto Alegre.

Os mais antigos jornaes do Brasil são, por sua ordem, os seguintes *Diario de Pernambuco,* que tem 79 annos, sendo portanto o actual decáno da imprensa

brasileira; *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, 78; *Monitor Campista,* 67; *Diario do Rio Grande,* 56; *Echo do Sul,* 51; *Correio Paulistano* 50; *Diario da Bahia,* 48; *Jornal do Recife,* 47; *Diario de Alagôa,* 45; *Diario de Noticias* da Bahia, 39; *Jornal do Commercio,* de Porto Alegre, 39; o *Amazonas,* 38; *Diario de Santos,* 32; *Estado de S. Paulo,* 30; *Provincia do Pará,* 26.

No Brasil, ordinariamente, todos os diarios são de grande formato, mas quatro ha que são de formato maior do que o que, em regra, é conhecido por aquella designação. Esses são: *O Jornal do Commercio* e o *Jornal do Brasil,* na capital federal; o *Jornal do Recife* e *A Provincia do Pará.* Os dois primeiros publicam ordinariamente 4 e 6 paginas, mas ha alguns numeros do *Jornal do Commercio,* do Rio de Janeiro que teem 56 paginas, custando a segurar nas mãos.

A imprensa brasileira dá grande latitude á secção *Publicações a pedido,* onde *cada qual* pode muito bem dizer o que quizer do *seu egual,* sem que a redacção intervenha, seja para corrigir a linguagem ou para amenisar a violencia da diatribe. Trata-se de um espaço, maior ou menor, que a empreza do jornal aluga por bom dinheiro e onde, portanto, o alugador publica o que muito bem quer. Manda a verdade que se diga que uma tal secção está desauctorisada, para o que teem contribuido com as suas criticas os jornalistas verdadeiramente dignos d'esse nome, que pretendem

ver a instituição depurada de tudo quanto possa deslustral-a e aviltal-a.

Pelo que respeita ao que modernamente se chama a grande informação, os jornaes brasileiros, principaes, não se poupam a gastos para trazerem os seus leitores ao corrente de tudo quanto succede no paiz e fora d'elle. Referindo-me, n'este particular, apenas ao Rio de Janeiro, direi que *O Jornal do Commercio, O Jornal do Brasil* e *O Paiz*, são trez jornaes de completa informação e notavelmente redigidos nas suas variadas secções.

O segundo mantém um serviço telegraphico cuja despeza orça por trezentos contos de reis annuaes, moéda brasileira. Publíca ordinariamente de tres a cinco columnas de telegrammas da Europa e da America. Com o desenvolvimento dado a essa secção, o jornal logrou conquistar todas as colonias estrangeiras: a portugueza, a hespanhola, a italiana, a allemã, a ingleza, etc. Quando, ha tempo, era anciosamente esperada pela Europa artistica a primeira representação da *Francesca de Rimini*, de d'Annunzio, o correspondente do *Jornal do Brasil* em Roma, telegraphou-lhe, acto por acto, o argumento e o exito da peça. Foi o unico jornal brasileiro que teve esse serviço de sensação no mundo artistico. A parte que póde interessar especialmente á colonia portugueza é tambem especialmente cuidada, tendo o *Jornal do Brasil* nada menos de quatro correspondentes em Lisboa.

O anonymato, que tão lamentaveis resultados dá para o prestigio da instituição jornalistica, é absoluta-

mente prohibido na imprensa brasileira, pela Constituição da Republica.

Além d'*A Patria,* de S. Paulo, publicam-se no Brasil mais dois jornaes portuguezes: *A União Portugueza* e *O Portugal Moderno,* ambos no Rio de Janeiro.

XI

Jornaes orientaes e argentinos

Os jornaes orientaes e argentinos, apezar de visinhos do Brasil, não conhecem nem cultivam o *a pedido*. Os jornalistas teem ali os seus circulos e associações, celebram congressos, dirimem questões profissionaes e não raro praticam o duello. A imprensa d'estes dois povos, — dizia-o ainda não ha muito um publicista brazileiro — é muito bem feita; em alguns orgãos cultivada com esmero, escripta com calor, sentimento, vida. Não ha assumpto de interesse do commercio, da industria ou do trabalho, que não encontre n'esses jornaes dados os mais completos e informações as mais instructivas. Os seus leitores são postos diariamente ao facto de tudo quanto lhes possa interessar, acerca do movimento e actividade nacionaes. Esses jornaes transmittem ainda ao publico as mais completas noticias telegraphicas diarias dos acontecimentos notaveis do mundo, de um modo só egualado na imprensa norte-americana, mas sem a selecção que n'esta se nota. Não

se poupam a despezas para obter a collaboração dos maiores sabios, litteratos, poétas e economistas do mundo, publicando regularmente as suas correspondencias e trabalhos originaes.

O primeiro jornal que appareceu em Buenos Ayres intitulava-se *El Telegrafo Mercantil, Rural, Politico, Economico é Historiografo del Rio de La Plata.* Sahiu a 1 de Abril de 1801, redigido pelo coronel Cabello y Mesa, que não estava com meias medidas e se intitulava «*abogado de los reales consejos, primer escritor periodico de estas provincias y reino del Peru; protector general de los naturales de la frontera de Xànxa.*»

Em 1802 appareceu o *Semanario de Agricultura y Commercio,* redigido por D. Hipolito Vieytes; em 1810 appareceu o *Correo de Commercio de Buenos Ayres,* fundado por Belgrano; e *La Gaceta de Buenos Ayres,* fundada por D. Mariano Moreno.

Vieram depois *El Grito del Sud,* em 1812, *El Abogado Nacional,* em 1818; *El Constitucional,* em 1820 e *La Abeja Argentina,* em 1822. Depois de um largo periodo de apathia e de esmorecimento, o jornalismo reviveu ali ao impulso da Constituição de 1853, adquirindo rapido desenvolvimento com a quéda do tyrano que tivéra a imprensa amordaçada.

Surgiram n'essa epocha *El Commercio, La Avispa, El Federal* e outros, que prestaram relevantes serviços á patria e á liberdade. Um dos que appareceram então *Los Debates,* suspendeu em breve, para reapparecer m 1 857, edigido pelo general Mitre e, em 1862, to-

mou o nome de *La Nacion Argentina*. Em 1870 ficou a intitular-se simplesmente *La Nacion* e com esse titulo ainda vive, prospero e feliz.

Vieram depois *El Diario* e *La Prensa*, que tambem ainda se publicam. O palacio de *La Prensa* em Buenos Ayres é um edificio sumptuoso, rivalisando com os melhores da America do Norte e sem egual na Europa. A tiragem de *La Prensa* é de 100 mil exemplares.

Á frente dos jornaes argentinos e orientaes vêem-se nomes dos mais notaveis da politica, da litteratura, da jurisprudencia, da industria e do commercio. Não poucas vezes teem sahido da imprensa os candidatos ás mais altas posições dos poderes publicos dos respectivos paizes.

Em 1881 publicaram-se em Montevideu nada menos de trez jornaes impressos em portuguez : *O Luso-Americano*, o *Portugal* e o *Correio de Portugal*. Foram de curta existencia.

Em 1889 publicou-se em Buenos Ayres a *Gazeta Portugueza*, que tambem não proseguiu.

XII

O jornalismo na Russia

Um czar creador do jornalismo — Os decanos da imprensa russa — O jugo de Biron A «Abelha do Norte» — O regimen penal — Um azylo para jornalistas

O jornalismo na Russia appareceu pela primeira vez em 1621, com a publicação das *Noticias Correntes,* para uso pessoal do czar Alexis Mihailovitch e da sua côrte. Em 1702, o imperador Pedro o Grande transformou aquella publicação em gazeta official para poder tornar bem conhecidos os *ukases* imperiaes. Tratava-se de uma especie de folhas volantes. Os successores de Pedro o Grande conservaram essas folhas com a sua anodyna côr primitiva, embora o texto se augmentasse com as descripções das festas e banquetes da côrte.

A epocha da historia russa conhecida pela designação de *bironovstchina* ou jugo de Biron, durante o reinado de Anna, (1730-1740), pesou duramente sobre essas folhas. Uma palavra mal soante ou a simples

falta de enthusiasmo n'uma narrativa das que se referiam a acontecimentos das altas espheras, motivos eram para que os redactores fossem submettidos a horriveis torturas.

A *Gazeta de S. Petersburgo* e a *Gazeta de Moscow* appareceram nos tempos da Imperatriz Isabel, filha de Pedro o Grande, e a censura allemã, estabelecida por Biron, ainda exerceu sobre esses dois jornaes os seus rigores, de modo que nas suas columnas unicamente se publicavam os boletins da Academia e noticias administrativas ou universitarias. Esses dois periodicos, hoje de tão alta significação politica, não a tiveram nos seus tempos primitivos, pois a *Gazeta de S. Petersburgo*, que pertence á Academia de Sciencias, e a *Gazeta de Moscow*, que é propriedade da Universidade respectiva, foram durante cento e dez annos, simples publicações especiaes das corporações a que pertencem.

Durante as guerras do imperio contra Napoleão I, a imprensa russa recebeu grande impulso. Em 1812 appareceram dois jornaes que em curto periodo se tornaram orgãos importantes do movimento patriotico que convulsionava o paiz. Foram elles *O Invalido Russo* e *O Filho da Patria,* o primeiro publicado pelo ministerio da guerra, em beneficio da Caixa de Auxilio aos Invalidos, que se limitava, em principio, a noticias exclusivamente militares; e o segundo que comprehendia noticias politicas previamente subjeitas á censura.

Quasi ao terminar o reinado de Alexandre I, ap-

pareceu *A Abelha do Norte,* periodico politico e litterario editado por Gretche, escriptor, e Boulgarine, polaco, que depois de ter servido no exercito de Napoleão, foi para a Russia e ali se converteu em fanatico defensor da autocracia imperial. Este jornal prestou grandes serviços á litteratura do paiz e n'elle escreveram os homens mais distinctos nas lettras, que se revelaram nos ultimos annos do reinado de Alexandre I e nos primeiros do de Nicolau I.

A Abelha do Norte franqueou as suas columnas a todos os homens de talento e foi o primeiro jornal russo que pagou os artigos aos seus collaboradores.

E' depois da apparição d'este jornal que começa na Russia o genero de publicações periodicas denominadas *Almanacks.* O exiguo numero de jornaes e a escassez de leitores obrigaram os homens de lettras da Russia a entrar em accordo para a publicação collectiva das suas obras em edições do genero indicado. Em *almanacks* foram publicadas, pela primeira vez, as obras de Karamzire, o grande historiador; de Pouchkine, de Lermontoff, de Polejaieff, de Kylaeff e de varios outros. Taes publicações adquiriram enorme acceitação e prestigio, de modo que todas as cidades russas quizeram ter *almanacks* proprios; e o seu exito inspirou aos escriptores a ideia de publicarem revistas mensaes. Appareceram então em Moscow: *O Moscowita,* a *Bibliotheca para os leitores* e os *Annaes Patrioticos.*

A primeira d'estas revistas, publicada pelos professores da Universidade, conservou sempre o seu ca-

racter pedagogico e foi a que introduziu na litteratura periodica da Russia a polemica acerca de assumptos politicos e ethnographicos. Foi tambem n'esta revista que Khomiakoff e os irmãos Aksakoff levantaram a bandeira do slavismo, que de simples seita e seita ridicula como em principio lhe chamavam os litteratos da escola de S. Petersburgo, veio a ser a mais poderosa força da emancipação slava e do desenvolvimento nacional do paiz.

A Bibliotheca para os leitores foi sempre uma revista puramente litteraria, que pouca influencia tem exercido no progresso intellectual da Russia.

Os *Annaes Patrioticos*, publicados por Kraievski, foram sempre encarniçados inimigos dos slavophilos e orgão valioso dos chamados *occidentaes*.

Outras publicações periodicas nasceram depois, das quaes as mais importantes ainda hoje sahem em S. Petersburgo, em Moscow e em Odessa.

A missão do jornalista na Russia é das mais difficeis e perigosas, não se fazendo entre nós, geralmente, ideia alguma do regimen de terror a que ali está subjeita a imprensa, tanto a de jornal como a de livro. Um jornal e o seu redactor desapparecem no imperio dos Cezares por uma simples ordem policial, supprimindo-se a folha e deportando-se o jornalista. Qualquer jornal, para sahir á luz, paga uma licença especial, pesadissima; e fica subjeito a um regulamento tambem especial e nada leve; regulamento que, entre outras disposições, tem a de que a policia é competente para determinar quaes os assumptos de que o jornal

não deverá occupar-se. (*) As punições são severas e summarias, havendo, como mais ligeira, a pena de suspensão, que pode ir de um mez até um anno, implicando, n'este ultimo caso, mudança obrigatoria de titulo e nova licença. E' uma suppressão... com outro nome!

Outra disposição regulamentar auctorisa a policia a não permittir que publiquem annuncios os jornaes que lhe desagradem, o que é ainda outro genero de suppressão... pela fome! O maximo é a suppressão clara e simples e o exilio para os redactores.

Recentemente um jornal de certa importancia, intitulado *Russia,* foi supprimido summariamente por um motivo qualquer. Era dirigido por Anfiteatroff, que foi preso, algemado, e remettido para os gelos da Siberia, sem lhe restar recurso para qualquer tribunal. *São ordens!* Ha pouco um principe russo, que pelo nome não perca, director do jornal *Viedmonsti*, foi intimado a deixar a direcção da folha em virtude do artigo tantos do regulamento, sendo substituido por Stalipine, um collega que parece estar nas boas graças da policia. Isto é em S. Petersburgo e em Moscow. Fóra d'ahi, as malhas do famoso regulamento são ainda mais apertadas. Chega a não ser permittido pedir providencias ás auctoridades contra qualquer abuso, e para alludir a este é necessario referil-o

(*) Entre nós tambem já tem havido jornaes *intimados* a não se occuparem de *tal ou tal assumpto.* E mais não estamos na Russia e temos uma Carta Constitucional!

como passado... no estrangeiro. Chamar a attenção das auctoridades é um crime, porque é o mesmo que suppol-as negligentes e incapazes!

N'outros paizes um simples erro typographico custará, quando muito, o incommodo de uma errata. Ali não; custa mais caro; como o demonstra o seguinte caso: o jornal *Mensageiro do Sul* quiz publicar na integra o manifesto do Czar com a declaração da guerra ao Japão. E publicou-o, mas por um *salto* do compositor, omittiu os dois titulos do soberano — Rei da Polonia e Grão-Duque de Rostow, precisamente uma linha. A censura deu pela omissão e decretou a suspensão do periodico, accusando-o de «procurar deprimir o principio de toda a auctoridade, desconhecendo ao imperador o direito de ser Rei da Polonia e Grão-Duque»! Chega a parecer impossivel, mas a noticia do facto veio em diversos jornaes e não foi desmentida.

Calcule-se o que succederia na Russia ao jornal que, como o nosso *Diario do Governo* d'outros tempos, publicasse *Sua Magestade a Tainha*, em vez de *Rainha*. Ia logo para a Siberia o redactor e se, como tambem succedeu em Portugal, no dia seguinte, ao querer emendar a *Tainha* lhe sahisse *Bainha*, era homem morto pela certa!

N'um ponto leva a Russia vantagem sobre nós, pelo que respeita á lei de imprensa. É em se saber ali a lei em que se vive. A lei é aquella e cumpre-se como n'ella se contém.

O jornalista na Russia, conhecendo a lei que lhe

regula o exercicio da profissão, procura fugir-lhe, como é natural, cultivando a allusão indirecta, tanto mais subtil e espirituosa quanto mais talento e sagacidade tenha o seu auctor. A censura raras vezes comprehende a intenção e deixa circular o jornal. Ha allusões que circulam com o visté da policia, que constituem verdadeiros successos.

Foi o que se deu ha pouco, já depois da guerra declarada, com um artigo publicado no *Petersburgskaia Viedmonsti*, artigo recheiado de allusões e phrases poeticas habilidosamente intencionaes, que a policia visou suppondo-o um artigo litterario, sem a menor sombra de *double sens*. O publico comprehendeu perfeitamente as intenções do auctor do artigo, encontrando em cada phrase um conceito politico e descobrindo atrás dos artificios do estylo um facto ou uma pessoa em fóco. O artigo fazia a comparação entre o inverno e a primavera, — aquelle simulando o passado e esta simulando o futuro.

Assim tem que ser feito o jornalismo na Russia. O leitor que está ao facto dos acontecimentos, decifra os periodos que os jornaes lhe servem, explica-os, commenta-os e a policia fica lograda.

Comprehende-se que um tal regimen de terror provoque a reacção e essa manifesta-se por meio da imprensa clandestina, installada em subterraneos, em trapeiras e até nos salões da nobreza. A policia, como dizia ainda ha pouco um jornal, é quasi sempre impotente contra esta imprensa que circula ás escondidas e que faz uma propaganda revolucionaria infini-

tamente mais temivel do que a que faria a imprensa livre, regida por uma lei liberal e conciliadora... que se cumprisse e se respeitasse.

Apezar das limitadas informações que consegui colher do jornalismo na Russia, uma logrei obter que me parece interessante. Publica-se em Odessa um jornal intitulado *Odesski Listok,* cujo proprietario teve a ideia, que a sua grande fortuna lhe permitte realisar, de instituir um *Azylo para os invalidos da imprensa.* Festejava-se o 25.º anniversario do jornal, que tendo principiado apenas como folha de annuncios, se tornou, n'esse quarto de seculo, em um dos orgãos mais influentes e melhor redigidos da Russia meridional. O Snr. Vassili Vanilicoitch Naovrotzki, redactor-chefe e proprietario do jornal, que era membro da municipalidade de Odessa, aproveitou essa occasião festiva para lançar a sua ideia de crear um abrigo para a velhice de todos os profissionaes do jornalismo, que não tenham conseguido — e quão poucos são os que o conseguem! — realisar fortuna propria ou juntar, pelo menos, algumas economias para a decrepitude. A ideia foi enthusiasticamente acolhida e na sua realisação se começou logo trabalhando com afinco, para o que a municipalidade cedeu o indispensavel terreno e para o que o iniciador dizpoz o não menos indispensavel capital. N'esse azylo terão agazalho e conforto, no occaso da vida, não só os jornalistas mas tambem os seus cooperadores, typographos, impressores e, emfim, todos os que por qualquer titulo tenham pertencido á imprensa.

Na. Russia existem, segundo a ultima estatistica, 1208 jornaes auctorisados pelo governo, dos quaes 872 são impressos na lingua do paiz, 101 em idioma polonez, 56 em allemão e 7 em francez. Desde 1892 até 1903 a censura russa inflingiu punições a 581 jornaes e revistas diversas, que transgrediram as disposições da lei que regula o exercicio da liberdade de imprensa. Vinte e cinco publicações foram suspensas definitivamente, duzentas e cincoenta e nove receberam advertencias mais ou menos sevéras; e oitenta e tres foram suspensas temporariamente.

Ha na Russia, apezar da autocracia que ali domina e das violencias contra as opiniões avançadas, dois jornaes socialistas importantes, o *Revolajonnaja Runija* e o *Iskra,* assim como o *Oswozdenie,* que, apezar de não ser socialista é adepto das doutrinas liberaes e não poupa o governo do czar.

XIII

O jornalismo em diversos paizes

Na Italia: os principaes periodicos — Jornaes do Vaticano — Os premios do «Secolo» de Milão — Na Austria: o jornal-telephone — Na Allemanha: o jornal mais raro do mundo — O jornal do Oceano — O jornal do Pólo.

Para tornar o meu trabalho o mais completo possivel, dentro dos limites que lhe tracei, procurei informar-me do que occorria nos principaes centros do jornalismo universal, já lendo o que acerca do assumpto achei disperso em artigos, folhetos e revistas, já recorrendo ao auxilio de varios amigos e ainda ao dos nossos consules em diversas capitaes. De muitas partes colhi importantes esclarecimentos e até preciosos exemplares para a minha collecção de periodicos; mas — o eterno *mas* de todas as coisas da vida! — de muitas outras nem resposta obteve a minha pretensão, certamente porque tanto os amigos com quem eu contára, como os funccionarios consulares para quem appellei, acharam pueril que alguem pretendesse

realisar um estudo sobre a imprensa jornalistica, tão pouco a consideram ou tão pouco ella se deixa considerar no momento presente!...

D'este modo eu não posso, como era meu desejo, consagrar um capitulo especial a cada paiz, tratando da sua imprensa e dando-a a conhecer. Terei, pois, de reunir n'um só capitulo os poucos apontamentos e as informações incompletas que possuo acerca do jornalismo em diversos paizes.

Começarei pela Italia, não só por ser ella a patria das *gazetas* — a *tout seigneur tout honneur* — mas ainda porque é d'esse bello paiz que logrei reunir maior numero de esclarecimentos relativos ao jornalismo.

Já demonstrei que foi a republica de Veneza a creadora do jornalismo periodico propriamente dito, embora essa periodicidade fosse determinada pela chegada dos navios que voltavam das expedições commerciaes.

E' em Veneza tambem que vamos encontrar o mais antigo jornal que ainda hoje se publica, a *Gazzetta di Venezia,* que conta 160 annos de existencia, mantendo o primitivo titulo de *gazeta,* mas apresentando todas as caracteristicas do jornal moderno, bellamente redigido e regularmente informado. Em Veneza se publicam tambem *L'Adriatico,* cuja apparição data de 1876; *Il Gazzettino,* jornal democratico, apparecido no mesmo anno, que se vende a 3 centesimos de lira; e *Il Giornale di Venezia,* que é o

maior de todos e cujo primeiro numero sahiu em 1903. São os principaes da cidade.

Em Roma, fundou-se em 1688 *Il Giornale dei Letterati,* e hoje os principaes periodicos são *L'Italie,* com 45 annos de existencia, impresso em francez; *L'Osservatore Romano,* diario catholico, orgão do Vaticano, com 44 annos; *Il Populo Romano,* conservador, com 32 annos; *Il Messaggero,* liberal, com 26 annos e com a particularidade de incluir, entre a segunda e a terceira pagina, um appenso, da mesma altura do jornal, contendo quatro columnas de texto, duas de cada lado; *La Tribuna,* liberal, que publica varias edições diarias e que conta 22 annos, dando numeros de 4, 6, 8 e 10 paginas; o *Avanti!* socialista, de pequeno formato, mas de larga publicidade, que tem sido victima de grande numero de processos crimes, e que começou a publicar-se em 1896; *La Patria-Corriere d'Italia,* que é o concorrente da *Tribuna,* e conta 5 annos; *Il Giornale d'Italia,* tambem serio concorrente d'aquelles dois, que tem 4 annos; e o *Capitan Fracassa,* redigido em estylo humoristico e profusamente illustrado com vinhetas e caricaturas de merito, que começou a publicar-se em 1900 e tem já larga procura. Muitos outros periodicos vêem a luz na velha cidade dos Cezares, mas estes são os mais notaveis e considerados.

Em Roma, teem sido publicados, impressos em portuguez, os jornaes *Correspondencia de Roma,* em 1878; e *Echo de Roma,* que ainda existe.

Em Napoles, são reputados como principaes, o

Roma, que publica duas edições diarias e tem um desenvolvido serviço telegraphico, tendo apparecido em 1860; *La Libertá,* que é diario catholico, apezar do titulo não condizer com as suas opiniões, e que conta 38 annos de existencia; o *Corriere di Napoli,* que conta 28; *Don Marzio,* que conta apenas 14 annos, mas que tem muita venda; *Il Mattino,* que se vende a 5 centesimos e dá edições de 6 paginas, tendo apparecido em 1891; *Il Pungolo,* que sahiu em 1893, etc.

Em Turim os principaes periodicos são *L'Italiano-Gazzetta del Populo,* que sahiu em 1847 e se publica em 8 paginas de pequeno formato, a 5 centesimos; a *Gazzetta Letteraria,* (semanal), que conta 28 annos; e *La Stampa,* que é de grande formato e conta 38 annos de existencia, sendo excellentemente redigida. *L'Italiano-Gazzetta del Populo,* publica todos os domingos uma edição litteraria, artistica e scientifica, profusamente illustrada e distinctamente collaborada.

Em Milão publicam-se *Il Secolo,* de que abaixo terei de occupar-me mais detidamente, que conta já 39 annos de existencia florescente; e *Corriere della Sera,* que é um dos jornaes de maior tiragem de toda a Italia, dando duas edições diarias em grande formato e contando 29 annos.

Este publica uma edição semanal litteraria *La Domenica del Corriere;* e aquelle publica uma edição identica: *Il Secolo Illustrato della Domenica.*

Em Florença o principal periodico é o *Fieramosca,*

muito popular, dando duas e trez edições diarias e contando 24 annos.

Em Palermo publica-se, desde 1899, o jornal *L'Ora,* que se espalha notavelmente em toda a Sicilia e é tambem notavelmente redigido.

Em Bolonha vê a luz publica ha 21 annos, *Il Resto del Carlino,* muito bem informado e sendo dos de maior formato do paiz.

Em Genova ha dois periodicos principaes — *Caffaro,* dirigido por Pietro Guastavino, que tem os seus escriptorios estabelecidos no Palacio Pallavicini; e *Il Secolo XIX,* dirigido por Gandolin, dando trez edições diarias.

Citei apenas os jornaes que me informam occuparem em Italia os primeiros logares. Impossivel me seria citar todos os que se publicam e que, segundo o ultimo Annuario da Imprensa Italiana, são ali em numero de 3:072, sendo 801 politicos, 425 catholicos e 125 socialistas.

Dos catholicos apenas citei o *Osservatore Romano,* por ser o mais afamado como informador da Santa Sé. Ha um outro, o *Monitor de Roma,* redigido em francez e ainda a *Vocce de la Veritá,* que ambos pretendem fazer concorrencia ao *Osservatore*, inculcando-se como orgãos do Vaticano. Este ultimo, fundado pelo principe Lancellotti, é principalmente o orgão da nobreza italiana e nas suas columnas costumam ferir-se as grandes polemicas dos ultramontanos.

Durante o pontificado de Leão XIII foi o *Osservatore* o jornal predilecto da Curia, não hesitando o

*

proprio pontifice em chamar repetidas vezes o seu redactor para lhe dar instrucções pessoaes. Affirma-se mesmo que o *Osservatore* tem, ou tinha, pelo menos, um subsidio mensal sahido dos cofres do Vaticano.

D'esse periodico teem sido redactores, entre outros, o Marquez Bavieri, o Marquez Crispolti e ultimamente Casoni, que havia sido director da *Lega Lombarda*, periodico catholico de Milão.

Não pode dizer-se que tenha andado por mãos ordinarias o prestigio da profissão jornalistica em Italia, não só pelo que respeita ao jornalismo catholico, mas ainda ao das outras opiniões. Jornalistas foram Cavour e Mazzini, Garibaldi e Crispi, Marino Turco e Andrea Costa e jornalistas são ainda Cantalupi, Luzatti, Sermoneta, Montini, Parodi e Rezzara, entre os muitos notaveis que possue a imprensa italiana.

Referindo-me agora particularmente a *Il Secolo*, de Milão, direi que é elle o diario mais importante e de maior circulação de toda a Italia. Para o largo acolhimento que logrou alcançar, teem contribuido não só o modo verdadeiramente modelar como estão installados os diversos serviços de redacção e informação, mas tambem os importantes brindes que todos os annos distribue, por sorteio, entre os seus assignantes, premios que representam o valor real de muitos milhares de francos ou liras. Tenho aqui presente a circular enviada pela empreza, referente aos premios que serão sorteados pelos assignantes do anno que vae correndo.

O 1.º premio consta de uma casa senhorial, de 5 andares, cuja renda é de 4:325 liras em cada semestre, situada n'uma das principaes ruas de Milão.

O 2.º premio consta de uma *villa* denominada *Splendida,* em S. Remo, com magnifico jardim sombreado de palmeiras, onde florescem plantas rarissimas e entre ellas uma *arauca-ria excelsa* de mais de 12 metros de altura. Vale 120 mil francos e está situada em posição que domina o mar.

O 3.º premio consta de um elegante *chalet,* em Brunate (Lago de Como), completamente mobilado e de uma apparencia muito distincta para residencia de verão.

Os restantes premios, nenhum dos quaes vale menos de 1:000 francos, constam de automoveis, pianos, moveis artisticos, bilhares, serviços de prata, collares de perolas, adereços completos, etc.

O sorteio é feito sob a fiscalisação de um official publico e na presença de todos os assignantes que assim o desejem. Já se teem realisado diversos, tendo os premios sido entregues, sem gasto algum de transmissão, aos felizes contemplados.

É este o melhor reclamo do famoso jornal milanez, que de anno para anno mais vê augmentar a sua tiragem e até mais longe alargar a sua clientella. Parece inverosimil que os lucros auferidos pela empreza lhe permittam a manutenção de taes premios annuaes, mas o que é certo é que esses premios são distribuidos e o jornal leva vida desafogada.

A casa de Milão, a *villa* de S. Remo e o *chalet* de Brunate, veem reproduzidos em nitidas photogravuras na circular a que fiz referencia. Por essas photogravuras se vê que se trata de premios de valia inquestionavel e não apenas de phantasmagorias para illudir papalvos. Que eu conheça, nenhum outro periodico distribue premios mais valiosos e importantes.

— Da Austria só pude averiguar que datam do principio do seculo XIX os mais antigos jornaes, que em 1841 foi fundado por Kossuth, o famoso chefe da revolução hungara, o *Diario de Pesth*, que já não existe; e que os jornaes mais importantes são a *Neue Freiee Presse* e *Wiener Tageblatt*, cujas tiragens regulam uma pela outra e ambas por 100 mil exempla-

res; seguindo-se-lhes o *Frem Dedblatt*, que tira cerca de 30 mil. Em 1872 havia em todo o imperio mil e tantos jornaes.

Em compensação de uma tal escassez de dados sobre o jornal escripto, encontrei na *Die Reforme*, de Vienna, importantes e curiosas informações ácerca do jornal fallado, ou seja o chamado jornal telephonico de Budapesth, que é, até agora, o unico no seu genero.

Chama-se *Telefon-Hirmondo* e é devido ao electricista Theodor Tuskas, tendo sido creado em 1893. A empreza tem uma rède telephonica, que distribue um fio e um apparelho auditor a cada assignante. Começou com 60 kilometros de fio, mas foi prosperando e desenvolvendo-se de modo tal, que já no anno ultimo excedia a 1:000 kilometros.

Na sala da redacção os empregados da empreza teem o seu serviço perfeitamente detalhado, obedecendo a um methodo assaz engenhoso. Um tem o artigo de fundo, outro a critica theatral, a scientifica, a litteraria, a secção de modas, a de sport e assim successivamente, uma secção a cargo de cada pessoa. Outros redactores classificam e redigem os telegrammas, as noticias politicas, militares ou sociaes, as observações meteorologicas, emfim todas as secções que podem constituir um jornal bem informado.

O *Telefon-Hirmondo* substitue os jornaes impressos, não tendo leitores mas tendo ouvintes.

A leitura dos manuscriptos é feita diante de dois poderosos microphones, collocados a par um do outro

e que não offerecem senão pequenas modificações em relação aos apparelhos ordinarios. Para a musica, os receptores acham-se munidos de pavilhões e a transmissão do canto realisa-se do mesmo modo que a da palavra. A successão das diversas secções acha-se perfeitamente determinada e todos os dias se reproduz pela mesma ordem. O jornal telephone funcciona para todos os assignantes, desde as 8 horas da manhã até ás 11 da noite, podendo d'este modo os respectivos subscriptores, quando se deitam, ter já conhecimento das novidades que os assignantes dos jornaes impressos só conseguem conhecer na manhã seguinte. Ás tantas horas ouve-se o artigo de fundo, querendo ouvir-se; porque não querendo é só fechar a communicação e esperar a hora em que deva ouvir-se a secção que mais agrade ou que mais directamente interesse a cada um dos assignantes.

Se ha algum acontecimento de particular alcance, politico, economico ou social, não se demora um momento a sua transmissão. Um signal especial de alarme repercute nas campainhas e o assignante fica desde logo sabendo, sem se incommodar, que falleceu a rainha Victoria, que foi eleito emfim um novo papa, ou que rebentaram as hostilidades entre a Russia e o Japão.

A assignatura do jornal-telephone, que tem sobre os jornaes impressos vantagens relativas em muitos pontos, custa apenas trez francos por mez. Nada custa ao assignante a installação do apparelho em sua casa, como tambem nada precisa dispender quando ha qual-

quer desarranjo. Tudo corre por conta da empreza, que está habilitada a servir o seu jornal a 20 mil subscriptores, se tanto lhe fôr preciso. Não só nas casas particulares, como nos bancos, companhias, hoteis, cafés, casas de espectaculos, etc. o jornal-telephone tem larga applicação. Emquanto se espera uma visita, o resultado de uma transacção, ou emquanto decorre o intervallo de um espectaculo, quantas novidades e quantas d'ellas de particular interesse não podem saber-se por intermedio do jornal fallado! E nos hospitaes, e consultorios de medicos e advogados, quantas applicações pode ter e quantos minutos de aborrecimento fazer passar ligeiramente!...

— Na Hungria ha 1205 jornaes, impressos na lingua do paiz e 227 impressos em outras idiomas. D'estes, 137 são allemães. (*)

— Na Dinamarca, só semanarios publicam-se 582.

— Na Suissa ha mais de mil jornaes diarios, impressos uns em francez, outros em allemão, etc. Publicou-se ali, em 1835, um jornal impresso em portuguez, sob o titulo *O Percursor*.

— Na Roumania o numero de jornaes quotidianos é de 320.

— Na Allemanha appareceu, no principio do seculo findo, o *Mercurio Rhenano* e hoje os principaes periodicos são o *Die Gartenland*, que tira cerca de 200

(*) O primeiro jornal da Hungria chamou-se *Madgyar Hirlap* e appareceu em Presbourg, em 1780.

mil exemplares diarios e mais de 100 mil da edição semanal; o *Ueber Laneund Meer*, que tira aproximadamente 150 mil exemplares; o *Fliegend Blatter* e o *Berliner Tageblatt*, que tiram cerca de 100 mil exemplares cada um. Este ultimo é o mais citado e conhecido na imprensa estrangeira. As revistas semanaes teem ali largas tiragens tambem. A que se intitula *O Habitante de Hamburgo* tira cerca de 130 mil exemplares; *O Mensageiro*, de Stutgard, tira de 60 a 80 mil exemplares e a *Liga Dominical* cerca de 50 mil. N'esta especialidade são maiores as tiragens em Londres, pois além do *Tit-Bits*, a que já alludi, tambem o *Famili Herald*, tira cerca de 230 mil exemplares. Em todo o imperio publicam-se cerca de 2500 periodicos, dos quaes 60 em Berlim.

E' na Allemanha que se publica o jornal mais raro do mundo, que nenhum amador possue na sua collecção, porque é tambem o de menor tiragem que se conhece: — apenas dois exemplares diarios. É elle o jornal especial do imperador; e é redigido por dois secretarios tambem especiaes, que o compõem com as noticias mais interessantes que encontram nos principaes jornaes do mundo e com trechos de artigos que permittam ao imperador conhecer o estado da opinião nos diferentes paizes. Um dos exemplares é entregue ao soberano algumas horas depois da chegada do correio; sendo o outro exemplar escrupulosamente archivado na bibliotheca de Berlim.

O desenvolvimento do jornalismo é tal e acha-se de tal modo provada a sua necessidade, que até já se

publicam jornaes em pleno mar! A Companhia Cunard, foi a primeira que fez installar imprensas a bordo dos seus gigantescos transatlanticos. Ahi é impresso diariamente o *Boletim Cunard*, inserindo as noticias que vão sendo colhidas durante a derrota do navio e todas quantas representam incidentes ou peripecias da viagem. A invenção do telegrapho sem fios presta, á informação d'estes jornaes do oceano, relevantes serviços e muitos mais ha de vir a prestar quando mais aperfeiçoada fôr. Os viajantes que sulcarem o oceano em todas as direcções, não mais estarão separados dos continentes que deixaram ou d'aquelles para onde se dirigem. O jornalismo, a imprensa, ligal-os-ha a todo o mundo e de toda a parte elles poderão diariamente saber noticias, que lhes entretenham a curiosidade ou lhe emocionem o coração e lhe acalentem o espirito.

N'uma folha estrangeira encontrei ha pouco a noticia de que se publicava um jornal no Polo, devido á iniciativa de um esquimau, de nome Lara Moeller, que fôra um dos guias do explorador Nordenskjold. Moeller tendo aprendido a ler, fez-se mestre escola dos seus irmãos de raça e tendo pedido a Nordenskjold que lhe enviasse um prélo e os demais pertences typographicos, metteu mãos á obra e conseguiu realisar o seu sonho. O primeiro numero do jornal não trazia senão desenhos, toscamente gravados em madeira pelo proprio redactor, que assim contava excitar, como realmente excitou, a curiosidade dos esquimaus, cujas tribus percorreu fazendo a distribuição. Em ca-

da tribu, em contacto com os mais intelligentes dos seus compatriotas, deu-lhes lições de leitura e tendo escripto algumas linhas sob cada uma das gravuras, ensinou-os a explical-as aos outros. D'este modo creou collaboradores que, por seu turno lhe crearam leitores para o jornal, que hoje se chama *La Lecture* e penetra em todas as aldeias do Polo espalhando ideias, progresso, civilisação; e informando aquelles povos desherdados de quanto se passa no resto do mundo que elles até ha pouco não conheciam.

O jornalismo no Polo! Chega a parecer impossivel, mas do testemunho auctorisado de Nordenskjold não pode duvidar-se. O jornalismo entre os esquimaus é já um facto.

XIV

O jornalismo no futuro — Conclusão

Um constructor americano de machinas de impressão, M. Hoe, entende — e assim o communicou ao redactor de uma revista technica do seu paiz — que não virá longe o dia em que hade desapparecer a imprensa mechanica, sendo substituida pela photographia cujas reproducções serão mais rapidas e economicas.

Tudo consistirá em formar uma prova negativa do periodico, e reproduzil-a por meio de luz electrica no papel que se desenrolará, com uma velocidade tamanha que se poderão tirar dois exemplares por segundo ou 30:000 por hora, quantidade para attender ás maiores exigencias.

Será preciso, antes de tudo, encontrar um papel muito sensivel á luz e muito barato, mais isto não é uma difficuldade insuperavel.

A predição do constructor americano é mais séria do que póde parecer á primeira vista.

Ha dez annos ninguem acreditava que fosse pos-

sivel reproduzir uma prova photographica em menos de um segundo.

Em 1560 e ainda ha 50 annos, o impressor que predissesse a seus companheiros que se poderiam imprimir dez mil exemplares por hora, por meio de machina rotativa, seria considerado louco, e sem embargo, este numero nada tem actualmente de exaggerado, como todos sabem.

Crivel é, pois, que a prophecia de M. Hoe venha a obter plena confirmação.

Já se constata que o jornalismo não só cobre hoje toda a superficie conhecida da terra mas até estende os seus vôos através da amplidão dos mares, a toda a parte levando novas, ensinamentos e luz.

Descoberta antiquissima, a Imprensa, por mais antiga que seja, nenhuma outra a consegue derrotar e vencer; e antes todas quantas vae, dia a dia, produzindo o esforço humano: — o vapor, a electricidade, o telegrapho, o telephone; todas, emfim, contribuem como feudatarias, para o seu maior desenvolvimento e prestigio!

Defeitos e erros ha de sempre havel-os emquanto houver homens e com elles as paixões inherentes á condição humana; mas o jornalismo é de todas as instituições a mais susceptivel de purificar-se, de sanear-se e de acompanhar a humanidade no caminho do progresso.

Eis a minha convicção.

FIM

RESENHA

CRONOLOGICA E ALPHABETICA

DO

JORNALISMO BRASILEIRO

DESDE 1808 A 1900

1.ª EPOCA

BRASIL PORTUGUEZ

DE 1808 A 1822

1808

Gazeta do Rio de Janeiro — Rio de Janeiro.

Gazeta Extraordinaria do Rio de Janeiro (1.° numero a 14 de setembro, segundo o dr. Pires de Almeida).

Idade de Ouro do Brasil — Bahia (segundo o dr. Pires d'Almeida).

1811

Idade de Ouro do Brasil — Bahia (1.° numero a 1 de de janeiro, segundo Silva Pereira).

1812

Jornal de Variedades — Bahia.

1813

O Patriota — Rio de Janeiro.

O Popular — Rio de Janeiro.

1817

Gazeta Extraordinaria do Rio de Janeiro (1.° numero a 28 de fevereiro, segundo Silva Pereira).

1821

O Amigo do Rei e da Nação — Rio de Janeiro.
Aurora Pernambucana — Pernambuco.
O Bem da Ordem — Rio de Janeiro.
O Conciliador — Maranhão.
O Conciliador do Reino Unido — Rio de Janeiro.
O Constitucional — Rio de Janeiro.
Diario Constitucional — Bahia.
Diario do Rio de Janeiro — Rio de Janeiro.
O Espelho (Separatista) — Rio de Janeiro.
Gazeta do Pará — Pará.
Jornal de Annuncios — Rio de Janeiro.
A Malagueta (Absolutista) — Rio de Janeiro.
A Minerva Bahiense — Bahia.
O Regulador Brasilico-Luzo — Bahia.
O Relator Verdadeiro — Pernambuco.
Reverbero Constitucional Fluminense — Rio de Janeiro.
Sabbatina Familiar — Rio de Janeiro.
A Ségarréga — Pernambuco.
Semanario Civico — Bahia.
O Patriota (2.°) — Rio de Janeiro.

1822

A Abelha — Bahia.
O Analysta — Bahia.

O Analysador Constitucional — Bahia.
O Baluarte — Bahia.
Annaes Fluminenses — Rio de Janeiro.
O Compilador Constitucional — Rio de Janeiro.
O Constitucional — Bahia.
Correio do Rio de Janeiro — Rio de Janeiro.
Folha Medicinal — Maranhão.
O Macaco Brasileiro — Rio de Janeiro.
Memorial Apologetico — Rio de Janeiro.
O Papagaio — Rio de Janeiro.
Periquito da Serra dos Orgãos — Rio de Janeiro.
Reclamação do Brasil — Rio de Janeiro.
Regulador Brasileiro (Continuação do *Regulador Brasilico-Luzo)* — Rio de Janeiro.
O Republicano Liberal — Rio de Janeiro.
O Volantim (Unionista) — Rio de Janeiro.

2.ª EPOCA

BRASIL INDEPENDENTE

DE 1823 A 1889

1823

O Amigo do Homem — Maranhão.
O Brasileiro Resoluto — Rio de Janeiro.
Diario Constitucional Bahiense — Bahia.
Diario da Assembleia Geral e Constituinte do Brasil — Rio de Janeiro.

*

Diario do Commercio — Rio de Janeiro.
Diario do Governo — Rio de Janeiro.
O Echo da Patria — Bahia.
O Independente Constitucional — Bahia.
O Liberal — Bahia.
O Luzo — Rio de Janeiro.
Semanario Mercantil — Rio de Janeiro.
Sentinella da Liberdade á beira do mar da Praia Grande — Rio de Janeiro.
Sentinella da Liberdade na guarita de Pernambuco — Pernambuco.
Sylpho (de J. Bonifacio de Andrade e Silva) — Rio de Janeiro.

1824

A Abelha do Itucolomy — Ouro Preto.
O Argus Pernambucano — Pernambuco.
O Correio da Bahia — Bahia.
Despertador Constitucional — Rio de Janeiro.
Diario Fluminense — Rio de Janeiro.
O Grito da Razão — Bahia.
O Spectador Brasileiro — Rio de Janeiro.
O Sello Hermetico — Rio de Janeiro.

1825

O Argus da Lei — Maranhão.
A Bandurra — Maranhão.
O Censor — Rio de Janeiro.
O Censor — Maranhão.
Diario de Pernambuco — Pernambuco.

Diario do Conselho do Governo da Provincia de Minas Geraes — Minas Geraes.
Diario Mercantil — Rio de Janeiro.
O Grito da Nação — Rio de Janeiro.
O Independente Constitucional (Reapparição) — Bahia.
O Maranhense — Maranhão.
A Minerva — Maranhão.
O Poraqué — Maranhão.
O Universal — Ouro Preto.

1826

A Astréa — Rio de Janeiro.
Atalaia da Liberdade — Rio de Janeiro.
O Constitucional Brasileiro — Rio de Janeiro.
Diario da Camara dos Deputados — Rio de Janeiro.
Diario da Camara dos Senadores — Rio de Janeiro.
Diario Mercantil da Cidade da Bahia — Bahia.
O Piparote — Maranhão.
O Verdadeiro Liberal — Rio de Janeiro.

1827

O Analysta — Rio de Janeiro.
Aurora Fluminense — Rio de Janeiro.
O Astro de Minas — S. João d'El-Rei.
Correio Mercantil da Cidade da Bahia (Substituição do *Diario Mercantil*, do anno anterior) — Bahia.
Courrier du Brésil (impresso em francez) — Rio de Janeiro.
Echo de l'Amerique du Sud (impresso em francez) — Rio de Janeiro.

O Espelho Diamantino (1.º jornal de modas) — Rio de Janeiro.
O Farol Paulistano (fundado pelo que foi depois Marquez de Montalegre) — S. Paulo.
Gazeta do Brasil — Rio de Janeiro.
O Independente — Rio de Janeiro.
A Minerva — Maranhão.
Pharol Maranhense — Maranhão.
A Voz do Amazonas — Pará.

1828

O Amigo do Homem e da Patria — Porto Alegre.
O Bahiano — Bahia.
O Bandurra — Maranhão.
O Censor Brasileiro — Rio de Janeiro.
O Constitucional Rio Grandense — Porto Alegre.
A Honra do Brasil — Rio de Janeiro.
A Malagueta (Reapparição) — Rio de Janeiro.
A Palmatoria — Maranhão.
O Pharol Maranhense — Maranhão.
Revista Semanal dos Trabalhos Legislativos dos snrs. Deputados — Rio de Janeiro.
O Soldado da Tarimba — Bahia.
The Rio Herald (impresso em inglez) — Rio de Janeiro.

1829

O Amigo do Povo — Rio de Janeiro.
A Cigarra — Maranhão.
O Correio — Rio de Janeiro.

A Estrella do Norte — Minas Geraes.
Estrella do Norte — Maranhão.
A Funda de David — Bahia.
Gazeta Cearense — Ceará.
O Imparcial Brasileiro — Bahia.
O Investigador — Bahia.
Livres — Porto Alegre.
A Luz Brasileira — Bahia.
A Massa de Hercules — Bahia.
Nova Luz Brasileira — Rio de Janeiro.
O Novo Argus — Ouro Preto.
O Observador Constitucional — S. Paulo.
O Sagitario — Pará.
A Voz Fluminense — Rio de Janeiro.

1830

O Amigo das Lettras — S. Paulo.
O Amigo do Povo — Maranhão.
O Analysta — Maranhão.
O Brasileiro — Maranhão.
O Beija-Flor — Rio de Janeiro.
O Brasileiro Imperial — Rio de Janeiro.
A Bussola — Maranhão.
O Campeão Brasileiro (Mensal) — Bahia.
O Constitucional — Maranhão.
O Cruzeiro — Maranhão.
O Despertador dos Brasileiros — Bahia.
Diario da Camara Municipal da Cidade do Rio de Janeiro — Rio de Janeiro.
O Escudo da Constituição Brasileira — Bahia.

O Espelho da Justiça — Rio de Janeiro.
Estrella Marianense — Ouro Preto.
Gazeta Commercial — Bahia.
Gazeta da Bahia — Bahia.
Gazeta do Brasil — Maranhão.
O Imparcial — Rio de Janeiro.
Litterary Intelligencer — Rio de Janeiro.
A Matutina Meyafontense — Goyaz.
O Moderador (Em portuguez e francez) — Rio de Janeiro.
O Observador das Galerias da Assembleia Geral em 1830 — Rio de Janeiro.
O Pyrilampo — Rio de Janeiro.
O Pregoeiro Constitucional — Pouso Alegre.
Republica — Rio de Janeiro.
Revue Brasiliene (Em francez) — Rio de Janeiro.
Semanario Official — Maranhão.
A Sentinella da Liberdade — Porto Alegre.
O Verdadeiro Patriota — Rio de Janeiro.

1831

O Adolescente — Bahia.
O Alarme — Bahia.
O Americano — Rio de Janeiro.
O Brasileiro — Bahia.
O Brasileiro Offendido — Rio de Janeiro.
O Brasileiro Vigilante — Rio de Janeiro.
O Busca-pé — Rio de Janeiro.
A Bussola da Liberdade — Rio de Janeiro.
A Bussola da Liberdade — Pernambuco.

Cartas ao Povo — Rio de Janeiro
O Carcundao — Pernambuco.
O Compilador — Porto-Alegre.
O Continentino — Porto-Alegre.
Clarim da Liberdade — Rio de Janeiro.
O Conservador — Bahia.
O Constitucional — Rio de Janeiro.
Correio da Camara dos Deputados — Rio de Janeiro.
Correio Constitucional Campista — Campos.
O Defensor da Liberdade — Rio de Janeiro.
Os Dous Compadres Liberaes — Rio de Janeiro.
O Doutor Tira Teimas — Rio de Janeiro.
O Diario Bahiense — Bahia.
O Echo da Liberdade — Bahia.
O Enfermeiro dos Doudos — Rio de Janeiro.
O Espelho dos Brasileiros — Rio de Janeiro.
O Exaltado — Rio de Janeiro.
O Federalista — Pernambuco.
O Filho da Terra — Rio de Janeiro.
O Grito da Patria Contra os Anarquistas — Rio de Janeiro.
O Homem e a America Independente — Rio de Janeiro.
O Jurujuba dos Farroupilhas — Rio de Janeiro.
Matraca dos Farroupilhas — Rio de Janeiro.
O Medico dos Malucos — Rio de Janeiro.
O Mensageiro — Rio de Janeiro.
O Mensageiro da Bahia — Bahia.
O Mentor dos Brasileiros — Minas Geraes.
Le Messager (Em francez) — Rio de Janeiro.

A Milicia — Bahia.
A Nova Sentinella da Verdade — Bahia.
Novo Brasileiro Imparcial — Rio de Janeiro.
O Nacional — Bahia.
O Narciso — Rio de Janeiro.
O Neto do Simplicio — Rio de Janeiro.
O Novo Censor — Rio de Janeiro.
O Novo Conciliador — Rio de Janeiro.
Novo Tamoyo — Rio de Janeiro.
Novo Pharol Paulistano — S. Paulo.
O Olindense — Pernambuco.
O Paschoal — Bahia.
O Pereira — Bahia.
O Pereirinha — Bahia.
O Popular — Bahia.
A Ronda dos Capadocios — Bahia.
Semanario de Saude Publica — Rio de Janeiro.
A Sentinella da Liberdade — Bahia.
O Simplicio (Humoristico) — Rio de Janeiro.
O Simplicio Rigorista — Rio de Janeiro.
O Soldado Constitucional — Bahia.
O Tribuno do Povo — Rio de Janeiro.
O Velho Casamenteiro — Rio de Janeiro.
A Verdadeira Mãe do Simplicio — Rio de Janeiro.
O Veterano — Rio de Janeiro.
O Vigilante — Porto Alegre.
A Voz da Liberdade — Rio de Janeiro.
A Voz da Razão — Rio de Janeiro.
O Voto Bahiense — Bahia.
O Ypiranga — Rio de Janeiro.

1832

O Annunciante — Porto Alegre.
Bandeira de Retalhos — Pernambuco.
O Brasileiro — Maranhão.
O Brasileiro — Rio de Janeiro.
O Caramurú — Itaberity.
O Carijó — Rio de Janeiro.
O Catão — Rio de Janeiro.
A Cegarréga — Rio de Janeiro.
O Cometa — Rio de Janeiro.
O Commercio e Industria da Provincia da Bahia — Bahia.
O Conciliador — Pernambuco.
O Conciliador Fluminense — Rio de Janeiro.
O Conservador Social — Bahia.
O Constitucional Mineiro — S. João d'El-Rei.
O Continentino — Rio Grande do Sul.
Deffensor dos Rigoristas — Rio de Janeiro.
O Descobridor de Verdades — Bahia.
O Diabo Disfarçado em Ortiga — Bahia.
Ecco da Camara dos Deputados — Rio de Janeiro.
O Ecco de Olinda — Pernambuco.
O Equinoxial — Pernambuco.
O Escudo da Verdade — Maranhão.
O Federal pela Constituição — Bahia.
O Ferrabraz — Rio de Janeiro.
A Filha unica da mulher do Simplicio — Rio de Janeiro.
O Federalista — S. Paulo.
Grito da Patria — Rio de Janeiro.

Jornal da Sociedade de Agricultura — Bahia.
Jornal da Sociedade Promotora da Instrucção Publica — Ouro Preto.
O Mercurio — Pernambuco.
O Luzeiro Fluminense — Rio de Janeiro.
O Marinbondo — Bahia.
O Martello — Rio de Janeiro.
O Monitor Liberal — Maranhão.
A Mulher do Diabo — Rio de Janeiro.
A Mulher do Simplicio — Rio de Janeiro.
O Monitor Liberal — Maranhão.
O Mutúca — Rio de Janeiro.
O Natalense — Rio Grande do Sul.
O Noticiador (*) — Rio Grande do Sul.
O Observador — Rio Grande do Sul.
O Papagaio — Bahia.
O Paraguassú — Bahia.
O Paschoal contra os Bonzellistas — Bahia.
O Protocôllo — Bahia.
A Prophecia Politica — Pernambuco.
O Propheta — Itaberahy.
O Patriota Brasileiro — Rio de Janeiro.
O Piloto — Rio de Janeiro.
O Recurso Federal — Bahia.
O Recopilador Liberal — Porto Alegre.
O Rondante Politico — Maranhão.
O Republicano — Rio de Janeiro.

(*) Propriedade de um portugues : — Francisco Xavier Ferreira.

O Republicano de Sempre Viva — Rio de Janeiro.
O Republicano — Parahyba.
O Severo — Itaborahy.
O Simplicio da Róça — Rio de Janeiro.
O Tempo — Rio de Janeiro.
A Trombeta dos Farroupilhas — Rio de Janeiro.
A Verdade — Rio de Janeiro.
O Viajante — Bahia.

1833

O Adoptivo — Rio de Janeiro.
O Andradino — Rio de Janeiro.
Arca de Noé — Rio de Janeiro.
O Auxiliador da Industria Nacional — Rio de Janeiro.
A Babosa — Rio de Janeiro.
O Bemtevi — Rio de Janeiro.
O Brasil Afflicto — Rio de Janeiro,
O Brasileiro Pardo — Rio de Janeiro.
O Burro Magro — Rio de Janeiro.
O Cabrito — Rio de Janeiro.
O Caôlho — Rio de Janeiro.
A Carióca — Rio de Janeiro.
O Cidadão Soldado — Rio de Janeiro.
O Correio Official — Rio de Janeiro.
O Democrata — Bahia.
O Diario de Annuncios — Rio de Janeiro.
O Diario da Bahia — Bahia.
O D. Pedro II — Rio de Janeiro.
O Esbarra — Rio de Janeiro.
O Evaristo — Rio de Janeiro.

A Formiga — Rio de Janeiro.
Gazeta Commercial da Bahia — Bahia.
O Grito dos Opprimidos — Rio de Janeiro.
A Guarda Nacional — Rio de Janeiro.
O Homem de Côr — Rio de Janeiro.
O Hospital Fluminense — Rio de Janeiro.
Idade de Ouro — Porto Alegre.
Idade de Pau — Porto Alegre.
O Iman — Rio de Janeiro.
O Indigena do Brasil — Rio de Janeiro.
O Inferno — Rio de Janeiro.
Jornal do Commercio — Bahia.
A Liberdade Legal — Rio de Janeiro.
O Limão de Cheiro — Rio de Janeiro.
A Loja de Belchior (*) — Rio de Janeiro.
Luzitania Triumphante — Rio de Janeiro.
O Lynce — Rio de Janeiro.
A Marmòta — Rio de Janeiro.
A Meia Cara — Rio de Janeiro.
Mestre José — Rio de Janeiro.
O Militar — Rio de Janeiro.
O Militar — Bahia.
O Mineiro do Rio de Janeiro — Rio de Janeiro.
O Nacional — Rio de Janeiro.
Obras de Santa Engracia — Rio de Janeiro.
A Papelêta — Rio de Janeiro.

(*) *Belchior* é, no Brasil, termo de giria que designa o *bric-a-braquista*, o que compra e vende tudo, novo ou velho, etc.

O Paquete de Portugal — Rio de Janeiro.
O Par de Têtas (Satyrico) — Rio de Janeiro
O Permanente — Minas Geraes.
O Pharol Maranhense — Rio de Janeiro.
O Propagador da industria Rio Grandense — Rio Grande do Sul.
O Publicola Brasileiro — Maranhão.
O Quatro de Abril — Bahia.
O Recopilador Mineiro — Porto Alegre.
O Restaurador — Rio de Janeiro.
Revista da Sociedade Philomatica — S. Paulo.
O Rusquentinho — Rio de Janeiro.
O Saturnino — Rio de Janeiro.
O Sete de Setembro — Rio de Janeiro.
Simpliciasinha — Rio de Janeiro.
O Simplicio ás direitas — Rio de Janeiro.
O Taréco Militar — Minas Geraes.
O Tamoyo Constitucional — Rio de Janeiro.
A Torre de Babel — Rio de Janeiro.
O Triumvir Restaurador — Rio de Janeiro.
O Torto da Artilheria — Rio de Janeiro.
O Verdadeiro Caramurú — Rio de Janeiro,
O Vigilante — Minas Geraes.

1834

O Adoptivo — Rio de Janeiro.
O Americano — Maranhão.
Bellôna — Porto Alegre.
O Campista — Campos.
O Carijô (2.°) — Rio de Janeiro.

O Correio — Maranhão.
Correio Official da Provincia de S. Pedro — Porto Alegre.
O Democrata Rio Grandense — Porto Alegre.
O Defensor do Povo — Bahia.
O Ecco do Norte — Maranhão.
Echo Porto Alegrense — Porto Alegre.
O Federal (*) — Porto Alegre.
O Genio Federal — Bahia.
O Inexoravel — Porto Alegre.
O Inflexivel — Porto Alegre.
Jornal da Camara dos Deputados — Rio de Janeiro.
O Justiceiro — S. Paulo.
A Mutuca Picante — Rio de Janeiro.
O Pobre — Porto Alegre.
O republicano — Porto Alegre.
Sentinella da Liberdade — Rio Grande do Sul.
Sentinella da Liberdade (Reapparição) —Pernambuco.
O Seis de Abril — Rio de Janeiro.
O Sete de Abril — Porto Alegre.
Sorvete de Bom Gosto — Rio de Janeiro.
O Tupinambá Pregoeiro — Rio de Janeiro.

1835

O Astro de Minas (2.º) — Porto Alegre.
O Avisador — Porto Alegre.
A Aurora — Rio de Janeiro.

(*) Appelidado *O Fedorento*, pelos adversarios da sua politica.

O Café da Tarde — Rio de Janeiro.
O Capadocio — Rio de Janeiro.
O Cacambo — Maranhão.
O Continentista — Porto Alegre.
O Correio da Assembleia — Ceará.
O Correio da Bahia — Bahia.
Correio Mercantil — Bahia.
Diario de Pernambuco — Pernambuco.
Diario da Saude — Rio de Janeiro.
O Escudo da Monarchia — Pernambuco.
O Espelho dos Petit-Maitres — Bahia.
O Fluminense — Rio de Janeiro.
A Guarda Avançada — Pernambuco.
A Idade do Pão — Porto Alegre.
Jornal da Agricultura — Cachoeira.
Jornal de Conhecimentos Uteis — Parahyba.
O Justiceiro Constitucional — Rio de Janeiro.
O Ladrão — Rio de Janeiro.
O Liberal Rio Grandense — Rio Grande do Sul.
O Mensageiro — Porto Alegre.
O Mensageiro Nictheroyense — Nitcheroy.
O Mercantil do Rio Grande — Rio Grande do Sul.
O Mestre Barbeiro — Porto Alegre.
Miscellanea Scientifica — Rio de Janeiro.
O Noticiador — Rio Grande do Sul.
A Novidade — Rio de Janeiro.
O Novo Caramurú — Rio de Janeiro.
O Novo Pharol — S. Paulo.
A Opposição Campanhense — Campanhã.
O Pão de Assucar — Rio de Janeiro.

O Parahybano — Parahyba.
O Paulista Official — S. Paulo.
A Provincia Fluminense — Santo Antonio de Sá.
O Provinciano — Alagôas.
O Quebra Anti-Evaristo — Porto Alegre.
A Quotidiana Fidedigna — Pernambuco.
O Recopilador — Cachoeira.
O Recopilador Campista — Campos.
O Recopilador Liberal — Porto Alegre.
Revista Medico-Fluminense — Rio de Janeiro.
Semanario Constitucional — Sergipe.
Semanario da Saude — Rio de Janeiro.
A Sentinella — Pernambuco.
O Sete de Abril — Rio de Janeiro.
O Universal — S. João d'El-Rei.
O Velho Pernambuco — Pernambuco.
O Vigilante — Saharà.
A Voz do Beberibe — Pernambuco.

1836

O Atlante — Rio de Janeiro.
Aurora da Bahia — Bahia.
A Barriga — Rio de Janeiro.
O Bocca N'elles — Rio de Janeiro.
O Charadista — Rio de Janeiro.
O Chronista — Rio de Janeiro.
O Consequente — Rio de Janeiro.
O Americano (2.º) — Maranhão.
O Clarim da Verdade — Rio de Janeiro.

O Correio do Imperador — Rio de Janeiro.
O Cosmorama — Rio de Janeiro.
O Democrata — Bahia.
O Espectador da America do Sul — Rio de Janeiro.
A Folha de Annuncios — Rio de Janeiro.
O Gallo da Campina — Bahia.
Gazeta Mercantil — Porto Alegre.
O Investigador — Maranhão.
O Justiceiro — Porto Alegre.
O Legalista — Porto Alegre.
O Liberal Lusitano — Rio de Janeiro.
O Monarchista — Rio de Janeiro.
O Paquete do Rio — Rio de Janeiro.
O Pirajá — Bahia.
O Propagador de Conhecimentos Uteis — Rio de Janeiro.
O Publicola — Rio de Janeiro.
Restos da Boceta de Pandora — Rio de Janeiro.
Revista Catholica — Bahia.
A Selecta Catholica — Rio de Janeiro.
A Terceira Idade do Brasil — Rio de Janeiro.
A Trombeta Final — Rio de Janeiro.

1837

O Aristarcho — Bahia.
O Artilheiro — Porto Alegre.
Campeão da Legalidade — Porto Alegre.
O Censor — Bahia.
Correio de Porto Alegre (tambem chamado *Correio das Botas* — Porto Alegre.

*

Deffensor da Patria — Rio de Janeiro.
O Desenove de Setembro — Rio de Janeiro.
O Direito — Bahia.
O Dous de Dezembro — Rio de Janeiro.
A Estrella Brasileira — Rio de Janeiro.
A Estrella do Sul — Rio de Janeiro.
O Futuro — Bahia.
O Gabinete de Leitura — Rio de Janeiro.
O Guaycurú — Rio de Janeiro.
O Novo Diario da Bahia — Bahia.
Novo Sete de Setembro — Rio de Janeiro.
O Parlamento — Rio de Janeiro.
O Pharol do Imperio — Rio de Janeiro.
Ratos em Movimento — Rio de Janeiro.
O Recopilador Analysta — Bahia.
O Regresso — Rio de Janeiro.
O Seculo — Bahia.
Semanario de Cincinato — Rio de Janeiro.
O Separatista — Bahia.
O Sete de Setembro — Rio de Janeiro.
O Sete de Setembro — Maranhão.
O Tabaquista — Bahia

1838

O Amigo do Povo — Maranhão.
Argus — Rio de Janeiro.
O Bemtevi — Maranhão.
O Brasileiro — Rio de Janeiro.
O Catholico — Rio de Janeiro.

Chronica dos Chronistas — Maranhão.
Chronica Maranhense — Maranhão.
O Cidadão — Rio de Janeiro.
O Combatente — Bahia.
O Constitucional — Bahia.
O Correio Brasileiro — Bahia.
O Correio da Europa — Rio de Janeiro.
Correio de Petas — Rio de Janeiro.
O Despertador — Rio de Janeiro.
L'Echo Français (em francez) — Rio de Janeiro.
O Filho do Sete de Abril — Rio de Janeiro.
O Guahyba — Porto Alegre.
O Legalista — Bahia.
Museu Universal — Rio de Janeiro.
A Phenix — Rio de Janeiro.
O Popular — Rio de Janeiro.
O Portuguez — Bahia.
O Povo — Piratiny.
A Rolha — Rio de Janeiro.
O Tupinambá — Bahia.
O Vinte e dous de Abril — Rio de Janeiro.

1839

O Athleta — Bahia
O Correio das Modas — Rio de Janeiro.
O Despertador Maranhense — Maranhão.
O Dois de Junho — Bahia.
O Echo — Rio de Janeiro.
Gazeta dos Domingos — Rio de Janeiro.

O Imperial — Porto Alegre.
O Imperialista — Porto Alegre.
O Instincto — Rio de Janeiro.
Liga Americana — Rio de Janeiro.
O Militar — Maranhão.
O Monarchista do seculo XIX — Rio de Janeiro.
A Ortiga — Rio de Janeiro.
O Povo (continuação) — Caçapáva.
O Pregoeiro — Rio de Janeiro.
Revista Nacional e Estrangeira — Rio de Janeiro.
Revista Trimensal do Instituto Historico — Rio de Janeiro.
O Soldado Afflicto — Rio de Janeiro.
A Sóva — Rio de Janeiro.
The Rio Circular (em inglez) — Rio de Janeiro.
O Tolerante na Bahia — Bahia.

1840

O Anonymo — Rio de Janeiro.
O Aristarcho — Rio de Janeiro.
O Athleta — Rio de Janeiro.
O Analysta — Porto Alegre.
O Canhoto — Bahia.
A Coruja — Rio de Janeiro.
O Commercio — Porto Alegre.
O Conciliador — Rio Grande do Sul.
O Despertador Commercial e Politico — Rio de Janeiro.

O Esganarello — Rio de Janeiro.
O Filho Constitucional — Bahia.
O Filho da Sentinella da Monarchia — Rio de Janeiro.
O Filho do Brasil — Rio de Janeiro.
O Fiscal — Bahia.
O Fevereiro — Bahia.
O Gafanhoto — Bahia.
O Homem do Povo — Bahia.
O Jornal Maranhense — Maranhão.
O Legalista — Maranhão.
A Monarchia — Rio de Janeiro.
O Monarchista — Bahia.
Novo Simplicio Poeta — Rio de Janeiro.
O Omnibus de Nictheroy — Nictheroy.
O Peru — Bahia.
O Pharol — Rio de Janeiro.
O Presente — Bahia.
O Propugnador da Maioridade — Rio de Janeiro.
A Regeneração — Rio de Janeiro.
Reportorio Theatral — Rio de Janeiro.
A Revista — Maranhão.
O Sceptico — Bahia.
Semanario Official — Porto Alegre.
A Sentinella da Monarchia — Rio de Janeiro.
O Surucurú — Bahia.
O Theatral — Rio de Janeiro.
A Trombeta Constitucional — Rio de Janeiro.
A Verdade Nua e Crua — Rio de Janeiro.

1841

O Alcione — Rio de Janeiro.
Argus Constitucional — Rio de Janeiro.
O Commercio — Bahia.
A Constituição — Bahia.
Echo da Bahia — Bahia.
O Echo do Rio — Rio de Janeiro.
Escola Domingueira — Bahia.
O Filho do Esganarello — Rio de Janeiro.
O Gratis — (folha de annuncios) Rio de Janeiro.
O Hyssope Constitucional — Rio de Janeiro.
O Maiorista — Rio de Janeiro.
O Riograndense — Rio Grande do Sul.

1842

O Americano — Alegrete.
O Cacete — Bahia.
O Critico — Rio de Janeiro.
O Corrector de Petas — Rio de Janeiro.
O Correio Maranhense — Maranhão.
O Dissidente — Maranhão.
O Exorcista — Rio de Janeiro.
Echo Brasileiro — Porto Alegre.
Gazeta dos Tribunaes — Rio de Janeiro.
O Gosto — Rio de Janeiro.
O Guaycurú — Bahia.
Malhesherbes — Rio de Janeiro.
O Museu Maranhense — Maranhão.

O Pharol Constitucional — Rio de Janeiro.
O Publicador Maranhense — Maranhão.

1843

Estrella do Sul — Alegrete.
O Maranhão — Maranhão.
O Mercantil — Bahia.
Minerva Brasiliense — Rio de Janeiro.
O Paiz — Rio de Janeiro.
O Pharol — Rio de Janeiro.
O Rabequista — Bahia.

1844

Archivo Medico Brasileiro — Rio de Janeiro.
O Belchior Politico — Rio de Janeiro.
A Borboleta — Rio de Janeiro.
O Brado Liberal — Bahia.
O Cabalista — Bahia.
O Conservador — Rio de Janeiro.
O Domingueiro — Rio de Janeiro.
O Filho da Joanna — Rio de Janeiro.
A Galeria — Rio de Janeiro.
Gazeta Universal — Rio de Janeiro.
O Imparcial — Porto Alegre.
A Lanterna Magica — Rio de Janeiro.
O Mercantil (continuação do *Pharol*) — Rio de Janeiro.
O Mosaico (mensal) — Bahia.

O Mosaico Politico — Rio de Janeiro.
O Novo Tempo — Rio de Janeiro.
O Portuguez Recopilador — Rio de Janeiro.
A Sentinella do Theatro — Bahia.
A Tribuna — Rio de Janeiro.

1845

Annaes de Medicina Brasiliense — Rio de Janeiro.
O Brado de Caxias — Caxias.
O Crepusculo — Bahia.
O Espectador — Bahia.
Jornal de Instrucção e Recreio — Maranhão.
A Marmóta — Bahia.
Nova Minerva — Rio de Janeiro.
O Ostensor Brasileiro — Rio de Janeiro.
O Ramalhete das Damas — Rio de Janeiro.
O Rio Grandense (2.º) — Rio Grande do Sul.
O Unitario — Maranhão.
O Zephyro — Rio de Janeiro.

1846

O Anti-Charlatão — Rio de Janeiro.
Archivo Maranhense — Maranhão.
Archivo Romantico — Rio de Janeiro.
Arre! Irra! — Maranhão.
O Brado do Amazonas — Rio de Janeiro.
O Brasil — Rio de Janeiro.
O Carurú — Maranhão.

O Correio Mercantil (2.º) — Rio de Janeiro.
Correio de Annuncios — Rio Grande do Sul.
Courrier Brazilien (em francez) — Rio de Janeiro.
Encyclopedia de Conhecimentos Uteis — Rio de Janeiro.
Gazeta Official do Imperio do Brasil — Rio de Janeiro.
O Guajajara — Maranhão.
O Jardim Romantico — Rio de Janeiro.
O Japyassú — Maranhão.
O Jornal de Caxias — Caxias.
Jornal de Timon — Maranhão.
A Malaguêta — Maranhão.
A Matráca — Maranhão.
O Mentor da Infancia — Bahia.
Minerva Fluminense — Rio de Janeiro.
O Picapáo — Maranhão.
A Revista — Rio Grande do Sul.
Revista da Sociedade Philomatica — Maranhão
O Romancista — Bahia.
Selecta Catholica — Marianna.
O Social — Rio de Janeiro.
A Sovélla — Bahia.
O Tamoyo — Bahia.
O Telegrapho — Rio Grande do Sul.
O Tempo — Rio de Janeiro.

1847

Argus — Porto Alegre.
O Continente — Rio Grande do Sul.

O Corisco — Rio Grande do Sul.
Eccos da Voz Portuguesa — Rio de Janeiro.
O Estandarte — Maranhão.
O Filho do Mentiroso — Rio Grande do Sul.
O Mentiroso — Rio Grande do Sul.
O Microscopio — Bahia.
O Noticiador Catholico — Bahia.
O Noticiador Rio Grandense — Rio Grande do Sul.
Nova Epoca — Rio Grande do Sul.
O Novo Domingueiro — Rio de Janeiro.
O Observador — Maranhão.
O Progresso — Maranhão.
Revista Americana — Bahia.
A Sciencia — Rio de Janeiro.
The Rio Mercantil Journal (em inglez) — Rio de Janeiro.
O Voto Livre — Rio de Janeiro.
A Voz do Povo — Rio de Janeiro.

1848

O Beija-Flor — Bahia.
Contrariedade pelo Povo — Rio de Janeiro.
Correio da Tarde (substituição da *Sentinella da Monarchia*) — Rio de Janeiro.
O Democráta — Rio de Janeiro.
Diario do Rio Grande — Rio Grande do Sul.
O Echo — Rio Grande do Sul.
O Espectador — Rio de Janeiro.
O Farricôco — Rio de Janeiro.

O Fiscal — Rio de Janeiro.
A Grinalda — Rio de Janeiro.
A Guarda Avançada — Rio Grande do Sul.
O Imperio — Bahia.
Iris (redigida por José Feliciano de Castilho) — Rio de Janeiro.
Jornal da Academia Medica Homœopathica — Rio de Janeiro.
O Luzia — Bahia
A Marmóta na Côrte — Rio do Janeiro.
A Matráca — Rio Grande do Sul.
O Mentiroso (2.°) — Rio Grande do Sul.
Mosaico Litterario e Recreativo — Rio Grande do Sul.
O Museu Pictoresco — Rio de Janeiro.
O Noticiador (2.°) — Rio Grande do Sul.
Nova Gazeta dos Tribunaes — Rio de Janeiro.
O Omnibus — Rio de Janeiro.
O Pato Macho — Rio de Janeiro.
O Porto Alegrense — Porto Alegre.
O Porto Franco — Maranhão.
A Religião — Rio de Janeiro.
Revista Universal Maranhense — Maranhão.
O Saquarêma — Bahia.
O Seculo — Bahia.
Semanario Recreativo e Moral — Rio Grande do Sul.
O Senso Commum — Rio de Janeiro.
A Tolerancia — Bahia.
A Veneranda — Rio de Janeiro.
A Voz da Verdade — Rio Grande do Sul.

1849

Amor Perfeito — Rio de Janeiro.
O Artilheiro — Rio Grande do Sul.
O Artista — Rio de Janeiro.
O Artista Brasileiro — Rio de Janeiro.
O Atheneu — Bahia.
O Bemtevi Caxiense — Caxias.
A Borboleta — Bahia.
Borboleta Poetica — Rio de Janeiro.
A California — Rio de Janeiro.
A Carranca — Rio de Janeiro.
O Cascalho — Rio de Janeiro.
O Catucá — Rio de Janeiro
Correio de Porto Alegre (2.°) — Porto Alegre.
O Cosme — Rio de Janeiro.
O Cosmorama — Rio de Janeiro.
O Cruzeiro do Sul — Rio de Janeiro.
O Desengano dos Papeletas — Rio de Janeiro.
O Diabo no Mundo — Rio de Janeiro.
O Echo da União — Rio de Janeiro.
Epocha Litteraria — Bahia.
A Estrella do Occidente — Rio de Janeiro.
O Filho do Timandro — Rio de Janeiro.
O Fuzil — Rio de Janeiro.
O Gaucho na Côrte — Rio de Janeiro.
O Guanabára — Rio de Janeiro.
O Jornaleiro — Bahia.
O Judas — Rio de Janeiro.
Judas Iscariote — Rio de Janeiro.

O Judas Politico – Rio de Janeiro.
O Lustre do Theatro – Rio de Janeiro.
A Lyra Bahiana — Bahia.
O Mentiroso (3.º) — Rio Grande do Sul.
O Mercantil — Porto Alegre.
O Moléque — Rio de Janeiro.
O Noticiador — Rio de Janeiro.
O Noticiador Commercial — Rio Grande do Sul.
O Novo Cabalista — Bahia.
A Oppressão Geral — Rio de Janeiro.
O Pagode Catucá — Rio de Janeiro.
O Philantropo — Rio de Janeiro.
O Picapáo — Rio de Janeiro.
O Povo — Bahia.
O Povo — Rio de Janeiro.
O Raio — Rio de Janeiro.
A Razão — Bahia.
O Rio Mercantil — Rio de Janeiro.
A Rosa Brasileira — Rio de Janeiro.
O Sargento — Bahia.
A Sentinella do Throno — Rio de Janeiro.
A Sinêta da Misericordia — Rio de Janeiro.
O Sino dos Barbadinhos — Rio de Janeiro.
O Sino da Lampadósa — Rio de Janeiro.
O Soldado Brasileiro — Rio de Janeiro.
O Telegrapho — Caxias.
O Testamento de Judas — Rio de Janeiro.
O Theatrinho — Rio de Janeiro.
Timandro Junior — Rio de Janeiro.
A Torre da Candelaria — Rio de Janeiro.

A Voz da Juventude — Rio de Janeiro.

1850

O Argus Bahiano — Bahia.
O Artilheiro (Manuscripto) — S. Gabriel.
Boletim Commercial — Bahia.
Boletim Rio Grandense — Rio Grande do Sul.
O Calabrote — Bahia.
A Cidade do Rio de Janeiro — Rio de Janeiro.
O Cosmorama — Rio Grande do Sul.
O Deffensor do Commercio — Rio de Janeiro.
Estrella do Sul (2.º) — Rio Grande do Sul.
O Fantasma — Rio de Janeiro.
O Guaracinga — Rio de Janeiro.
A Homoeopathia — Rio de Janeiro.
A Justiça — Bahia.
O Liberal — Bahia.
Locubrações Juvenis — Rio de Janeiro.
O Medico do Povo — Bahia.
O Minuano — Rio Grande do Sul.
O Noticiador — Bahia.
A Opposição — Bahia.
O Papagaio — Bahia.
O Pavilhão Nacional — Rio de Janeiro.
Pedro Malas-Artes — Bahia.
O Periodico dos Pobres — Rio de Janeiro.
O Pharol — Porto Alegre.
O Radical — Rio de Janeiro.
A Saude Publica — Bahia.

O Solitario — Rio de Janeiro.
A Terra de Santa Cruz — Rio de Janeiro.
A Trombeta do Povo — Rio de Janeiro.
A Voz da Mocidade — Bahia.

1851

O Album Semanal — Rio de Janeiro.
O Argus Maranhense — Maranhão.
O Atheo — Rio de Janeiro.
Bibliotheca Guanabarense — Rio de Janeiro.
O Bodóque Magico — Rio de Janeiro.
A Caricatura — Rio de Janeiro.
O Cascavél — Bahia.
O Constitucional — Bahia.
O Constitucional (2.º) — Maranhão.
O Correio de Annuncios — Maranhão.
O Corsario Vermelho — Rio de Janeiro.
O Estandarte — Bahia.
A Imprensa — Rio Grande do Sul.
O Interesse Publico — Bahia.
O Magico — Rio de Janeiro.
O Martinho — Rio de Janeiro.
O Montarista — Rio de Janeiro.
O Nicodemus — Rio de Janeiro.
Opinião Nacional — Rio de Janeiro.
O Orsatista — Rio de Janeiro.
A Panella dos Feitiços — Rio de Janeiro.
O Pelotense — Pelotas.
O Quichote Homoepathico (satyrico) — Rio de Janeiro.

A Rabequinha — Rio de Janeiro.
A Reforma — Rio de Janeiro.
Revista Pharmaceutica — Rio de Janeiro.
O Romano — Marianna.
A Rosa Brasileira — Rio Grande do Sul.
A Sentinella do Theatro — Rio de Janeiro.
A Sineta dos Theatros — Rio de Janeiro.
A Tribuna Catholica — Rio de Janeiro.
A União — Rio de Janeiro.
A Verdadeira Marmóta — Bahia.

1852

O Apostolo — Ouro Preto.
A Boa Nova — Maranhão.
O Boticario — Rio de Janeiro.
O Compilador — Rio de Janeiro.
O Correio do Sul — Porto Alegre.
O Curupira — Rio de Janeiro.
O Democráta — Bahia.
O Despertador — Maranhão.
O Ecclesiastico — Maranhão.
O Echo Caxiense — Caxias.
Gazeta Juridica — Rio de janeiro.
O Globo — Maranhão.
A Imprensa — Rio de Janeiro.
Jornal dos Debates — Bahia.
O Militante — Rio de Janeiro.
A Nação — Rio de Janeiro.
Novo Correio das Modas — Rio de Janeiro.

Novo Despertador Constitucional — Rio de Janeiro.
O Panorama — Rio de Janeiro.
O Portuguez no Rio de Janeiro — Rio de Janeiro.
O Povo Bahiano — Bahia
A União — Porto Alegre.
A Voz do Povo — Porto Alegre.

1853

O Academico — Bahia.
O Ararighoia — Rio de Janeiro.
Archivo de Medicina e Pharmacia — Porto Alegre.
Bibliotheca Recreativa (Romances) — Porto Alegre.
O Brasil Maritimo — Bahia.
O Carijó — Rio Grande do Sul.
Der Deutsche Beobachter (dos emigrados allemães) — Rio de Janeiro.
Deutsche Einwandeser — Porto Alegre.
A Epocha — Rio de Janeiro.
A Folha Juvenil — Rio de Janeiro.
O Guarany — Rio de Janeiro.
O Guerreiro — Rio de Janeiro.
Jornal da Bahia — Bahia.
Jornal da Tarde — Bahia.
A Lei — Rio de Janeiro.
O Prisma — Bahia.
O Progresso Musical — Rio de Janeiro.
Recreio do Bello Sexo — Bahia.
Recreio das Damas (musica) — Porto Alegre.
O Soldado do Mindello — Rio de Janeiro.

Tribuna Rio Grandense — Porto Alegre.
A Verdade Evangelica — Bahia.

1854

A Abelha Religiosa — Rio de Janeiro.
O Burro Magro jogando de garupa nas plagas russianas — Rio de Janeiro.
O Caixeiro Nacional — Bahia.
O Christianismo — Maranhão.
O Correio Caxiense — Caxias.
O Correio Paulistano — S. Paulo.
Der Colonist (em allemão) — Porto Alegre.
O Cosmopolita — Rio de Janeiro.
Deus e Humanidade — Rio de Janeiro.
Diario Commercial — Porto Alegre.
O Doutrinario — Bahia.
A Epocha — Bahia.
A Estrella do Amazonas — Manaus.
O Genio do Brasil — Bahia.
O Gratis — Pelotas.
Iride Italiana (italiano) — Rio de Janeiro.
Illustração Brasileira — Rio de Janeiro.
O Marcos Mandinga — Bahia.
O Militar — Rio de Janeiro.
O Noticiador — Pelotas.
O Ortodoxo — Bahia.
O Paiz — Bahia.
A Palestra — Rio de Janeiro.
O Pharol de Caxias — Caxias.

Revista de Instrucção Publica — Bahia.
A Revolução Nacional — Rio de Janeiro.
A Semana Illustrada — Rio de Janeiro.

1855

O Azurrague — Rio de Janeiro.
O Brasil Illustrado — Rio de Janeiro.
A Constituição — Rio de Janeiro.
Diario do Maranhão — Maranhão.
O Militar Brioso — Rio de Janeiro.
O Mosquito — Rio de Janeiro.
O Protesto — Bahia.
Revista do Globo — Rio de Janeiro.
A Sentinella do Povo — Rio de Janeiro.
A Tribuna — Rio de Janeiro.

1856

A Conciliação — Maranhão.
Diario da Bahia (É hoje o decano) — Bahia.
Nova Epocha — Maranhão.
A Saudade — Maranhão.

1857

O Conservador — Maranhão.
O Globo (2.º) — Maranhão.
A Imprensa — Maranhão.
Jornal do Commercio — Maranhão.
A Moderação — Maranhão.

1859

O Artista — Maranhão.
O Seculo — Maranhão.

1860

A Marmóta — Rio de Janeiro.
A Marmótinha — Rio de Janeiro.
Revista Luso-Brasileira — Rio de Janeiro.

1861

Annaes Maritimos — Rio de Janeiro.
O Barco dos Traficantes — Rio de Janeiro.
O Clarim dos Bastidores — Rio de Janeiro.
O Commercio — Maranhão.
A Cruz — Rio de Janeiro.
O Echo dos Artistas — Rio de Janeiro.
Echo da Juventude — Rio de Janeiro.
A Esperança — Rio de Janeiro.
A Estrella do Brasil — Rio de Janeiro.
A Formiga — Rio de Janeiro.
Jesus e Mesmer — Rio de Janeiro.
O Lusitano — Rio de Janeiro.
O Manta Destemido — Rio de Janeiro. (Tinha o subtitulo de: *Paquete da Carreira das Tranquibernias*).
Memerodromo da Juventude — Rio de Janeiro.
Ordem e Progresso — Maranhão.
Ostensor Polytechnico — Rio de Janeiro.

O Periodico da Juventude — Rio de Janeiro.
O Portuguez — Rio de Janeiro.
A Primavera — Rio de Janeiro.
O Progresso (2.°) — Maranhão.
Revista Obstetrica — Rio de Janeiro.
A Saudade — Rio de Janeiro.
A Verdadeira Medicina Physica e Espiritual Associada á Cirurgia — Rio de Janeiro.

1862

O Bello Sexo (Redigido por senhoras) — Rio de Janeiro.
Le Brésil (em francez) — Rio de Janeiro.
O Buscapé — Rio de Janeiro.
O Charivari — Rio de Janeiro.
O Clarim da Monarchia — Maranhão.
A Coalisão — Maranhão.
Diario Official do Imperio do Brazil — Rio de Janeiro.
O Espirito Publico — Rio de Janeiro.
O Forum — Maranhão.
O Futuro — Rio de Janeiro.
Gazeta Medica do Rio de Janeiro — Rio de Janeiro.
Jornal dos Artistas — Rio de Janeiro.
Jornal do Povo — Rio de Janeiro.
O Microscopio — Rio de Janeiro.
A Mocidade — Rio de Janeiro.
Porto Livre — Maranhão.
O Rabujento — Rio de Janeiro.

Revista do Instituto da Ordem dos Advogados Brazileiros — Rio de Janeiro.
A Revolução Pacifica — Rio de Janeiro.
O Tebyriçá — Rio de Janeiro.
O Trapeiro — Rio de Janeiro.

1863

Archivo Litterario — Rio de Janeiro.
O Basar Volante — Rio de Janeiro.
A Bella Fluminense — Rio de Janeiro.
O Brasil — Rio de Janeiro.
O Constitucional (3.º) — Maranhão.
A Crença — Rio de Janeiro.
A Estrella d'Alva — Rio de Janeiro.
O Folgasão — Rio de Janeiro.
O Jambo — Rio de Janeiro.
Jornal das Familias — Rio de Janeiro.
O Liberal Protestante — Rio de Janeiro.
O Merrimac — Rio de Janeiro.
Le Nouvelliste de Rio de Janeiro (em francez) — Rio de Janeiro.
O Paiz — Maranhão.
O Semanario — Rio de Janeiro.
A Situação — Maranhão.

1865

A Aurora Fluminense — Rio de Janeiro.
A Tribuna — Maranhão.

1867

O Apreciavel — Maranhão.
Semanario Maranhense — Maranhão.

1868

O Liberal — Maranhão.

1869

O Commercio do Amazonas — Manaus.
Juvenilia — Maranhão.

1870

O Democráta — Maranhão.
Diario do Maranhão — Maranhão.

1871

Boletim do Grande Oriente do Brasil — Rio de Janeiro.
Boletim do Grande Oriente Unido — Rio de Janeiro.
Brasil e Portugal — Rio de Janeiro.
Correio Iberico (em hespanhol) — Rio de Janeiro.
D. Pedro V — Rio de Janeiro.
O Facho da Civilisação — Rio de Janeiro.
Jornal do Brasil — Rio de Janeiro.

Jornal da Noite — Rio de Janeiro.
Leitura Popular — Rio de Janeiro.
O Monitor do Povo — Rio de Janeiro.
O Mundo da Lua — Rio de Janeiro.
O Pince-nez — Rio de Janeiro.
A Tribuna Artistica — Rio de Janeiro.

1872

Centro Academico — Rio de Janeiro.
Correio do Brasil — Rio de Janeiro.
Diario de Santos — Santos.
Echo Academico — Rio de Janeiro.
A Familia — Rio de Janeiro.
Gazeta do Povo — Rio de Janeiro.
A Gazetilha — Rio de Janeiro.
Imprensa Academica — Rio de Janeiro.
A Instrucção Publica — Rio de Janeiro.
O Jornal de Caxias — Caxias.
A Luz — Rio de Janeiro.
Leitura para os sabbados — Rio de Janeiro.
A Palestra das Priminhas (redigida por um cego) — Rio de Janeiro.
O Pelicano (Maçonico) — Rio de Janeiro.
O Polichinéllo — Rio de Janeiro.
O Tupy — Rio de Janeiro.

1873

Farpas Fenianas (Carnavalesco) — Rio de Janeiro.

1874

O Bom Ladrão — Marianna.
A Familia Maçonica — Rio de Janeiro.
A Provincia de S. Paulo — S. Paulo.
O Sexo Feminino — Rio de Janeiro.

1875

Bellas Artes — Rio de Janeiro.
Brasil Americano — Rio de Janeiro.
The British and American Mail (em inglez) — Rio de Janeiro.
A Charada — Rio de Janeiro.
O Corisco — Rio de Janeiro.
Correio Familiar — Rio de Janeiro.
A Epocha (2.°) — Rio de Janeiro.
Gazeta de Noticias — Rio de Janeiro.
Gazeta dos Operarios — Rio de Janeiro.
La Gazzeta Italiana del Brazile (em italiano) — Rio de Janeiro.
O Jornal — Rio de Janeiro.
O Lazarista — Rio de Janeiro.
A Liberdade — Rio de Janeiro.
O Mequetréfe — Rio de Janeiro.
Revista dos Theatros — Rio de Janeiro.
Revista Espirita — Rio de Janeiro.
A Sentinella da Instrucção — Rio de Janeiro.

1876

Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro — Rio de Janeiro.

Archivo do Museo Nacional — Rio de Janeiro.
Ensaios de Sciencia — Rio de Janeiro.
O Espectador — Rio de Janeiro.
Estradas de Ferro e Bonds — Rio de Janeiro.
Fabricio e Theophilo — Rio de Janeiro.
O Figaro — Rio de Janeiro.
O Ganganelli — Rio de Janeiro.
Gazeta Academica — Rio de Janeiro.
Gazetinha dos Sabbados — Rio de Janeiro.
Illustração do Brazil — Rio de Janeiro.
Illustração Popular — Rio de Janeiro.
O Instituto — Rio de Janeiro.
Jornal das Môças — Rio de Janeiro.
Labarum Litterario — Rio de Janeiro.
A Luz — Caxias.
O Mosquito (2.º) — Rio de Janeiro.
O Pequeno Jornal — Rio de Janeiro.
O Progresso Medico — Rio de Janeiro.
O Rebate — Rio de Janeiro.
Revista de Horticultura — Rio de Janeiro.
Revista do Rio de Janeiro — Rio de Janeiro.
Revista Illustrada — Rio de Janeiro.
Revista Mensal das Decisões Proferidas pela Relação da Corte — Rio de Janeiro.
A Revolução Social — Rio de Janeiro.
A Situação — Caxias.
O Vinte e Cinco de Junho — Rio de Janeiro.

1877

O Amigo do Povo (2.º) (Passou a denominar-se *A*

Republica do 6.º numero em diante) — Rio de Janeiro.

A Comedia Popular — Rio de Janeiro.

A Consciencia Nacional — Rio de Janeiro.

O Contemporaneo — Rio de Janeiro.

O Diabrête — Rio de Janeiro.

Diario Popular — Rio de Janeiro.

A Escola (2.º) — Rio de Janeiro.

O Estudo Medico — Rio de Janeiro.

Le Gil Blas (em francez) — Rio de Janeiro.

Iracêma — Rio de Janeiro (Orgão do Atheneu Litterario).

Jornal da Tarde — Rio de Janeiro.

O Jornal Para Todos — Maranhão.

A Mocidade (2.º) — Rio de Janeiro.

A Monarchia — Rio de Janeiro.

O Pimpão — Rio de Janeiro.

O Portuguez — Rio de Janeiro.

O Proletario — Rio de Janeiro.

O Protesto (2.º) — Rio de Janeiro.

O Psit (Illustrado por Bordalo Pinheiro) — Rio de Janeiro.

A Republica (seguimento do *Amigo do Povo*) — Rio de Janeiro.

Revista Academica — Rio de Janeiro.

Revista Dentaria — Rio de Janeiro.

Revista Mensal do Atheneu Academico — Rio de Janeiro.

O Telegrapho — Maranhão.

O Vulgarisador — Rio de Janeiro.

1878

A Aurora — Rio de Janeiro.
O Besouro (substituição do *Psit,* illustrado por Bordalo Pinheiro) — Rio de Janeiro.
O Correio da Manhã (1.º) — Rio de Janeiro.
O Domingo — Rio de Janeiro.
O Economista Brasileiro — Rio de Janeiro.
O Ensino (2.º) — Rio de Janeiro.
Italia Unita (em italiano) — Rio de Janeiro.
A Lanterna — Rio de Janeiro.
Le Messager du Brésil (em francez) — Rio de Janeiro.
O Monitor Academico — Rio de Janeiro.
O Phonographo (quinzenal) — Rio de Janeiro.
O Progresso — Rio de Janeiro.
Revista Complexa — Rio de Janeiro.
Revista da Sociedade Phenix Litteraria — Rio de Janeiro.
Revista Militar Brasileira — Rio de Janeiro.
A Revolução — Rio de Janeiro.
Shating Ring (Humoristico) — Rio de Janeiro.
O Socialista — Rio de Janeiro.
O Telephone — Rio de Janeiro.
O Torniquête — Rio de Janeiro.
O Zigue-Zigue — Rio de Janeiro.

1879

A Alvorada — Rio de Janeiro.
A America — Rio de Janeiro.

O Arauto — Rio de Janeiro.
O Censor Fluminense — Rio de Janeiro.
O Conservador — Rio de Janeiro.
Correio Commercial — Rio de Janeiro.
Correio da Noite — Rio de Janeiro.
Correio da Tarde — Rio de Janeiro.
Il Corriere d'Italia (italiano) — S. Paulo.
Diario do Parlamento Brazileiro — Rio de Janeiro.
Echo das Damas — Rio de Janeiro.
L'Ecco d'Italia (italiano) — S. Paulo.
O Echo Social — Rio de Janeiro.
A Estação (Modas) — Rio de Janeiro.
Gazeta da Tarde — Rio de Janeiro.
Gazeta do Norte — Rio de Janeiro.
Gazeta do Rio — Rio de Janeiro.
A Imprensa da Tarde (depois só *A Imprensa*) — Rio de Janeiro.
Jornal do Agricultor — Rio de Janeiro.
Jornal do Povo (3.º) — Rio de Janeiro.
Judas Malvado — Rio de Janeiro.
La Lotta (italiano) — S. Paulo.
O Luzeiro — Rio de Janeiro.
A Mãe de Familia — Rio de Janeiro.
A Matráca (Reapparição) — Rio de Janeiro.
A Nação Portugueza — Rio de Janeiro.
La Nuova Roma (italiano) — S. Paulo.
A Republica das Môças — Rio de Janeiro.
Revista Brasileira (redigida por Nicolau Midosi) — Rio de Janeiro.

Revista Clinica do Hospital de S. João Baptista de Nictheroy — Nictheroy.
Revista da Exposição Portugueza — Rio de Janeiro.
Revista de Engenheria — Rio de Janeiro.
Revista dos Theatros — Rio de Janeiro.
Revista Musical e de Bellas Artes — Rio de Janeiro.
O Seculo — Rio de Janeiro.
O Trabalho — Rio de Janeiro.
União Academica — Rio de Janeiro.

1880

O Abolicionista (Orgão da Sociedade contra a escravidão) — Rio de Janeiro
Archivos de Medicina, Cirurgia e Pharmacia do Brasil — Rio de Janeiro.
O Brasil Catholico — Rio de Janeiro.
A Carapuça — Rio de Janeiro.
O Combate (Redigido por Lopes Trovão) — Rio de Janeiro.
Correio do Dia — Rio de Janeiro.
O Corsario (do celebre folicularío Apulcho de Castro, que foi assassinado em 1883) — Rio de Janeiro.
Gazeta Agricola — Rio de Janeiro.
Gazeta da Manhã (Luso-Brasileiro) — Rio de Janeiro.
Gazeta Popular — Rio de Janeiro.
Gazetinha — Rio de Janeiro.
O Diabo da Meia Noite (do Club dos Tenentes do Diabo) — Rio de Janeiro.
A Ideia Nova — Rio de Janeiro.

O Heroe — Rio de Janeiro.
A Imprensa (2.º) — Rio de Janeiro.
As Lettras — Rio de Janeiro.
O Neophyto — Rio de Janeiro.
A Nova Semana Illustrada — Rio de Janeiro.
Penna e Lapis — Rio de Janeiro.
O Pharol — Rio de Janeiro.
O Povo — Rio de Janeiro.
A Primavera — Rio de Janeiro.
Revista Academica — Rio de Janeiro.
O Sorriso — Rio de Janeiro.
O Tagarélla — Rio de Janeiro.
A Tribuna do Commercio (orgão da colonia portugueza) — Rio de Janeiro.
A Tribuna do Povo — Rio de Janeiro.

1881

O Agricultor Progressista — Rio de Janeiro.
O Album Americano — Rio de Janeiro.
Annales de l'Observatoire Imperial du Rio de Janeiro (em francez) — Rio de Janeiro.
O Archivo das Familias — Rio de Janeiro.
O Aspirante — Rio de Janeiro.
Atirador Franco — Rio de Janeiro.
A Aura — Rio de Janeiro.
O Badálo — Rio de Janeiro.
O Beijo — Rio de Janeiro.
O Binoculo — Rio de Janeiro.
O Bond — Rio de Janeiro.

O Cacête — Rio de Janeiro.
Os Collegas — Rio de Janeiro.
O Carbonario — Rio de Janeiro.
O Cornimbóque — Rio de Janeiro.
O Conservador — Rio de Janeiro.
Correio de Noticias — Rio de Janeiro.
O Correio da Corte — Rio de Janeiro.
O Diabo a Quatro — Rio de Janeiro.
Diario do Brasil — Rio de Janeiro.
O Espectador (theatral) — Rio de Janeiro.
Gazeta Operaria — Rio de Janeiro.
O Garimpeiro — Rio de Janeiro.
O Gigante — Rio de Janeiro.
O Globo (reapparição) — Rio de Janeiro.
O Industrial — Rio de Janeiro.
O Iracêma (2.º) — Rio de Janeiro.
O Judas Aventureiro — Rio de Janeiro.
Judas Capadócio — Rio de Janeiro.
Judas Corsario — Rio de Janeiro.
Judas Flor da Gente — Rio de Janeiro.
O Judas Furão — Rio de Janeiro.
Judas Pae da Creança — Rio de Janeiro.
Judas Papagaio — Rio de Janeiro.
Judas Republicano — Rio de Janeiro.
O Judas Vermelho — Rio de Janeiro.
A Lente (?) — Rio de Janeiro.
O Liberal — Rio de Janeiro.
O Marinheiro — Rio de Janeiro.
A Mascotte — Rio de Janeiro.
O Municipio Neutro — Rio de Janeiro.

O Normalista — Rio de Janeiro.
O Operario — Rio de Janeiro.
O Paladino — Rio de Janeiro.
A Pena Caricata — Rio de Janeiro.
O Pescador — Rio de Janeiro.
O Porvir — Rio de Janeiro.
A Propaganda — Rio de Janeiro.
O Pygmeu — Rio de Janeiro.
O Pyrilampo — Rio de Janeiro.
A Revelação (fundiu-se depois com *A Revolução*) — Rio de Janeiro.
Revista da Sociedade Academica Deus Christo e Caridade — Rio de Janeiro.
Revista Maritima (2.º) — Rio de Janeiro.
Revista Mensal da Secção da Sociedade de Geogaphia de Lisboa — Rio de Janeiro.
A Revolução (fundiu-se com *A Revelação*, produzindo ambas *O Diario de Noticias*) — Rio de Janeiro.
O Scenario — Rio de Janeiro.
Semanario Litterario da «Gazeta de Noticias» — Rio de Janeiro.
O Soldado — Rio de Janeiro.
A Tribuna Militar — Rio de Janeiro.
A Tribuna Portugueza (portuguez) — Rio de Janeiro.
A União Medica — Rio de Janeiro.
A Ventaróla — Rio de Janeiro.

1882

O Anecdotista — Rio de Janeiro.
O Aerolitho — Rio de Janeiro.

Annaes de Medicina Homoeopathica — Rio de Janeiro.

Boletim Astronomique et Metereologique de l'Observatoire Imperiale du Rio de Janeiro — Rio de Janeiro.

Correio Luso-Brasileiro — Rio de Janeiro.

O Corsario Junior — Rio de Janeiro.

A Cruzada — Rio de Janeiro.

Echo Luzitano (portuguez) — Rio Grande do Sul.

O Dezenove de Abril — Rio de Janeiro.

A Direita das Damas — Rio de Janeiro.

O Ensaio — Rio de Janeiro.

O Espinho — Rio de Janeiro.

A Folha Nova — Rio de Janeiro.

Gazeta Lusitana (portuguez) — Rio de Janeiro.

Gazeta Medica Brasileira — Rio de Janeiro.

Gazetinha Aguia d'Ouro (orgão da Alfaiateria do mesmo titulo) — Rio de Janeiro.

Jornal dos Economistas — Rio de Janeiro.

A Ordem — Rio de Janeiro.

A Phalêna — Rio de Janeiro.

Polyanthéa Espirita — Rio de Janeiro.

O Relampago — Rio de Janeiro.

O Renovador (espiritista) — Rio de Janeiro.

Revista do Centro Litterario — Rio de Janeiro.

Revista do Exercito Brasileiro — Rio de Janeiro.

Revista da Exposição Anthropologica — Rio de Janeiro.

Revue Commercial, Financière et Maritime — Rio de Janeiro.

O Tiradentes — Rio de Janeiro.
A Trovoada — Rio de Janeiro.
O Zig-Zag — Rio de Janeiro.

1883

O Alabáma — Rio de Janeiro.
O Artista — Rio de Janeiro.
O Azorrague (tinha o sub-titulo de *Periodico de amansar commendadores*) — Rio de Janeiro.
O Beija-Flor (reapparição) — Rio de Janeiro.
O Bisturí — Rio de Janeiro.
Boletim da Alfandega — Rio de Janeiro.
O Brasil Catholico (2.º) — Rio de Janeiro.
O Campeão Lusitano (portuguez)— Rio de Janeiro.
O Caradura — Rio de Janeiro.
A Cremação — Rio de Janeiro.
O Folhetim (diario de romances) — Rio de Janeiro.
A Gallegada (contra a colonia portugueza) — Rio de Janeiro.
Gazeta Litteraria — Rio de Janeiro.
Gazeta Luzitana — Rio de Janeiro.
Giornal Italiano — Rio de Janeiro.
O Guanabára (2.º) — Botafogo — Rio de Janeiro.
A Emigração (orgão da Sociedade Promotora Central) — Rio de Janeiro.
O Luctador — Rio de Janeiro.
A Lunêta — Rio de Janeiro.
O Novo Conservador — Rio de Janeiro.
La Patria (Italiano) — Rio de Janeiro.

O Reformador (espiritista) — Rio de Janeiro.
Revista Pharmaceutica — Rio de Janeiro.
O Tempo — Maranhão.
O Tentamen — Rio de Janeiro.

1884

O Adversario — Rio de Janeiro.
Il Cosmopolita (depois passou a intitular-se *L'Italia*) — Rio de Janeiro.
Diario Fluminense — Rio de Janeiro.
O Diario Popular — S. Paulo.
Diario Portuguez (portuguez) — Rio de Janeiro.
A Distracção — Rio de Janeiro.
Echo do Imperio — Rio de Janeiro.
Echo Popular — Rio de Janeiro.
A Estrella — Rio de Janeiro.
Etoile du Sud (em francez) — Rio de Janeiro.
Gazeta Universal — Rio de Janeiro.
O Gigante do Norte na Côrte — Rio de Janeiro.
A Harmonia — Rio de Janeiro.
O Monarchista — Rio de Janeiro.
Programma Avisador — Rio de Janeiro.
A Resurreição — Rio de Janeiro.
Revista dos Cursos Theoricos e Praticos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro — Rio de Janeiro.
Revista Polytechnica — Rio de Janeiro.
Revue de France et Brésil (em francez) — Rio de Janeiro.
A Tribuna Livre — Rio de Janeiro.

1885

Annaes do Imperial Observatorio — Rio de Janeiro.
Boletim da Academia Imperial de Medicina — Rio de Janeiro.
O Cherubim — Rio de Janeiro.
A Colonia Portugueza (portuguez) — Pará.
Correio de Campinas — Campinas.
O Diario de Noticias (fusão d'*A Revelação* com *A Revolução*) — Rio de Janeiro.
L'Emigrante (italiano) — S. Paulo.
L'Italia (continuação d'*Il Cosmopolita*) — Rio de Janeiro.
O Paiz (2.º) — Redigido por Quintino Bocayuba — Rio de Janeiro.
O Pharol Quinzenal — Rio de Janeiro.
Revista das Estradas de Ferro — Rio de Janeiro.
Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro — Rio de Janeiro.
A Semana — Rio de Janeiro.
Le Sud Americain (em francez) — Rio de Janeiro.
A Vanguarda — Rio de Janeiro.
O Velludo — Rio de Janeiro.

1886

Allemeigne Deutsche Zeitung (em allemão) — Rio de Janeiro.
Annuario Medico Brasileiro — Rio de Janeiro.
O Calungasinho — Rio de Janeiro.

Corrieri d'Italia (em italiano) — Rio de Janeiro.
Correio Familiar — Rio de Janeiro.
Diario do Rio Claro — Rio Claro.
O Educador — Rio de Janeiro.
A Evolução — Rio de Janeiro.
A Fanfarra — Rio de Janeiro.
O Griphus — Rio de Janeiro.
Garibaldi — S. Paulo.
Gli Italiani al Brasile (em italiano) — S. Paulo.
Lega Italiana (idem) — S. Paulo.
O Meteóro — Rio de Janeiro.
A Nova Patria — Rio de Janeiro.
A Nova Politica — Rio de Janeiro.
A Plateia — Rio de Janeiro.
O Pensador — Rio de Janeiro.
O Rataplan — Rio de Janeiro.
Revista Federal — Rio de Janeiro.
Revista do Observatorio — Rio de Janeiro.
Revista da Palestra Litteraria — Rio de Janeiro.

1887

O Botocúdo — Rio de Janeiro.
O Brasil Illustrado — Rio de Janeiro.
O Brasil Medico — Rio de Janeiro.
Il Brasile (em italiano) — Rio de Janeiro.
O Correio Portuguez (portuguez) — Rio de Janeiro.
A Crença — Rio de Janeiro.
O Diario Illustrado — Rio de Janeiro.
A Epoca — Rio de Janeiro.

O Estudo — Rio de Janeiro.
Fevere (em italiano) — S. Paulo.
Gazeta Nacional — Rio de Janeiro.
O Guiador — Rio de Janeiro.
Novidades (defendendo a escravatura) — Rio de Janeiro.
Revista da Familia Academica — Rio de Janeiro.
O Sport — Rio de Janeiro.
O Sportman — Rio de Janeiro.
Sud-Amerikanischer-Beobrehter (em allemão) — Rio de Janeiro.
O Tempo — Rio de Janeiro.

1888

O Amador — Rio de Janeiro.
Boletim do Club Naval — Rio de Janeiro.
Boletim Postal — Rio de Janeiro.
A Camelia — Rio de Janeiro.
O Diario do Commercio — Rio de Janeiro.
O Echo do Sul — Rio de Janeiro.
Gazeta Clinica — Rio de Janeiro.
Imprensa Fluminense — Rio de Janeiro.
O Jasmin — Rio de Janeiro.
A Lente (2.º) — Rio de Janeiro.
A Metrálha — Rio de Janeiro.
Noticias de Portugal (portuguez) — Rio de Janeiro.
O Petiz Jornal — Rio de Janeiro.
Potyguarania — Rio de Janeiro.
A Plateia — S. Paulo.

O Rebate — Rio de Janeiro.
O Reformador (2.º) — Rio de Janeiro.
Revista Ophtalmologica — Rio de Janeiro.
Revista Financeira — Rio de Janeiro.
Revista Typographica — Rio de Janeiro.
Roma Capital — Rio de Janeiro.
A Sentinella — Rio de Janeiro.
O Treze de Maio — Rio de Janeiro.
A Tribuna Liberal — Rio de Janeiro.

1889

Allioth — S. Paulo.
Il Citadino (em italiano) — S. Paulo.
O Constitucional —Rio de Janeiro.
O Correio de Portugal (portuguez) — Rio de Janeiro.
O Correio do Povo — Rio de Janeiro.
O Dia — Rio de Janeiro.
Fulmine (em italiano) — S. Paulo.
A Lyra — Rio de Janeiro.
O Municipio Neutro (2.º) — Rio de Janeiro.
A Nação — Rio de Janeiro.
Revista Sul Americana — Rio de Janeiro.
O Sexo Feminino — Rio de Janeiro.

3.ª EPOCA

BRASIL REPUBLICANO

De 1890 a 1900

1890

Album da Republica — Rio de Janeiro.
O Brasil (Diario) — Rio de Janeiro.
O Brasil Unido — Rio de Janeiro.
Le Brésil Republicaine (em francez) — Rio de Janeiro.
O Correio do Rio — Rio de Janeiro.
Correio Litterario e Bibliographico — Rio de Janeiro.
O Cruzeiro — Rio de Janeiro.
A Democracia — Rio de Janeiro.
Echo Popular — Rio de Janeiro.
L'Independente (em italiano) — Rio de Janeiro.
O Orvalho — Rio de Janeiro.
Il Progresso Italo-Americano (em italiano) — S. Paulo.
A Pagina — Rio de Janeiro.
A Penna — Rio de Janeiro.
Il Pensiero Italiano (em italiano) — S. Paulo.
O Pierrot Illustrado — Rio de Janeiro.
A Republica — Rio de Janeiro.
Revista Pedagogica — Rio de Janeiro.
O Sol — Rio de Janeiro.
O Tymbira — Rio de Janeiro.
A União — Rio de Janeiro.
A Voz do Povo — Rio de Janeiro.

1891

Annuario de Estatistica Demographo-Sanitaria — Rio de Janeiro.
Il Bersaglieri (em italiano) — Rio de Janeiro.
O Binoculo — Rio de Janeiro.
O Bohemio — Rio de Janeiro.
Don Chisciotte (em italiano) — S. Paulo.
Diario Official do Estado de S. Paulo — S. Paulo.
O Echo do Porvir — Rio de Janeiro.
Gazeta Moderna — Rio de Janeiro.
A Imprensa Evangelica — Rio de Janeiro.
O Indicador Popular — Rio de Janeiro.
Jornal do Brasil — (Reapparição) Rio de Janeiro.
O Mequetréfe (2.º) — Rio de Janeiro.
Il Messagero (em italiano) — S. Paulo.
Revista da Commissão Technica Militar — Rio de Janeiro.
O Semanal Sportivo — Rio de Janeiro.
La Sfida (em italiano) — S. Paulo.
O Theatral — Rio de Janeiro.
Tribuna Operaria — Pará.
A União Federal — Rio de Janeiro.

1892

A Capital — Rio de Janeiro.
O Carteiro — Rio de Janeiro.
O Combate — Rio de Janeiro.
Il Diavolo Nero (em italiano) — S. Paulo.

L'Echo do Brésil — Rio de Janeiro.
O Economista — Rio de Janeiro.
O Estrangeiro — Rio de Janeiro.
O Figaro — Rio de Janeiro.
Le Forche Caudine (em italiano) — S. Paulo.
La Giustizia (idem) — S. Paulo.
O Imperio (2.º) — Rio de Janeiro.
O Martinho (numero unico carnavalesco) — Rio de Janeiro.
O Principiante — Rio de Janeiro.
La Patria Italiana (em italiano) — S. Paulo.
Roma — S. Paulo.
Gli Schiavi Bianchi (italiano) — S. Paulo.
Simbolismo — S. Paulo.
A União Luzitana (portuguez) — Rio de Janeiro.
La Union Española (hespanhol) — Rio de Janeiro.

1893

L'Avisatore (em italiano) — S. Paulo.
Boletim Quinzenal de Estatistica Demographica Sagitaria — Rio de Janeiro.
Boletim da Tarde — Rio de Janeiro.
O Commercio de S. Paulo — S. Paulo.
A Chronica — Rio de Janeiro.
O Democráta — Rio de Janeiro.
Diario da Tarde — Rio de Janeiro.
O Ecco — Rio de Janeiro.
A Folha Azul — Rio de Janeiro.
Fanfulla (em italiano) — S. Paulo.

Il Lavoro — S. Paulo.
A Metralha — Rio de Janeiro
Revista Trimensal do Instituto Geographico e Historico — Bahia.
O Telegrapho — Rio de Janeiro.
La Tribuna Italiana (italiano) — S. Paulo.
O Viçôso — Marianna.

1894

A Bomba (nativista) — Rio de Janeiro.
A Folha — Rio de Janeiro.
A Inspiração — Rio de Janeiro.
O Jacobino (nativista) — Rio de Janeiro.
O Nacional — Rio de Janeiro.
A Semana Theatral — Rio de Janeiro.
A Tribuna — Santos.

1895

O Brasil (monarchista) — Rio de Janeiro.
O Brasil militar — Rio de Janeiro.
O Carióca (2.º) — Rio de Janeiro.
O Correio do Povo — Porto Alegre.
Correio Mercantil — Maceió.
O Cruzeiro do Norte — Maceió.
A Democracia — Oliveira (Minas).
Il Dirito (italiano) Rio de Janeiro.
Dous Corrêgos — Dous Corrêgos (S. Paulo).
O Estudante — Rio de Janeiro.

Gazeta Commercial e Financeira — Rio de Janeiro.
A Gazetinha — Cambuey.
O Industrial — Cametá.
O Monitor Paulista — Mocóca (S. Paulo).
A Noticia — Rio de Janeiro.
Don Quixote — Rio de Janeiro.
Revista Brasileira — Rio de Janeiro.
O Rio de Janeiro — Rio de Janeiro.
A Tribuna Medica — Rio de Janeiro.
União Portugueza (portuguez) — Rio de Janeiro.
A Verdade — Rio de Janeiro.
A Vespa — Rio de Janeiro.

1896

A Bruxa — Rio de Janeiro.
Cidade de Campinas — Campinas.
O Corsario (2.º) — Rio de Janeiro.
Deutsche Zeitung (em allemão) — S. Paulo.
O Jornal — Rio de Janeiro.
A Liberdade — Rio de Janeiro.
A Mocidade — Rio de Janeiro.
Revista Catholica — Rio de Janeiro.

1897

Alpha — Rio de Janeiro.
O Amigo dos Surdos-Mudos — Rio de Janeiro.
Archivo do Districto Federal — Rio de Janeiro.
Ar-Kaif (orgão da colonia syria) — Rio de Janeiro.

O Christão (evangelico) — Rio de Janeiro.
A Cidade do Rio — Rio de Janeiro.
Correio Suburbano — Rio de Janeiro.
O Debate — Rio de Janeiro.
O Direito — Rio de Janeiro.
A Familia — Rio de Janeiro.
A Folha da Tarde — Rio de Janeiro.
A Gazeta Postal — Rio de Janeiro.
O Independente — Rio de Janeiro.
O Jacobino (de Diocleciano Martyr) — Rio de Janeiro.
O Jornal dos Alfaiates — Rio de Janeiro.
A Patria — Rio de Janeiro.
A Republica (3.º) — Rio de Janeiro.
Revista Commercial do Mercado do Rio de Janeiro — Rio de Janeiro.
Revista do Instituto de Advogados — Rio de Janeiro.
Revista Medica — S. Paulo.
Revista Mercantil — Rio de Janeiro.
Revista Philatelica — Rio de Janeiro.
Revue Medico-Cirurgicale (em francez) — Rio de Janeiro.
The Rio News (em inglez) — Rio de Janeiro.
A União Civil — Rio de Janeiro.
La Voce de Italia (em italiano) — Rio de Janeiro.

1898

Archivo Illustrado — S. Paulo.
Boletim do Grande Oriente do Brasil — Rio de Janeiro.

O Brasil Elegante — Rio de Janeiro.
O Brasil Medico — Rio de Janeiro.
Brasilian Review (em inglez) — Rio de Janeiro.
Diario da Manhã — Ribeirão Preto.
Gazeta Portugueza — Rio de Janeiro.
A Liberdade (2.º) — Rio de Janeiro.
O Progresso — S. Paulo.
Revista Catholica — Rio de Janeiro.
Revista Hydrotherapica — Rio de Janeiro.
Revista de Jurisprudencia — Rio de Janeiro.
Revista Moderna — Rio de Janeiro.
Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia — Rio de Janeiro.
A Ronda — Rio de Janeiro.
A Rua do Ouvidor — Rio de Janeiro.
O Tupy — Rio de Janeiro.
La Voce del Populo (em italiano) — Rio de Janeiro.

1899

A Cidade de Santos — Santos.
Il Circulista (em italiano) — Rio de Janeiro.
O Commercio Brasileiro — Rio de Janeiro.
O Correio Litterario — Rio de Janeiro.
O Commercial — Rio de Janeiro.
O Mundo Elegante — Pernambuco.
O Municipio (2.º) — Rio de Janeiro.
O Remo (Sport) — Rio de Janeiro.
Revista Industrial — Rio de Janeiro.

1900

Avanti! (em italiano) — S. Paulo.
O Caixeiro — Rio de Janeiro.
Commercio de Campinas — Campinas.
Der Hansfreund (em allemão) — Rio de Janeiro.
A Imprensa — Rio de Janeiro.
O Indicador Alphabetico — Rio de Janeiro.
Jornal de Piracicaba — Rio de Janeiro.
Memorial Fluminense do Commercio — Rio de Janeiro.
Messager de Saint Paul (em francez) — S. Paulo.
A Paz — Manícoré.
O Pelicano — Campos.
Revista de Legislação e Direito — S. Paulo.
Revista da Semana — Rio de Janeiro.

NOTA

Tem, seguramente, muitas deficiencias esta resenha. Aos que as conhecerem rogo e espero dever o alto obsequio de m'as indicarem para Lisboa, afim de poderem ser utilisadas as informações que eu receber em outra edição.

ALBERTO BESSA.

ADDENDA

REFERENTE AO JORNALISMO DO ESTADO
DE S. PAULO

No Estado de S. Paulo, além dos jornaes que ficam citados na Resenha Chronologica e Alphabetica, estavam em publicação ainda este anno, segundo a estatistica ali organisada pelo snr. dr. M. Viotti, que foi enviada á Exposição Universal de S. Luiz, os seguintes, cuja enumeração serve para dar ao leitor uma ideia do desenvolvimento que tem adquirido a imprensa jornalistica n'aquelle prospero Estado da Republica do Brazil:

Na Capital

Al Alfkar, *Al Manarat*, *Al Munazer* (Colonia syria)
Alvião
A Alvorada
Il Amico del Lavoratore (Colonia italiana)
O Amigo do Povo
Annuario Commercial de S. Paulo
Annuario da Escola Polytechnica
O Aprendix
Archivo Illustrado
A Aurora
Asino, *Avanti!* (Colonia italiana)
Ave Maria
O Bandolinista
Bios (Colonia italiana)
Boletim da Agricultura
Boletim Bibliographico
Boletim della Camara de Commercio Italiana
Boletim Demographico Sanitario
Bonus da Liga
Il Capitan Fracassa (Colonia italiana)
O Cara Dura (Colonia italiana)
O Colono Italiano (idem)
O Combatente
O Commercio de S. Paulo
O Condor
Correio Paulistano
Deutsche Zeitung (Colonia allemã)
Diario Official
Diario Popular
Echo Phonographico
A Educação
A Epoca
O Esforço Christão
O Estado de S. Paulo
O Estandarte
O Estandarte Catholico
O Estudante
Fanfulla (Colonia italiana)

Fernet Branca
A Folha Nova
Frou Frou (Colonia italiana)
Gazeta Clinica
Gazeta Juridica
Hausfreund / *Germania* (Colonia allemã)
O Ideal
Illustração Brazileira
Il Indipendente (Colonia italiana)
O Instituto
Journal Français du Bresil (Colonia franceza)
O Jocoso
A Justiça
A Lanterna
O Livre Pensador
A Lux
Luz da Verdade
Mensageiro Parochial
Messager de St. Paul (Colonia francèza)
Minerva
Monarchia
Nevoas
Nova Cruzada
Nova Revelação
Novidades
Oriente
A Palavra
A Patria
Paulicéa
Paulopolis
Philatelista Paulistano
Pequeno Mensageiro
A Platéa
O Progresso
O Raspão
O Rebate
A Reforma
Revista Agricola
Revista Commercial
Revista de Ensino
Revista da Faculdade de Direito
Revista do Instituto Historico
Revista do Museu
Revista Medica
Revista Medico-Tropical
Revista Pharmaceutica
Santa Crux
S. Paulo Illustrado
S. Paulo Judiciario
La Tribuna Española (Colonia hespanhola)
Tribuna Italiana (Colonia italiana)
Tribuna Paulista
Trophéo
Verdade e Lux
Via Lactea
A Vida de Hoje
Vida Paulista
Vida Sportiva
Vox de España (Colonia hespanhola)
Vox Maternal
Zazá

Total: 103 jornaes.

No interior do Estado

TITULOS DOS JORNAES	LOCALIDADES
Arara	Amparo
Cidade do Amparo	
Commercio do Amparo	
Gazeta de Anapolis	Anapolis
Folha da Apparecida	Apparecida do Norte
Lux da Apparecida	
Mensageiro da Apparecida	
Santuario da Apparecida	
Araraquára	Araquára
O Popular	
A Tribuna do Povo	Araras
O Areiense	Areias
A Aurora	
Atibaiense	Atibaia
Correio do Sertão	Abaré
Bananal	Bananal
Ordem	
Pindoráma	
Municipio de Bariry	Bariry
O Sertanejo	Barretos
O Cartél	Batataes
Cimitarra	
Comarca de Batataes	
Cidade de Bebedouro	Bebedouro
O Coisa	
Gazeta de Bebedouro	
Gazeta da Bocaina	Bocaina
O Botucatuense	Botucatú
Correio de Botucatú	
Anuuario de Bragança	

Cidade de Bragança	Bragança
O Republicano	
Correio Brotense	Brotas
O Povo	Caçapava
O Baluarte	Campinas
A Cidade de Campinas	
O Commercio de Campinas	
O Correio de Campinas	
Gymnasio de Campinas	
Os Novos	
Revista do Centro	
Sentinella Italiana.	
Municipio	Cananéa
Gazeta de Capivary	Capivary
Casa Branca	Casa Branca
A Evolução	
O Intransigente	
Tribuna Livre	
O Cascavél	Cascavél
Opinião	
Independente	Cruzeiro
O Curralinhense	Curralinho
Cidade de Descalvado	Descalvado
A Cidade	Dois Carrêgos
O Juvenil	
A Tribuna	
Douradense.	Dourados
A Lavoura	Engenheiro Brodowski
O Progressista	
Gazeta do Pinhal	Espirito Santo do Pinhal
A Republica.	

O Tempo	Faxina
O Sul de S. Paulo	
A Aurora	Franca
A Camelia	
O Cravo	
Correio Commercial	Franca
Diario da Franca	
Tribuna da Franca	
O Clarim	Guaratinguetá
Correio do Norte	
A Gazeta do Povo	
A Penna	
Commercio de Iguape	Iguape
O Democráta	Itapetininga
Tribuna Popular	
Correio do Itararé	Itararé
Progresso do Itatiba	Itatiba
A Atalaya	Iaboticabal
O Combate	
O Tentamen	
O Democrata	Jacarehy
O Tempo	
O Trabalho	
A Tribuna	
Il Cittadino	Jahú
Correio do Jahú	
Diario do Jahú	
Stella Matutina	
Jardinópolis	Jardinópolis
O Direito	Jundiahy
A Folha	
Jundiahyense	
Lemense	Leme

Limeirense	Limeira
O Municipio	Lorena
A Patria	Lorena
Mattão	Mattão
O Mineirense	Mineiros
Mocóca	Mocóca
O Ypiranga	Mogy das Cruzes
A Comarca	Mogy-Mirim
Mogyano	Mogy-Mirim
Nuporanga	Nuporanga
Correio de Pedreira	Pedreira
A Folha do Norte	Pindamonhangaba
A Luva	Pindamonhangaba
O Minarete	Pindamonhangaba
A Tribuna do Norte	Pindamonhangaba
Gazeta de Piracicaba	Piracicaba
Jornal de Piracicaba	Piracicaba
Revista de Agricultura	Piracicaba
Correio do Sul	Pirajú
O Municipio	Pirassununga
Pitangueirense	Pitangueiras
A Folha	Porto Ferreira
A Gazeta	Ribeirão Bonito
A Noticia	Ribeirão Bonito
Il Corriere Italiano	Ribeirão Preto
O Diario da Manhã	Ribeirão Preto
Jornal de Noticias	Ribeirão Preto
O Lábaro	Ribeirão Preto
O Luctador	Ribeirão Preto
Ribeirão Preto	Ribeirão Preto
Ribeirãosinho	Ribeirãosinho

A Aguia.	Rio Claro
Alpha	
O Despertador	
Diario do Rio Claro . . .	
Rio Clarinho	
O Rio Claro	
A Tesoura	
Palmeirense.	Santa Cruz das Palmeiras
O Rio Grande	Santa Rita do Paraiso
Gazeta de Santa Rita. . .	Santa Rita do Passa Quatro
Santa Ritense	
O Luctador.	Santo Antonio da Cachoeira
Boletim da Associação Commercial	Santos
O Café	Santos
A Cidade de Santos . . .	
Commercio e Industria . .	
Diario de Santos	
Miniatura	
Rivista Commerciale (colonia italiana)	
Tribuna	
Vida Mental	
Correio de São Carlos. . .	S. Carlos
Cidade de São João . . .	S. João da Boavista
Gazeta de São João . .	
O Preludio	
S. João da Bocaina . . .	S. João da Bocaina
O Rio Pardo	S. José do Rio Pardo
O Porvir	S. José do Rio Preto
A Cidade	S. José dos Campos
O Luizense	S. Luiz do Parahytinga

O Movimento	S. Manuel
O Municipio	
Revista do Sul	
S. Paulo dos Agudos	S. Paulo dos Agudos
São Roquense	S. Roque
Gazeta do Sertãosinho	Sertãosinho
O Imparcial	
O Republicano	
O Bandeirante	Silveiras
Gazeta do Soccorro	Soccorro
O Cruzeiro do Sul	Sorocaba
15 de Novembro	
O Seculo	Tambahú
Tambahú	
Cidade de Tatuhy	Tatuhy
O Caixeiro	Taubaté
Jornal de Taubaté	
Taubateano	
A Verdade	
Tieté	Tieté
O Popular	Ubatuba
Villa Bomfim	Villa Bomfim
A Cidade de Ytú	Ytú
A Republica	

Total: 179 jornaes.

Sommando os jornaes do interior do Estado com os da capital, vêmos que se publicam em toda a antiga provincia 282 jornaes.

ERRATA IMPORTANTE

Por lapso de revisão sahiram, a paginas 141, ao tratar-se dos jornaes portuguezes impressos em França os titulos de *O Portuguez Emigrado,* e *Padre Malagrida* que foram impressos em Plymouth, em 1828.

Sendo Plymouth o conhecido porto militar inglez, onde foi o deposito dos emigrados portuguezes n'aquella epoca, como toda a gente sabe, aquelles dois jornaes deviam sahir incluidos na lista dos periodicos portuguezes impressos na Inglaterra, a paginas 88.

O lapso alludido occasionou o erro de que fica feita a rectificação.

INDICE DAS MATERIAS

	PAG.
O jornal e o publico (*artigo-prefacio*)	VII
Ao leitor	XXI
Synthese da imprensa	23
A necessidade da convivencia	39
Origem da publicidade periodica	47
Origem das «folhas» e das «gazetas»	53
O jornalismo na Inglaterra	59
Jornaes portuguezes impressos em Londres	88
O jornalismo em França	91
Jornaes portuguezes impressos em Paris	140
O jornalismo em Portugal e Hespanha	143
Do modo de ser do jornalismo entre nós	178
O jornalismo na China	187
Jornaes portuguezes impressos na China	194
O jornalismo no Japão	195
Jornaes portuguezes impressos no Japão	205
O jornalismo na America	207
Jornaes portuguezes impressos nos Estados-Unidos	235
O jornalismo no Brasil	237
Jornaes portuguezes impressos no Brasil	255
Jornaes orientaes e argentinos	257
Jornaes portuguezes impressos em Montevideu e Buenos-Ayres	259
O jornalismo na Russia	261
O jornalismo na Italia	272
Na Austria—O jornal-telephonico	278
O jornal do Oceano e o jornal do Pólo	283
O jornalismo no futuro—Conclusão	285
Resenha Chronologica e Alphabetica do jornalismo brasileiro	287
Addenda relativa ao jornalismo do Estado de S. Paulo	355
Errata importante	**365**

GRAVURAS E FAC-SIMILES

Fac-similes da *Gazeta* de Lisboa, de 1641 — paginas 40, 42, 45, 48, 50, 54, 57, 60, 63, 65
O serviço telegraphico do *Times* na guerra russo-japoneza 75
Fac-similes do *Mercurio Portuguez*, de 1663—. . 93, 95
Fac-similes da *Gazeta de Lisboa*, de 1715 . 147, 149 155
Fac-simile do frontespicio do N.º 1 do *Jornal Encyclopedico*, de 1779 151
Alguns jornaes portuguezes antigos 153
Fac-similes do ultimo numero da *Gazeta de Lisboa*, em 1820— 156, 159
Fac-similes da *Gazeta Litteraria* do Porto, de 1764—161 163
Primeiros jornaes liberaes portuguezes 165
Alguns jornaes antigos do Porto 167
Fac-simile da 1.ª pagina do *Diario de Noticias*, de Lisboa 171
Fac-simile da 1.ª pagina de um numero illustrado do *Seculo* 174
Decanos da imprensa portugueza 176
Grupo de jornaes da China 189
Alguns jornaes portuguezes publicados no estrangeiro . 193
Grupo de jornaes do Japão 203
Fac-simile da *Gazeta do Rio de Janeiro*, de 1808 . . 239
Os premios do jornal *Il Secolo*, de Milão . . . 277, 278

...prestito funebre, pelas 2 horas da tarde,
...ada de Sant'Anna, 34, 1.º, para o mesmo
...rio.

O consulado geral de Portugal em Buenos
...communicou ao ministerio dos negocios
...eiros haver fallecido n'aquella cidade, a
...ilho ultimo, o subito portuguez José Ro-
...s, de 34 annos de edade, casado.

...alleceu em Luso a sr.ª D. Ludovina
...a Simões, esposa do sr. Joaquim Vaz da
...Simões.

...alleceu em Ourique a sr.ª D. Ismenia
...da Silva Fortes, tia dos srs. Caetano da
...Saque, escrivão da 2.ª vara e Horacio da
...Saque, guarda livros-caixa dos Caminhos de
...da Beira Alta.

...alleceram na Ilha Terceira a sr. D. Ma-
...a Mendonça da Silveira e o sr. Manuel da

...Ilha Graciosa, falleceu, no dia 24 do mez
...o sr. João Marcellino da Silveira Betten-

...alleceram na Ilha da Madeira, na freguc-
...Ponta do Sargo, a sr.ª D. Maria Julia de
..., e na villa do Machico a sr.ª D. Antonia
...odrigues.

...alleceu na cidade da Horta o sr. Antonio
...quadros.

...ores, 5.—C.—O conhecido cortador Julio
...eira, que trabalhava ultimamente no ta-
...Pinheiro de Loures, pertencente ao sr.
...co Franco Cannas, foi hontem de manhã
...mettido d'uma congestão cerebral, sendo
...ffatamente soccorrido pelo sr. dr. Carvalho
...neiredo, distincto sub-delegado de saude
...concelho, que aconselhou a sua remoção
...hospital de S. José, o que logo se fez,
...indo ali pouco depois.

...fallecido contava apenas de 40 ...

...las 4 horas da tarde, o funer
José Semedo Cardoso, saind
José Estevão, 115, 2.º, para
tal.

O cadaver do extincto fo

Dr. João José Semedo Carv
aspirante Antonio Correia
Roldão, D. Maria Joaquina
ete.

Sobre o feretro foram dep
e uma corôa de flores com
ria: «Saudade eterna, de su
Semedo».

Como hontem dissemos, o
magistrado ficou depositado
do jazigo da camara munic

Hontem, as 3 horas e
...o funeral do suicida

YC127417